

Charles Bukowski

Notas de um velho nojento





Charles Bukowski

Notas de um velho
nojento

Tradução de Hugo van der Ding

ALEAGUARA


Prefácio

Faz mais de um ano que o John Bryan fundou o jornal alternativo *OPEN CITY*, na sala de uma pequena casa de dois andares que arrendou. Depois, o jornal passou para um apartamento mesmo em frente e, mais tarde, para umas instalações na zona comercial da Melrose Avenue. Mas havia sempre uma sombra a pairar. Uma enorme sombra negra. A circulação do jornal foi aumentando, mas as receitas de publicidade não acompanhavam o ritmo. Noutro lado, na melhor zona da cidade, ficava o *L.A. Free Press*, na altura já bastante conceituado. E trazia os anúncios todos. Foi o Bryan a criar o seu próprio inimigo, pois começara por trabalhar para o *L.A. Free Press*, onde tinha conseguido aumentar a tiragem de 16 000 exemplares para mais do triplo. É o mesmo que organizar um exército e depois passar para o lado dos revoltosos. Claro que a batalha não era simplesmente entre o *OPEN CITY* e o *FREE PRESS*. Quem já leu o *OPEN CITY* sabe que a batalha era muito mais alargada. O *OPEN CITY* sempre foi atrás dos grandes tubarões, dos maiores tubarões, e mesmo AGORA, há uma data deles *bem grandes* a subir a rua, e daqueles feios. Mas é mais divertido e perigoso trabalhar no *OPEN CITY*, quem sabe o jornal mais vibrante da América. O problema é que a diversão e o perigo não nos põem comida na mesa, nem nos alimentam o gato. Ficamos sem pão e acabamos por comer o gato.

O Brian é do tipo idealista e romântico louco. Despediu-se ou foi despedido, despediu-se e foi despedido — aconteceram uma data de merdas — do *Herald-Examiner* porque se opôs a que tapassem

o pau e os tomates de uma imagem do Menino Jesus. Da capa da edição de Natal da revista.

—E nem sequer é o meu Deus, é o deles — contou-me.

Foi então que este estranho idealista e romântico criou o *OPEN CITY*.

—E que tal se escrevesse uma crónica semanal? — perguntou-me, assim do nada, enquanto coçava a barba ruiva.

Bom, a verdade é que, quando pensei noutras crónicas e noutros cronistas, a ideia me pareceu uma grandessíssima chatice. Mas lá comecei na mesma, não com uma crónica, mas com uma crítica ao *Papa Hemingway*, do A.E. Hotchner. E um dia, depois das corridas de cavalos, sentei-me e escrevi o título da crónica: NOTAS DE UM VELHO NOJENTO, abri uma cerveja, e o resto escreveu-se sozinho. Não senti nada da tensão nem daquele esculpir minucioso com uma faca mal afiada necessários para escrever o que fosse para a *Atlantic Monthly*. Também não era preciso o ritmo neutro e descontraído do jornalismo (sensacionalismo?). Pelos vistos, não havia nenhuma espécie de pressão. Bastava sentar-me à janela, pegar na cerveja e deixar correr. O que tivesse de surgir acabaria por surgir. E o Bryan nunca levantou problemas. Entregava-lhe o texto — nos primeiros tempos —, ele dava uma vista de olhos e dizia:

—Pronto. Está entregue.

Passado algum tempo, já só lhe entregava o texto e ele nem sequer lia. Limitava-se a atirá-lo para o lado e dizer:

—Está entregue. Que tal vai isso?

Agora, já nem sequer diz «está entregue». Passo-lhe o texto e está feito, o que ajudou bastante a minha escrita. Imaginem: liberdade absoluta para escrever o que quiser. Tenho-me divertido muitíssimo com isso, mas com momentos mais sérios à mistura. A verdade é que fui sentindo, à medida que as semanas passavam, que a minha escrita estava cada vez melhor. O que está aqui é uma selecção de cerca de catorze meses de crónicas.

Para começar, é muito melhor que poesia. Quando nos aceitam um poema, na melhor das hipóteses é publicado passados dois a cinco anos, com 50 por cento de probabilidade de nem chegar a ser

publicado, ou de acabarmos por encontrar versos precisamente iguais, palavra por palavra, no livro de um qualquer poeta famoso, que é quando ficamos a perceber que o mundo não vale mesmo nada. Claro que a culpa não é da poesia, o problema são esses merdas todos que tentam publicar e escrever poemas. Já com as NOTAS, sentava-me a beber uma cerveja, pegava na máquina de escrever a uma sexta-feira ou a um sábado ou a um domingo e, na quarta-feira, o texto já estava espalhado por toda a cidade. Recebo cartas de pessoas que nunca leram poesia, nem a minha nem a de mais ninguém. Há pessoas que vêm bater-me à porta — demasiadas, na verdade — para me dizer que se excitam com as NOTAS DE UM VELHO NOJENTO. Já me apareceu um mendigo com um cigano e a mulher do cigano, e ficámos a conversar, a dizer porcarias e a beber metade da noite. Há uma telefonista de Newburgh, em Nova Iorque, que me manda dinheiro. Diz que quer que eu deixe de beber e que comece a comer como deve ser. E eu soube a história de um louco que se intitula «Rei Artur» e vive na Vine Street em Hollywood e quer ajudar-me a escrever a crónica. Já veio um médico bater-me à porta:

—Costumo ler a sua crónica e acho que posso ajudá-lo. É que já fui psiquiatra.

Mandei-o embora.

Espero que esta selecção de crónicas vos possa ajudar. Se quiserem mandar-me dinheiro, tudo bem. Se, por outro lado, quiserem odiar-me, tudo bem na mesma. Se eu fosse o ferreiro da aldeia, de certeza que não se metiam comigo. Mas não passo de um velho com umas quantas histórias porcas. E que escreve para um jornal que, tal como eu, pode estar morto amanhã de manhã.

É tudo muito estranho. Pensem nisto: se eles não tivessem tapado o pau e os tomates do Menino Jesus, vocês não estariam a ler-me. Podem dar-se, portanto, por contentes.

CHARLES BUKOWSKI
1969

Notas de um velho nojento

um filho da puta qualquer tinha açambarcado o dinheiro, toda a gente a dizer que estava sem um tostão, o jogo de cartas tinha acabado, eu ali sentado com o meu amigo Elf, lixaram bem o Elf em criança, era franzino, passou anos na cama, agarrado a umas bolas de borracha, nuns exercícios malucos, e um dia, quando saiu da cama, era tão largo como era alto, um bicho musculado e sorridente que queria ser escritor mas tinha uma escrita demasiado parecida com a do Tom Wolfe e, tirando o Dreiser, o T. Wolfe foi o pior escritor americano de sempre, e dei uma pancada na orelha do Elf e a garrafa caiu da mesa (ele tinha dito qualquer coisa com que não concordei) e, quando o Elf se levantou do chão, já eu tinha a garrafa na mão, um bom uísque, e acertei-lhe no maxilar e no queixo e ele caiu outra vez, e senti-me o maior, era um estudioso de Dostoievski que ouvia Mahler no escuro, e tive tempo para beber da garrafa, pousá-la, fingir que lhe dava uma com a direita e acertar-lhe com a esquerda nas partes baixas e lá caiu ele contra a cómoda, desajeitado, e o espelho partiu-se, o barulho parecia de filme, todo estilhaçado, e então o Elf deu-me um murro na testa e eu caí para trás por cima da cadeira, que se partiu toda, ficou espalmada como se fosse de palha, móveis baratos, e agora estava bem lixado — tinha mãos pequenas e pouca vontade de andar à pancada e não conseguira arrumá-lo à primeira — e ele atirou-se a mim como um louco vingativo, e lá consegui acertar-lhe uns socos, fraquitos, só que ele não desistia, e havia móveis a partir-se por todo o lado, imenso barulho e eu sempre à espera que aparecesse alguém que o parasse — a senhoria, a polícia, Deus, qualquer pessoa, mas aquilo nunca mais parou e depois já não me lembro de mais nada.

quando acordei o sol já tinha nascido e eu estava *debaixo* da cama. saí de lá e percebi que conseguia levantar-me. tinha um golpe enorme no queixo. os nós dos dedos esfolados. já tinha tido ressacas piores. e havia lugares piores para acordar. tipo a prisão? talvez. olhei à volta. tinha *mesmo* acontecido. estava tudo partido e sujo e estilhaçado, espalhado por todo o lado — candeeiros,

cadeiras, a cómoda, a cama, os cinzeiros — completamente destruído, tudo muito pouco razoável, tudo muito feio e definitivo. bebi um bocado de água e fui ao guarda-fatos. ainda lá estavam: notas de dez, vinte, cinco, o dinheiro que eu tinha atirado lá para dentro de cada vez que me levantava para ir mijar durante o jogo, e lembrei-me de ter começado a cena de pancadaria por causa do DINHEIRO. apanhei as notas, enfiei-as na carteira, pus a minha mala de cartão em cima da cama partida, e comecei a guardar os poucos trapos que tinha: camisas de trabalho, sapatos rijos com buracos nas solas, meias ressequidas e sujas, calças amachucadas com pernas cheias de vontade de rir, um conto sobre como apanhei chatos na Ópera de São Francisco e um dicionário barato em mau estado — «palingenesia: recapitulação de estados ancestrais na história da vida».

o relógio estava a trabalhar, o velho despertador, graças a deus, quantas vezes não tinha já olhado para ele às 7:30 em manhãs de ressaca e pensado que se foda o emprego? QUE SE FODA O EMPREGO! bom, mas agora marcava quatro da tarde. estava prestes a atirá-lo para dentro da mala quando — claro, como não? — alguém bateu à porta.

SIM?

SENHOR BUKOWSKI?

SIM? SIM?

PRECISO DE ENTRAR PARA MUDAR OS LENÇÓIS DA CAMA.

NÃO, HOJE NÃO. ESTOU DOENTE.

AH, QUE PENA. MAS DEIXE-ME SÓ ENTRAR E MUDAR OS LENÇÓIS. DEPOIS VOU-ME EMBORA.

NÃO, NÃO. ESTOU MUITO DOENTE, ESTOU MESMO MUITO DOENTE. NÃO QUERO QUE ME VEJA NESTE ESTADO.

e não parava. queria mudar os lençóis. eu disse não. ela disse quero mudar os lençóis. e sempre naquilo. raio da senhoria. bom corpo. só corpo. tudo nela gritava CORPO CORPO CORPO. eu ainda só lá estava há duas semanas. havia um bar mesmo em baixo. vinha gente visitar-me, e se eu não estava ela dizia:

—está lá em baixo no bar, está sempre lá em baixo no bar.

e as pessoas diziam-me:

—meu deus, mas quem é a tua SENHORIA?

mas ela era uma mulher grande e branca e gostava de filipinos, e os filipinos são capazes de cada coisa, coisas que nenhum homem branco sequer sonha fazer, nem sequer eu; mas os filipinos agora desapareceram, juntamente com os seus chapéus de aba larga à George Raft enterrados na cabeça e ombros com chumaços; são sempre os reis do estilo, os rapazes das ponta-e-mola; dos sapatos em pele com tacão, caras de mau sempre cheias de gordura — onde será que se meteram?

bom, seja como for, não havia nada para beber e eu ali horas, a enlouquecer; sentia-me inquieto, irritado, tinha aqueles 450 dólares de dinheiro fácil e nem sequer podia comprar uma imperial. estava à espera da escuridão. da escuridão, não da morte. queria ir-me embora. tentar de novo. por fim, lá ganhei coragem. entreabri a porta, ainda com a corrente posta, e lá estava ele, um macaquinho filipino com um martelo. quando abri a porta, levantou o martelo e esboçou um grande sorriso. quando fechei a porta, tirou os pregos que tinha na boca e fingiu que os pregava na carpete das escadas que conduziam ao rés-do-chão e à única saída. não sei quanto tempo aquilo durou. era sempre o mesmo número. de cada vez que eu abria a porta, ele levantava o martelo e sorria. *macaco de merda!* não saía do primeiro degrau. comecei a ficar maluco. estava a suar, a cheirar mal; pequenos círculos à roda à roda à roda, clarões de luz dentro da cabeça. comecei a sentir que estava mesmo a enlouquecer. fui buscar a mala. era fácil de carregar. só trapos. peguei na máquina de escrever. era uma portátil de metal que pedi emprestada à mulher de um tipo que já tinha sido meu amigo e que nunca devolvi. tinha um ar sólido: cinzenta, compacta, pesada, óbvia, banal. senti os olhos revirarem-se completamente dentro da cabeça e tirei a corrente da porta e, com a mala numa mão e a máquina de escrever roubada na outra, avancei contra o fogo inimigo, o lúgubre nascer do sol, o trigo espezinhado, o fim de tudo.

EI! ONDE É QUE VAIS?

o macaquinho começou a levantar-se e, apoiado num joelho, ergueu o martelo, e era tudo o que eu precisava — o clarão de luz eléctrica no martelo — tinha a mala na mão esquerda e a máquina

de escrever na direita, ele estava na posição perfeita, à altura dos meus joelhos, e ganhei balanço com enorme precisão e alguma fúria, acertei-lhe com a parte chata e pesada e dura, com força, de lado na cabeça, no crânio, nas têmporas, no ser.

houve quase um clarão de luz como se tudo gritasse, depois o silêncio. de repente, eu estava na rua, no passeio, tinha descido aqueles degraus todos sem dar conta. por sorte, passou um táxi.

TÁXI!

entrei. UNION STATION.

sabia-me bem, o barulho suave dos pneus no ar da manhã. NÃO, ESPERE, disse eu. LEVE-ME ANTES à ESTAÇÃO DE AUTOCARROS.

QUE É QUE SE PASSA, PÁ?, perguntou o taxista.

ACABEI DE MATAR O MEU PAI.

MATASTE O TEU VELHO?

JÁ OUVIU FALAR DE JESUS CRISTO?

CLARO.

ENTÃO, VAMOS: ESTAÇÃO DE AUTOCARROS.

fiquei uma hora na estação à espera do autocarro para Nova Orleães. a pensar se teria mesmo matado o tipo. por fim, lá entrei, com a máquina de escrever e a mala, a máquina enfiada bem lá para o fundo do compartimento da bagagem, para não me cair em cima da cabeça. foi uma viagem longa, com muita bebida e alguma interacção com uma ruiva de Fort Worth. também saí em Fort Worth, mas ela vivia com a mãe e eu tinha de arranjar um quarto, e acabei por arranjar um quarto numa casa de putas por engano. passei a noite toda a ouvi-las gritar coisas como «CALMA! não enfias ISSO em MIM por dinheiro NENHUM do mundo!». os autoclismos a correr a noite toda. portas a abrir e a fechar.

a ruiva era uma miúda simpática e inocente, ou à procura de um homem melhor. fosse como fosse, acabei por ir embora sem a comer. por fim, lá cheguei a Nova Orleães.

mas o Elf. lembam-se? o tipo com quem andei à pancada no meu quarto. bom, foi morto na guerra por uma chuva de balas de metralhadora. ouvi dizer que ainda passou muito tempo de cama, três ou quatro semanas antes de morrer. e a coisa mais *estranha* é que ele me disse, não, perguntou-me:

—Imagina se um filho da puta qualquer dispara uns tiros de metralhadora e me desfaz ao meio?

—a culpa vai ser tua.

—bom, eu sei que não vais ser morto por metralhadora nenhuma.

—podes ter a certeza, não vou mesmo. a menos que seja uma das do Tio Sam.

—não me venhas com essas merdas! sei que amas o teu país. dá para ver nos teus olhos! amor, amor verdadeiro!

e foi quando lhe bati pela primeira vez.

depois disso, já sabem a história.

quando cheguei a Nova Orleães, certifiquei-me de que não ficava em nenhuma casa de putas, embora a cidade inteira parecesse precisamente isso.

estávamos sentados no escritório depois de mais um daqueles jogos de 7 a 1. a época ia a meio e nós estávamos no lodo, com mais 25 derrotas que o primeiro classificado, e eu já sabia que era a minha última época como treinador dos Blues. o nosso melhor batedor estava com uma média de tacada de 243 e o nosso melhor homem de *home run* levava 6. o melhor lançador andava entre os 7 e os 10 e uma média de corridas limpas de 3,95. o velho Henderson sacou uma cerveja da gaveta da secretária, bebeu um bocado e atirou-me a garrafa.

—E, ainda por cima — disse ele —, apanhei chatos há umas duas semanas.

—que merda, patrão.

—não me vais chamar patrão durante muito mais tempo.

—eu sei. mas olhe que não há nenhum treinador de baseball que conseguia tirar estes tipos do último lugar — respondi-lhe, e bebi um terço da garrafa.

—e pior — disse o Henderson — acho que foi a minha mulher que me pegou os chatos.

não soube se havia de rir ou não, por isso fiquei calado.

ouvimos o mais delicado dos toques na porta do escritório, que depois se abriu. e apareceu um maluco qualquer com asas de cartão coladas às costas.

era um miúdo com uns 18 anos.

—vim para ajudar o vosso clube — disse o miúdo.

trazia umas asas de cartão. um maluco a sério. tinha buracos cortados na roupa. e asas coladas às costas. ou atadas. ou isso.

—ouve — disse o Henderson —, faz o favor de te pirares daqui! já tivemos comédia suficiente dentro do campo, durante o jogo. foi-se toda a gente embora do estádio às gargalhadas. agora *desaparece e depressa!*

o miúdo aproximou-se, deu um golo na cerveja, pousou a garrafa e disse:

—senhor Henderson, eu sou a resposta a todos os seus problemas.

—miúdo — começou o Henderson —, não tens idade para beber isso.

—sou mais velho do que pareço — respondeu o miúdo.

—e eu tenho aqui uma coisa que te vai fazer ainda um bocadinho mais velho!

o Henderson carregou num botão que havia debaixo da secretária. o que significava uma coisa: o Touro Kronkite. não digo que o Touro já tenha matado alguém, mas depois de passarem pelas mãos dele já é muita sorte se conseguirem fumar por um olho do cu feito de borracha. o Touro entrou e quase arrancou a porta dos gonzos.

—qual DELES, chefe? — perguntou, a menear aqueles dedos compridos e idiotas enquanto nos olhava.

—o puto das asas de cartão — disse o Henderson.

o Touro aproximou-se.

—não me toque — disse o puto das asas de cartão.

o Touro avançou, e JURO POR DEUS, o puto levantou voo! as asas a bater, às voltas pelo escritório, quase a roçar no tecto. o Henderson e eu corremos para a garrafa de cerveja, mas o velho chegou primeiro que eu. o Touro atirou-se para o chão de joelhos.

MEU PAI DO CÉU, TENDE PIEDADE DE MIM! UM ANJO! UM ANJO!

—não seja idiota! — disse-lhe o anjo, a bater as asas. — não sou nenhum anjo. só quero ajudar o clube. sou adepto dos Blues desde que me lembro.

—está bem. desce daí. vamos falar a sério — disse-lhe o Henderson.

o anjo, ou lá o que ele era, desceu e pousou numa cadeira. o Touro arrancou-lhe os sapatos e os *collants*, ou lá o que era aquilo e começou a beijar-lhe os pés.

o Henderson aproximou-se dele e, com ar completamente enojado, cuspiu para a cara do Touro.

—raspa daqui, seu atrasado mental! se há coisa que odeio é esse tipo de sentimentalismos!

o Touro limpou a cara e foi-se embora em silêncio.

o Henderson começou a vasculhar as gavetas da secretária.

—merda, achava que tinha para aqui uns contratos quaisquer!

entretanto, enquanto procurava os contratos, encontrou mais uma cerveja e abriu-a. ao mesmo tempo que arrancava o celofane, olhou para o miúdo:

—diz-me uma coisa, sabes bater uma bola curva por dentro? e por fora? e um *slider*?

—não faço a menor ideia — respondeu o miúdo das asas. — tenho andado escondido. só sei o que leio nos jornais e o que vejo na televisão, mas sempre fui adepto dos Blues e tive muita pena desta vossa época.

—tens andado escondido? *onde*? um tipo com asas não se consegue esconder num elevador no Bronx! qual é o teu *truque*? como é que fizeste isso?

—senhor Henderson, não quero aborrecê-lo com os pormenores da minha história.

—por falar nisso, como é que te chamas, miúdo?

—Jimmy. Jimmy Crispin. mas pode tratar-me por JC.

—ouve lá, miúdo, mas que *merda* é esta? estás a tentar armar-te em engraçadinho *comigo*?

—claro que *não*, senhor Henderson.

—então aperta aqui a mão.

e assim foi.

—bolas, tens as mãos GELADAS! desde quando é que não comes alguma coisa?

—comi umas batatas fritas e uma cerveja e frango lá pelas quatro da tarde.

—bebe um bocado, miúdo.

e depois o Henderson virou-se para mim.

—Bailey?

—sim?

—quero a porcaria da equipa toda no campo amanhã às dez. sem excepções. acho que temos aqui a melhor invenção desde a bomba atómica. e agora vamos todos embora dormir um bocado. tens onde dormir, miúdo?

—claro — respondeu ele.

e voou escadas abaixo, deixando-nos ali sozinhos.

tínhamos o estádio fechado. não estava lá mais ninguém para além da equipa. e, entre as ressacas e o miúdo das asas, todos acharam que era para um golpe publicitário. ou um ensaio de um golpe publicitário. pusemos a equipa no campo e o miúdo no *home*. deviam ter visto aqueles olhares ESBUGALHADOS quando o miúdo atirou uma bola pela linha da terceira base e VOOU para a primeira! depois, fez um *touchdown* e, antes que o tipo da terceira base conseguisse largar a bola, o miúdo voou para a segunda base.

estávamos todos a cambalear ao sol das dez da manhã. já era de esperar que quem jogasse nos Blues não fosse muito bom da cabeça, mas aquilo era outra conversa.

logo a seguir, enquanto o lançador se preparava para atirar para o apanha-bolas que tínhamos posto no *home*, o J.C. foi a voar para a terceira base! deslizou como uma seta até lá abaixo! nem dava para *ver* as asas, mesmo que tivéssemos tomado dois *alka seltzers* de manhã. e, quando a bola estava a chegar ao *home*, já aquela coisa tinha vindo a voar e tocado primeiro.

descobrimos que o miúdo era capaz de jogar em *todas* as posições. voava a uma velocidade tremenda! por isso, mandámos apenas os outros dois defesas exteriores para o campo. ficávamos com dois interbases e dois segundos-bases. por *piores* que fôssemos, éramos invencíveis.

nessa noite, íamos disputar o nosso primeiro jogo do campeonato com o Jimmy Crispin no campo exterior.

a primeira coisa que fiz quando cheguei foi ligar ao Bugsy Malone.

—Bugsy, quais são as probabilidades de os Blues ganharem o campeonato?

—não há. tirámos essa aposta do quadro. nenhum idiota aposta nos Blues, nem que fosse a 10 000 para 1.

—e quanto me dás pela aposta?

—estás a falar a sério?

—‘tou.

—250 para um. queres apostar um dólar, é isso?

—mil.

—*mil!* espera aí! já te ligo daqui a duas horas.

uma hora e quarenta e cinco minutos depois, o telefone tocou.

—está bem, aceito a aposta. mil dólares dão sempre jeito. para qualquer coisa.

—obrigado, Buggy.

—de nada.

nunca esquecerei a noite daquele primeiro jogo. toda a gente ficou a pensar que tínhamos armado uma piada qualquer para atrair mais público, mas, quando viram o Jimmy Crispin erguer-se no céu e fazer um *home run* indiscutível que teria passado a uns três metros da linha esquerda do campo, foi então que o jogo começou a sério. o Buggy apareceu para ver como corriam as coisas e fiquei a observá-lo no seu camarote. quando o J.C. voou para apanhar aquela bola, o Buggy deixou cair da boca um charuto de cinco dólares. a verdade é que não havia nada no regulamento que impedisse um homem com asas de jogar basebol, por isso, tínhamo-los na mão. completamente na mão. ganhámos o jogo com a maior das facilidades. o Crispin marcou 4 vezes. os adversários não conseguiam tocar em nada do nosso campo interior e nem pensar em chegar ao campo exterior.

nos jogos seguintes foi a mesma coisa. começou a vir cada vez mais público. só ver um tipo a voar já era suficiente para deixar toda a gente louca, mas o facto de termos 25 derrotas e tão pouco tempo para recuperar atraía ainda mais gente. as pessoas adoram ver alguém erguer-se do chão. e os Blues estavam a consegui-lo. era o maior milagre de sempre.

A *LIFE* veio entrevistar o Jimmy. a *TIME*. a *LIFE*. a *LOOK*. não lhes contou nada.

—só quero que os Blues ganhem a taça — disse-lhes.

mesmo assim, não era tarefa fácil, matematicamente, e, tal como nos livros, tudo se decidiria no último jogo do campeonato, onde íamos disputar o primeiro lugar com os Bengals, num jogo mata-mata. desde que o Jimmy tinha entrado na equipa que não perdíamos um jogo. e eu estava quase a chegar aos 250 000 dólares. mas que grande treinador eu era!

nessa noite, mesmo antes do jogo, estávamos no escritório, o velho Henderson e eu. e ouvimos um barulho nas escadas e um tipo

empurrou a porta e caiu ao chão, bêbedo. era o J.C. sem asas. só uns cotos.

—os tipos serraram-me a merda das asas, os cabrões! arranjaram uma mulher para vir ter comigo ao hotel. e que mulher! mesmo boa! e meteram-me qualquer coisa na bebida! pus-me em cima da gaja e eles começaram a SERRAR-ME AS ASAS. não me consegui mexer! nem sequer me consegui vir! que FARSA! e esse tempo todo, havia um tipo de charuto na boca, a rir às gargalhadas no fundo do quarto... uma gaja tão boa e eu não consegui... que merda...

—bom, não és o primeiro homem a ser fodido por uma mulher. estás a deitar sangue? — perguntou o Henderson.

—não. isto é só osso, é feito de osso, mas estou tão triste. deixei-vos ficar mal, deixei os Blues ficar mal, sinto-me péssimo, péssimo, péssimo.

eles é que se sentiam péssimos? eu tinha acabado de perder 250 000 paus.

acabei a cerveja em cima da mesa. o J. C. estava demasiado bêbedo para jogar, com ou sem as asas. o Henderson limitou-se a pousar a cabeça na secretária e começar a chorar. encontrei a *luger* dele na gaveta de baixo. guardei-a no casaco, saí da torre e fui à zona dos camarotes. sentei-me mesmo atrás do Bugsy Malone e de uma tipa linda que estava com ele. era o camarote do Henderson, que estava a apanhar uma bebedeira de caixão à cova com um anjo morto. não ia precisar do camarote. e a equipa não ia precisar de mim. liguei para o banco dos jogadores e disse-lhes para me substituírem pelo apanha-bolas ou assim.

—olá, Bugsy — disse eu.

estávamos no nosso campo, por isso eram eles a bater primeiro.

—onde é que está o teu defesa-central? não o estou a ver — disse o Bugsy, acendendo um charuto de cinco dólares.

—o nosso defesa-central voltou para o céu por causa de uma das tuas serras de três dólares e meio da Sears Roebuck.

o Bugsy riu-se.

—um tipo como eu pode mijar para o olho de uma mula e vir de lá com um *cocktail* na mão. é por isso que cheguei onde cheguei.

—e quem é esta beleza? — perguntei.

—ah, é a Helena. Helena, este é o Tim Bailey, o pior treinador de baseball do mundo.

a Helena cruzou aquelas coisas de *nylon* chamadas pernas e eu perdoei tudo ao Crispin.

—prazer, senhor Bailey.

—pois.

o jogo começou. mas era como nos velhos tempos. à sétima entrada já estávamos a perder por 10 a 0. o Bugsy estava todo satisfeito, a apalpar as pernas da tipa, a roçar-se nela, com o mundo inteiro dentro do bolso. virou-se para mim e estendeu-me um dos charutos de cinco dólares. acendi-o.

—aquele tipo era mesmo um anjo? — perguntou, esboçando uma espécie de sorriso.

—disse-nos para o tratarmos por J.C., mas sei lá.

—parece que o Homem vence Deus quase sempre que se defrontam — disse ele.

—não sei — respondi — mas, cá para mim, cortar as asas a um homem é a mesma coisa que lhe cortar o pau.

—talvez. para mim, são os mais fortes que fazem o mundo avançar.

—ou então, é a morte que faz o mundo parar. qual achas que é? tirei a *luger* e encostei-lha à nuca.

—por amor de Deus, Bailey! acalma-te! dou-te metade de tudo o que tenho! não, dou-te tudo o que tenho. esta gaja, tudo, tudo o que for preciso. mas afasta essa arma da minha cabeça!

—se achas que matar é próprio dos fortes, então TOMA lá uma coisa forte!

premi o gatilho. foi horrível. uma *luger*. lascas de cabeça, e cérebro e sangue por todo o lado: por cima de mim, por cima das pernas de *nylon* dela, pelo vestido...

o jogo foi interrompido durante uma hora, enquanto nos tiravam dali — o Bugsy, morto, a tipa, completamente histérica, e eu. depois, lá acabaram a partida.

Deus vence o Homem; o Homem vence Deus. a mãe fazia compotas de morango enquanto tudo o resto era tão horrível.

foi no dia seguinte, na minha cela, que o guarda me trouxe o jornal:

«BLUES INVERTEM RESULTADO À 14.^a ENTRADA, VENCENDO O JOGO POR 12-11 E GANHANDO ASSIM O CAMPEONATO.»

fui à janela da cela, no oitavo andar. amachei o jornal numa bola e enfiei-o entre as barras, bati-lhe e empurrei-o pelo meio das barras e, à medida que ele caía, fiquei a vê-lo abrir-se, espalhar-se, parecia ter asas, merda para isso tudo, flutuou até lá abaixo como qualquer outro bocado de papel, até ao mar, àquelas ondas azuis e brancas lá em baixo e eu sem lhes poder tocar, Deus vence sempre e infinitamente o Homem, sendo Deus O Que Quer Que Seja — uma puta de uma metralhadora, ou um quadro do Klee, bom, e agora aquelas pernas de *nylon* enroladas noutro idiota qualquer. o Malone devia-me 250 000 dólares e não podia pagar. o J.C. com asas, o J.C. sem asas, o J.C. numa cruz, eu ainda estava um bocadinho vivo e atravessei a cela, sentei-me naquela retrete da prisão sem tampa e comecei a cagar, ex-treinador da primeira divisão, ex-homem, e um vento suave entrou por entre as barras e uma maneira suave de morrer.

estava calor lá dentro. sentei-me ao piano e comecei a tocar. não sabia tocar piano. só batia as teclas. havia umas pessoas a dançar no sofá. depois, espreitei debaixo do piano e vi lá uma rapariga estendida, com o vestido puxado até às ancas. comecei a tocar só com uma mão e a apalpá-la com a outra. não sei se foi a música má ou os apalpões que acordaram a rapariga. saiu de debaixo do piano. as pessoas pararam de dançar no sofá. fui ao sofá e dormi um quarto de hora. não dormia há duas noites e dois dias. estava calor lá dentro, muito calor. quando acordei, vomitei para uma chávena de café. quando ficou cheia, tive de vomitar para o sofá. alguém trouxe uma panela grande. mesmo a tempo. vomitei. amargo. tudo era amargo.

levantei-me e fui à casa de banho. estavam lá dois gajos nus. um deles tinha espuma de barbear e um pincel e estava a espalhá-la nos colhões e no pau do outro gajo.

—desculpem, tenho de cagar — disse-lhes.

—força — disse o gajo que estava a ser barrado de espuma de barbear. — nós não incomodamos.

entrei e sentei-me.

o gajo com o pincel disse ao outro:

—ouvi dizer que o Simpson foi despedido da Club 86.

—da KPFK — respondeu o outro gajo. — eles despedem mais gente que a Douglas Aircraft, a Sears Roebuck e a Thrifty Drugs juntos. basta uma palavra mais infeliz, uma frase menos de acordo com aqueles conceitos pré-fabricados que eles têm sobre a humanidade, a política, a arte e assim, e rua. o único tipo que não corre nenhum risco na KPFK é o Eliot Mintz. o gajo é como um daqueles acordeões das crianças: apertes como apertares, sai sempre a mesma nota.

—vá, agora faz lá isso — disse o tipo do pincel.

—faço o quê?

—esfrega o pau até ficar duro.

soltei um cagalhão.

—foda-se! — disse o tipo que tinha o pincel, só que já não tinha o pincel. tinha-o atirado para dentro do lavatório.

—foda-se o quê? — perguntou o outro tipo.

—tens a cabeça disso que parece um martelo!

—é que uma vez tive um acidente. e ficou assim.

—olha, quem me dera ter tido um acidente desses.
soltei outro cagalhão.

—agora, vá.

—vá, o quê?

—mete-o para trás e enfia-o no meio das pernas.

—assim?

—isso.

—e agora?

—agora, dobra a barriga. e esfrega-o. para trás e para a frente.
aperta as pernas. é isso mesmo! estás a ver? nunca mais vais precisar de uma mulher!

—Ó Harry, isto não tem *nada* a ver com uma rata! qual é a tua?
estás a fazer-me de parvo!

—é tudo uma questão de PRÁCTICA! vais ver! vais ver!

limpei o rabo, puxei o autoclismo e saí dali.

fui ao frigorífico buscar outra cerveja, tirei duas latas, abri-as e comecei a beber a primeira. calculei que estivesse algures em North Hollywood. sentei-me em frente a um tipo com um capacete encarnado de metal e uma barba de meio metro. durante duas noites, ele foi absolutamente brilhante, mas o efeito do *speed* estava a passar e ficou sem *speed*. só que ainda não estava na fase do sono, só naquela onda triste e alheada. talvez lhe apetecesse fumar um charro, mas não havia ninguém que se oferecesse.

—Big Jack — disse-lhe eu.

—Bukowski, estás a dever-me quarenta dólares — disse o Big Jack.

—ouve Jack, tenho ideia de que te dei vinte dólares no outro dia.
fiquei mesmo com essa impressão. lembro-me de ver uma nota de vinte.

—mas não te *lembras mesmo*, pois *não*, Bukowski? porque estavas *bêbedo*, Bukowski, é por isso que não te lembras!

o Big Jack tinha uma coisa qualquer contra os bêbedos.

a namorada, a Maggy, estava sentada ao lado dele.

—sim, deste-lhe vinte dólares, é verdade, mas foi porque querias beber mais. nós fomos à rua comprar álcool, e trouxemos-te o troco.

—está bem, pronto. e onde é que estamos? em North Hollywood?

—não. em Pasadena.

—em Pasadena? não acredito.

eu tinha visto pessoas a atravessarem uma cortina enorme. algumas voltavam passados dez ou vinte minutos. outras não voltavam. aquilo já durava há umas 48 horas. acabei a segunda cerveja, levantei-me, afastei a cortina e entrei. estava muito escuro, mas senti o cheiro a erva. e a cu. fiquei ali parado, à espera que os meus olhos se adaptassem à escuridão. eram quase só gajos. a lambar rabos. a foder. a mamar. aquilo não era para mim. sou muito conservador. parecia um ginásio de homens depois de terem todos andado a treinar nas barras paralelas. o cheiro acre do sémen. tive um vómito. um negro de pele clara veio ter comigo.

—ei! és o Charles Bukowski, não és?

—sou — respondi.

—uau! este é o momento mais emocionante da minha vida! EU li o *CRUCIFIXO NUMA MÃO MORTA!* acho que és o maior desde o Verlaine!

—o Verlaine?

—sim, o Verlaine!

aproximou-se e agarrou-me os tomates com uma mão. afastei-a.

—o que é que se passa? — perguntou ele.

—agora não, querido, estou à procura de um amigo.

—ah, desculpa...

e desapareceu. continuei a olhar em volta e estava quase a ir-me embora quando reparei numa mulher mais ou menos encostada a um canto. estava de pernas abertas, e parecia bastante pedrada. cheguei mais perto e olhei para ela. baixei as calças e as cuecas. não tinha mau ar. enfiei-lhe a coisa. enfiei aquilo que tinha.

—oooh — disse ela. — tão bom! é tão curvo! parece um anzol!

—foi um acidente que eu tive quando era criança. uma coisa qualquer com um triciclo.

—oooooh...

estava todo lançado quando senti uma coisa ARREMESSAR-SE contra o meu rabo. até vi luzes.

—ei! mas que merda é esta?

leveei a mão atrás e afastei aquilo. fiquei ali parado com a coisa do tipo na mão.

—o que é que pensas que estás a fazer? — perguntei-lhe.

—ouve, amigo — disse ele —, este jogo é um baralho de cartas inteiro. se queres jogar, tens de aceitar a mão que te calhar.

puxei as cuecas e as calças para cima e saí.

o Big Jack e a Maggy já se tinham ido embora. estavam apenas umas quantas pessoas quase desmaiadas no chão. fui buscar mais uma cerveja, bebi-a e saí da casa. a luz do sol acertou-me em cheio, como um carro da polícia com a sirene ligada. encontrei o meu carro à frente da entrada de uma casa qualquer, com uma multa. a verdade é que ainda havia espaço para sair outro carro. toda a gente conhecia os limites. ainda bem.

parei numa bomba da Standard Station e o homem explicou-me como apanhar a auto-estrada de Pasadena. lá consegui chegar a casa. a suar. a morder os lábios para não adormecer. tinha uma carta no correio, do Arizona, da minha ex-mulher.

«... eu sei que às vezes te sentes sozinho e deprimido. quando for assim, devias ir ao The Bridge. ias gostar das pessoas. de algumas, pelo menos, ou então vai às leituras de poesia na Igreja Unitária...»

deixei a banheira a encher, com água bem quente. despi-me, consegui encontrar uma cerveja, bebi metade, pousei a lata na borda da banheira e entrei nela, peguei no sabão e na esponja e comecei a esfregar-me todo.

conheci o Neal C.^[1], o amigo do Kerouac, pouco antes de ele ter ido para sul, para se deitar naquelas linhas de comboio mexicanas e morrer. tinha os olhos esbugalhados, presos por palitos, de cabeça colada a uma coluna, aos saltos, aos pulos, a lançar olhares, vestido com uma *t-shirt* branca, a cantar qual cuco ao som da música, mas muito ligeiramente *antes* da batida, como se fosse o maestro de uma banda. sentei-me com a minha cerveja na mão e fiquei a observá-lo. eu tinha levado uma ou duas caixas de cerveja. o Bryan estava a dar instruções e umas folhas com tarefas aos dois miúdos que iam fazer a cobertura daquele espectáculo, que estava sempre a ser proibido. aquele do poeta de São Francisco, já não me lembro do nome. bom, mas ninguém estava a reparar no Neal C., que não estava nada chateado com isso, ou, pelo menos, fingia bem que não. quando a música acabou, os dois miúdos foram-se embora e o Bryan lá me apresentou ao fabuloso Neal C.

—queres uma cerveja? — perguntei-lhe.

pegou numa garrafa, atirou-a ao ar, apanhou-a, arrancou a tampa e bebeu-a toda em dois grandes golos.

—toma outra.

—ok.

—e eu que achava que era o campeão da cerveja...

—eu sou um jovem delinquente. já li umas coisas tuas.

—e eu já li umas coisas tuas. aquela em que saís pela janela de uma casa de banho e te vais esconder nu atrás de uns arbustos. gostei bastante.

—ah, isso.

continuou a beber. nunca se sentou. andava às voltas. um bocado bêbedo com aquilo tudo, a luz eterna, mas não estava agressivo. era impossível não gostar dele, mesmo que se quisesse, porque o Kerouac tinha-o tramado bem tramado mas ele aguentou-se, e continuava a aguentar-se. mas via-se que era bom tipo, e, por outro lado, o Jack só tinha escrito o livro, não era mãe dele. foi apenas quem o destruiu, de propósito ou não.

o Neal andava a dançar pela sala, com a Moca Eterna. tinha cara de velho, sofrida, tudo isso, mas o corpo era o de um rapaz de dezoito anos.

—queres experimentar lutar com ele, Bukowski? — perguntou o Bryan.

—isso. queres experimentar, querido? — perguntou-me ele.

mais uma vez, sem agressividade nenhuma, só a fazer o jogo.

—não, obrigado. faço quarenta e oito em agosto. já levei a minha última tarefa.

a verdade é não teria chegado para ele.

—quando foi a última vez que viste o Kerouac? — perguntei-lhe.

acho que ele respondeu 1962 ou 63, seja como for, havia bastante tempo.

acabei por lhe fazer companhia nas cervejas e depois tive de sair para ir comprar mais. o trabalho no escritório estava quase terminado, e o Neal ia ficar em casa do Bryan, que me convidou para jantar. eu disse que sim e, como já estava meio mocado, não percebi o que estava para acontecer.

quando saímos, tinha começado a cair uma chuva muito leve. daquele tipo que deixa as estradas todas fodidas. mas eu ainda não sabia. achava que era o Bryan que ia guiar. mas foi o Neal que se sentou ao volante. fosse como fosse, entrei para o banco de trás. o B. sentou-se à frente com o Neal. e lá começou a viagem. precisamente por aquelas estradas escorregadias, quando parecia que já tínhamos dobrado a esquina, o Neal decidia virar à direita ou à esquerda. mesmo a rasar os carros estacionados, e a um fio de cabelo do traço contínuo. a única descrição possível é mesmo um fio de cabelo. um bocadinho mais ao lado e era o nosso fim.

sempre que escapávamos, eu dizia qualquer coisa ridícula tipo «chupa-mos!», e o Bryan começava a rir, e o Neal continuava a guiar, nem chateado nem contente nem sarcástico, estava simplesmente ali — a fazer os movimentos. mas percebi. era necessário. aquilo era a praça de touros dele. a pista de corridas. era *sagrado* e necessário.

mas a melhor foi mesmo ao lado da Sunset, seguíamos para norte, em direcção à Carlton. a chuva estava cada vez pior, além de

a estrada estar péssima, não se via nada. ao virar para sair da Sunset, o Neal decidiu qual seria a sua jogada seguinte, um xadrez a alta velocidade, que tinha de ser calculado numa fracção de segundo do olhar. se virássemos à esquerda para a Carlton, chegávamos a casa do Bryan. estávamos a um quarteirão de distância. tínhamos um carro à nossa frente e outros dois a aproximarem-se. bom, ele podia ter abrandado e seguido o resto dos carros, mas, assim, teria perdido a sua *jogada*. e isso não era coisa para o Neal. contornou o carro à nossa frente e eu pensei pronto, já está, mas não interessa, não interessa mesmo nada. é assim que a coisa nos passa pelo cérebro, foi assim que me passou pelo cérebro. os dois carros avançaram um sobre o outro, de frente, tão próximos que os faróis varreram o banco de trás onde eu ia. acho que, no último instante, o outro condutor deve ter pisado o travão. foi isso que nos deu o tal fio de cabelo. o Neal já devia estar a contar com isso. com aquela jogada. mas ainda não tinha acabado. íamos a alta velocidade e outro carro, que se aproximava lentamente vindo da Hollywood Boulevard, estava prestes a bloquear-nos a saída da esquerda para a Carlton. Nunca me hei-de esquecer da cor daquele carro. de tão perto que estivemos. era uma espécie de cinzento-azulado, um carro velho, um *coupé*, sólido e duro como aço. o Neal guinou para a esquerda. e a mim pareceu-me que íamos directos ao meio do carro. era óbvio. mas, por alguma razão, o avanço do outro carro e a nossa viragem à esquerda coincidiram na perfeição. lá estava o tal fio de cabelo. mais uma vez. o Neal estacionou o carro e entrámos todos em casa. a Joan serviu-nos o jantar.

o Neal comeu tudo o que tinha no prato e quase tudo o que havia no meu. bebemos um pouco de vinho. o John tinha um *baby-sitter* homossexual altamente inteligente, que acho que agora faz parte de uma banda de *rock* ou se matou ou assim. bom, seja como for, sempre que ele passava, eu beliscava-lhe o rabo. ele adorava.

acho que acabei por ficar mais tempo do que era suposto, a beber e a conversar com o Neal. o *baby-sitter* não se calava, a falar do Hemingway, a comparar-me com ele, não sei bem porquê, até eu lhe ter dito para enfiar aquela conversa toda no cu e ele se ter ido

embora, para ver como estava o John. foi uns dias depois que o Bryan me ligou.

—o Neal está morto, o Neal morreu.

—não, foda-se.

depois, contou-me mais qualquer coisa sobre o assunto. desligou. e acabou.

todas aquelas viagens de carro, todas aquelas páginas do Kerouac, todo aquele tempo passado na cadeia, para acabar por morrer sob a lua gelada do México, sozinho, percebem? estão a ver os cactos raquíticos? o México não é um lugar péssimo por ser um lugar deprimente; o México é simplesmente um lugar péssimo. estão a ver os animais do deserto à espreita? as rãs com cornos e vulgares, as cobras como feridas na cabeça de uma pessoa, a rastejar, e depois quietas, à espera, silenciosas, à luz muda da lua mexicana. répteis, lampejos de coisas, a olhar para aquele homem na areia com uma *t-shirt* branca.

o Neal tinha encontrado o seu movimento, não fazia mal a ninguém. o miúdo delinquente juvenil agora estendido numa linha de comboio mexicana.

na única noite que estive com ele, disse-lhe:

—o Kerouac escreveu os teus outros capítulos todos. eu já escrevi o teu último.

—força — respondeu ele. — escreve.

cópia final.

os Verões são mais longos onde os suicidas se enforcam e as moscas comem tartes de lama. é de um poeta de rua famoso dos anos 50 e que ainda está vivo. atiro a minha garrafa ao canal, estou em Veneza, o Jack está cá uma semana ou duas, vai fazer uma leitura daqui a uns dias. o canal tem um ar estranho, muito estranho.

—não tem profundidade suficiente para a autodestruição.

—pois é — responde ele, naquela voz de filme, do Bronx —, tens razão.

aos 37, já é grisalho. tem nariz de papagaio. pesado. enérgico. chateado. homem. muito homem. um sorrisinho judeu. talvez não seja judeu. não lhe vou perguntar.

conheceu toda a gente. mijou num sapato do Barney Rosset numa festa porque não gostou de qualquer coisa que ele disse. o Jack conhece o Ginsberg, o Creeley, o Lamantia, e por aí fora, e agora também conhece o Bukowski.

—sim, o Bukowski veio a Veneza para me visitar. cheio de cicatrizes na cara. ombros descaídos. um homem com ar exausto. não fala muito e, quando fala, nunca se imaginaria que escreveu aqueles livros todos de poesia. mas trabalha há demasiado tempo como carteiro. está gasto. comeram-lhe a alma. é uma pena, já se sabe como é. mas continua a ser o maior, mesmo o maior, sabes?

o Jack conhece o assunto por dentro, e é engraçado mas verdade saber que as pessoas não valem grande coisa, é tudo um embuste, e já toda a gente sabe isso, mas tem graça ouvi-lo à beira de um canal em Veneza, a tentar curar uma ressaca monstra.

está a folhear um livro. quase só fotografias de poetas. eu não apareço. comecei tarde e vivi demasiado tempo sozinho em quartos, a beber vinho. acham sempre que um ermita tem de ser louco, e talvez tenham razão.

continua a folhear o livro. foda-se, é uma seca estar aqui sentado de ressaca, com a água ali em baixo, e o Jack aqui ao lado a folhear um livro, vejo bocados de sóis, narizes, orelhas, o brilho das páginas com fotografias. não me importo muito, mas acho que precisamos

de um assunto qualquer de conversa e eu não sou grande conversador e ele está a trabalhar, por isso aqui estamos, canal de Veneza, toda esta puta desta tristeza de ter de viver —

—este gajo enlouqueceu há uns dois anos.

—esse gajo queria que eu lhe chupasse o pau para publicar o meu livro.

—e chupaste?

—eu? dei-lhe uma tarefa! com isto!

mostrou-me os punhos do Bronx.

ri-me. ele sente-se bem, e é compreensível. todos os homens têm medo de ser maricas. estou um bocado cansado disso. se calhar, o melhor era tornarmo-nos todos maricas e tirar isso da cabeça. mas o Jack, nem pensar. é bom ouvi-lo, para variar. há demasiada gente que tem medo de falar mal dos maricas — intelectualmente. da mesma maneira que há demasiada gente com medo de falar mal das pessoas de esquerda — intelectualmente. a mim, não me interessa uma coisa nem outra. só sei isto: há demasiada gente com medo.

mas o Jack é bom tipo. ultimamente, tenho-me dado com demasiados intelectuais. cansam-me muito, esses preciosos intelectos que têm de deixar cair diamantes de cada vez que abrem a boca. cansa-me ter de lutar por cada espacinho de ar para a minha mente. foi por isso que me mantive tanto tempo afastado das pessoas e, agora que ando no meio delas, sinto que tenho de voltar para a minha caverna. existem outras coisas para além da mente: existem insectos e palmeiras e moinhos de pimenta, e hei-de ter um moinho de pimenta na minha caverna, podem rir-se à vontade.

as pessoas acabam sempre por nos trair.

nunca confiem nas pessoas.

—o mundo todo da poesia é controlado pelos paneleiros e pelos esquerdistas — diz-me ele, fitando o canal.

existe uma certa verdade nisso que, por mais que me amargue, não consigo negar, e não sei o que fazer com o que ele disse. claro que sei que há qualquer coisa de errado nesse tal mundo da poesia — os livros dos famosos são tão maçadores, incluindo o Shakespeare. será que era a mesma coisa *na altura*?

resolvo atirar uma bomba ao Jack.

—lembras-te daquela revista antiga de *poesia*? já não me lembro se era do Monroe ou do Shapiro ou quê, agora está tão má que deixei de ler, mas lembro-me de uma coisa que o Whitman disse: «para termos bons poetas, precisamos de bons leitores.» bom, eu sempre achei o Whitman melhor poeta que eu, se é que isso conta para alguma coisa, mas, desta vez, acho que ele percebeu as coisas ao contrário. a frase deveria ser: «para termos bons leitores, precisamos de bons poetas.»

—pois, então está bem — disse o Jack. — encontrei o Creeley numa festa e perguntei-lhe se já tinha lido Bukowski e ele gelou, não conseguia responder, tipo, estás a perceber o que quero dizer.

—vamos pirar-nos daqui — digo eu.

vamos em direcção ao meu carro. nem sei bem como, mas tenho um carro, um chaço, claro. o Jack traz o livro e continua a folheá-lo.

—este gajo chupa caralhos.

—a sério?

—este gajo casou com uma professora que lhe chicoteia o rabo. mulher horrível. não voltou a escrever uma palavra desde que casou. ela tem-lhe a alma presa dentro da cona.

—estás a falar do Gregory ou do Kero?

—não, este é *outro*!

—foda-se!

continuamos a andar para o meu carro. sinto-me mole, mas SINTO a energia deste tipo, a ENERGIA, e dou-me conta que é possível que esteja a caminhar ao lado de um dos poucos poetas imortais e autodidactas do nosso tempo. mas, depois de pensar um bocado, chego à conclusão de que isso também não interessa para nada.

entro no carro. o chaço pega, mas as mudanças estão outra vez lixadas. tenho de guiar em primeira o caminho todo e o filho da puta vai-se abaixo em todos os semáforos, com a bateria quase no fim, começo a rezar que arranque outra vez, que não haja polícias, que não arranje mais problemas por guiar bêbedo, que não haja mais cristos na Cruz de ninguém, podemos escolher entre o Nixon e o Humphrey e Cristo, mas seja qual for a escolha, estamos sempre fodidos, e viro à esquerda, travo na morada e saímos.

o Jack continua de volta das folhas do livro.

—este tipo era porreiro. matou-se, matou o pai, a mãe, a mulher, mas não matou nem os três filhos nem o cão. um dos melhores poetas que apareceram por aí desde o Baudelaire.

—sim?

—mesmo.

saímos do chaço e eu faço o sinal da Cruz para que a bateria consiga pegar outra vez.

subimos e o Jack bate com força a uma porta.

—BIRD! BIRD! é o Jack!

a porta abre-se e lá está o Bird. olho e volto a olhar. não consigo perceber se é mulher ou homem. o rosto é a essência destilada do ópio da beleza intocada. é um homem. os gestos são de homem. sei isso, mas também sei que ele tem de enfrentar o inferno e a pior das brutalidades cada vez que sai à rua. hão-de matá-lo porque ainda não está morto. nove décimos de mim já morreram, mas defendo à lei da bala o outro décimo. vou a andar na rua e ninguém consegue distinguir-me dos vendedores de jornais, ainda que os vendedores de jornais tenham caras mais bonitas do que qualquer presidente dos estados unidos, mas também não é difícil.

—Bird, preciso de vinte dólares — diz o Jack.

o Bird puxa de uma puta de uma nota de vinte. os seus gestos são suaves, despreocupados.

—obrigado, amor.

—de nada. podem entrar?

—claro.

entramos. sentamo-nos. há uma estante de livros. percorro-a com os olhos. não me parece haver um único livro chato. consigo encontrar todos os livros que admiro. mas que raio é isto? é um sonho? a cara do miúdo é tão linda que cada vez que olho me sinto bem, tipo, sabem, chili com feijão, bem quente, depois de um mau bocado, a primeira refeição em semanas, bom, foda-se, estou sempre atento.

o Bird. e o mar lá ao fundo. e a bateria quase no fim. um chaço. os polícias a vigiar as suas estúpidas ruas secas. é uma guerra lixada. e que pesadelo idiota, existe apenas um espaço

momentâneo entre nós, vamos todos ser esmagados, num ápice, como brinquedos partidos, por esses saltos altos que descem tão animadamente as escadas para nos foder para sempre, para sempre, os cretinos e os loucos, merda para a nossa fraca bravura.

sentamo-nos. surge um copo de uísque. bebo tudo de uma vez, sem parar, ah, engasgo-me, pisco os olhos, que idiota, quase a chegar aos 50 e a tentar portar-me como um Herói. um herói idiota numa rajada de vômito.

chega a mulher do Bird. somos apresentados. é uma mulher fluida num vestido castanho, limita-se a flutuar flutuar com um sorriso nos olhos, flutua, estou a dizer-vos, ela flutua,

—UAU UAU UAU! — digo.

é tão linda que tenho de lhe pegar, de a abraçar, apoio-a na minha anca esquerda, rodo-a, rio-me. ninguém acha que sou maluco. todos rimos. todos entendemos. pouso-a. sentamo-nos.

o Jack gosta que me ver assim. tem vindo a carregar a minha alma e está cansado. lança-me um sorriso. gosto dele. é muito raro na vida darmos por nós numa sala cheia de pessoas que nos ajudam só de olharmos para elas, de as ouvirmos. este era um desses momentos mágicos. eu sabia-o. estava radiante. não interessa. ok.

deitei abaixo mais um copo de uísque, só por vergonha. reparei que era o mais fraco dos quatro e não queria estragar, só queria captar toda aquela santidade. já amei como um cão enlouquecido de tesão num canil cheio de cadelas no cio, só que eles tinham outros milagres para me mostrar para além do esperma.

o Bird olhou para mim.

—já viste a minha colagem?

mostrou uma porcaria com um brinco de mulher e outra merda qualquer pendurada.

(só agora é que reparei que estou sempre a saltar entre o presente e o pretérito, se não gostarem... enfiem um mamilo no escroto — isto é para deixar ficar no livro.)

começo um longo e aborrecido discurso sobre não gostar disto e daquilo, e sobre como era mau nas aulas de Arte...

o Bird abriu-me a válvula.

ao arrancá-la, é só fazer um pouco de força, e depois sorri para mim, mas então eu entendo também o interior: que talvez, assim me diz o meu interior, o único agarrado que consegue chegar lá foi o Wm. Burroughs, que é dono da Burroughs & C.^a, que se pode armar em durão apesar de, no interior, ser um porco de um mariquinhas gordo. é o que oiço dizer, e ninguém fala muito disso. será verdade? seja como for, verdade ou não, o Burroughs é um escritor muito chato, e sem essa insistência na erudição *pop* do seu *background* literário, ele seria quase nada, tal como o Faulkner não é nada excepto para certos extremistas sulistas tipo o Sr. Corrington, e o Sr. Nod, e o Sr. Cabrão-de-Merda.

—Querido — começam a dizer-me —, estás bêbedo.

e estou. e estou. e estou.

não resta senão voltar para o calor ou dormir.

arranjam-me um lugar.

bebo demasiado depressa. eles continuam a conversar. oiço-os, suavemente.

durmo. durmo em camaradagem. o mar não me há-de afogar, nem eles. amam o meu corpo adormecido. sou um idiota. amam o meu corpo adormecido. que todas as crianças de Deus possam chegar a este estado.

cristo cristo cristo.

quem se importa com a morte de uma
bateria?

meu deus, foi horrível — saíram de todos os buracos da terra onde estavam enfiados para me fazer andar à roda com a minha mala de cartão ao pé de Times Square.

por fim, lá consegui perguntar a um deles onde é que ficava a Village e quando lá cheguei encontrei um quarto e quando abri a minha garrafa de vinho e descalcei os sapatos reparei que o quarto tinha um cavalete, mas eu não era pintor, era apenas um miúdo à procura da sua sorte, e sentei-me à frente do cavalete e fiquei a beber o meu vinho e a olhar pelos vidros sujos da janela.

quando saí para comprar mais uma garrafa de vinho, vi um tipo novo parado, com um roupão de seda. tinha uma boina e umas sandálias, uma barba meia desfeita e falava ao telefone que havia na entrada do prédio.

—claro, claro, querida! claro que *tenho* de estar contigo, claro, *tenho* mesmo! senão, corto os pulsos...! sim!

tenho de sair daqui, pensei. nem os atacadores dos sapatos ele era capaz de cortar. que tipo nojento. e, na rua, vi-os sentados em cafés, muito confortáveis, de boinas, roupas excêntricas, a fingirem-se de Artistas.

fiquei lá uma semana a beber, a aproveitar a renda que já tinha pagado, e depois arranjei um quarto fora da Village. para o aspecto e o tamanho, o quarto era bastante barato e não consegui perceber porquê. descobri um bar mesmo ao virar da esquina, onde passava o dia a beber cerveja. o meu dinheiro estava a acabar, como sempre, mas detestava ter de procurar trabalho. cada momento de bebedeira e de fome continha algum tipo de significado que me era fácil de compreender. nessa noite, comprei duas garrafas de porto e fechei-me no quarto. despi-me, meti-me na cama às escuras, encontrei um copo e servi o primeiro. depois, percebi porque é que o quarto era tão barato. a linha L passava mesmo à frente da minha janela. e era onde ficava a estação. mesmo em frente da minha janela. o comboio iluminava o quarto todo. e eu a ver carruagens cheias de caras. caras horríveis: putas, orangotangos, cabrões,

loucos, assassinos — os meus mestres todos. depois, o comboio partia rapidamente e o quarto voltava a mergulhar na escuridão — até à próxima carruagem cheia de caras, que chegava sempre cedo demais. eu precisava mesmo do vinho.

o prédio era de um casal de judeus que também tinham um alfaiate e uma lavandaria do outro lado da rua. decidi que os meus poucos trapos precisavam de ser limpos. a altura de procurar emprego aproximava-se aos arrotos e aos peidos do meu louco horizonte. cheguei lá bêbedo com os meus trapos.

—... preciso disto limpo ou lavado ou lá o que é...

—coitado! porque é que anda todo ROTO? eu não usaria isto nem para lavar as janelas. deixe cá ver... Sam!

—diz?

—mostra aqui ao rapaz aquele fato que o outro homem cá deixou!

—ah, sim, é um fato muito *bom*! não *percebo* como é que ele o deixou aqui ficar!

não vou contar o diálogo todo. basicamente, insisti que o fato me ficava demasiado apertado. eles disseram que não. eu disse que, se não era demasiado apertado, era demasiado caro. eles disseram sete. eu disse sem cheta. eles disseram seis. eu disse estou sem cheta. quando chegaram a quatro, insisti em provar o fato. eles deixaram. dei-lhes os quatro. voltei para o meu quarto, despi o fato e adormeci. quando acordei, já estava escuro (excepto quando passava o comboio) e decidi vestir o meu fato novo e ir à procura de uma mulher, uma mulher linda, claro, e que sustentasse um homem com o meu talento, ainda por revelar.

assim que vesti as calças, rasgaram-se da braguilha até atrás. pronto, estava lixado. sentia um bocado de frio, mas achei que o casaco lá haveria de tapar. quando vesti o casaco, a manga esquerda rasgou-se pelo ombro, deixando à mostra uma gosma nojenta do enchumaço.

tinha sido tramado outra vez.

despi o que restava do fato e decidi que tinha de mudar novamente de quarto.

encontrei outro sítio. ou melhor, uma estrutura que lembrava uma cave, desciam-se uns degraus e passava-se pelo meio dos caixotes

do lixo dos outros inquilinos. começava a encontrar o meu nível.

na primeira noite em que saí, percebi, depois de os bares fecharem, que tinha perdido a chave. a única coisa que trazia vestida era uma camisa branca e fina. andei para trás e para a frente de autocarro, para não morrer de frio. até que o motorista disse que era o fim da linha, ou que a viagem tinha acabado. estava demasiado bêbedo para me lembrar.

quando saí, continuava um gelo e dei comigo em frente ao estádio dos Yankees.

oh, meu Deus, pensei, era neste sítio que o meu herói de infância, o Lou Gehrig, costumava jogar e agora é aqui que vou morrer. bom, faz sentido.

andei um bocado às voltas até encontrar um café. entrei. as empregadas eram todas negras de meia-idade, mas as chávenas eram grandes e o café e os *donuts*, praticamente de borla. peguei nas minhas coisas e fui até uma mesa, sentei-me, comi o *donut* num ápice, bebi o café e depois puxei de um cigarro *king-size* e acendi-o.

comecei a ouvir vozes:

—LOUVADO SEJA O SENHOR, IRMÃO!

—AH! LOUVADO SEJA O SENHOR, IRMÃO!

olhei à volta. todas as empregadas me louvavam, e alguns dos clientes também. era muito agradável. por fim, o reconhecimento. que se lixasse a *Atlantic* e a *Harper's*. o génio vence sempre. sorri para todos eles e dei uma enorme passa no meu cigarro.

—É PROIBIDO FUMAR NA CASA DO SENHOR, IRMÃO!

apaguei o cigarro. acabei o café. quando saí, olhei para o letreiro da montra:

MISSÃO DO DIVINO PAI.

acendi outro cigarro e comecei o longo caminho de volta para casa. quando lá cheguei, ninguém atendia a campainha. acabei por me estender em cima dos caixotes do lixo e dormi. isto porque eu sabia muito bem que, no chão, as ratazanas acabariam por me apanhar. era um rapaz muito esperto.

tão esperto que até arranjei emprego logo no dia seguinte. e na noite seguinte, de ressaca, a tremer, tristíssimo, já estava a trabalhar.

havia dois tipos mais velhos a ensinar-me o que era preciso. já lá trabalhavam ambos desde a invenção do metropolitano. andávamos com uns cartões pesados debaixo do braço esquerdo e uma pequena ferramenta na mão direita que parecia um abre-latas.

—toda a gente em Nova Iorque anda coberta por uns insectos pequeninos verdes — disse um dos velhos.

—ai é? — respondi, completamente nas tintas para a cor dos insectos.

—vais dar por eles nos assentos. todas as noites os vemos.

—pois é — respondeu o outro velho.

seguimos em frente.

meu deus, pensei eu, será que alguma vez aconteceu semelhante coisa ao Cervantes?

—agora, presta atenção — disse um dos velhos —, cada cartão tem um pequeno número. e temos de o substituir por outro cartão com o mesmo número.

zás, zás. o abre-latas soltava as trancas e depois era pôr os cartões novos com os anúncios, substituir as trancas, tirar os velhos e pô-los no fim da pilha dos cartões que trazíamos debaixo do braço esquerdo.

—agora experimenta tu.

tentei. as pequenas trancas não queriam sair. o meu abre-latas não estava bom. estava todo bambo.

—hás-de lhe apanhar o jeito — disse um dos velhos.

EU ESTOU A APANHAR O JEITO, seu merdas, pensei.

continuámos em frente.

então, saímos pela parte de trás da última carruagem e lá seguiram eles, pondo os pés nas tábuas entre os carris. o espaço entre cada tábua era de quase um metro, não era preciso muito esforço para cair. e estávamos a uma altura de trinta metros da rua. e também a uns trinta metros do comboio seguinte. os dois velhos lá foram saltando de tábua em tábua, com o peso dos cartões debaixo do braço, e depois ficaram à minha espera junto à outra carruagem. havia um comboio parado do outro lado da linha, a recolher passageiros. aquele lado estava bastante iluminado pelo comboio,

mas só ali. e mostrava-me claramente o buraco de quase um metro entre cada tábua.

—ANDA! DESPACHA-TE! TEMOS PRESSA!

—que se lixem vocês e a vossa pressa! — gritei para os velhos.

e saltei para uma das tábuas, com a minha pilha de cartões debaixo do braço esquerdo e o abre-latas na mão direita. um passo, dois passos, três passos... ressaca, enjoo.

entretanto, o comboio que estava parado arrancou. ficou tão escuro como dentro de um guarda-fatos. não conseguia ver nada. não fui capaz de dar o passo seguinte. e não podia voltar para trás. fiquei ali parado.

—anda! anda! ainda nos falta uma data de carruagens!

por fim, os meus olhos conseguiram focar-se um pouco. recomecei os passos cambaleantes. algumas tábuas eram menos firmes, gastas e cheias de farpas. deixei de ouvir os gritos dos velhos. continuei os passos horrorizados, um a seguir ao outro, sempre à espera que o seguinte me mandasse lá para baixo.

consegui chegar à outra carruagem e atirei os cartões e o abre-latas para o chão.

—qu'ê que se passa?

—qu'ê que se passa? Qu'ê que se passa? — respondi. — VÃO-SE FODER!

—mas o que é que foi?

—basta um passo mal dado e morremos. ainda não perceberam isso, seus idiotas?

—nunca ninguém morreu.

—mas também ninguém bebe como eu bebo. vá, agora expliquem-me como é que eu saio daqui.

—bom, há uma escada ali ao fundo à direita, só que não podes ir ao longo da linha, tens de a cruzar, e isso significa que tens de passar dois ou três carris terciários.

—que se lixe. e o que é que é um carril terciário?

—é o da electricidade. tocas num e já foste.

—expliquem-me o caminho.

os velhos apontaram para uma escada lá ao fundo. não parecia longe.

—muito obrigado, meus senhores.

—cuidado com o carril terciário. é dourado. se lhe tocares, morres queimado.

comecei a avançar. conseguia sentir os olhares deles fixados em mim. de cada vez que me aproximava de um carril terciário, saltava bem alto por cima. à luz do luar, tinham um ar calmo e suave.

cheguei à escada e estava vivo outra vez. cá em baixo, ao fundo da escada, havia um bar. ouvi o riso de pessoas. entrei e sentei-me. estava um tipo a contar histórias sobre a mãe, que o obrigava a ir às aulas de piano e de pintura, e como ele lhe conseguia arrancar dinheiro, de uma maneira ou de outra, para se ir embebedar. o bar inteiro ria. também comecei a rir. o tipo era um génio, e estava a dar aquele espectáculo de borla. fiquei a rir até o bar fechar e depois separámo-nos, cada um na sua direcção.

deixei Nova Iorque pouco tempo depois, e nunca mais voltei, nem voltarei. as cidades são construídas para matar as pessoas, e há cidades que dão sorte e depois há o outro tipo de cidades. em Nova Iorque, já temos de ir com a sorte toda. e eu sabia que não a tinha. quando dei por mim, estava sentado num quarto bem confortável na zona leste de Kansas City, a ouvir o gerente a bater na empregada porque ela não me tinha vendido o cu. era tudo real e pacífico e equilibrado outra vez. fiquei sentado na cama a ouvir os gritos, peguei no copo, dei um bom golo, e depois estendi-me nos lençóis lavados. o tipo era mesmo violento. dava para ouvir a cabeça dela a bater contra a parede.

talvez no dia seguinte, quando já não estivesse tão cansado da viagem de autocarro, lhe desse uma oportunidade. tinha um cu bem jeitoso. pelo menos, ele não lhe estava a bater no cu. e eu tinha conseguido sair de Nova Iorque, quase vivo.

aquelas noites é que eram, nos bons velhos tempos do Olympic. havia um careca pequenino irlandês que fazia os anúncios (Dan Tobey, seria?), e era mesmo cheio de *estilo*, ele já tinha visto muita coisa, se calhar até aquelas lutas nos velhos barcos que atravessavam o rio quando era miúdo, e se não fosse assim tão velho, teria pelo menos visto o combate do Dempsey e do Firpo[2]. Parece que ainda o estou a ver, a puxar a corda e a pegar no microfone e a baixá-lo devagar, e estávamos quase todos bêbedos antes do primeiro combate, mas éramos bêbedos tranquilos, a fumar charutos, a sentir a luz da vida, à espera que pusessem dois miúdos no ringue, era uma coisa cruel, mas era mesmo assim, era o que faziam de nós e ainda estávamos vivos e sim, a maior parte de nós com o cabelo pintado de ruivo ou de loiro, até eu. ela chamava-se Jane e já tínhamos travado uma data de combates, um dos quais acabou em k.o. para mim, e enchia-me de orgulho vê-la sair da casa de banho e o público todo bater palmas e assobiar e gritar enquanto ela desfilava aquele grande rabo mágico dela numa saia justa — e era *mesmo* um rabo mágico: capaz de cortar a respiração a um homem, deixá-lo congelado, a gritar palavras de amor ao céu cinzento. e então descia, vinha sentar-se ao meu lado, e eu erguia a minha cerveja como uma coroa, passava-lha, ela dava um golo, devolvia-ma, e eu dizia acerca dos tipos sentados nas galerias:

—estes cabrões aos gritos, eu mato-os!

e ela olhava para o programa e dizia:

—quem achas que vai ganhar o primeiro combate?

e eu era bom a acertar — uns 90 por cento das vezes — mas tinha de os ver primeiro. escolhia sempre o tipo que se mexia menos, com ar de não ter vontade de lutar, quando um tipo se benzia e o outro não, já tínhamos encontrado o vencedor — era só escolher o que não se tinha benzido. mas, geralmente, coincidia: o tipo que dava mais murros no ar, que mais saltitava pelo ringue, era quase sempre quem se benzia no início e que depois levava uma tarefa.

naquela altura, não era habitual ver-se um combate mau e, quando havia, era tal e qual como agora — quase sempre entre os pesos-pesados. só que, naqueles tempos, não ficávamos calados — rebentávamos o ringue, ou incendiávamos aquilo tudo, ou rebentávamos as cadeiras. por isso, não se podiam dar ao luxo de organizar muitos combates maus. os do Hollywood Legion eram os piores, e ninguém lá ia. até os tipos do Hollywood sabiam que o Olympic é que era. vinha o Raft^[3] e os outros, e as estrelas todas, que ficavam sempre na primeira fila. os tipos das galerias enlouqueciam, e os lutadores lutavam como lutadores e o ar enchia-se do fumo azul dos charutos, e como gritávamos todos, mesmo mesmo, e gastávamos dinheiro, e bebíamos uísque, e quando acabava ainda íamos ao *drive-in*, esse ninho de amor, com as nossas mulheres duronas de cabelo pintado. depois, chegávamos a casa e dormíamos como anjos bêbedos. quem é que precisava de bibliotecas? quem é que precisava do Ezra? do T.S. E.E.? do D.H. H.D.? de qualquer um dos Eliots? de qualquer um dos Sitwells?

nunca esquecerei a primeira noite em que vi o rapaz chamado Enrique Balanos. na altura, o meu favorito era um miúdo negro. ele costumava levar um cordeirinho branco para o ringue antes do combate e abraçava-o, e sei que era piegas, mas ele era um durão e bastante bom, e um homem durão e bom pode dar-se a certas liberdades, não é?

bom, mas ele era o meu herói, e acho que se chamava qualquer coisa como Watson Jones. o Watson tinha bastante classe e estilo — era ágil e rápido rápido rápido, e aquele MURRO, e *adorava* o que fazia. mas então, certa noite, sem aviso prévio, alguém meteu um tipo chamado Balanos a combater com ele, e o Balanos era mesmo bom, levou o seu tempo a dar lentamente a volta ao Watson, até derrubá-lo, e acabou com ele no final. com o meu herói. nem quis acreditar. se bem me lembro, o Watson ficou k.o., o que deixou um enorme sabor amargo naquela noite, na verdade. eu, com a minha cerveja na mão, a implorar misericórdia, a implorar pela vitória que *nunca* aconteceria. a verdade era que o Balanos era mesmo bom: aquele cabrão tinha duas cobras no lugar dos braços, e não se *mexia* — deslizava, escorregava, aos safanões como uma aranha

maléfica, chegando sempre ao alvo, conseguindo sempre o que queria. soube nessa noite que seria preciso um homem extraordinário para o vencer e que o melhor que o Watson tinha a fazer era pegar no seu cordeirinho e voltar para casa.

só muito mais tarde nessa mesma noite, com o uísque a entrar por mim adentro como um mar, a discutir com a minha mulher, a insultá-la por estar ali sentada a mostrar as pernas daquela maneira, é que admiti que tinha vencido o melhor.

—aquele Balanos, que boas pernas. ele não pensa. só reage. é sempre melhor não pensar. esta noite, o corpo venceu a alma. é quase sempre assim. Adeus, Watson, adeus, Central Avenue[4], acabou isso tudo.

atirei o copo contra a parede, virei costas e fui à procura de uma mulher qualquer. sentia-me magoado. encontrei uma mulher linda. fomos para a cama. lembro-me que caía uma chuva mansa, que entrava pela janela. deixámos que chovesse em cima de nós. sabia bem. tão bem que fizemos amor duas vezes e, quando fomos dormir, adormecemos com a cara virada para a janela e de manhã os lençóis estavam encharcados e acordámos os dois a espirrar e a rir.

—meu deus! meu deus!

foi tão engraçado, e o pobre do Watson estendido algures, com a cara feita num oito, a ter de enfrentar a Verdade Eterna, enfrentar lutadores mais fracos, e depois ainda mais fracos, até ter de voltar para a fábrica, a escravizar-se oito ou dez horas por dia por um punhado de tostões, sem chegar a lado nenhum, à espera da Dona Morte, que lhe vai atirar a cabeça para o inferno, e a alma para o inferno, e espirrámos, «meu deus!», era tão divertido, e depois ela disse:

—estás todo azul, ficaste todo AZUL! meu deus, vai ver-te ao espelho!

e eu estava congelado e a morrer e fiquei ali em frente ao espelho e estava mesmo todo AZUL! ridículo! um monte de ossos e de merda! comecei a rir, ri tanto que caí para trás e fiquei estendido no tapete e ela se atirou para cima de mim e ficámos os dois a rir a rir a rir, meu deus, rimos até eu achar que tínhamos enlouquecido e depois tive

de me levantar, vestir, pentear-me, lavar os dentes, demasiado enjoado para comer, com vómitos a lavar os dentes, e saí e fui a pé até à fábrica de candeeiros, só o sol me fazia sentir bem, mas temos de nos contentar com aquilo que temos.

Santa Anita, 22 de Março de 1968, três e dez da tarde. não consigo ganhar a aposta no Quillo's Babe com o *Alpen Dance*. já acabou a quarta corrida e ainda não ganhei nada. já perdi 40 dólares, devia ter dado cabo do *Boxer Bob* na segunda com o *Bianco*, um dos melhores cavalos da pista, dos menos famosos, com 9/5; com qualquer outro cavaleiro, por exemplo, o Lambert ou o Pineda ou o Gonzales, o cavalo teria chegado aos 6/5, ou até aos 5/5. mas tenho uma velha máxima (vou inventando velhas máximas enquanto me passeio nas minhas roupas andrajosas) que diz que o conhecimento sem consequência é pior do que o desconhecimento. Porque, se estivermos a tentar seguir o instinto e não resultar, podemos sempre dizer merda, os deuses estão contra mim. Mas, se *soubermos* e não fizermos nada, ganhamos sótãos e salas escuras dentro da mente para depois andar para cima e para baixo, à deriva. o que não é nada saudável, e nos dá umas noites muito pouco agradáveis, com muito álcool e a máquina de destruir papel.

ok. os velhos apostadores de corridas de cavalos não desaparecem simplesmente. eles morrem. de maneira dura e definitiva, na East 5th, ou a vender jornais na rua com uma boina de marinheiro, a fingir que aquilo não passa de uma piada, com a mente partida em dois, os intestinos pendurados, sem uma boa rata para o pau. acho que foi um dos discípulos favoritos de Freud, que agora se tornou um filósofo de algum renome — a minha ex-mulher costumava ler coisas dele — que disse que o jogo era uma forma de masturbação. é muito fácil ser um rapazinho inteligente e dizer estas coisas, e há sempre alguma parte de verdade em quase qualquer coisa que se diga. se eu fosse um rapaz inteligente e despreocupado, acho que poderia dizer algo como «limpar as unhas com uma lima suja é uma forma de masturbação». e o mais provável é que ganhasse uma bolsa de estudos, um subsídio, ou fosse armado cavaleiro e tivesse 14 mulheres ao meu dispor. só tenho uma coisa para dizer, com o meu passado, uma vida de fábricas, bancos de jardim, trabalhos de merda, más mulheres, mau

tempo: a razão por que o típico apostador vai às corridas é sentir-se esmagado pela engrenagem, pela cara feroz do capataz, a mão do senhorio, o sexo morto da amante; os impostos, o cancro, a tristeza; as roupas que se desfazem depois de usadas três vezes, a água que sabe a mijo, os médicos que tratam os consultórios horríveis como linhas de montagem, os hospitais sem coração, os políticos com a cabeça cheia de pus... a lista seria interminável, e acusar-me-iam de ser amargo e demente, mas o mundo faz de todos nós, homens (e mulheres), loucos, até os santos são loucos, ninguém é poupado. por isso, merda. bom. de acordo com as minhas contas, só me deitei com 2500 mulheres, mas assisti a 12 500 corridas de cavalos, e se posso dar algum conselho a alguém, é este: dediquem-se antes a pintar aguarelas.

o que vos estou a tentar dizer é que a maior parte das pessoas vai às corridas por estar em sofrimento, sim sim, e estão tão desesperadas que preferem correr o risco de sofrerem ainda mais a terem de enfrentar a sua posição (?) actual na vida. mas os rapazinhos inteligentes não são assim tão inteligentes como nós pensamos. ficam lá no cimo da montanha a estudar a correria das formigas. acham que o Johnson não tem orgulho no seu umbigo? e não percebem também que o Johnson é um dos maiores idiotas que alguma vez nos deitaram para cima? estamos presos, somos esbofeteados e esquartejados até ficarmos estúpidos; tão estúpidos que alguns de nós acabam por adorar os seus próprios torturadores, porque eles estão lá para nos torturarem através das linhas lógicas da tortura. parece tudo tão razoável, uma vez que não há mais alternativa nenhuma. se não existe mais nada, então aquilo é que deve estar certo. existe o quê? existe Santa Anita. existe o Johnson. e, de uma maneira ou de outra, somos nós que os mantemos lá. construímos os nossos próprios instrumentos de tortura e, depois, gritamos quando temos os genitais arrancados por um guarda atrasado mental a brandir uma cruz de prata (o ouro já acabou[5]). isto que explique, então, porque é que alguns de nós, senão a maior parte de nós, senão todos nós, aparecemos em barda, digamos, no dia 22 de Março de 1968, numa tarde em Arcadia, Califórnia.

o final da quinta corrida foi ganho pelo cavalo 12, o *Quadrant*. o quadro diz 5/2, e tenho de ganhar mesmo à justa. o cavalo ganhou em grande, ultrapassou os outros mesmo no fim e venceu. a minha aposta valia dez vezes o prémio, ainda estava a perder 40 dólares e fiquei à espera do resultado oficial. um 5/2 vale entre 7 e 7,80 dólares, por isso uma vitória vezes dez dá entre 35 e 39 dólares. achei, portanto, que tinha compensado as perdas. o cavalo era o terceiro na pista e nunca desceu dos 5/2 durante as apostas. o prémio oficial acabou de aparecer no quadro:

5,40.

isso mesmo, ali no quadro das pontuações. cinco dólares e quarenta cêntimos. o que fica a meio caminho entre um 8/5 e 9/5, nada a ver com 5/2. no início daquela semana, de um dia para o outro, tinham duplicado o preço do estacionamento, de 25 para 50 cêntimos. duvido que os ordenados dos funcionários também tenham aumentado. e passaram a cobrar 2 dólares de entrada, em vez de 1,95, que era o preço habitual. e agora aqueles 5,40 dólares. que merda. um lento murmúrio de incredulidade atravessou as bancadas em direcção às pistas. nas cerca de 13 000 corridas a que já assisti, nunca vi semelhante coisa. o quadro não é infalível. já vi um 9/5 valer 6 dólares, e outras pequenas variações, mas nunca tinha visto um 5/2 valer quase o mesmo que um 8/5, como também nunca tinha visto um 5/2 cair de repente (no último segundo) para perto de 8/5. teria sido preciso entrar uma enorme quantidade de dinheiro em apostas no último instante.

a multidão começou a fazer BUUUUU, BUUUUUU, BUUUUU! esmoreceu, e recomeçou. BUUU, BUUUUUU, BUUUUU! e, de cada vez que recomeçava, durava mais tempo. toda a gente sentia no ar o cheiro a marosca e a ganância. mais uma vez, os apostadores tinham sido roubados. a 5,40 dólares, eu ia receber 27 dólares, em vez de uns possíveis 39. e não era o único prejudicado. sentia-se a multidão contorcer-se, ferida; para muitas daquelas pessoas, cada corrida era a diferença entre pagar ou não pagar a renda, comer ou não comer, pagar ou não pagar a prestação do carro.

olhei para a pista e vi um homem a abanar o programa no ar, a apontar para o quadro. estava claramente a falar com um dos

assistentes da pista. então, acenou o programa para os espectadores, a chamá-los, a pedir-lhes que fossem para a pista. um homem chegou-se à frente, saltando a vedação. a multidão aplaudiu. outro homem descobriu a entrada da vedação. já lá estavam três pessoas. a multidão aplaudiu. toda a gente já se sentia melhor. e entravam cada vez mais pessoas para a pista, e a multidão aplaudia. toda a gente se sentia melhor. era uma hipótese. uma hipótese? uma coisa qualquer. mais pessoas foram. já devia haver entre 45 e 60 na pista.

ouviu-se uma voz pelo altifalante:

—SENHORAS E SENHORES, PEDIMOS QUE SAIAM POR FAVOR DA PISTA PARA PODERMOS DAR INÍCIO À SEXTA CORRIDA!

o tom não era simpático. estavam dez polícias na pista, com as fardas cinzentas de Santa Anita. todos tinham uma arma. a multidão gritou BUUUUUUUU!

então, um dos apostadores que estavam na pista reparou que a corrida seguinte era na relva. merda, eles estavam a bloquear a pista de terra. a multidão avançou para a pista de relva, que acompanha do lado de dentro a pista de terra, ao mesmo tempo que os cavalos se iam alinhando na partida. eram oito cavalos guiados pelo tratador, com o seu casaco de caça encarnado e gorro preto. o grupo de pessoas espalhou-se pela pista.

—POR FAVOR — pediu a voz no altifalante —, DESIMPEÇAM A PISTA! POR FAVOR, DESIMPEÇAM A PISTA! O QUADRO NÃO REGISTOU AS ALTERAÇÕES NAS APOSTAS FINAIS. O VALOR DO PRÉMIO ESTÁ CORRECTO!

os cavalos iam avançando lentamente em direcção às pessoas. e tinham ar enorme e nervoso.

perguntei ao Denver Danny, um tipo que já frequentava as corridas há muito mais tempo que eu:

—mas que raio é que se passa, Denver?

—o quadro está certo — respondeu. — a merda não é essa. aquilo regista cada dólar apostado. quando as máquinas fecharam, o quadro marcava 5/2; o quadro piscou outra vez para as últimas variações, mas continuou a marcar 5/2. agora, há um velho ditado francês que diz «e quem é que guarda os guardas?». como te deves lembrar, o *Quadrant* era o óbvio vencedor ao fim de um terço da

prova. pode ter acontecido uma série de coisas. se calhar, as máquinas não foram fechadas durante a corrida. se calhar, quando perceberam que o *Quadrant* ia ganhar, começaram a pôr apostas nele. já ouvi dizer que têm uma ou duas máquinas já programadas para ficarem abertas durante a corrida, enquanto as outras ficam fechadas. não sei mesmo. só sei que aconteceu uma MERDA qualquer e que toda a gente aqui sabe isso.

os cavalos continuaram a avançar em direcção à multidão. o cavaleiro e o primeiro cavalo, um monstro chamado *RICO DESEJO*, montado pelo Pierce, avançou para a linha de pessoas. alguém chamou um nome muito porco a um dos polícias e três agentes atiraram o tipo por cima da vedação e começaram a bater-lhe. a multidão avançou para eles e eles tiveram de deixar o homem em paz e correr de volta para o lugar onde estavam na pista, frente ao resto das pessoas. os cavalos continuavam a avançar e dava para perceber que estavam decididos a passar. as ordens estavam dadas. tinha chegado o momento: homens a cavalo contra homens sem nada. dois homens de um grupo de três deitaram-se no chão em frente aos cavalos, mesmo em cima do trajecto da pista. era agora. a cara do homem que estava a puxar os cavalos contorceu-se de repente, ficou tão encarnada quanto o casaco, pegou pelas rédeas o cavalo número um, o *RICO DESEJO*, espicaçou-o, e atirou-o contra a carne humana, de olhos fechados. o cavalo passou. não tenho a certeza se partiu as costas a alguém ou não.

mas o cavaleiro tinha merecido o seu ordenado. era um bom funcionário. e uns quantos pulhas na assistência bateram palmas. mas ainda não tinha acabado. uns tipos agarraram o cavalo número um e tentaram arrancar o cavaleiro da sela e atirá-lo ao chão. e então a polícia avançou. os outros cavalos passaram, mas os homens tinham dominado o cavalo número um e o Pierce estava quase fora da sela. foi a gota de água.

tenho a certeza de que, se tivessem conseguido arrancar o Pierce do cavalo, acabariam por pegar fogo ao hipódromo inteiro. entretanto, os polícias estavam bem em cima dos tipos. nenhum deles puxou da arma, mas dava a ideia de que se divertiam bastante com aquilo, especialmente um deles, que não parava de

bater na cabeça, no pescoço e na coluna de um velho. o Pierce conseguiu furar com o *RICO DESEJO*, um nome muito bem escolhido para um cavalo castrado, e começou o aquecimento para os dois quilómetros e meio na pista de relva. os polícias pareciam particularmente enérgicos e violentos, e ninguém estava muito interessado em lutar contra eles. a guerra estava perdida. e a pista foi esvaziada.

então, veio o grito seguinte:

—NÃO FAÇAM APOSTAS! NÃO FAÇAM APOSTAS! NÃO FAÇAM APOSTAS!

que boa ideia teria sido, não era? nem mais um dólar para os abutres — ver aqueles gordos atrasados mentais a serem despejados das suas casas em Beverly Hills. que maravilha. já estavam seis mil dólares nas máquinas quando começaram a gritar «NÃO FAÇAM APOSTAS!». estávamos agarrados, a sangrar, perdidos para sempre... não havia mais nada que pudéssemos fazer senão continuar a apostar, uma e outra e outra vez, e aceitar tudo o resto.

havia dez polícias ao longo da pista. orgulhosos, cheios de si e a suar, também tinham merecido o salário daquele dia. o vencedor da sexta corrida foi o *OFF*, com um 9/1 no quadro, que foi o valor do prémio. se tivesse aparecido um 8 ou um 7 no quadro, hoje não existiria Santa Anita.

li depois que, no dia seguinte, um sábado, estavam lá umas 45 000 pessoas, o que era mais ou menos o normal.

eu não fui e também ninguém sentiu a minha falta. os cavalos correram e eu escrevi isto.

23 de Março, oito da noite, Los Angeles, com a mesma tristeza de sempre, e sem nenhum sítio para ir.

quem sabe se, da próxima vez, não conseguimos agarrar aquele cavalo número um.

é preciso treino, um pouco de riso e alguma sorte.

um tipo de camuflado da tropa chegou ao pé de mim e disse:

—agora que aconteceu aquilo ao Kennedy[6], você já tem assunto para escrever.

contou-me que era escritor, e então porque é que não escrevia *e/le* sobre isso? tenho sempre de pegar nas confusões que eles arranjam e entregar-lhas em formato literário. acho que já temos demasiados especialistas no assunto — é nisso que esta década se tornou: a Década dos Especialistas e a Década dos Assassinos. e nenhum dos dois grupos vale sequer um cagalhão de cão cristalizado. o maior problema de uma coisa como este último assassínio foi não só termos perdido um homem de algum valor, mas termos perdido também conquistas políticas, espirituais e sociais, e isto são coisas *muito* importantes, mesmo que pareçam apenas palavras grandiosas. o que eu quero dizer é que, numa crise provocada por um assassínio, as forças desumanas e reaccionárias tendem a reforçar os seus preconceitos e a usar todas as rupturas como meio de atirarem ao chão a Liberdade natural do banco onde estava sentada, lá ao fundo do balcão do bar.

não faço tenções de me tornar tão *activo* e envolvido com a humanidade como o Camus (leiam os seus ensaios) porque, basicamente, a humanidade enoja-me e a única coisa que se *pode* fazer é criar um novo conceito de entendimento educacional universal de felicidade, da realidade e de rumo, e isso é bom para as crianças pequenas, que ainda não foram assassinadas, mas que serão, aposto vinte e cinco contra um, porque mais nenhum conceito será admitido — seria demasiado ameaçador para o grupo dos poderosos. não, eu não sou o Camus, mas, meus amores, custa-me ver esses idiotas tirarem partido desta Tragédia.

eis parte do comentário do governador Reagan: «O homem médio, decente, que obedece à lei, que teme a Deus, está tão preocupado como eu e vocês com o que aconteceu. Ele e todos nós somos vítimas de uma postura que tem crescido no nosso país durante mais de uma década — uma postura que defende que um

homem pode decidir a que leis deve obedecer, que, por uma causa, pode tomar as leis nas próprias mãos, que o crime nem sempre implica castigo. Esta postura tem sido fomentada pelas palavras demagógicas e irresponsáveis dos chamados líderes, tanto no poder como fora dele.»

chega, não consigo continuar. é tão deprimente. é a Figura Paternal com o cinto pronto para uns açoites no rabo. agora, o bondoso governador vai tirar-nos os brinquedos e mandar-nos para a cama sem jantar.

meu deus, *não* fui eu que assassinei o Kennedy, nenhum dos dois. nem o King. nem o Malcom X. nem os outros todos. mas é bastante óbvio que as forças da Esquerda Liberal estão a ser alvejadas uma a uma — por *seja qual for* a razão (um suspeito que já trabalhou numa mercearia biológica e que odiava judeus) — *seja qual for a razão*, as pessoas de esquerda estão a ser assassinadas e mandadas para os cemitérios, enquanto as pessoas de direita nem sequer sujam a bainha das calças com manchas de relva. e o Roosevelt e o Truman não foram também assassinados? Democratas. que estranho.

admito que os assassinos são nojentos, e admito que a Figura Paternal também é nojenta. e os tementes a Deus também me dizem que sou um «pecador» porque nasci ser humano e, há muito tempo, os seres humanos fizeram qualquer coisa a um tal de Jesus Cristo. eu não matei Cristo nem o Kennedy, e o governador Reagan também não matou. nisso, estamos quites, ele não tem *nenhuma* vantagem sobre mim. não vejo motivo para perder quaisquer liberdades judiciais ou espirituais, por mais pequenas que actualmente sejam. quem anda a tentar enganar quem? se um homem morrer na cama enquanto dá uma foda, será que o resto do mundo devia deixar de copular? e lá por um não-cidadão ser louco, será que todos os cidadãos devem ser tratados como loucos? se alguém matou Deus, terei eu vontade de matar Deus? se alguém matou o Kennedy, terei eu vontade de matar o Kennedy? o que é que faz com que o governador, *ele próprio*, esteja tão certo e todos nós tão enganados? os que lhe escrevem os discursos, e nem sequer muito bons.

aparte curioso: por nenhuma razão em especial, andei a passear de carro pela cidade nos dias 6 e 7 de Junho e, nos bairros negros, nove em cada dez carros tinham os faróis acesos em homenagem ao Kennedy; à medida que seguia para norte, a média ia baixando ao longo da Hollywood Boulevard, e na Sunset, entre La Brea e a Normandie, a média era um carro em cada dez. o Kennedy era branco, meus amores. eu sou branco. e ia de faróis apagados. mesmo assim, ao passar entre a Exposition e a Century, vivi umas sensações maravilhosas que me fizeram sentir melhor.

mas, como eu estava a dizer, toda a gente, incluindo o governador, tem boca e quase toda a gente diz o que lhe apetece, reforçando os seus preconceitos, tirando ganhos pessoais da tragédia. aqueles que *têm* querem manter o que têm e vão sempre dizer quão erradas estão *todas* as coisas que possam ameaçar os seus privilégios. eu sou apolítico, mas, com estas lanças que estes reaccionários atiram, fico tão irritado que até sou capaz de entrar no jogo.

até os jornalistas desportivos já entraram no jogo e, como se sabe, os jornalistas desportivos são os piores de todos no que toca a escrever e, sobretudo, no que toca a pensar. nem sei bem o que fazem pior, se escrever ou pensar, mas, seja qual destas duas coisas for, será sempre uma união que gerará apenas monstros bastardos e horrorosos. como devem perceber, a pior forma de humor é a que se serve do exagero extremo. que é também a principal ferramenta daquele tipo de pensamento condescendente com o ego e com as emoções.

um jornalista desportivo do nosso maior jornal, aquele que não está em greve[7], saiu-se com esta, em parte (enquanto o R. Kennedy estava a ser operado):

«O Estado Violento da América: Uma Nação no Bloco Operatório
»... mais uma vez, a maravilhosa América levou um tiro no meio das pernas. O país está no bloco operatório. Os Estados Violentos da América. Uma bala é mais poderosa que um milhão de votos...

»Isto não é uma Democracia, isto é um Manicómio. Um país que se exime de punir os seus criminosos, de disciplinar as suas crianças, de internar os seus loucos...

»o Presidente dos Estados Unidos é escolhido numa loja de ferragens, num catálogo de vendas pelo correio...

»A Liberdade está a ser alvejada a tiro. O 'direito' de matar é o direito mais importante neste país. A Preguiça é uma virtude. o Patriotismo é um pecado. O Conservadorismo é um anacronismo. Deus tem mais de trinta anos. Ser jovem é a única religião — como se fosse uma virtude arduamente conquistada. 'Decência' é lixo, uma piada em forma de palavra. 'Amor' é uma coisa que se cura com penicilina. 'Amor' é oferecer uma flor a um rapaz com piolhos no cabelo, enquanto a vossa mãe fica sozinha em casa, destróçada. Amam-se desconhecidos, mas não os pais.

»Gosto de pessoas com cortinas nas janelas, não de pessoas com 'persianas' na janela. A próxima pessoa que chamar 'massa' ao dinheiro devia receber o ordenado todo em trigo. Estou farto que me digam que eu devia tentar 'compreender' o mal. Será que é suposto um canário 'compreender' o gato?

»A Constituição não foi criada para proteger a decadência. Começa-se por queimar a bandeira e acaba-se a incendiar Detroit. Acabamos com a pena de morte para toda a gente, menos para candidatos à Presidência — e presidentes...

»... Os Homens de Deus são substituídos por Homens da Máfia. O Hino Nacional é um grito na noite. Os Americanos não podem andar nos seus próprios jardins públicos, entrar nos seus próprios autocarros. Têm de viver dentro de jaulas.

»'Põe-te de pé, América!', gritam as pessoas, mas ninguém as ouve. 'Mostra os dentes', dizem elas. Ameaçam contra-atacar. O leão mostra os dentes e os chacais fogem a correr. Um animal covarde está mesmo a pedir para ser atacado. Mas a América continua sem ouvir.

»... estudantes neuróticos com os pés em cima de secretárias que não seriam capazes de construir, a destruir universidades que não seriam capazes de reconstruir.

»... começa tudo assim, com a deificação dos marginais, dos inúteis, dos covardes — convidados insolentes à mesa generosa da democracia, virando-a para cima dos seus horrorizados anfitriões. ♦

»... Deus queira que consigam salvar o Bobby Kennedy. Quem é que vai salvar a América?

querem este tipo por aí? foi o que eu achei. é demasiado fácil. uma prosa de estudante de liceu pintada, por uma questão de sobrevivência, de opinião actual. conduz um camião do lixo? não se sintam mal. existem trabalhos melhores, feitos de maneira pior.

internem os loucos. mas que é louco? todos nós fazemos as nossas pequenas jogadas, dependendo da posição dos peões, dos cavalos, das torres, do rei, da rainha, ah, que se lixe, já começo a soar como *e/e*.

E, agora, vamos ter os psiquiatras, os pensadores, os comentadores, as comissões especiais nomeadas pela presidência, para tentar perceber o que é que se passa connosco. quem é que é louco, quem é que está satisfeito, quem é que está triste, quem é que tem razão, quem é que está errado. internem os loucos, quando cinquenta e nove em cada sessenta homens com quem nos cruzamos na rua está completamente passado com neuroses industriais, com as mulheres e as suas dificuldades, e sem tempo para relaxar e perceber onde estão e porquê, e quando o dinheiro, que, durante tanto tempo, os deixou motivados e cegos, quando isso já não for suficiente, então, o que é que vamos *fazer*? por favor, há muito tempo que os assassinos estão entre nós. só que não são espalhafatosos, são apenas homens com cara como serradura e olhos como nódoas, e há tantos homens assim por aí, e mulheres também. milhões.

e em breve teremos os relatórios especializados dos psiquiatras, que, tal como os relatórios especializados sobre a fome, que nos explicaram que havia pessoas a passar fome lá em baixo, nos dirão que há pessoas a passar fome lá em cima; e, depois, será tudo esquecido até ao próximo assassinatozinho chocantezinho, ou pegarem fogo a uma cidade, e depois, reúnem-se outra vez e repetem as suas aborrecidas e previstas palavras, esfregam as mãos e desaparecem, quais cagalhões numa retrete. dá mesmo ideia que nem querem saber, desde que o equilíbrio seja mantido. e esses psiquiatrazinhos, a acenar com os seus truques de cartas, enganando-nos com as suas palavras, a dizerem que estamos

todos assim porque as nossas mães tinham os pés tortos e os nossos pais eram uns bêbedos e uma galinha nos cagou para dentro da boca quando tínhamos três anos e que é por isso que somos homossexuais ou trabalhamos numa fábrica a carregar no botão de uma máquina. tudo, menos a verdade: que algumas pessoas se sentem mal simplesmente porque a vida é má para elas tal como está e podia muito facilmente ser melhorada. mas, não, os psiquiatras com as suas inutilidades mecânicas, que um dia se provará serem completamente falsas, continuarão a dizer-nos que somos todos loucos, e serão pagos a peso de ouro para o dizer. nós é que não estamos a perceber. lembrem-se de algumas destas músicas?

que sortudo, que sortudo que eu sou
vivo uma vida de luxo
porque tenho os bolsos cheios de
sonhos...

este é o meu universo
mesmo de carteira vazia
porque tenho os bolsos cheios de
sonhos...

ou:

já não temos dinheiro no banco
nem pessoas a quem agradecer
o que fazer
oh, mas o que fazer:
vamos apagar as luzes e
ir para a cama

aquilo que eles *não* nos dizem é que os nossos loucos, os nossos assassinos surgem *mesmo* por causa do nosso estilo de vida actual, do nosso bom e velho estilo de vida e de morte americano. meu deus, é um milagre que não estejamos todos a rebentar *para fora*! e, uma vez que temos estado a ser bastante lúgubres, vamos acabar numa nota luminosa e fantástica, uma vez que falamos de loucura.

certa vez, estava eu em Santa Fé a conversar, não, a beber com um amigo que era psiquiatra de algum renome e, no meio da nossa bebedeira, perguntei-lhe:

—Jean, diz-me, eu sou louco? vá, podes dizer à vontade. eu aguento.

ele terminou a bebida, pousou-a na mesa e respondeu-me:

—primeiro, tens de me pagar.

e foi quando percebi que pelo menos um de nós era louco. o governador Reagan e os jornalistas desportivos de Los Angeles não estavam lá. e o segundo Kennedy ainda não tinha sido assassinado. mas tive uma sensação estranha, ali naquela sala com ele, de que as coisas não estavam bem, não estavam mesmo nada bem, e nem estariam, não estariam por mais dois mil anos, pelo menos.

e, portanto, meu amigo do camuflado da tropa, escreve tu...

—acabou — disse ele —, os mortos ganharam.

—os mortos ganharam, ganharam, ganharam — disse o Moss.

—quem é que ganhou o jogo? — perguntou o Anderson ao Moss.

—não sei.

o Moss foi à janela. viu um homem americano a passar. gritou-lhe:

—pá, quem é que ganhou o jogo?

—os Pirates, por 3 a 2 — respondeu o homem americano.

—ouviste, não ouviste? — perguntou o Moss ao Anderson.

—sim. os Pirates por 3 a 2.

—quem será que ganhou a nona corrida?

—isso eu sei — respondeu o Moss. — o *Spaceman II*. 7 para 1.

—quem era o cavaleiro?

—o Garza.

sentaram-se à roda da cerveja. ainda não estavam completamente bêbedos.

—os mortos ganharam — disse o Anderson.

—olha que novidade — respondeu o Moss.

—bom, tenho de arranjar rata depressa, senão fico maluco.

—sai sempre muito caro. esquece.

—eu sei. mas não consigo pensar noutra coisa. começo a ter uns sonhos marados. vou ao cu a galinhas.

—galinhas? e isso resulta?

—nos sonhos, sim.

foram dando uns golos na cerveja. eram dois velhos amigos nos seus trinta e tal anos, com empregos aborrecidos. o Anderson tinha-se casado uma vez, e divorciado uma vez. tinha dois filhos algures. o Moss tinha-se casado duas vezes, e divorciado duas vezes. tinha um filho algures. era sábado à noite e estávamos no apartamento do Moss.

o Anderson atirou ao ar uma garrafa de cerveja vazia que desenhou um arco grandioso. aterrou em cima das outras, num caixote do lixo enorme.

—sabes — disse ele —, há homens que simplesmente não têm jeito com as mulheres. eu nunca fui bom com mulheres. parece-me sempre tudo uma chatice enorme, e quando acaba, fica aquela sensação que nos lixaram.

—isso é uma piada?

—sabes o que quero dizer: enganados, roubados. as cuecas ali espalhadas no chão com uma leve nódoa de merda, e ela a arrastar-se para a casa de banho, vitoriosa. nós ficamos deitados na cama, a olhar para o tecto, com a pila mole, a pensar que sentido faz aquilo tudo, saber que vamos ter de ouvir umas conversas de merda durante o resto da noite... e eu também tenho uma filha. ouve, achas que sou vitoriano, ou maricas, ou assim?

—não, pá. eu percebo o que queres dizer. sabes, isso faz-me lembrar de uma vez em que estava em casa de uma tipa, não a conhecia muito bem, um amigo tinha-me mais ou menos mandado lá. apareci com umas cervejas e dei-lhe dez dólares. não foi mau, e achei que não tinha havido nada de intimidade espiritual, nada dessas coisas da alma. voltei-me para o outro lado a sentir-me bastante livre, a olhar para o tecto, à espera que ela fizesse a voltinha da casa de banho. ela tirou um pano debaixo do colchão e deu-mo para eu me limpar. partiu-me o coração. o pano estava quase rijo como uma tábua. mas eu portei-me como um profissional. lá descobri uma parte mais mole e limpei-me. foi preciso procurar um bocado para encontrar uma parte mole. e depois, *e/a* também usou o pano. saí de lá a correr. e se quiseres dizer que eu sou vitoriano, ok, sou vitoriano.

ficaram os dois em silêncio durante algum tempo, a beber a cerveja.

—mas não vamos ser estúpidos — disse o Moss.

—hã? — perguntou o Anderson.

—também *há* mulheres boas.

—heim?

—sim, quero dizer, quando corre tudo bem. tive uma namorada uma vez, meu deus, era o paraíso. e nada de exigências de coisas espirituais, nem nada disso.

—e o que é que aconteceu?

—morreu nova.

—que merda.

—que merda, sim. quase bebi até morrer.

deram mais uns golos na cerveja.

—como? — perguntou o Anderson.

—como o quê?

—como é que concordamos em quase todas as coisas?

—é por isso que somos amigos, acho eu. a amizade é isso: partilhar os preconceitos que tiramos das nossas experiências.

—Moss e Anderson. uma dupla. devíamos estar na Broadway.

—os lugares iam estar todos vazios.

—pois é.

(silêncio, silêncio, silêncio) e depois:

—a cerveja está cada vez mais morta. parece que a fazem sempre pior.

—mesmo. o Garza. nunca consegui ganhar com o Garza.

—a percentagem dele não é muito alta.

—mas agora, que o Gonzales já não está doente, pode ser que consiga cavalos melhores.

—o Gonzales. não tem tamanho nem força suficiente. os cavalos dele desviam-se sempre nas curvas.

—ganha mais dinheiro que nós.

—também não admira.

—pois não.

o Moss atirou a sua cerveja para o caixote do lixo. falhou.

—nunca fui bom atleta — disse ele — na escola escolhiam-me sempre no fim quando era para formar equipas. depois de mim, só mesmo o atrasado mental. o Winchell, era como ele se chamava.

—o que é que aconteceu ao Winchell?

—é presidente de uma metalúrgica.

—meu deus.

—queres ouvir o resto?

—porque não?

—o herói. o Harry Jenkins. está na Prisão de San Quentin.

—meu deus. mas quem é que está na cadeia, afinal? os homens que deviam estar ou os que não deviam estar?

—ambos: os que deviam e os que não deviam.

— tu já estiveste preso. como é que foi?

—é a mesma coisa.

— como assim?

—quero dizer, é uma sociedade do mundo noutra ambiente. eles organizam-se de acordo com o tipo de actividade. os burlões não se misturam com os ladrões de carros. os ladrões de carros não se dão com os violadores. os violadores não se dão com os exibicionistas. cada gajo é classificado segundo aquilo que foi apanhado a fazer. por exemplo, um tipo que faça filmes pornográficos está bastante acima na cadeia e um tipo que tenha abusado de uma criança está bastante abaixo.

—e como é que são classificados?

—é sempre o mesmo: por aquilo por que foram apanhados.

—está bem. e qual é a diferença entre um tipo que está preso e um tipo qualquer que passa aí na rua?

—o tipo que está preso é um falhado que *tentou*.

—ganhaste. mas continuo a precisar de rata.

o Moss foi ao frigorífico e trouxe mais cervejas. sentou-se e abriu duas.

—rata — disse ele. — falamos como miúdos de quinze anos. já não aguento mais. não consigo passar por todas as chatices, ser simpático. há homens que têm um dom natural para isso. por exemplo, o Jimmy Davenport. que grande cabrão vaidoso que ele era. mas as mulheres adoravam-no. um verdadeiro monstro como pessoa. depois de as foder, costumava abrir o frigorífico e mijar para dentro das taças de salada e dos pacotes de leite, onde quer que conseguisse. achava que tinha muita graça. e então, elas apareciam e sentavam-se com ele, com os olhos a transbordar de amor por aquele tipo. uma vez, levou-me a casa de uma das namoradas, só para me mostrar como é que fazia, e às vezes também me orientava uns arranjinhos, por isso é que eu estava lá e vi. mas dá ideia que as mulheres mais bonitas se apaixonam sempre pelos maiores cabrões, os mentirosos mais óbvios. ou será que tenho é inveja, uma visão distorcida?

—tens razão. as mulheres gostam dos mentirosos porque eles sabem mentir bem.

—bom, e partindo do princípio que isso é verdade, que as mulheres procriam com os homens mentirosos, será que isso não destrói uma das leis da Natureza? a que diz que os mais fortes acasalam com os mais fortes? com que tipo de sociedade é que ficamos?

—as leis da sociedade e as leis da natureza são diferentes. nós temos uma sociedade antinatural. é por isso que estamos todos à beira de ser atirados para o Inferno. as mulheres sabem, intuitivamente, que os mentirosos é que sobrevivem nesta sociedade, e é por isso que os escolhem. só estão interessadas em ter filhos e conseguir educá-los.

—estás dizer que foram as mulheres que nos trouxeram para a beira do inferno em que estamos hoje?

—a palavra para isso é «misoginia».

—e o Jimmy Davenport é o Rei.

—o Rei dos Mijões. as gajas traíram-nos e deixaram os seus óvulos atómicos espalhados por todo o lado à nossa volta...

—podes chamar-lhe «misoginia».

o Moss ergueu a garrafa.

—ao Jimmy Davenport!

o Anderson ergueu também a sua.

—ao Jimmy Davenport!

esvaziaram as garrafas.

o Moss abriu mais duas.

—dois homens crescidos a atirarem as culpas para as mulheres.

—somos mesmo dois merdas — disse o Anderson.

—pois somos.

—ouve, tens mesmo a certeza de que não conheces umas gajas por aí?

—talvez.

—porque é que não tentas?

—és um idiota — disse-lhe o Moss.

depois, levantou-se e foi ao telefone. marcou um número.

ficou à espera.

—Shareen? — perguntou — ah, sim, Shareen... fala o Lou. o Lou Moss... lembraste? aquela festa na Katella Avenue. em casa do Lou Brinson... uma noite do caraças. sim, eu sei que fui uma *besta*, mas nós chegámos a ir para a cama, lembraste? sempre gostei de ti, é a cara, acho que é a cara, é tão clássica. não. só umas cervejas. como é que está a Mary Lou? gosto muito da Mary Lou. tenho um amigo que... o quê? é professor de Filosofia em Harvard. não estou a brincar. mas é um tipo normal. eu *sei* que Harvard é uma Faculdade de Direito! mas, mesmo assim, tem uma data de Imanuéis Kants por lá. o quê? um *Chevy* de 65. acabei agora de o pagar. quando? ainda tens aquele vestido verde com o cinto descaído até ao rabo? não estou *nada* a gozar. muito sensual. e linda. estou sempre a sonhar contigo e com galinhas. o quê? era uma piada. e a Mary Lou? ok. está bem. mas diz-lhe que este meu amigo é muito respeitador. inteligente. tímido. é isso tudo... ah, é meu primo afastado. de Maryland. o quê? claro, eu venho de uma família muito *poderosa*! ah, a sério? agora és *tu* que estás a brincar. bom, mas ele veio de visita, e está solteiro. não, *claro* que não é casado! porque é que haveria de mentir? não, estou sempre a pensar em ti... e nesse cinto descaído... eu sei que isto vai parecer piroso, mas... tem classe. tu tens imensa classe. claro, rádio e aquecimento. a Strip? agora aquilo é só miúdos. porque é que não apareço aí em casa com uma garrafa?... ok, desculpa. não, não estou a querer *dizer* que és velha. meu deus, já sabes como é que eu sou, só digo disparates. não, eu ia ligar, mas estive fora. que idade é que ele tem? 32, mas parece mais novo. acho que tem uma espécie de bolsa, vai para a Europa daqui a pouco tempo. dar aulas em Heidelberg. não, não estou a mentir. a que horas? ok, Shareen. até já, querida.

o Moss desliga o telefone. pega na cerveja.

— temos mais uma hora de liberdade, professor.

—uma hora? — pergunta o Anderson.

—uma hora. elas ainda têm de pintar a rata, e essas coisas. já sabes como é que funciona.

—ao Jimmy Davenport! — disse o professor de Harvard.

—ao Jimmy Davenport! — respondeu o operário fabril.

e acabaram as cervejas.

o telefone tocou.

ele estava sentado no tapete. puxou o telefone para o chão, pelo fio. depois, pegou no auscultador. ouviu-se um barulho.

—estou? — disse ele.

—McCuller!

—sim?

—já faz três dias.

—desde o quê?

—desde que vieste trabalhar.

—estou a construir uma garrafa de Leiden.

—o que é isso?

—é um aparelho para armazenar electricidade estática, inventado por Cuneus de Leiden em 1746.

desligou o telefone e depois atirou-o para o outro lado da sala. o auscultador caiu. acabou a cerveja e foi cagar. apertou as calças e foi à outra sala.

—DA DA! — começou a cantar.

DA DA

DA DA

DA DA DA DA!

gostava do Herb A's T. Brass[8]. meu deus, que melancolia amarga.

—RA DA

RA DA

RA DA DA DA

quando se sentou, no meio do tapete, apareceu a sua filha de três anos e meio. e ele peidou-se.

—Eh, deste um pum! — disse ela.

—DEI UM PUM! — respondeu.

riram-se os dois.

—Fred — disse ela.

—sim?

—tenho uma coisa para te dizer.

—chuta.

—tiraram muita merda do rabo da mãe.

—ai foi?

—sim, umas pessoas meteram-lhe os dedos no rabo e tiraram merda lá de dentro.

—porque é que estás a dizer essas coisas? sabes muito bem que isso não aconteceu.

—aconteceu sim, aconteceu *sim!* eu *vi!*

—vai-me buscar uma cerveja.

—está bem.

correu à outra sala.

—RA DA

cantou ele.

—RA DA

RA DA

RA DA DA DA!

a filha voltou com a cerveja.

—querida — disse ele —, tenho uma coisa para te dizer.

—está bem.

—a dor agora já é quase completamente *total*. quando ficar mesmo total, já não vou aguentar mais.

—porque é que não ficas azul como eu? — perguntou ela.

—eu já estou azul.

—porque é que não ficas azul como eu e as flores?

—vou tentar — respondeu.

—vamos dançar o «Man of La Mancha» — pediu ela.

ele pôs o «Man of La Mancha» a tocar. dançaram, ele com o seu metro e oitenta e ela com um terço ou um quarto desse tamanho. dançaram separados com movimentos diferentes e estavam muito sérios, ainda que, às vezes, se rissem ao mesmo tempo.

o disco acabou.

—o Marty deu-me uma chapada — diz ela.

—o quê?

—sim, o Marty e a mamã estavam abraçados e aos beijinhos na cozinha e eu tinha sede e pedi um copo de água ao Marty e o Marty não me queria dar e eu gritei e o Marty deu-me uma chapada.

—vai-me buscar uma cerveja!

—uma cerveja! uma cerveja!

ele levantou-se, pegou no telefone e voltou a pô-lo no lugar. assim que o pousou, começou a tocar.

—Senhor McCuller?

—sim?

—o seu seguro automóvel expirou. o seu novo prémio é de 248 dólares por ano, e tem de pagar adiantado. teve três contra-ordenações de trânsito. Consideramos cada contra-ordenação como um acidente...

—que palhaçada!

—desculpe?

—um acidente custa-vos dinheiro, uma dita contra-ordenação custa-me dinheiro a mim. e os tipos da polícia, nas suas motas, que nos protegem de nós mesmos, têm de cumprir uma quota de dezasseis a trinta multas por dia, para conseguirem comprar as suas casas, os seus carros, as roupas e as porcarias para as suas mulheres de classe média-baixa. não me venham com merdas. deixei de guiar. atirei o meu carro pelo cais abaixo ontem à noite. só me arrependo de uma coisa.

—de quê?

—de não estar dentro do carro quando ele se afundou.

McCuller desligou e pegou na cerveja que a filha tinha ido buscar.

—senhorita — disse ele —, que pelo menos alguns dos teus dias sejam mais fáceis que os meus.

—amo-te, Freddie — respondeu ela.

aproximou-se e abraçou-lhe o corpo, mas os braços não conseguiam dar a volta toda.

—eu aperto-te! eu amo-te! eu aperto-te!

—também te amo, senhorita!

apertou-a também. ela sorriu e sorriu e, se fosse um gato, teria começado a ronronar.

—este mundo é mesmo estranho — disse ele. — temos tudo mas não pode ser nosso.

deixaram-se cair para o chão e começaram um jogo chamado «CONSTRÓI UMA CIDADE». houve uma certa discussão acerca de onde deveriam ficar as linhas do comboio e quem é que tinha direito a usá-las.

então, a campainha tocou. ele pôs-se de pé e abriu a porta. a filha viu-os.

—Mamã! Marty!

—pega nas tuas coisas, querida, está na hora de irmos embora!

—quero ficar com o Freddie!

—já te disse para ires buscar as tuas coisas!

—mas eu quero ficar com o Freddie!

—não vou dizer mais nenhuma vez! vais buscar as tuas coisas ou levas uma palmada no rabo!

—Freddie, diz-lhes *tu* que eu quero ficar!

—ela quer ficar.

—estás bêbedo outra vez, Freddie. eu avisei-te que não te queria bêbedo ao pé da miúda!

—bom, tu *também* estás bêbeda!

—não lhe chames bêbeda, Freddie — disse o Marty, acendendo um cigarro. — seja como for, não gosto de ti. sempre achei que eras meio maricas.

—obrigado por me dizeres o que é que achas de mim.

—não lhe chames bêbeda, é só isso, ou então, dou-te uma tarefa...

—espera só um instante. tenho uma coisa para te mostrar.

Freddie foi à cozinha. quando voltou, vinha a cantar:

—RA DA

RA DA

RA DA DA DA!

Marty viu a faca.

—que pensas que vais fazer com essa *coisa*? eu enfio-te isso no cu!

—acredito, mas queria contar-te uma coisa. a senhora do escritório da companhia dos telefones disse-me que o meu serviço ia ser desligado porque havia contas atrasadas que não tinham sido pagas. eu mandei-a foder e ela desligou-me o telefone na cara.

—e então?

— quero dizer que *eu* também me posso desligar.

Freddie foi muito rápido. a rapidez era uma forma de magia. a faca espetou-se umas quatro ou cinco vezes na garganta de Marty antes que ele caísse para trás, para baixo, a meio dos degraus...

—meu deus... não me mates, por favor não me mates.

Freddie voltou para a sala, atirou a faca para a lareira e sentou-se outra vez no tapete. a filha sentou-se ao seu lado:

—agora já podemos acabar a nossa brincadeira.

—claro.

—os carros não podem andar na linha do comboio.

—claro que não. a polícia prendia-nos.

—e nós não queremos ser presos pela polícia, pois não?

—pois não.

—o Marty está cheio de sangue, não está?

—está mesmo.

—é disso que ele é feito?

—quase tudo.

—quase tudo o quê?

—quase tudo sangue, e ossos, e dor.

ficaram ali sentados, a brincar ao Constrói Uma Cidade. ouviam-se as sirenes. uma ambulância, tarde demais. três carros da polícia. passou um gato branco, olhou para Marty, levantou o focinho, fugiu a correr. uma formiga começou a escalar a sola do seu sapato esquerdo.

—Freddie.

—o que foi?

—tenho uma coisa para te contar.

—chuta.

—umas pessoas puseram as mãos no rabo da mamã e tiraram merda lá de dentro, com os dedos...

—ok. eu acredito em ti.

—onde está a mamã?

—não sei.

a mamã andava a correr na rua, para cima e para baixo, a contar a todos os vendedores de jornais e moços de recados das mercearias e empregados dos bares e atrasados mentais e sádicos e motoqueiros e comedores de sal e ex-marinheiros e marginais e prostitutas e leitores das crónicas do Matt Weinstock e por aí fora, e o céu estava azul e o pão estava embrulhado em plástico, e, pela primeira vez em anos, os seus olhos estavam vivos e belos. mas a verdadeira morte era o aborrecimento, a verdadeira morte era o aborrecimento, e nunca os tigres e as formigas saberiam bem como e os pêssegos haveriam um dia de gritar.

todos os rios vão subir, e mesmo assim é apertado, os professores batem-vos com réguas e as minhocas comem o milho; estão a pôr armas em tripés e as barrigas são brancas e as barrigas são pretas e as barrigas são barrigas. homens são espancados pelo simples acto de *espancar*; os tribunais são lugares onde se escreve primeiro o final e todos os procedimentos são apenas um espectáculo de *vaudeville*. homens são levados para salas de interrogatório e saem de lá meios-homens ou não-homens, sequer. alguns homens têm esperança na revolução mas, quando se revoltam e instalam um novo governo, descobrem que o novo governo continua a ser o mesmo Pai, só que agora usa uma máscara de papelão. aqueles rapazes de Chicago[9] fizeram um grande disparate ao bater na cabeça dos grandes tipos da imprensa — essa pancada *talvez* os faça começar a pensar, e os grandes órgãos de comunicação social (tirando o *New York Times* de há uns anos e algumas edições do *The Christian Science Monitor*) pararam de pensar desde a declaração da Primeira Guerra Mundial. podem rebentar o *OPEN CITY* por publicar uma porção normal do corpo humano, mas quando se dá um pontapé no cu do editor de um jornal com uma circulação de milhões, é melhor ter cuidado, porque ele pode muito bem começar a escrever a verdade sobre Chicago e todos os outros lugares, e que se lixem os anunciantes. e pode ser que só consiga escrever um único artigo, mas esse único artigo pode pôr milhões de leitores a pensar — para variar — e ninguém sabe o que poderá então acontecer. mas a fechadura está bem trancada: quando nos dão a escolher entre o Nixon e o Humphrey é como se nos dessem a escolher entre comer merda quente e comer merda fria.

não se vêem mudanças em lado nenhum. aquela coisa em Praga fez esmorecer uma data de rapazes que se esqueceram da Hungria. passeiam pelos jardins com a imagem do Che, com retratos do Fidel pendurados ao pescoço, a cantar OOOOOOOOMMMMM OOOOOOOMMM, com o William Burroughs, o Jean Genet e o Allen Ginsberg a guiá-

los à frente. esses escritores já foram, tornaram-se moles, loucos, merda, femininos — não maricas, mas femininos — e, se eu fosse polícia, teria vontade de lhes bater eu mesmo com um cassete naqueles cérebros inúteis. se quiserem, enforquem-me. o escritor das ruas está a ver a sua alma ser sugada por idiotas. há um único lugar para escrever, e esse lugar é SOZINHO à frente da máquina de escrever. um escritor que tem de ir às ruas é um escritor que não conhece a rua. já vi suficientes fábricas, casas de putas, prisões, bares, pregadores de rua que cheguem para 100 homens viverem 100 vidas. ir para as ruas quando se tem um NOME é seguir um caminho fácil — mataram o Thomas e o Behan com o seu AMOR, o seu uísque, a sua idolatria, a sua cona, e quase assassinaram mais uma meia centena deles. QUANDO SE ABANDONA A MÁQUINA DE ESCREVER, ABANDONA-SE A METRALHADORA E AS RATAZANAS APARECEM DE TODOS OS LADOS. quando Camus começou a dar conferências em universidades, a sua escrita morreu. Camus não começou como conferencista, começou como escritor; não foi um desastre de carro que o matou.

quando algum dos meus poucos amigos me pergunta «porque é que não fazes leituras de poesia, Bukowski?», não conseguem perceber porque é que eu respondo «não».

e assim temos Chicago e assim temos Praga e está tudo igual ao que sempre foi. o rapazinho vai levar uns açoites no rabo e quando (e se) o rapazinho for grande, há-de ser ele a dar uns açoites a alguém. preferia o Cleaver[10] como presidente ao Nixon, o que não é dizer grande coisa. o que esses revolucionários de merda que vêm cá a casa beber da minha cerveja e comer da minha comida e exibirem as suas mulheres têm de aprender é que a coisa tem de vir de dentro. não se pode dar a alguém um governo novo como se fosse um chapéu novo e esperar que nasça um homem novo debaixo do chapéu. vai continuar a ter as suas inclinações de merda e a barriga cheia e não é um punhado de Dizzy Gillespie[11] que vai mudar isso. há quem jure que vai haver uma revolução, mas custar-me-ia ver essa gente toda ser morta para nada. quer dizer, pode matar-se a maior parte das pessoas e, ainda assim, não se matar nada, mas pode acontecer que uns quantos homens bons sejam

apanhados no meio. e então, é com isto que ficamos: um governo ACIMA das pessoas. um novo ditador em pele de cordeiro; a ideologia só serviu para pôr as armas a mexer.

uma noite destas, um miúdo disse-me (estava sentado no meio do tapete, com um ar muito espiritual e belo):

—vou fechar os esgotos todos. a cidade há-de ficar inundada de cagalhões!

a verdade é que o miúdo já me tinha dito merda suficiente para enterrar a cidade inteira de Los Angeles até Pasadena.

e depois perguntou-me:

—tens mais uma cerveja, Bukowski?

a puta dele cruzou as pernas bem alto e mostrou-me o vislumbre de umas cuecas cor-de-rosa, por isso, levantei-me e fui buscar uma cerveja ao miúdo.

as revoluções soam sempre muito românticas, sabem? mas não são. são sangue e vísceras e loucura; são crianças apanhadas no meio, são crianças que não fazem a mais pequena ideia do que se está a passar. é a vossa puta, a vossa mulher esventrada por uma baioneta e depois violada no cu convosco a ver. são homens a torturar outros homens que costumavam rir com desenhos animados do Rato Mickey. antes de se meterem nisso, pensem onde está o espírito e onde ele estará quando tudo acabar. não concordo com o Dos — no *CRIME E CASTIGO* —, quando ele diz que nenhum homem tem o direito de tirar a vida a outro. mas é melhor pensar um bocadinho primeiro. claro que o mais escandaloso é que eles nos têm tirado a vida sem disparar uma única bala. também eu já trabalhei por um salário ridículo enquanto um gordo qualquer violava virgens de catorze anos em Beverly Hills. já vi homens serem despedidos por demorarem mais cinco minutos do que deviam na retrete. já vi coisas de que nem sequer quero falar. mas, antes de matarem alguma coisa, certifiquem-se de que têm uma coisa melhor para a substituir; algo melhor que discursos de ódio politicamente oportunistas gritados no meio de um jardim público. já que vão pagar tanto, pelo menos assegurem-se de que têm 36 meses de garantia. por enquanto, ainda não vi mais nada senão este anseio emocional e romântico pela Revolução; ainda não vi um

líder consistente, nem nenhuma plataforma realista para EVITAR a traição que sempre, até hoje, se seguiu. se vou matar um homem, não quero vê-lo substituído por uma cópia a papel químico desse mesmo homem e dos mesmos costumes. temos desperdiçado a história como um bando de bêbedos a jogar aos dados na retrete da casa de banho dos homens de um bar. tenho vergonha de pertencer à raça humana, mas não quero agravar ainda mais essa vergonha, quero livrar-me de alguma.

uma coisa é falar de Revolução quando se tem a barriga cheia com a cerveja de outra pessoa e se anda a viajar com uma miúda de dezasseis anos de Grand Rapids, fugida de casa; uma coisa é falar de Revolução enquanto se é guiado por três escritores idiotas de fama internacional que vos fazem dançar ao som do OOOOOOOOOOMMM; outra coisa é torná-la realidade, outra coisa é fazê-la acontecer. Paris, 1870-71, 20 000 pessoas assassinadas nas ruas, as ruas tão encharcadas de sangue como de chuva, e as ratazanas a saírem dos seus buracos para comer os cadáveres, e as pessoas cheias de fome, destruídas, já sem noção de nada, a aparecerem para arrancar as ratazanas dos cadáveres e comerem as ratazanas. e *onde* está Paris esta noite? e o que é Paris esta noite? e o meu amigo quer ainda deitar mais merda por cima disto e sorri. bom, ele tem vinte anos e quase só lê poesia. e a poesia não passa de um trapo da loiça molhado.

e a erva. eles comparam sempre a erva à Revolução. a erva não é assim tão *boa*. por amor de Deus, se legalizassem a erva, metade das pessoas deixava de fumar. a lei seca criou mais bêbedos que o diabo. só queremos fazer aquilo que não podemos fazer. quem é que quer foder com a própria mulher todos os dias? ou mesmo uma vez por semana?

há uma data de coisas que eu gostava de fazer. primeiro, gostava que deixássemos de ter candidatos presidenciais *tão* feios. a seguir, mudava os museus. não há nada mais deprimente nem tão *malcheiroso* quanto um museu. como é que não há uma percentagem maior de raparigas de três anos violadas à entrada de um museu, não faço ideia. primeiro, instalava pelo menos um bar em cada piso; só isso era suficiente para pagar os salários de todos

os funcionários e permitir o restauro e a conservação de alguns dos quadros e do olho do cu do tigre-dentes-de-sabre, que já começa a parecer o buraco de uma mesa de *snooker*. depois, contratava uma banda de *rock*, uma banda de *swing* e uma orquestra sinfónica por cada piso, e mais três ou quatro mulheres com bom ar, só para andarem por lá e terem bom ar. não se aprende nada nem se vê nada a menos que se vibre. a maior parte das pessoas olha para aquele tigre-dentes-de-sabre atrás daquela vitrine e afasta-se devagar, um pouco envergonhada, um pouco entediada.

mas não conseguem imaginar um tipo e a mulher, cada qual com uma cerveja na mão, a olhar para o dentes-de-sabre e a dizer:

—olha-me bem para aquelas *presas*! parece mais ou menos um elefante, não é?

e ela a responder:

—querido, vamos para casa fazer amor!

e ele a dizer:

—o *caraças* é que vamos! não saio daqui até chegar à cave para ver o Spad de 1917. dizem que é o avião em que o Eddie Rickenbacker voou. além disso, ouvi dizer que os Pink Floyd estão lá em baixo.

mas os Revolucionários hão-de queimar os museus. acham que queimar é a resposta para tudo. queimariam a própria avó, se ela não fosse capaz de correr suficientemente depressa. E, depois, hão-de ir à procura de água ou de alguém que saiba fazer uma apendicectomia, ou de alguém que consiga impedir os loucos de lhes cortar o pescoço enquanto dormem. e vão acabar por descobrir quantas ratazanas existem numa cidade, não ratazanas humanas, mas ratazanas ratazanas. e vão descobrir que as ratazanas são sempre as últimas coisas a afogar-se, a arder, a morrer de fome; são as primeiras a conseguir encontrar comida e água porque há séculos que fazem isso sem necessitar de ajuda. as ratazanas são as verdadeiras revolucionárias; as ratazanas são o verdadeiro *underground*, não vos querem para nada que não seja dar-vos umas dentadas, e não estão interessadas no OOOOOOOOOMMM.

não estou a dizer para desistirem. sou a favor do verdadeiro espírito humano, onde quer que ele esteja, onde quer que se

esconda, o que quer que seja. mas tenham cuidado com os cobóis que pintam tudo com cores tão vivas mas que depois vos deixam sozinhos na planície com quatro polícias daqueles bem maus, e mais oito ou nove guardas, e com nada mais que o vosso umbigo como última oração. aqueles que reclamam pelo vosso sacrifício nos jardins públicos são geralmente os que já estão mais longe quando começa o tiroteio. querem sobreviver para escreverem as suas memórias.

dantes, era o engodo da religião. não o engodo das grandes igrejas, isso era uma seca. toda a gente entediada, incluindo o padre. mas aqueles lugares pequenos, pintados de branco. não se calavam. eu costumava entrar lá bêbedo e ficar a ver. especialmente depois de ser expulso de um bar, ou de não me servirem mais. era melhor do que ir para casa bater uma. os melhores engodos religiosos eram em Los Angeles, a seguir em Nova Iorque e depois Filadélfia. aqueles pregadores eram verdadeiros artistas. quase também me faziam rebolar pelo chão. a maior parte deles ainda vinha a curar a ressaca, os olhos raiados de sangue, a precisar de dinheiro para beber, ou até para uma linha de coca, sei lá.

quase me faziam rebolar pelo chão, e já vinha bastante cansado. era melhor que uma queca, mesmo que fosse interrompida a meio. gostava de agradecer a esses queridos, a maior parte deles pretos, desculpem, negros, por algumas noites bem divertidas; acho que, se alguma vez escrevi poesia, é possível que lhes tenha roubado *alguma* a eles.

Mas, agora, tudo isso se está a desvanecer. Afinal, Deus não paga a renda nem faz aparecer aquela garrafa de vinho, por mais que eles gritem ou sujem as últimas roupas limpas naquele chão. Deus disse para ESPERAR e é difícil ESPERAR quando se tem a barriga vazia e a alma a não se sentir lá grande coisa, e se calhar só vamos viver até aos 55, e a última vez que Deus apareceu foi há quase 2000 anos, e na altura limitou-se a fazer uns quantos truques de magia, deixou-se apanhar por uns poucos judeus e estragou tudo. uma pessoa cansa-se de sofrer. até os dentes que tem na boca são capazes de o matar, ou sempre sempre a mesma mulher no mesmo quarto minúsculo.

os charlatões da religião estão a juntar-se aos charlatões revolucionários e, meus irmãos, já não se consegue distinguir um olho do cu de uma rata. percebam isso e já é um bom começo. oiçam com atenção e já é um bom começo. engulam tudo e estão mortos. Deus saiu da árvore, tirou-nos a serpente e a rata apertada do Paraíso e agora temos o Karl Marx a mandar maçãs de ouro da mesma árvore, quase sempre com a cara pintada de preto.

se estamos no meio de uma batalha, e eu acredito que sim, sempre estivemos, e se foi isso que criou os Van Goghs e os Mahlers e os Dizzy Gillespies e os Charlie Parkers, então, por favor, tenham cuidado com os vossos líderes, porque há muita gente no meio de vocês que preferia ser presidente da General Motors a pegar fogo à bomba da Shell ao virar da esquina. mas, uma vez que não podem ter uma coisa, escolhem a outra. são essas as ratazanas humanas centenárias que nos mantiveram sempre onde estamos. isto é o Dubček a regressar da Rússia metade do homem que fora, cheio de medo da morte física. é preciso aprender finalmente que é preferível morrer com os colhões a serem cortados lentamente a viver de qualquer outra maneira. é uma estupidez? não é uma estupidez maior que o maior dos milagres. mas, se forem apanhados na armadilha, percebam sempre que concessões estão a fazer, ou perderão a alma. o Casanova percorria-as com os dedos, punha as mãos por baixo dos vestidos das mulheres enquanto, ao mesmo tempo, homens eram cortados aos bocados no terreiro do rei; mas o Casanova também morreu, um velho com um pau enorme e uma língua comprida e sem um pinga de coragem. é verdade que se pode dizer que teve uma boa vida; mas também é verdade que se pode dizer que eu cuspiria alegremente no túmulo dele. as mulheres, geralmente, escolhem o maior idiota que conseguem encontrar; é por isso que a humanidade está hoje onde está; fomos procriando os espertos e duradouros Casanovas, ocos por dentro, como os coelhinhos da Páscoa de chocolate que impingimos às nossas pobres crianças.

o ninho das Artes, como o ninho dos Revolucionários, está pejado dos tarados imundos mais inimagináveis, a procurar consolo na coca-cola, porque não são capazes nem de arranjar trabalho a lavar

pratos, nem de pintar como Cézanne. se o molde não vos quer, a única coisa a fazer é rezar ou trabalhar para um novo molde. e quando percebem que o novo molde também não vos quer, porque não arranjar outro? fica toda a gente contente à sua maneira.

mas sim, com a minha idade, estou particularmente satisfeito em viver nesta época. O HOMEM CANSOU-SE SIMPLEMENTE DE ATURAR TANTA MERDA. acontece um pouco por todo o lado. em Praga. em Watts^[12]. na Hungria. no Vietname. não é o governo. é o Homem contra o governo. é o Homem que já não se deixa enganar com um Natal cheio de neve e a voz do Bing Crosby e os ovos da Páscoa pintados que se escondem às crianças, que são obrigadas a TRABALHAR PARA OS ENCONTRAR. de futuros presidentes da América cujas caras na televisão vos farão correr para a casa de banho para vomitar.

gosto destes tempos. gosto desta sensação. os mais novos começaram finalmente a pensar. e os jovens são cada vez mais e mais. mas, de cada vez que encontram um líder para aquilo que sentem, esse líder é assassinado. os velhos e os entranhados assustam-se. sabem que a revolução pode chegar pelas urnas de voto, à boa maneira americana. somos capazes de os matar sem disparar uma única bala. somos capazes de os matar sendo simplesmente mais reais e mais humanos e expulsando esses merdas com o nosso voto. mas eles são espertos. o que é que nos oferecem? o Humphrey ou o Nixon. como já disse, merda fria ou merda quente, é tudo merda.

a única coisa que me impediu de ser assassinado é que sou uma merda sem importância, não tenho nada a ver com política, apenas observo. não tenho lados, para além do lado do espírito humano, o que, na verdade, soa bastante vazio, como um vendedor de banha da cobra, mas que quer dizer, sobretudo, o *meu* espírito, que é o mesmo que o vosso espírito, uma vez que, se não estou verdadeiramente vivo, como é que consigo ver-vos?

gostava de ver um bom par de sapatos nos pés de cada homem que anda pelas ruas, e de ver cada qual com uma mulher de jeito e de barriga cheia. meu deus, a última vez que comi uma gaja foi em 1966 e, desde então, só bato punhetas. e não há punheta que se compare ao buraco mágico.

os tempos não estão fáceis, meus irmãos, e nem sei bem que vos dizer. sou branco, mas tenho de concordar — não confio muito nessa história da cor — é uma coisa mole e eu não gosto de coisas moles, mas também já vi muitos de vocês, meus rapazes negros, capazes de me fazer vomitar de Venice West até Miami Beach. a Alma não tem pele; a alma só tem entranhas que querem CANTAR, por fim, não a conseguem ouvir, irmãos? baixinho, não a conseguem ouvir, irmãos? uma tipa bem boa e um *Cadillac* novo não vão resolver nada. o fumo da erva há-de entrar-vos para um olho e o Nixon há-de ser o vosso próximo presidente. Cristo escapou da cruz e agora estamos pregados a essa merda, pretos e brancos, brancos e pretos, completamente presos.

a nossa escolha quase não é uma escolha. se nos mexermos demasiado depressa, estamos mortos. se não nos mexermos suficientemente depressa, estamos mortos. este jogo não é o nosso. como é que conseguimos cagar com a rolha do Cristianismo de 2000 metros enfiada no rabo?

para aprenderem alguma coisa, não leiam Marx. é uma grande bosta. cultivem antes o espírito, por favor. Marx é só os tanques a avançar sobre Praga. não se deixem apanhar dessa maneira. primeiro que tudo, leiam Céline. o melhor escritor destes últimos 2000 anos. E, claro, *O ESTRANGEIRO* de Camus também tem de ter lugar. *CRIME E CASTIGO*. *OS IRMÃOS*. o Kafka todo. a obra completa de John Fante, esse escritor tão desconhecido. os contos de Turgenev. evitem Faulkner, Shakespeare e, especialmente, George Bernard Shaw, a mais exagerada fantasia de todos os tempos, uma verdadeira merda, com ligações políticas e literárias inacreditáveis. o único escritor mais novo de que me consigo lembrar que teve o caminho completamente aberto à sua frente e estava sempre pronto para uma boa engraxadela caso fosse preciso era o Hemingway, mas a diferença entre o Hemingway e o Shaw é que o Hem escreveu algumas coisas boas no início e o Shaw só escreveu merdas impertinentes e chatas do princípio ao fim.

e aqui estamos nós a misturar Revolução e Literatura e elas ajustam-se. de alguma maneira, tudo se ajusta, mas estou cansado e espero por amanhã.

virá o Homem bater-me à porta?
o que é que isso importa?
espero que isto vos tenha feito entornar o chá.

é assim que acaba? a Morte espalhada por Todo o Lado? que banal. que plágio. que brutal — um hambúrguer cru esquecido no fogão, a cheirar mal.

vomitou para cima do peito, demasiado maldisposto para mexer o corpo.

nunca misturar comprimidos com uísque. bolas, eles não estavam mesmo a brincar.

sentia a sua alma a flutuar, a sair de baixo do corpo. sentia-a presa de pernas para o ar, como um gato, com os pés agarrados ao colchão.

volta aqui, filha da puta!, disse ele à sua alma.

a alma riu-se, trataste-me mal durante demasiado tempo, meu querido. vais ter aquilo que precisas.

eram umas três da manhã.

para ele, não era morrer que importava. para ele, eram as partes soltas e por resolver que ficavam para trás — uma filha de quatro anos num acampamento qualquer de *hippies* no Arizona; meias e cuecas espalhadas pelo chão; o lava-loiça cheio; um carro por pagar, contas do gás, contas da luz, contas de telefone; e partes de si deixadas em quase todos os estados da União, partes de si deixadas nas ratas por lavar de meia centena de putas; partes de si deixadas em mastros de bandeiras, em escadas de incêndio, em parques de estacionamento vazios, nas aulas de catequese da Igreja Católica, em celas de prisão, em barcos; partes de si deixadas em pensos rápidos e por canos abaixo; partes de si deixadas em despertadores atirados para o lado, em sapatos atirados para o lado, em mulheres atiradas para o lado, em amigos atirados para o lado...

era tão triste, tão profundamente triste. e quem seria capaz de afastar essa tristeza tal como ela era? ninguém. é isso. ninguém pode, nem nunca pôde. restava apenas tentar, para ficar ainda mais triste que a tristeza, porque não há volta a dar.

suspirou mais uma vez, depois ficou quieto. conseguia ouvir os grilos. os grilos de Hollywood, os grilos ao longo da Sunset Boulevard. grilos saudáveis: era tudo o que lhe restava.

lixei tudo, meu deus, lixei tudo, pensou ele.

é isso mesmo, irmão, lixaste tudo, respondeu-lhe a alma.

mas quero ver a minha filha outra vez, disse ele à alma.

ver a tua filha outra vez? tu não és um artista! tu não és um **homem!** tu és *fraco!*

sou fraco, respondeu ele à alma, tens razão, sou fraco.

tinha chegado ao fim das curas. a cerveja já não descia. nem sequer a água. não havia comprimidos, não havia coca, não havia haxe, não havia erva, não havia amor, não havia brisa, não havia som — só grilos — não havia esperança — só grilos — não havia sequer um fósforo para pegar fogo à merda da casa.

e então, ficou tudo ainda pior.

começou a tocar a mesma música sem parar dentro da sua cabeça:

«é melhor tratar dos seus negócios, Senhor Homem de Negócios, enquanto pode...»

e era só isto. a mesma música sem parar:

«é melhor tratar dos seus negócios, Senhor Homem de Negócios, enquanto pode...»

«é melhor tratar dos...»

«é melhor...»

«é...»

com forças que foi buscar à loucura do espaço (quem é capaz de afastar a tristeza? ninguém.), esticou-se e acendeu o pequeno candeeiro de cabeceira que, na altura, era apenas uma lâmpada eléctrica à mostra, o abajur há muito que se tinha partido. (quem é capaz de afastar a tristeza?) e pegou num postal que lhe aparecera na caixa do correio uns dias antes, e o postal dizia:

«caro — : brindamos a si encharcados em cerveja alemã e *schnapps*,

em copos às cores, à espera...»

os versos escorregavam para aqueles rabiscos descuidados e mal-educados dos rapazes gordos que têm a sorte de viver nesta

terra sem precisarem de grande inteligência ou coragem.

qualquer coisa acerca de partirem para Inglaterra no dia seguinte. poemas a surgir lentamente. demasiada gordura e poucas epifanias. o mundo demasiado pendurado pela ponta do seu próprio pau.

«consideramo-lo o maior poeta desde Eliot.»

e, depois, a assinatura do professor e a assinatura do seu aluno preferido.

só desde Eliot? que coisa tão pouca. tinha ensinado aqueles cabrões a escrever uma poesia viva e clara, e agora andavam a pavonear-se pela Europa enquanto ele morria sozinho num quarto miserável em Hollywood.

«é melhor tratar dos seus negócios, Senhor Homem de Negócios, enquanto pode...»

atirou o postal para o chão. pouco importava. se ao menos conseguisse sentir pena de si mesmo, mas de uma forma mesmo espectacular, ou um bocadinho de raiva, ou uma merda de um sentimento de vingança, talvez isso o pudesse salvar. mas tinha secado por dentro, estava seco e insignificante, como já vinha estando há muito tempo.

os professores tinham começado a vir bater-lhe à porta há cerca de dois anos, tentando descobrir de onde é que aquilo lhe vinha. e não havia nada para lhes dizer. os professores eram todos iguais — algo bonitos e tranquilos, de uma maneira feminina, pernas compridas e esguias, olhos grandes como janelas, e, por fim, bastante estúpidos, por isso detestava as suas visitas. eram, na verdade, apenas os nobres imbecis de uma estrutura em mudança que, tal como um idiota numa loja de doces, se recusavam a ver as paredes em chamas. os seus doces eram a mente.

—a obsessão com o intelecto, a obsessão com o intelecto, a obsessão...

«é melhor tratar dos seus negócios, Senhor Homem de Negócios, enquanto pode...»

e, meu Deus, como *e/le* era fraco. os seus poemas tão fortes, tinha fingido ser forte toda a vida, mas era um fraco. na verdade, toda a gente era fraca. — a força existia apenas para proteger a fraqueza. que merda de armadilha.

sentiu a necessidade de sair da cama. custou-lhe. foi a suspirar pelo corredor fora. os vômitos vieram com uma pasta verde-amarelada e algum sangue. primeiro calor, depois arrepios; depois arrepios, depois calor. e as pernas como as patas de um elefante. estrondo. estrondo. estrondo. — e olha (pisçou o olho a alguém algures): o gemido terrífico do Olho de Confúcio na sua última bebida.

afastar a tristeza.

foi à sala, a pensar —

tenho sorte em ter uma sala, ainda que arrendada, até mesmo *agora* —

«ei, Senhor Homem de Negócios...»

e tentou sentar-se numa cadeira, falhou, bateu com o cóccix com força no chão, riu-se, e depois olhou para o telefone.

é assim que acaba a vida de um Solitário: morto sozinho. a morrer sozinho.

um Solitário deve preparar-se cedo.

nenhum dos meus poemas me pode ajudar. nenhuma das mulheres com quem já fodi me pode ajudar. e, seguramente, nenhuma das mulheres com quem não fodi me pode ajudar. preciso de alguém que me afaste esta tristeza. preciso de alguém que me diga eu percebo, miúdo, agora aceita e morre.

olhou para o telefone. e pensou e pensou e pensou a quem é que poderia ligar que pudesse afastar de si a tristeza, com palavras simples, e lembrou-se das poucas pessoas que conhecia das biliões que existem — lembrou-se delas uma a uma, as poucas que conhecia, e também sabia que era ainda muito cedo, uma hora muito pouco conveniente para morrer, não fazia sentido, e pensariam simplesmente que ele estava a brincar ou bêbedo ou a fingir ou piegas ou maluco, e não podia odiá-las nem culpá-las por isso — toda a gente estava trancada, desperdiçada, cortada aos bocados, toda a gente nas suas pequenas celas. ei, Senhor Homem de Negócios...

Foda-se!

quem quer que seja que tenha inventado este jogo saiu-se com uma bela obra de arte. chamem-lhe Deus, Ele teve uma mira

apontada aos olhos, mas como nunca se deixou ver não Lhe conseguiram acertar. a Idade dos Assassinos deixou escapar o Maior de Todos. outrora, quase Lhe apanharam o Filho, mas escapou-se e ainda tínhamos de ir aos escorregões pelo chão molhado das casas de banho. o Espírito Santo nunca apareceu; ficou na sombra, a brincar com o pau. é o mais esperto de todos.

se ao menos conseguisse ligar à minha filha, podia morrer feliz, pensou ele.

a sua alma saiu do quarto agarrada a uma lata vazia de cerveja.

—ah, seu fraco, seu merdas *fraco!* a tua filha está num acampamento de *hippies* enquanto a mãe esfrega os colhões a uns idiotas quaisquer. fica-te com *esta*, Solitário, seu *merdas!*

«... *precisas* de amor, *precisas* de amor, o amor há-de apanhar-te no fim, meu amigo!»

apanhar-me no Fim?

a Morte, sim.

ele começou a rir. depois parou. suspirou novamente. mais sangue, desta vez. quase só sangue.

esqueceu o telefone e voltou para o sofá.

«... *precisas* de amor, *precisas* de amor...»

bom, graças a deus, pensou ele, pelo menos mudaram de disco.

morrer não estava a ser tão fácil como pensara. havia sangue por todo o lado e as persianas estavam corridas. as pessoas começavam a preparar-se para ir trabalhar. a certa altura, ao virar-se, pareceu-lhe ver a estante, todos os seus livros de poemas e soube então que tinha falhado, nem sequer chegava a Eliot, nem sequer à manhã da véspera, tinha estragado tudo, não passava de mais um macaco em cima de uma árvore, a cagar para a boca de um tigre e isso foi triste por um instante, mas só por um instante.

estava tudo bem, e já não interessava afastar a tristeza. Satchmo[13], volta para casa. Shostakovitch e a tua Quinta, esquece isso. Pedro III. Chike, lá porque és casado com uma soprano maluca, cheia de rugas nos olhos e que já era lésbica quando tu ainda nem eras um homem, esquece isso. todos nós fomos tentados pelo fogo e todos nós falhámos como merdas, como artistas, como pintores, como médicos, como chulos, como boinas

verdes, como lava-pratos, como dentistas, como trapezistas e como apanhadores de fruta.

cada homem pregado à sua cruz especial.

afastar a tristeza.

«...*precisas* de amor, *precisas* de amor...»

então, levantou-se e abriu as persianas. a merda das persianas estavam podres. partiram-se mal lhes tocou, desfizeram-se em bocados, com um barulho do caraças, e caíram ao chão.

a merda do sol também estava podre. a iluminar as mesmas flores de sempre, as mesmas rapariguinhas de sempre por todo o lado.

ficou a ver as pessoas a ir para o trabalho. não sabia mais do que sempre soubera.

a insegurança do conhecimento era a mesma que a segurança do desconhecimento.

nenhuma era superior à outra; nenhuma delas era nada.

estendeu-se ao comprido no sofá do senhorio. o seu sofá, por um instante.

depois de toda a chatice, afinal não era nada demais.

morreu.

o pequeno alfaiate estava bastante feliz. ali sentado, a coser. foi quando a mulher chegou à porta e tocou à campainha que ele ficou perturbado.

—natas frescas, tenho natas frescas para vender — disse-lhe ela.

—vá-se embora, você cheira mal — respondeu ele. — não quero as suas natas para nada!

—*pffff!* — disse ela. — a sua casa *tresanda!* porque é que não despeja o lixo?

e saiu a correr.

foi então que o alfaiate se lembrou dos três cadáveres. um deles estava na cozinha, estendido em frente ao fogão. outro estava de pé, pendurado pelo pescoço no armário, hirto, ali. e o terceiro estava na banheira, sentado com as costas direitas, bom, não exactamente com as costas direitas, porque se via apenas um bocado da cabeça por cima da borda da banheira. as moscas começavam a aparecer, o que não era nada bom. pareciam muito satisfeitas com os cadáveres, estavam embriagadas com eles, e quando as enxotava, ficavam furiosas. nunca ouvira moscas zumbir com tamanha raiva. chegaram mesmo a atacá-lo e a mordê-lo, por isso, deixou-as em paz.

voltou a sentar-se para retomar a costura e, mais uma vez, a campainha tocou. parece que nunca mais consigo acabar isto, pensou.

era o seu amigo Harry.

—olá, Harry.

—olá, Jack.

Harry entrou.

—que cheirete é este?

—são cadáveres.

—cadáveres? estás a brincar?

—não, podes ir ver.

Harry encontrou-os pelo cheiro. primeiro, o que estava na cozinha, a seguir, o que estava no armário e, depois, o que estava

na banheira.

—porque é que os mataste? enlouqueceste? E, agora, o que é que vais fazer? porque é que não escondes os corpos ou te livras deles? estás maluco? porque é que os mataste? porque é que não chamas a polícia? perdeste a cabeça? meu deus, QUE PIVETE! ouve, não te APROXIMES de mim! o que é que vais fazer? o que é que se passa? ARRRG! QUE CHEIRO! ACHO QUE VOU VOMITAR!

Jack continuava a coser. a coser a coser a coser. era como se tentasse esconder-se.

—Jack, vou chamar a polícia.

Harry foi ao telefone, mas depois sentiu-se enjoado. foi à casa de banho e vomitou na retrete, enquanto a cabeça do morto se via só ligeiramente acima da borda da banheira.

voltou e pegou no telefone. descobriu que, se tirasse o bocal, conseguia enfiar o pénis no telefone. enfiou-o para trás e para a frente e soube-lhe bem. muito bem. quando acabou, pousou o auscultador, fechou a braguilha e sentou-se em frente a Jack.

—Jack, enlouqueceste?

—a Becky diz que acha que eu sou maluco. está sempre a ameaçar internar-me.

Becky era a filha de Jack.

—ela sabe dos cadáveres?

—ainda não. foi de viagem a Nova Iorque. é responsável de compras de uns grandes armazéns. arranjou um bom emprego. tenho muito orgulho naquela rapariga.

—e a Maria sabe?

Maria era a mulher de Jack.

—a Maria não sabe. deixou de aparecer por cá. desde que arranjou aquele trabalho na padaria acha que é alguém. vive com outra mulher. às vezes, acho que virou fufa.

—bom, não posso chamar a polícia. és meu amigo. tens de resolver isso sozinho. mas não te importas de me explicar porque é que mataste aquelas pessoas?

—não gostava delas.

— mas não podemos andar por aí a matar as pessoas de quem não gostamos.

—não gostava mesmo nada delas.

—Jack?

—hum?

—queres usar o telefone?

—se não te importas.

—o telefone é teu, Jack.

Jack levantou-se e abriu a braguilha. enfiou o pénis no telefone. esfregou-se para trás e para a frente e soube-lhe bem. quando acabou, fechou a braguilha, sentou-se e começou novamente a coser. então, o telefone tocou. voltou para lá.

—ah! Olá, Becky! ainda bem que ligaste! estou bem. ah, pois. o Harry e eu tirámos o bocal do telefone, é por isso. o Harry e eu. ele está aqui. o Harry o quê? achas que sim? eu acho que ele é boa pessoa. nada. só a coser. o Harry está ali sentado. está uma tarde cinzenta. bastante triste, na verdade. não há sol. as pessoas passam pela janela com caras tristonhas. sim, está tudo bem. sinto-me bem. não, ainda não. mas tenho uma lagosta congelada no frigorífico. adoro lagosta. não, não a vi. ela agora acha-se a maior. sim, eu digo-lhe. não te preocupes. Adeus, Becky.

Jack desligou e sentou-se outra vez, começou a coser novamente.

—sabes — começou Harry —, lembrei-me de uma coisa. quando eu era novo, que *merda*, estas moscas! eu não estou MORTO! quando eu era novo, tive um emprego, eu e outro rapaz. tínhamos de lavar cadáveres. às vezes, apareciam umas tipas jeitosas. certo dia, cheguei e o Mickey, que era o nome do outro rapaz, estava a pinar com uma das mortas. «Mickey!», disse-lhe eu, «o que é que estás a FAZER? DEVIAS TER VERGONHA!» ele ficou a olhar para mim de lado e continuou. quando saiu de cima dela, disse-me: «Harry, já comi pelo menos uma dúzia delas. é mesmo bom! experimenta esta. vais ver!» «não, não!», respondi-lhe eu. mas uma vez, quando estava a lavar uma mesmo boa, enfiei-lhe um dedo. mas nunca consegui fazer mais do que isso.

Jack continuava a coser.

—achas que terias experimentado, Jack?

—sei lá! não tenho como saber.

continuou a coser. e depois acrescentou:

—ouve, Harry, tive uma semana difícil. quero comer qualquer coisa e depois ir dormir. tenho aí uma lagosta, mas sou muito esquisito. gosto de comer sozinho. não gosto de comer com outras pessoas. então?

—então? queres que eu me vá embora? estás um bocado agitado. por isso, está bem, eu vou.

Harry levantou-se.

—não te vás embora zangado, Harry. ainda somos amigos. e vamos continuar a ser. já somos amigos há tanto tempo.

—pois somos, desde 1933. bons tempos! o FDR! a NRA. a WPA. [14] mas cá estamos nós. estes miúdos de hoje em dia nem fazem ideia.

—não fazem mesmo.

—bom, adeus, Jack.

—adeus, Harry.

Jack acompanhou Harry à porta, abriu-a e ficou a vê-lo ir embora. sempre as mesmas calças largas. aquele tipo vestia-se sempre como um idiota.

então, Jack foi à cozinha, tirou a lagosta do congelador e leu as instruções. as instruções eram sempre lixadas. depois, reparou no corpo frente ao fogão. tinha de se ver livre daquilo. o sangue por baixo já há muito que tinha secado. o sangue já há muito que tinha endurecido no chão. o sol finalmente apareceu por detrás de uma nuvem e já era muito tarde, quase de noite e o céu estava cor-de-rosa e algum desse cor-de-rosa entrou pela janela da cozinha. quase se conseguia vê-lo entrar, lentamente, qual antena gigante de um caracol. o corpo estava de bruços, com a cara virada para o fogão e debaixo dele, o braço direito dobrado, com a mão aberta virada para cima a aparecer pelo lado esquerdo. a antena cor-de-rosa do caracol iluminou a mão, tornou-a cor-de-rosa. Jack reparou na mão. tão cor-de-rosa. tinha um ar tão inocente. era apenas uma mão, uma mão cor-de-rosa, por si só. era como uma flor. por momentos, Jack julgou vê-la mexer-se. não, não se tinha mexido. uma mão cor-de-rosa. apenas uma mão. uma mão inocente. Jack ficou ali parado, a olhar para a mão. depois, sentou-se à mesa com

a lagosta e ficou a olhar para a mão. foi quando começou a chorar. pousou a lagosta e descansou a cabeça nos braços em cima da mesa e começou a chorar. chorou durante muito tempo. chorou como uma mulher. chorou como uma criança. chorou como qualquer coisa. quando terminou, foi à sala e pegou no telefone.

—telefonista, ligue-me à polícia. sim, eu sei que o som é esquisito, falta o bocal do telefone, mas quero que me ligue à polícia.

Jack ficou à espera.

—estou? oiçam, eu matei um homem! três homens! estou a falar a sério, *sim*, estou a falar a sério! quero que me venham buscar. e tragam uma carrinha para os cadáveres. sou louco. perdi a cabeça. não sei como é que isto aconteceu. o quê?

Jack deu-lhes a morada.

—o quê? é porque falta o bocal no telefone. sim, fui eu. fodi o telefone.

o homem continuou a falar, mas Jack desligou. voltou para a cozinha e sentou-se à mesa e descansou de novo a cabeça nos braços. mas não chorou mais. limitou-se a ficar ali sentado, o sol já deixara de ser cor-de-rosa; já não havia sol e escurecia, e então lembrou-se de Becky e então pensou em matar-se e então não pensou em mais nada. a lagosta embalada da África do Sul estava ao lado do seu cotovelo esquerdo. nunca chegou a comê-la.

uma noite, já eu estava um bocado bêbedo quando um tipo que tinha publicado um ou dois livros meus me disse:

—Bukowski, queres ir ver o L.?

o L__ era um escritor famoso. já era um escritor famoso desde há algum tempo. com livros traduzidos para todas as línguas, até para cagalhões de cão. bolsas, amantes, mulheres, prémios, romances, poemas, contos, pinturas... viagens à Europa. íntimo dos poderosos. isso tudo.

—não, foda-se, não — respondi ao Jensen —, as coisas dele aborrecem-me.

—mas tu dizes isso de tudo.

—bom, e é verdade.

o Jensen ficou a olhar para mim. adorava ficar a olhar para mim. não conseguia entender porque é que eu era tão estúpido. eu era estúpido. mas a lua também.

—ele quer conhecer-te. já *ouviu* falar de ti.

—já? e eu já ouvi falar dele.

—nem acreditas na quantidade de pessoas que já ouviu falar de ti. uma noite destas, estava eu na casa da N.A., e ela disse que queria convidar-te para jantar. sabes, ela conheceu o L. na Europa.

—foi?

—e conheceram ambos o Artaud.

—e ela não quis ir para a cama com ele.

—isso mesmo.

—percebo-a bem. eu também não era capaz.

—faz-me um favor. vamos lá visitá-lo.

—o Artaud?

—não, o L.

acabei a minha bebida.

—vamos.

era uma viagem longa de carro desde o meu bairro degradado até à casa do L. e que casa o L. tinha. o Jensen entrou com o carro no

caminho de acesso à garagem e o acesso à garagem era do tamanho de um acesso de auto-estrada.

—este é o mesmo tipo que passa a vida a gritar POBREZA? — perguntei.

—consta que ele deve 85 mil dólares ao Estado em impostos.

—coitadinho.

saímos do carro. era uma casa de três pisos. havia um baloiço na entrada e uma guitarra de 250 dólares largada em cima do baloiço. veio a correr um idiota de um pastor-alemão, a rosar, a espumar da boca, e eu afastei-o com a guitarra, e não foi a tocar, foi a ameaçar dar-lhe com ela, enquanto o Jensen tocava à campainha.

uma cara enrugada e amarela abriu um postigo e disse:

—quem é?

—Bukowski e Jensen.

—quem?

—Bukowski e Jensen.

—não sei quem são.

o pastor-alemão saltou, num voo que fez os dentes dele passarem a rasar na minha jugular. acertei-lhe mesmo em cheio e com força quando aterrou, mas limitou-se a sacudir-se e a preparar novo salto, o pêlo eriçado, a mostrar-me aqueles dentes amarelados e sujos.

—Bukowski, autor de *ALL THE DAMN TIME* e *SCREAMING IN THE RAIN*, e eu sou o Hilliard Jensen, da *NEW MOUNTAIN PRESS*.

quando o pastor-alemão lançava um último rosar de aviso antes de formar o salto, apareceu o L., que lhe disse:

—*Poopoo*, pára com isso!

o *Poopoo* endireitou-se um pouco.

—lindo, *Poopoo* — disse eu. — lindo, *Poopoo*.

o *Poopoo* olhou para mim, sabendo que eu estava a mentir. por fim, o velho L. lá abriu a porta.

—bem, entrem — disse ele.

atirei a guitarra partida para cima do baloiço e entrámos. o vestíbulo era do tamanho de um parque de estacionamento.

—sentem-se — disse o L.

tinha à minha escolha umas três ou quatro cadeiras, e sentei-me na mais próxima.

—dou mais um ano a este estado de coisas actual — disse o L. — as pessoas estão a acordar. vamos incendiar esta merda toda.

estalou os dedos.

—vai tudo desaparecer (estalo) assim! vai começar uma vida melhor para todos nós!

—tem alguma coisa que se beba? — perguntei.

o L. tocou numa pequena campainha que tinha na cadeira.

—MARLOWE! — gritou.

depois, olhou para mim.

—li o seu último livro, Senhor Meade.

—não, sou o Bukowski — respondi.

ele voltou-se para o Jensen.

— então, você é que é o Taylor Meade! peço desculpa!

—não, não, Jensen. Hilliard Jensen. da NEW MOUNTAIN.

nesse preciso momento, entrou na sala um japonês de calças pretas brilhantes e casaco branco, fez uma ligeira vénia, a sorrir, como se um dia destes nos fosse matar a todos.

—Marlowe, meu estúpido de merda, estes senhores querem beber qualquer coisa. vê lá o que é, estafermo, e volta depressa ou levas um pontapé no cu.

curiosamente, parecia que toda a dor se tinha dissipado da cara do L. ainda que tivesse rugas, elas pareciam mais ou menos pequenos cursos de água, cosidos ou pintados, ou *atirados* para lá. uma cara estranha. amarelada. careca. olhos pequenos. uma cara resignada e insignificante assim à primeira vista. mas *pensando bem*, de que outra forma teria ele conseguido escrever *aquelas* coisas? «ah, o Mack tinha um pau enorme! ah, o Mack tinha o maior pau de todos! que grande pau que o Mack tinha! o Mack tinha o maior pau desta cidade. o maior pau a oeste do Mississípi. não se falava noutra coisa que não fosse o pau do Mack. o Mack tinha um pau enorme...», etc. no que toca ao estilo, o L. batia-os a todos, ainda que eu o achasse ligeiramente aborrecido.

o Marlowe voltou com as bebidas e tenho de vos dizer uma coisa: serviu-as bem e serviu-as fortes. pousou-as e saiu a correr. fiquei a

olhar-lhe para o rabo, a abanar nas calças justas, enquanto ele voltava para a cozinha, onde era o seu lugar.

o L. já parecia bêbedo. despejou logo metade da bebida. era pessoa de uísque com água.

—hei-de lembrar-me para sempre daquele hotel em Paris. estávamos lá todos. a Kaja^[15], o Hal Norse, o Burroughs... as mentes literárias mais brilhantes da nossa geração.

—acha que isso o ajudou na sua escrita, senhor L.? — perguntei.

foi uma pergunta estúpida. ele lançou-me um olhar severo, e depois permitiu-me um vislumbre de sorriso.

—tudo me ajuda na minha escrita.

ficámos ali sentados, a beber e a olhar uns para os outros. o L. tocou outra vez a campainha e o Marlowe veio a correr para o processo de encher novamente os copos.

—o Marlowe — contou o L. — está a traduzir a Edna St. Vincent Millay para japonês.

—ótimo! — respondeu o Jensen da NEW MOUNTAIN.

não vejo o que possa ser ótimo em traduzir a Edna St. Vincent Millay para japonês, pensei.

—não vejo o que possa ser ótimo em traduzir a Edna St. Vincent Millay para japonês — disse o L.

—ok, a Millay é datada, mas o que é que se passa com a poesia moderna? — perguntou o Jensen da NEW MOUNTAIN.

demasiado jovem, demasiado rápida e também desistem demasiado cedo, pensei.

—não tem qualidades duradouras — respondeu o velho.

não sei. todos nos calámos. era visível que não gostávamos uns dos outros. o Marlowe saiu e voltou a entrar com as bebidas. tive a sensação de estar numa caverna horrível, ou num filme sem sentido nenhum. só cenas desgarradas. a certa altura, já perto do fim, o L. levantou-se e deu uma chapada ao Marlowe, com força. não percebi o que aquilo queria dizer. sexo? tédio? um jogo? o Marlowe sorriu e voltou para a cona da Millay.

— que não entre na minha casa nenhum homem que não seja capaz de enfrentar toda a sombra e toda a luz — disse o L.

—oiça — respondi-lhe —, acho que você é um idiota. nunca gostei das suas coisas.

—eu também nunca gostei das suas coisas, Meade — disse o velho. — sempre essa conversa sobre mamar estrelas de cinema. qualquer pessoa consegue mamar uma estrela de cinema. não é nada de extraordinário.

—isso *depende* — respondi. — e eu não sou o Meade!

o velho levantou-se e cambaleou até à minha cadeira, traduzido para dezoito línguas.

—quer lutar ou quer foder? — perguntou.

—quero foder! — respondi.

—MARLOWE! — gritou o L.

o Marlowe veio a correr e o L. gritou:

—BEBIDAS!

fiquei mesmo à espera que ele mandasse o M. baixar as calças para eu poder satisfazer o meu desejo, mas isso não aconteceu. fiquei só a olhar para o rabo do M. a abanar em direcção à cozinha.

voltámos ao nosso combate.

—assim (estalo com os dedos) — disse o L. — a ordem actual acabou! vamos incendiá-los a todos!

então, o velho deixou cair a cabeça para a frente e adormeceu, estava arrumado.

—vamos — disse o Jensen.

—espera só um minuto — disse-lhe eu.

acerquei-me do velho e enfiei o braço pelas costas da cadeira, até lhe chegar ao rabo.

—o que é que estás a fazer? — perguntou o Jensen.

—tudo me ajuda na minha escrita — respondi-lhe. — e este filho da puta está cheio de dinheiro.

saquei-lhe a carteira e disse:

—vamos!

—não devias fazer isso — disse o Jensen, quando já íamos a caminho da porta.

senti uma coisa agarrar-me o braço direito, que depois ficou preso em chave atrás das costas.

—vamos deixar TODOS OS DINHEIROS AQUI ANTES DE SAIR PARA HONRAR O SENHOR L. — disse o tradutor de E.V. Millay.

—estás a partir-me o braço, seu merdas de olhos em bico!

—DEIXAMOS TODOS OS DINHEIROS AQUI! HONRAR O SENHOR L.! — gritou ele.

—BATE-LHE, JENSEN! ACERTA-LHE! TIRA ESTE FILHO DA PUTA DE CIMA DE MIM!

—o seu amigo toca-me e PARTO o seu braço!

—está bem, fica lá com a carteira. que se foda! estou à espera de um cheque da GROVE PRESS.

ele sacou a carteira do L. e atirou-a para o chão. depois, sacou a *minha* e atirou-a para o chão.

—ei! espera aí! tu és o quê? ladrão?

—DEIXAMOS TODOS OS DINHEIROS AQUI! HONRAR O SENHOR L.!

—não estou a acreditar. isto é pior que uma casa de putas.

—agora, diga ao seu amigo para atirar a carteira para o chão ou parto-lhe o braço.

o Marlowe fez um pouco mais de força, para me mostrar que podia mesmo acontecer.

—Jensen! a tua carteira! ATIRA-A!

o Jensen atirou a carteira. o Marlowe largou-me o braço. virei-me a ele. já só me restava o braço esquerdo.

—Jensen? — perguntei.

ele olhou para o Marlowe.

—não — respondeu ele.

olhei para o velho a dormir. pareceu-me ver-lhe um ligeiro sorriso nos lábios.

abrimos a porta e saímos.

—lindo, *Poopoo* — disse eu.

—lindo *Poopoo* — disse o Jensen.

entrámos no carro.

—queres ir visitar mais alguém esta noite? — perguntei-lhe.

—bom, estava a pensar na Anaïs Nin.

—não penses mais. acho que não conseguia dar conta dela.

o Jensen começou a fazer marcha-atrás. era apenas mais uma daquelas noites quentes do Sul da Califórnia. pouco depois, já estávamos na Pico Boulevard e o Jensen começou a seguir para leste. eu mal podia esperar que chegasse a Revolução.

—«Vermelho» — disse eu ao rapaz —, para as mulheres, eu já não existo. e, em grande parte, a culpa é minha. não vou a bailes, a bazares de igreja, a leituras de poesia, a aulas de meditação, essas merdas todas, e é nesses sítios que as putas atacam. dantes, engatava em bares ou no comboio, a voltar de Del Mar, onde quer que servissem bebidas. agora, já não aguento bares. só tipos sentados, solitários, a passar o tempo, na esperança de que apareça por lá uma rata cheia de sífilis. tudo aquilo é uma vergonha para a raça humana.

o «Vermelho» atirou uma garrafa de cerveja pelo ar, apanhou-a e arrancou a carica na esquina da mesa da minha sala.

—está tudo dentro da cabeça, Bukowski. tu não precisas.

—está tudo na ponta da pila, «Vermelho». preciso, sim.

—uma vez, conseguimos apanhar uma velha bêbeda. atámo-la a uma cama com uma corda. e cobrámos 50 cêntimos por cada voltinha. acho que não houve nenhum aleijado, nenhum maluco, nenhum atrasado mental que não tenha lá ido. em três dias e três noites, devemos ter tido mais de 500 clientes.

—por amor de deus, «Vermelho», isso é horrível!

—pensei que eras o Velho Nojento.

—isso é só porque não troco de meias todos os dias. soltavam-na para urinar e defecar?

—o que é que quer dizer «defecar»?

—foda-se. davam-lhe comida?

—os bêbedos não comem. dávamos-lhe vinho.

—estou agoniado.

—porquê?

—isso é de uma crueldade bestial, animalesca e desumana. pensando melhor, os animais não fariam uma coisa dessas.

—fizemos 250 dólares.

—quanto é que lhe deram?

—nada. deixámo-la lá, ainda tínhamos mais dois dias de renda.

—desataram-na?

—claro, não queríamos ficar envolvidos num homicídio.

—que queridos.

—pareces um padre a falar.

—bebe mais uma cerveja.

—posso arranjar-te uma gaja.

—a quanto? 50 cêntimos?

—não, um bocado mais que isso.

—não, obrigado.

—estás a ver, não queres.

—pois, se calhar tens razão.

fomos ambos buscar mais cerveja. bebeu a dele num instante. depois, pôs-se de pé.

—queres ver, ando sempre com uma pequena lâmina, aqui, debaixo do cinto. a maior parte dos vagabundos não faz a barba. mas eu faço. estou sempre pronto. E, quando ando por aí, uso sempre dois pares de calças, estás a ver, e quando chego a uma cidade, tiro o par de fora, faço a barba, lavo-me, tiro a minha camisa branca, daquelas que não precisam de ferro, e que trago por baixo desta azul que tenho vestida, passo-a por água num lavatório, depois ponho uma gravata às ricas, limpo os sapatos, escolho um casaco que dê com as calças numa loja de roupa em segunda mão e, dois dias depois, arranjo um trabalho de escritório, ao lado dos merdas todos. e, quando dou por mim, já estou na estrada outra vez.

não soube o que responder àquilo, por isso, fiquei em silêncio e continuei a beber.

—e ando sempre com um picador de gelo na manga, preso com um elástico a meio do braço, estás a ver?

—sim, estou a ver. tenho um amigo que diz que um abre-caricas é uma excelente arma.

—o teu amigo tem razão. e quando sou parado pela polícia, atiro sempre o picador de gelo para longe. ponho os braços para o ar, grito NÃO DISPAREM!...

(demonstrou o número no meio da sala)

—... e atiro o picador de gelo para longe. podem revistar-me que nunca o encontram em mim. já perdi a conta a quantos picadores de

gelo deitei fora.

—alguma vez usaste um picador de gelo, «Vermelho»?

lançou-me um olhar muito estranho.

—ok — disse-lhe eu. — esquece a pergunta.

e ficámos ali os dois a beber cerveja.

— uma vez, encontrei por acaso uma crónica tua numa pensão. acho que és um grande escritor.

—obrigado — respondi.

—também já tentei ser escritor, mas não me saiu nada. sento-me à mesa, mas não sai nada.

—que idade é que tens?

—vinte e um.

—dá-lhe tempo.

ficou a pensar nisso de ser escritor. então, levou a mão ao bolso de trás.

—deram-me isto para eu ficar de boca fechada.

era uma carteira de pele, de tiras entrançadas.

—quem?

—vi dois tipos a matarem um gajo e eles deram-me isto para eu não dizer nada a ninguém.

—porque é que o mataram?

—tinha esta carteira com sete dólares lá dentro.

—como é que o mataram?

—com uma pedra. o gajo estava a beber vinho e, quando já estava bêbedo, rebentaram-lhe a cabeça com uma pedra. e levaram a carteira. mas eu vi tudo.

—o que é que fizeram ao corpo?

—de manhã cedo, o comboio parou para reabastecer. eles levaram o corpo e puseram-no debaixo de um daqueles trilhos para o gado, escondido no meio das ervas. depois, voltaram para a carruagem e o comboio seguiu.

—hummmm — disse eu.

—a polícia descobriu um corpo assim, dias depois. a mesma roupa, a cara de bêbedo, sem «identificação». limitaram-se a apagar a ocorrência. mais um mendigo. não faz diferença nenhuma.

passámos mais umas horas a beber, e eu contei algumas histórias, nenhuma tão boa, nem por sombras, até que ficámos os dois em silêncio. mas a pensar.

então, o «Vermelho» pôs-se de pé.

—bom, ouve, tenho de me ir embora. mas foi uma noite impecável.

levantei-me também.

—pois foi, «Vermelho».

—bom, merda. até à próxima.

—sim, merda — respondi-lhe.

houve uma espécie de hesitação em ir-se embora. de certa maneira, tinha sido uma noite agradável.

—até um dia destes, rapaz.

—ok, Bukowski.

fiquei a vê-lo ir-se embora, virar à esquerda nos arbustos, na direcção da Normandie, depois da Vermont, onde ele tinha um quarto com três ou quatro dias de renda já pagos, e depois desapareceu e a lua continuou a brilhar, lá isso continuou, e eu fechei a porta, bebi o resto de uma cerveja morta, apaguei as luzes, fui para a cama, despi-me, deitei-me, enquanto, caminhando pelas linhas do comboio, eles iam apanhando vagões, lugares, destinos sonhados — cidades melhores, tempos melhores, amores melhores, sorte melhor, alguma coisa melhor. jamais encontrariam, mas nunca deixariam de procurar.

adormeci.

chamava-se Henry Beckett e era uma manhã de segunda-feira, tinha acabado de se levantar, de olhar pela janela e ver uma mulher numa minissaia muito curta, pensando estou quase a ficar habituado a isto, o que não é nada bom. mas as mulheres têm de ter alguma coisa vestida, senão, não há nada para despir. carne nua é só carne nua.

já estava de calções, e foi para a casa de banho fazer a barba. quando se olhou ao espelho, viu que tinha a cara dourada às bolas verdes. olhou outra vez, ainda com o pincel de barba de mão. então, o pincel caiu ao chão. mas a cara continuou no espelho: dourada às bolas verdes. as paredes começaram a mover-se. Henry agarrou-se ao lavatório. então, sem saber bem como, conseguiu voltar para o quarto e atirou-se para a cama, de barriga para baixo. deixou-se ficar assim cinco minutos, com a mente a estalar, a voar, a vomitar. então, levantou-se, foi à casa de banho e voltou a olhar-se ao espelho: a cara dourada às bolas verdes. uma cara dourado-berrante às bolas verde-berrantes.

foi ao telefone.

—sim, está lá? fala Henry Beckett. não vou poder ir hoje. estou doente. o quê? ah, estou péssimo da barriga. mesmo péssimo.

desligou.

voltou para a casa de banho. era inútil. a cara continuava lá. encheu a banheira, e depois voltou ao telefone. a enfermeira queria marcar-lhe uma consulta para a *quarta-feira* seguinte.

—oiça, isto é *urgente!* tenho mesmo de ser visto por um médico *hoje!* é uma questão de vida ou morte! não lhe posso contar, não, não lhe posso contar, mas, *por favor*, arranje-me uma vaga para hoje. tem mesmo de ser!

conseguiu uma consulta para as três e meia.

despiu os calções e entrou na banheira. reparou que o corpo também estava dourado às bolas verdes. por todo o lado. a cobrir a barriga, as costas, os testículos, o pénis. esfregou com sabão, mas

não saía. saltou da banheira, secou-se com a toalha, voltou a vestir os calções.

o telefone tocou. era Gloria. a namorada. trabalhavam no mesmo sítio.

—Gloria, não te posso contar o que é que se passa. é horrível. não, não tenho sífilis. é pior que isso. não te posso contar. nunca acreditarias.

ela disse-lhe que passaria por lá durante a hora de almoço.

—por favor não venhas, querida. se vieres, eu mato-me.

—vou, e vou agora mesmo! — disse-lhe ela.

—por favor, POR FAVOR não...

ela desligou. ele olhou para o telefone, pousou-o, voltou para a casa de banho. nada mudara. foi para o quarto, estendeu-se, fixou o olhar nas rachas no tecto. tinham um ar muito caloroso, encantador, amistoso. conseguia ouvir o trânsito, às vezes o piar de um pássaro, vozes na rua — uma mulher a dizer a uma criança: «anda *mais depressa*, se faz favor» e, de vez em quando, o motor de um avião.

a campainha tocou. foi à sala e espreitou por detrás das cortinas. era Gloria, vestida com uma camisa branca e uma saia de Verão azul-clara. estava mais bonita do que alguma vez a vira. uma loira arruivada cheia de vida; o nariz um pouco feio, um pouco gordo demais, mas, depois de nos habituarmos, também se amava o nariz. sentia o coração a bater como uma bomba num armário vazio. era como se lhe tivessem arrancado as entranhas e só restasse o coração, a pulsar no vazio, a chorar no vazio.

—não te posso deixar entrar, Gloria!

—abre a merda da porta, estúpido!

viu-a tentar espreitar pelas cortinas.

—Gloria, não estás a perceber...

—eu disse PARA ABRIRES A PORTA!

—está bem — respondeu. — foda-se, está bem!

sentia o suor às voltas pela cabeça, a pingar atrás das orelhas, a correr-lhe pelo pescoço.

escancarou a porta.

—MEU DEUS! — disse ela, quase num grito, tapando a boca com a mão.

—eu DISSE-TE, eu tentei DIZER-TE, eu DISSE-TE!

ele chegou-se para trás, ela fechou a porta e aproximou-se.

—o que é isso?

—não sei. meu deus, não sei. não me toques, não toques. pode ser contagioso.

—coitado, Henry, oh, coitadinho do meu amor...

continuava a avançar para ele. Henry tropeçou num cesto dos papéis.

— merda! já te disse para não te aproximares!

—mas, estás quase bonito!

—QUASE! — gritou ele. — MAS NÃO POSSO IR VENDER SEGUROS NESTE ESTADO, POIS NÃO?

foi então que começaram ambos a rir. pouco depois, ele estava no sofá, a chorar. tinha aquela cara dourada às bolinhas verdes enterrada nas mãos e chorava.

—meu deus, porque é que não é antes um cancro, um ataque cardíaco, uma coisa simples e rápida? Deus cagou-me em cima, foi o que foi, Deus cagou-me em cima!

ela percorria-lhe de beijos o pescoço e as mãos que lhe tapavam a cara. ele empurrou-a:

—pára com isso, pára com isso!

—eu amo-te, Henry, não quero saber de nada disso.

—vocês, mulheres, são malucas.

—pois somos. bom, e quando é que vais ao médico?

—às três e meia.

—tenho de voltar para o escritório. liga-me quando souberes alguma coisa. passo cá à noite.

—ok, ok.

e, depois, foi-se embora.

três e dez, e ele com um chapéu enterrado até aos olhos e um lenço à volta do pescoço. estava de óculos escuros. foi de carro para o médico sempre a olhar em frente, tentando parecer invisível. ninguém pareceu reparar nele.

na sala de espera do consultório, toda a gente lia a *LIFE*, a *LOOK*, a *NEWSWEEK* e assim. quase não havia cadeiras nem sofás livres e estava bastante calor. as páginas iam sendo viradas. olhou para a

sua revista, tentando não ser visto. correu tudo bem durante uns quinze ou vinte minutos, até que uma rapariguinha que andava por ali a correr e a brincar com uma bola a atirou para perto dele, a bola lhe bateu no sapato, e, quando a menina a apanhou, olhou para ele. depois, voltou para junto de uma mulher muito feia, com orelhas que pareciam duas panquecas pequenas e olhos como a alma de uma aranha, e disse-lhe:

—mãe, o que é que aquele senhor tem na CARA?

e a mãe respondeu:

—chiiiiiiu!

—MAS A CARA DELE ESTÁ TODA AMARELA COM PINTINHAS ROXAS POR TODO O LADO!

—*Mary Ann*, JÁ TE DISSE para estares CALADA! agora SENTA-TE aqui um bocadinho e pára de andar a correr! JÁ te disse PARA TE SENTARES AQUI!

—ó mãe!

a menina sentou-se, a choramingar, a olhar para a cara dele, a choramingar e a olhar para a cara dele.

a menina e a mãe foram chamadas. outros foram chamados, outros entraram, saíram. por fim, o médico chamou-o.

—senhor Beckett.

seguiu o médico para dentro do consultório.

—como está, senhor Beckett?

—olhe para mim e já veja.

o médico voltou-se.

—Meu Deus! — disse ele.

— pois — respondeu o senhor Beckett.

— nunca vi uma coisa *assim!* por favor, dispa-se e sente-se na marquesa. quando é que isto começou?

— esta manhã, quando acordei.

—como é que se sente?

—como se estivesse barrado com merda que não sai.

—fisicamente, quero eu dizer.

—sentia-me bem, até olhar para o espelho.

o médico pôs-lhe a braçadeira.

—a tensão arterial está normal.

—vamos deixar-nos de merdas, não tarda muito pede-me para ir para cima da balança. não sabe o que é isto, pois não?

—não, não vi nunca coisa assim.

—a sua gramática é péssima, doutor. você é de onde?

—Áustria.

—Áustria. o que é que me vai fazer?

—não sei. talvez um especialista de pele, internamento hospitalar, exames.

—tenho a certeza de que me achariam muito interessante. mas isto não vai desaparecer.

—o que é que não vai desaparecer?

—o que eu tenho. sinto cá dentro. não vai desaparecer, nunca.

o médico começou a auscultar-lhe o coração. Beckett afastou o estetoscópio. começou a vestir-se.

—não seja precipitado, Beckett. por favor!

e já ele estava vestido e a ir-se embora. deixou o chapéu, o lenço, os óculos escuros. chegou a casa, pegou numa espingarda e em munições suficientes para matar um batalhão. descobriu uma saída da auto-estrada que ia dar a umas colinas. de lá de cima, via-se uma ligeira curva na estrada, que obrigava os carros a abrandar. não fazia ideia porque é que nunca tinha reparado naquelas colinas. saiu do carro e subiu ao cume da colina mais alta. limpou o pó da mira telescópica, destravou o gatilho e estendeu-se no chão.

a princípio, não conseguia acertar. de cada vez que disparava, parecia que o tiro calhava sempre atrás do carro. então, começou a treinar levar os carros na direcção da bala. a velocidade dos carros era sempre praticamente a mesma, mas, instintivamente, começou a ajustar a mira às variações de cada carro. a primeira vez que acertou foi muito estranha. a bala entrou pelo lado direito da testa, e o condutor pareceu olhar directamente para ele, e depois o carro despistou-se, bateu na guia, capotou, e ele disparou contra o carro seguinte, uma mulher, falhou, acertou no motor, houve chamas, e ela ficou dentro do carro aos gritos, a acenar com os braços e a arder. não quis vê-la a arder. deu-lhe um tiro. o trânsito parou. as pessoas começaram a sair dos carros. decidiu não matar mais mulheres. era de mau gosto. nem crianças. mau gosto. um médico

austríaco. mas porque não ficavam lá na Áustria? não havia pessoas doentes na Áustria? acertou em mais quatro ou cinco homens, até as pessoas perceberem que havia um tiroteio em curso. então, começaram a chegar os carros da polícia e as ambulâncias. fecharam a auto-estrada. deixou-os carregar os mortos e os feridos para as ambulâncias. não matou os socorristas. disparou sobre os polícias. acertou num. bem grande. perdeu a noção do tempo. começou a escurecer. sentiu que subiam a colina na sua direcção. saiu daquela posição. avançou na direcção deles. apanhou dois numa emboscada pelo flanco esquerdo. depois, uns tiros vindos do lado direito fizeram-no voltar a subir a colina. estavam a obrigá-lo a recuar. manter uma posição certa era a pior coisa. tentou apanhar uma aberta, mas o tiroteio era demasiado intenso. regressou lentamente à colina, ganhando o terreno possível. ouvia-os a falar e a dizer palavrões. eram muitos. parou de disparar e ficou à espera. acertou em mais um, quando viu a perna de umas calças através dos arbustos, disparou para onde calculava que estaria o tronco do corpo, ouviu um grito, e depois subiu ainda mais a colina. estava cada vez mais escuro. Gloria tê-lo-ia deixado. ele teria deixado Gloria, se ela estivesse naquele estado. que seria levar uma tipa roxa e dourada a um concerto de Brahms?

tinham conseguido levá-lo ao cimo da colina, mas não havia vegetação para se protegerem. só pequenos montinhos. todos os polícias queriam voltar vivos para casa. concluiu que conseguia aguentar durante algum tempo. começaram a disparar morteiros luminosos para o topo da colina. ele conseguiu acertar em alguns, mas partes de outros estalavam e, pouco depois, já havia demasiados para que conseguisse atingi-los a todos. e iam disparando na sua direcção, aproximavam-se... merda, merda. bom...

um dos morteiros iluminou o céu bastante perto e Henry conseguiu ver as suas mãos a agarrar a espingarda. olhou outra vez. tinha as mãos BRANCAS.

BRANCAS!

tinha desaparecido!

estava BRANCO, BRANCO, BRANCO!

—ei! — gritou. — DESISTO! CHEGA! DESISTO!

Henry rasgou a camisa, olhou para o peito: BRANCO.

despiu a camisa, atou-a à ponta da espingarda, acenou com ela. pararam de disparar. aquele sonho ridículo e louco tinha terminado, o homem às bolinhas tinha desaparecido, o palhaço já não existia; que piada, que merda, teria mesmo acontecido? era impossível que tivesse acontecido. deve ter sido só na sua cabeça. ou seria mesmo verdade? Hiroxima aconteceu? será que alguma coisa realmente aconteceu?

atirou a espingarda na direcção dos polícias, e fê-lo com força. depois, começou a descer lentamente a colina, de mãos no ar, a gritar:

—DESISTO! RENDO-ME! RENDO-ME! RENDO-ME!

conseguia ouvir as vozes, à medida que se ia chegando mais perto.

—o que é que fazemos?

—não sei. atenção, que pode ser uma armadilha.

—ele matou o Eddie e o Weaver. odeio-o.

—está a aproximar-se.

— DESISTO! RENDO-ME!

um dos polícias disparou cinco tiros. três na barriga, dois nos pulmões. deixaram-no ali uns minutos até que alguém se mexesse. então, aproximaram-se. foi o autor dos disparos que lá chegou primeiro. virou o corpo ao contrário com a bota, para o pôr de costas. era um polícia negro, Adrian Thompson, 107 quilos, uma casa quase paga ao pé do West Side, e ficou a sorrir ao luar.

o trânsito na auto-estrada circulava novamente, como sempre.

sempre que nos agarramos às paredes do mundo, e no lado mais negro da ressaca, lembro-me de dois amigos que me deram conselhos sobre vários métodos de suicídio. querem maior prova de amor fraternal? um dos meus amigos tem cicatrizes de lâminas por todo o braço esquerdo. o outro enfia baldes de comprimidos numa massa de barba negra. ambos escrevem poesia. há algo na escrita de poesia que leva um homem à beira de um penhasco. no entanto, muito provavelmente, viveremos os três até aos noventa anos. conseguem imaginar como será o mundo em 2010 a.d.? claro que depende imenso daquilo que se fará com a Bomba. calculo que as pessoas continuarão a comer ovos ao pequeno-almoço, a ter problemas sexuais. a escrever poesia. a suicidarem-se.

acho que a última vez que me tentei matar foi em 1954. vivia no segundo andar de um bloco de apartamentos na N. Mariposa Avenue. fechei as janelas todas e abri os bicos do fogão, sem os acender, claro. depois, estendi-me na cama. o gás a correr sem ser acendido faz um silvo muito tranquilizador. adormeci. teria resultado, mas o gás deixou-me com uma dor de cabeça tal que me acordou. saltei da cama, a rir, e a dizer para mim próprio: «seu grande idiota! não te queres matar!» desliguei o gás e abri as janelas. continuava a rir. aquilo pareceu-me uma piada com muita graça. e ainda bem que o piloto automático do fogão não estava a funcionar, ou aquela pequena chama ter-me-ia arrancado da minha pequena temporada no Inferno.

uns anos antes, tinha acordado de uma semana de bebedeira e bastante determinado a matar-me. na altura, tinha uma namorada de quem gostava muito, mas as coisas não corriam bem. estava sem dinheiro, tinha a renda atrasada, e mesmo que tivesse conseguido arranjar um trabalho qualquer de merda, ter-me-ia parecido, simplesmente, outro tipo de morte. decidi matar-me quando ela saísse do quarto pela primeira vez. entretanto, saí para a rua, ligeiramente curioso, mas só ligeiramente, para saber que dia era. nas nossas bebedeiras, os dias e as noites misturavam-se.

passávamos o tempo a beber e a fazer amor continuamente. era perto do meio-dia e desci a colina para ir ao quiosque ver que dia era. sexta-feira, dizia o jornal. bom, achei que sexta-feira era um dia tão bom como outro qualquer. E, então, vi a manchete. PRIMO DE MILTON BERLE ATINGIDO POR UMA PEDRA NA CABEÇA. como é me podia matar quando os jornais faziam manchetes como aquela? roubei um jornal e levei-o comigo para o quarto.

—adivinha o que é que aconteceu? — perguntei.

—o quê? — disse ela.

—o primo do Milton Berle foi atingido por uma pedra na cabeça.

—a sério?

—sim.

— que tipo de pedra terá sido?

—imagino uma pedra amarela, redonda e lisa.

—também eu.

—de que cor serão os olhos do primo do Milton Berle?

— imagino uns olhos castanhos, um castanho muito claro.

—olhos castanho-claros, pedra amarelo-clara.

—PIMBA!

—isso, PIMBA!

saí, bebi umas cervejas e, afinal, acabámos por ter um dia bastante agradável. acho que o jornal que trazia aquela manchete naquele dia se chamava qualquer coisa como «The Express» ou «The Evening Herald». não tenho a certeza. mas gostava de agradecer a esse jornal, e também ao primo do Milton Berle e àquela pedra amarela, redonda e lisa.

bom, e uma vez que parece que o tema é o suicídio, lembro-me de, quando estava a trabalhar nas docas de São Francisco, costumarmos almoçar com os pés a baloiçar na borda do cais. certo dia, estou lá sentado quando um tipo ao pé de mim descalça os sapatos e as meias e os arruma muito direitos numa pilha. estava sentado mesmo ao meu lado. então, ouvi o chapão e depois já só o vi lá em baixo. foi muito estranho, ele gritou «SOCORRO!» mesmo antes de entrar com a cabeça na água. depois, ficou apenas um ligeiro remoinho, e não senti grande coisa, fiquei só a ver as bolhas

de água a virem ao de cima. foi quando um tipo veio ter comigo e começou aos gritos:

—FAZ QUALQUER COISA! ELE ESTÁ A TENTAR SUICIDAR-SE!

—e o que é que eu hei-de fazer?

—arranja uma corda, atira-lhe uma corda ou assim.

levantei-me de um salto e fui a correr para um barracão onde costumava estar um velho a atar caixas e pacotes.

—PRECISO DE CORDA!

ficou só a olhar para mim.

—FODA-SE, PRECISO DE CORDA! ESTÁ UM HOMEM A AFOGAR-SE, TENHO DE LHE ATIRAR UMA CORDA!

o velho virou-se para ir buscar qualquer coisa. e estendeu-ma. estava presa por dois dedos. era um bocado de cordel branco enrolado.

—FILHO DA PUTA! — gritei-lhe.

por essa altura, já um rapaz se tinha despido, atirado à água e trazido o nosso suicida para terra. como recompensa, o rapaz pôde tirar o resto do dia e ser pago na mesma. o nosso suicida afirmou que tinha caído por acidente, mas não conseguiu explicar porque é que tinha descalçado os sapatos e as meias. nunca mais o vi. talvez tenha acabado o serviço nessa noite. é impossível saber o que atormenta uma pessoa. até coisas banais podem tornar-se terríveis, quando se está num determinado estado de espírito. e a pior preocupação/medo/sofrimento é aquela que não somos capazes de explicar, nem compreender, ou sequer pensar. encosta-se a nós como uma placa de metal, e não há nada que se possa fazer para a tirar de cima. nem sequer a 25 dólares à hora. eu sei. o suicídio? o suicídio parece incompreensível para toda a gente menos para quem pensa matar-se. não é preciso ser poeta para entrar para o clube. quando eu era mais novo, vivia num hotel barato e tinha um amigo bastante mais velho, ex-presidiário, que trabalhava a esfregar o interior de máquinas de fazer doces. não parece grande motivação para viver, pois não? bom, mas bebemos juntos algumas noites e ele pareceu-me bom tipo, uma espécie de criança de 45 anos, descontraído e livre, sem um pinga de maldade. chamava-se Lou. tinha sido mineiro. nariz de falcão. mãos grandes e destruídas,

sapatos coçados, cabelo despenteado, com menos jeito para as mulheres do que eu — na altura. bom, mas faltou um dia ao trabalho por causa de uma bebedeira e os tipos da fábrica de doces despediram-no. contou-me quando chegou a casa. eu disse-lhe para esquecer o assunto — seja como for, o trabalho só serve para nos consumir o tempo. não pareceu ficar muito impressionado com as minhas ideias, por isso foi-se embora. horas mais tarde, fui bater-lhe à porta, para lhe cravar cigarros. como não abriu, calculei que estivesse bêbedo lá dentro. experimentei rodar a maçaneta e a porta abriu-se. ali estava ele, deitado em cima da cama e os bicos do gás ligados. acho que a Companhia de Gás do Sul da Califórnia nem faz ideia da quantidade de clientes que serve. bom, abri as janelas e desliguei a chapa e o aquecedor a gás. ele não tinha fogão. não passava de um antigo presidiário que tinha perdido o emprego numa fábrica de doces por ter faltado uma vez ao trabalho.

—o meu patrão disse-me que sou o melhor empregado que alguma vez teve. o problema é que falto muito, duas vezes no mês passado. disse-me que, se faltar mais alguma, vou para o olho da rua.

aproximo-me dele e abano-o.

—então, cabrão!?

—hã?

—seu cabrão, se voltares a fazer uma destas, corro daqui contigo a pontapé!

—Ski, SALVASTE-ME A VIDA! DEVO-TE A VIDA! SALVASTE-ME A VIDA!

continuou com aquela conversa do «salvaste-me a vida» durante as bebedeiras das semanas seguintes. Chegava-se à minha namorada com aquele nariz de falcão, agarrava-lhe as mãos com as suas manápulas deformadas, ou pior ainda, o joelho, e dizia:

—este filho da puta salvou-me a VIDA! SABIAS?

—já me contaste muitas vezes, Lou.

—SIM! ELE SALVOU-ME A VIDA!

uns dias depois, foi-se embora, com duas semanas de renda em atraso. nunca mais o vi.

estou com uma grande ressaca, mas falar de suicídio é melhor do que fazê-lo. ou não? bebo a última cerveja e o rádio que tenho no

chão está a passar música japonesa. o telefone acaba de tocar. é um bêbedo qualquer. interurbana. de Nova Iorque.

—isto é assim, desde que me apareça um Bukowski de cinquenta em cinquenta anos, tenho a vida feita.

permito-me desfrutar desta frase, manipular as coisas a meu favor, porque sou eu que tem os céus azuis, a febre aparada.

—lembras-te daquelas bebedeiras que costumávamos apanhar?
— pergunta ele.

—sim, lembro-me.

—o que é que estás a fazer agora? ainda escreves?

—sim, neste momento estou a escrever sobre suicídio.

—suicídio?

—sim, tenho uma crónica, mais ou menos, num jornal que está agora a começar, o *OPEN CITY*.

—e vão publicar uma crónica sobre suicídio?

—sei lá.

falamos mais um bocado e depois ele desliga. a ressaca. a crónica. lembro-me de que, quando era criança, havia uma música chamada «BLUE MONDAY». acho que isto foi na Hungria. e, de cada vez que tocava, alguém se suicidava. acabaram por proibir a música. mas agora oiço, vindo do meu chão, uma música que é quase pior. se não virem a minha crónica na próxima semana, pode ser que não seja por causa deste tema. entretanto, duvido que roube o emprego ao Coates e ao Weinstock.[16]

foi na manhã da segunda-feira passada. trabalhei todo o dia no domingo, até à meia-noite, e depois fui de carro para uma casa que tinha a luz acesa. cheguei com uma caixa de cervejas, que costumava ser o suficiente para começar. alguém saiu para comprar mais.

— devias ter visto o Bukowski na semana passada — disse um dos tipos. — estava a dançar com uma tábua de passar a ferro. e depois disse que ia foder a tábua.

—a sério?

—sim. e depois leu-nos uns poemas. tivemos de lhe arrancar o livro das mãos, senão ficava o resto da noite a ler.

disse-lhes que havia uma mulher com olhos de virgem ali sentada a olhar para mim — uma mulher, não, rapariga, era uma rapariga — e era difícil de parar.

—deixa cá ver — contei-lhes —, estamos a meio de Julho e ainda não comi ninguém este ano.

eles riram. acharam piada. quem anda sempre a foder acha graça quando os outros não fodem.

depois, começaram a falar do miúdo loiro que vivia com três raparigas ao mesmo tempo. avisei-os de que quando o miúdo chegasse aos 33 anos tinha de procurar emprego. soou a aviso inútil e vingativo. não restava mais nada senão acabar a minha lata de cerveja e ficar à espera que rebentasse a bomba.

arranjei um bocado de papel num sítio qualquer e, quando ninguém estava a ver, apontei:

o amor é um caminho com algum sentido. o sexo é sentido suficiente.

em breve, todos os miúdos se cansaram e tiveram de ir dormir. fiquei com um tipo mais velho, mais ou menos da minha idade. fomos criados para durar a noite toda — a beber, quero eu dizer. quando a cerveja acabou, ele encontrou uma garrafa de uísque. era um velho jornalista, agora editor num jornal importante de uma cidade qualquer na costa leste. a conversa foi agradável — dois

cães velhos a concordar em demasiadas coisas. a manhã chegou depressa. por volta das seis e um quarto, disse que tinha de me ir embora. decidi não levar o carro. eram uns oito quarteirões a pé. o outro tipo desceu comigo até à Hollywood Boulevard, junto ao *bowling*. depois, um aperto de mão à antiga e separámo-nos.

quando estava a dois quarteirões de casa, reparei numa mulher que tentava que o carro pegasse, que o afastava do passeio. estava com problemas. o carro avançava uns centímetros e depois ia abaixo. ela voltava a pô-lo a funcionar, pareceu-me uma atitude errática e de pânico. era um carro de último modelo. fiquei parado na esquina a observá-la. pouco depois, o carro foi-se abaixo mesmo ao pé de mim, em frente ao local onde me encontrava, no passeio. olhei lá para dentro. ali estava a mulher. saltos altos, *collants* escuros, camisa, brincos, aliança de casamento e cuecas. não tinha saia, só aquelas cuecas cor-de-rosa-claras. aspirei o ar da manhã. ela tinha uma cara enrugada de velha, mas umas pernas e umas coxas lisas de rapariga.

o carro deu mais um solavanco em frente. aproximei-me e enfiei a cabeça pela janela:

—minha senhora, o melhor é estacionar isso. a polícia costuma andar muito por aí a esta hora. ainda arranja alguma chatice.

— está bem.

fez a manobra até ao passeio, e depois saiu do carro. debaixo da camisa, também havia umas mamas de rapariga. ali estava ela, com as suas cuecas cor-de-rosa e *collants* escuros e saltos altos às 6:25 de uma manhã de Los Angeles. uma cara de 55 anos num corpo de 18.

—tem a certeza de que está tudo bem consigo? — perguntei.

—claro que está tudo bem — respondeu.

—tem *mesmo* a certeza? — perguntei.

—claro que tenho a certeza — respondeu ela.

então, virou-me as costas e começou a afastar-se. e eu fiquei a ver as nádegas a abanarem por baixo do tecido brilhante e justo das cuecas. ia ficando cada vez mais longe, a descer a rua pelo meio das filas de casas, e não se via ninguém, nem a polícia, nem seres humanos, nem sequer um pássaro. só aquelas nádegas jovens e

cor-de-rosa em movimento a afastarem-se de mim. estava demasiado fodido para conseguir gritar. sentia apenas a tristeza louca que nos consome, quando perdemos mais uma coisa boa para sempre. não tinha dito as palavras certas. não tinha dito a combinação certa de palavras, nem sequer tinha tentado. merecia mesmo uma tábua de engomar, e que se lixasse, era só mais uma maluca a andar por aí de cuecas cor-de-rosa às seis da manhã.

fiquei a vê-la desaparecer. os rapazes nunca iam acreditar numa coisa daquelas — a que escapou. depois, vi-a virar-se e regressar na minha direcção. também não estava nada mal vista de frente. na verdade, quanto mais perto ficava, melhor parecia — se lhe tirássemos a cara. mas também era preciso tirar a minha cara. a cara é a primeira coisa que deitamos fora quando se acaba a nossa sorte. a decrepitude posterior acontece a um ritmo mais lento.

chegou mesmo ao pé de mim. ainda não havia ninguém à volta. há certas alturas em que a insanidade se torna tão real, que deixa de ser insanidade. ali estava a cuecas cor-de-rosa a arfar encostada a mim e nem um carro da polícia à vista, não havia ninguém entre Veneza de Itália e Veneza da Califórnia, entre as raias do inferno e o último lote vazio em Palos Verdes.

—ainda bem que voltou — disse eu.

— vim só ver se a traseira do carro está a tapar a entrada da garagem.

e então, dobrou-se. não aguentei mais. agarrei-a por um braço.

—vamos, vamos para minha casa. é mesmo ali ao virar da esquina. vamos tomar umas bebidas e sair aqui da rua.

olhou para mim com aquele escombro de cara. eu continuava sem conseguir ligar aquele corpo àquela cara. estava mais excitado que um animal. por fim, ela lá disse «ok, vamos».

e, assim, dobrámos a esquina. não lhe toquei. ofereci-lhe um cigarro que encontrei no bolso da camisa. acendi-lho mesmo em frente a uma igreja. fiquei à espera que, a qualquer momento, se ouvisse uma voz vinda das casas vizinhas:

—Ó MULHER, SAI DA RUA COM ESSAS CUECAS OU CHAMO A POLÍCIA!»

se calhar, valia a pena viver nos arredores de Hollywood. havia, pelo menos, três ou quatro tipos a espreitar pelas cortinas, enquanto as mulheres preparavam o pequeno-almoço e eles batiam rapidamente uma punheta.

entrámos, disse-lhe para se sentar, e fui buscar meio jarro de vinho que um *hippie* qualquer lá tinha deixado. bebemos em silêncio. ela parecia mais sensível do que a maior parte das mulheres. não tirou da carteira os retratos da família — os filhos, quero eu dizer. o marido claro que vem sempre à baila.

—tenho nojo do Frank. não quer que eu me divirta.

—ai sim?

—vivo trancada. estou farta de estar trancada. escondeu-me as saias todas, os vestidos todos. faz sempre a mesma coisa quando eu começo a beber. quando começamos a beber.

—sim?

—quer manter-me como uma espécie de escrava. você acha que uma mulher deve ser escrava de um homem?

—não, claro que não!

—por isso é que fiquei de *collants*, saltos altos, cuecas e camisa, mas sem saia e, quando ele desmaiou, fugi!

—se calhar o Frank até é bom tipo — disse-lhe eu. — Não lhe dê muito na cabeça, percebe o que estou a dizer?

é a velha conversa do especialista. temos sempre de fingir que somos compreensivos, mesmo quando não somos. as mulheres nunca querem sensibilidade, a única coisa que procuram é uma espécie de vingança emocional contra outra pessoa de quem gostam demasiado. as mulheres são basicamente uns animais idiotas, mas concentram-se tanto e tão completamente nos homens, que conseguem muitas vezes vencê-los enquanto eles pensam noutras coisas.

—acho que o Frank é um filho da puta. não está contente que eu aqui esteja?

era melhor, sem dúvida, que uma tábua de engomar. acabei a minha bebida, aproximei-me dela, agarrei aquela cara velha e, concentrando-me no corpo, beijei-a, com a língua bem até ao fundo, até que a dela também apanhou a minha e começou a chupá-la,

enquanto eu já brincava com aquelas pernas de rapariguinha e com o milagre que eram aquelas mamas. o Frank era um tipo à maneira, sobretudo quando ressonava.

parámos um bocado para respirar e tomámos mais uma bebida.

— o que é que faz? — perguntou ela.

—sou decorador de interiores — respondi.

—não seja porco — disse ela.

—eh! você é bastante inteligente.

—andei na universidade.

não lhe perguntei onde. o velho profissional sabe como é que isto funciona.

—e você, andou na universidade?

— quase nada.

—tem umas mãos maravilhosas. tem mãos de mulher.

—já me têm dito bastantes vezes. repete isso e parto-lhe os dentes todos.

—mas é o quê? uma espécie de artista, ou pintor, ou coisa assim? parece uma mistura disso tudo. e já reparei que não gosta de olhar as pessoas nos OLHOS. não gosto de pessoas que NÃO CONSEGUEM OLHAR-ME NOS OLHOS. é covarde?

—sim. mas os olhos são diferentes. não gosto dos olhos das pessoas.

— gosto de si.

deu a volta e agarrou-me pela frente. não estava nada à espera; já me preparava para a levar ao carro. ou pior, deixá-la ir-se embora sozinha.

soube-me bem. quer dizer, ela agarrar-me daquela maneira. esquecer as palavras.

bebemos mais uns quantos copos depressa e depois comecei a levá-la na direcção do quarto, ou então foi ela que me começou a levar para lá. não importava. não há nada como a primeira vez. não me interessa o que dizem. mando-a deixar ficar os *collants* e os saltos altos. sou um tarado. não sou capaz de aguentar o ser humano no estado em que se encontra, tenho de ser enganado. os psiquiatras devem ter um nome para isto, e eu tenho um nome para os psiquiatras.

é como andar de bicicleta: assim que nos voltamos a sentar no selim, surge outra vez todo o equilíbrio e o encantamento.

foi bom. depois de nos termos despachado na casa de banho, voltámos à sala para acabar o jarro de vinho. não me lembro de voltar para a cama, mas acordei com aquela cara de 55 anos a olhar lascivamente para mim, um olhar mesmo demente. os olhos de uma louca. tive de rir. ela pôs-se a trabalhar no meu pau enquanto eu dormia. já me tinha acontecido com uma negra voluptuosa em Irolo Street.

—vá, querida, vá! — disse-lhe eu.

enfiei a mão e abri-lhe as pernas bem abertas. aquela cara de 55 anos desceu e beijou-me. era horrível, mas o corpo de 18 estava bem rijo, a pulsar, a contorcer-se; uma cobra tão louca como um papel de parede que ganhasse vida. e lá fizemos aquilo.

depois, foi mesmo dormir. até que uma coisa qualquer me acordou. olhei para cima e vi que a cuecas cor-de-rosa já tinha vestido as cuecas cor-de-rosa outra vez, e estava agora a vestir um dos meus velhos e rasgados pares de calças. era triste — ver aquele rabo que não ficava nada bem naquelas calças. era triste e ridículo e incómodo, e dava vontade de chorar, mas o velho profissional semicerrou os olhos e fingiu dormir.

Frankie, aqui vai o teu AMOR!

assim que esteja despachada.

fiquei a vê-la vasculhar um maço vazio de cigarros, vi-a olhar para mim — isto pode parecer tremendamente egocêntrico, mas fiquei com a sensação de que me admirava. que se foda, já tinha problemas que chegassem, mas, mesmo assim, senti-me mal quando percebi o que me tinha causado vê-la sair do meu quarto com as calças largas e rasgadas que eu usava para trabalhar. mas os profissionais são capazes de ver um suposto futuro baseado na disputa entre a sorte e a realidade que nunca acontece — excepto sob a forma de uma tábua de engomar. ela saiu do quarto. eu deixei-as ir, elas deixam-me ir. na verdade, é tudo tão horrível, e eu faço parte disso. nunca mais nos deixarão dormir até estarmos mortos, e depois hão-de pensar noutro truque. isso. quase chorei, mas depois, guiado pelos séculos, pela merda que Cristo fez, por todas as coisas

tristes que existem, estúpido, salto e vou buscar as únicas calças que não estão rasgadas, que ainda não estão rasgadas, de cair de joelhos no chão quando estou bêbedo. procurei a carteira, procurei o meu \$\$\$\$ e, ao encontrar sete dólares, calculei que não tinha sido roubado. e, sorrindo envergonhadamente ao espelho, atirei-me para trás na cama do ex-amor e... adormeci.

—os quilos vieram a minha casa.
—ai foi?
—sim.
—esquilos?
—«*quilos*»!
—eram quantos?
—eram muitos.
—o que é que aconteceu?
—falaram comigo.
—falaram?
—sim, falaram comigo.
—o que é que disseram?
—perguntaram-me se eu queria...
—o que é que disseram?
—perguntaram-me se eu queria uma dose.
—o quê? e o que é que disseste?
—*disse* «perguntaram-me se eu queria uma dose».
—e o que é que *tu* disseste?
—eu disse «não».
—e o que é que os quilos disseram?
—disseram: «OK, ENTÃO ESTÁ BEM!»

✱

—a mãe viu o Bill, a mãe viu o Gene, a mãe viu o Danny.
—viu?
—sim.

✱

—posso tocar na tua coisa?

—não.
—eu tenho mamas. tu tens mamas.
— pois é.
—olha! consigo fazer desaparecer o teu umbigo. dói-te, quando te
faço o umbigo desaparecer?
—não, isso é só gordura.
—o que é que é só gordura?
—eu, e em demasiados sítios onde não a devia ter.
—oh.

✱

—que horas são?
—são 5:25.
—que horas é que são agora?
—ainda são 5:25.
—e agora, que horas são?
—ouve, o tempo não muda assim tão depressa. ainda são 5:25.
—e que horas é que são AGORA?
—já te disse... são 5:25.
—e agora, que horas são?
—5:25 e 20 segundos.
—vou-te atirar a minha bola.
—ok.

✱

—o que é que estás a *fazer*?
—estou a *escalar*!
—não caias! se caíres daí, estás arrumado!
—não vou cair!
—não caias mesmo.
—não caio! não caio! olha para mim *agora*!
—meu Deus!

—vou descer! vou descer agora!
—ok, mas *fica* aí.
—oh, FODA-SE.
—o que é que disseste?
— disse «FODA-SE».
—pois, bem me pareceu.
—a mãe viu o Nick, a mãe viu o Andy, a mãe viu o Rueben.
—viu?
—sim!
—vais trabalhar?
—sim.
—mas eu não *gosto* que vás trabalhar!
—eu também não gosto.
—então, não vás.
— é a única maneira de arranjar dinheiro.
—ah.
—pois é.
—tens a tua caneta?
—sim.
—tens as chaves?
—sim.
—tens o crachá?
—sim.
—vai trabalhar, vai trabalhar, vai trabalhar, vai trabalhar, vai trabalhar...

✱

—fomos a um *atelier* ontem à noite.
— sim?
—sim.
—e o que é que as pessoas fizeram?
—conversaram. ficaram a conversar sem parar. só conversa.
—e tu?
—fui dormir.

✱

—onde é que foste buscar esses olhos azuis tão bonitos e grandes?

—fui eu que os fiz!

—foste tu que os fizeste?

—sim!

—estou a ver.

—os *teus* olhos são azuis.

—não, são verdes.

—não, são *azuis!*

—bom, talvez seja a luz. a luz aqui não é muito boa.

—foste tu que fizeste os teus olhos?

—acho que tive alguma ajuda.

—eu fiz os meus *próprios* olhos, e as minhas mãos, e o meu nariz, e os meus pés, e os meus cotovelos. isso tudo.

—às vezes, acho que tens razão.

—e os teus olhos são *azuis!*

—ok, os meus olhos são azuis.

✱

—dei um *peido!* ah ah ah! dei um *peido!*

—a sério?

—sim!

—tens vontade de cagar?

—NÃO!

—já não fazes chichi há horas. passa-se alguma coisa contigo?

—não. passa-se alguma coisa contigo?

—não sei.

—porquê?

—não sei porquê.

—que horas são?

—6:35.

—e, agora, que horas são?

—ainda são 6:35.

—e que horas são agora?

—6:35.

—oh. FODA-SE!

—o que foi?

—eu disse «oh, FODA-SE! FODA-SE! FODA-SE! FODA-SE!»

—ouve... vai buscar-me uma cerveja.

—ok...

—a mãe viu o Danny, a mãe viu o Bill, a mãe viu o Gene.

—ok, deixa-me beber a cerveja.

ela corre e começa a enfiar na carteira blocos de notas, cliques, elásticos, extensões eléctricas, cupões de desconto, envelopes, panfletos de publicidade e uma pequena estátua do Boris Karloff. eu continuei a beber a minha cerveja.

em Filadélfia, costumava sentar-me ao fundo do balcão e fazia recados em troca de sanduíches e assim. o Jim, o *barman* do primeiro turno, deixava-me entrar às cinco e meia da manhã, enquanto ele lavava o chão, e eu podia beber de graça até às sete, quando começavam a chegar as pessoas. eu fechava o bar às duas da manhã, o que não me deixava muito tempo para dormir. mas, nessa altura, também não tinha muito mais que fazer — dormir, comer e pouco mais. o bar encontrava-se em tão mau estado, tão velho, e cheirava tanto a urina e a morte, que, sempre que uma prostituta lá entrava à procura de clientes, nos sentíamos particularmente honrados. como é que eu pagava a renda do meu quarto, ou o que é que eu costumava pensar, não tenho a certeza. por volta desta altura, tinha aparecido um conto meu no *PORTFOLIO III*, ao lado do Henry Miller, do Lorca, do Sartre, e de muitos outros. cada cópia do *Portfolio* custava dez dólares. era uma coisa enorme, várias folhas separadas, cada qual impressa em diferentes fontes e em papel caro, às cores, com desenhos loucos experimentais. Caresse Crosby, a editora, tinha-me dito: «é uma história maravilhosa e muito pouco vulgar. quem É você?» e eu escrevi-lhe de volta: «Cara Senhora Crosby: não sei quem sou. Melhores cumprimentos, Charles Bukowski.» foi logo a seguir a este episódio que estive dez anos sem escrever. mas primeiro, numa noite à chuva com o *Portfolio*, um vento danado, as páginas a esvoaçar pela rua; as pessoas a correr atrás delas, eu bêbedo, a olhar para aquilo tudo; um lavador de janelas enorme que comia sempre seis ovos ao pequeno-almoço pisou com um dos seus pés enormes uma das páginas:

—olhe, olhe! apanhei uma!

—que se foda! larguem isso, deixem isso tudo voar! — digo-lhes, e voltamos para dentro.

tinha ganhado uma espécie de aposta. isso bastava-me.

todas as manhãs, por volta das onze horas, o Jim dizia-me que eu já tinha bebido o suficiente, e que não me servia mais, que eu fosse

dar uma volta. eu ia às traseiras do bar, e ficava lá deitado no beco. gostava de fazer aquilo, porque havia sempre camiões a passar para cima e para baixo no beco e eu ficava à espera que talvez chegasse a minha vez. mas andava com pouca sorte. e, todos os dias, rapazinhos negros me tocavam com paus nas costas, até se ouvir a voz da mãe: «pronto, já chega! deixem o homem em paz!» passado um bocado, levantava-me, entrava no bar e recomeçava a beber. o problema do beco era a cal. havia sempre alguém a sacudir cal de cima de mim, e era sempre imensa.

estava um dia lá sentado, quando perguntei:

—porque é que nunca ninguém vai àquele bar ali ao fundo da rua?

e responderam-me:

—é um bar de *gangsters*. se entras lá, és morto.

acabei a minha bebida, levantei-me e comecei a descer a rua.

o bar era muito mais limpo. havia uma data de rapazes enormes sentados, com ar um bocado maldisposto. fez-se um silêncio enorme.

—quero um uísque com água — pedi ao *barman*.

ele fingiu que não tinha ouvido.

aumentei um bocadinho o volume.

—desculpe, eu disse que queria um uísque com água!

ficou um longo bocado à espera, depois virou-se, voltou com uma garrafa e serviu-me. bebi de um trago.

—agora, quero outro.

reparei numa mulher, bastante nova, a uma mesa sem ninguém. parecia sozinha. parecia bonita. parecia sozinha e bonita. eu tinha algum dinheiro. não me lembro onde é que o tinha arranjado. peguei na minha bebida e fui sentar-me ao lado dela.

—o que é que queres ouvir na *jukebox*? — perguntei-lhe.

—qualquer coisa. qualquer coisa de que gostes.

carreguei a máquina. eu não sabia quem era, mas sabia carregar uma *jukebox*. ela era bonita. como era possível ser tão bonita e estar ali sozinha?

—olhe! olhe! mais duas bebidas! uma para a senhora e outra para mim!

sentia o cheiro a morte no ar. e, agora que tinha sentido o cheiro, não tinha a certeza se cheirava bem ou mal.

—queres o quê, amor? pede ao senhor!

estávamos a beber há uma meia hora, quando um dos dois rapazes enormes sentados na parte de trás do bar se levantou e veio lentamente na minha direcção. ficou atrás de mim e inclinou-se para a frente. ela tinha ido à casa de banho.

—ouve, amigo, quero DIZER-TE uma coisa.

—claro, por favor.

—essa tipa é a namorada do patrão. se continuas a brincar, vais acabar morto.

foi isso que ele disse: «morto». parecia um filme. foi-se embora e voltou a sentar-se. ela voltou da casa de banho e sentou-se ao meu lado.

—olhe! — disse eu, para o *barman*. — mais duas bebidas.

continuei a escolher discos na *jukebox* e a conversar. E, então, foi a *minha* vez de querer ir à casa de banho. abri a porta que dizia HOMENS e reparei que havia uma escadaria enorme que descia. tinham as retretes mesmo lá em baixo. que estranho. desci os primeiros degraus, e depois reparei que estava a ser seguido pelos dois rapazes enormes do fundo do bar. não foi tanto o medo da coisa, mas antes a estranheza. não havia mais nada que eu pudesse fazer para além de continuar a descer os degraus. fui ao urinol, abri a braguilha e comecei a mijar. apesar de vagamente bêbedo, vi o bastão vir sobre mim. desviei só um bocadinho a cabeça e, em vez de levar com ele na orelha, ele acertou mesmo em cheio na nuca. as luzes dispararam em círculos e lampejos, mas não foi muito mau. acabei de mijar, guardei a pila e fechei a braguilha. voltei-me. eles ainda ali estavam, à minha espera.

—desculpem — pedi.

e, depois, passei pelo meio dos dois, subi as escadas e sentei-me. tinha-me esquecido de lavar as mãos.

—olhe — repeti ao *barman* —, mais duas bebidas.

o sangue começou a aparecer. tirei um lenço do bolso e levei-o à parte de trás da cabeça. então, os dois tipos voltaram da casa de banho e foram sentar-se.

—olhe — acenei para o *barman* na direcção deles —, e são duas bebidas para aqueles cavalheiros.

mais música da *jukebox*, mais conversa. a miúda não saía de ao pé de mim. eu não percebia quase nada do que ela dizia. E, então, tive vontade de mijar outra vez. levantei-me e consegui chegar de novo à casa de banho dos HOMENS. um dos rapazes disse ao outro quando eu estava a passar:

—não dá para matar este filho da puta. é maluco.

desta vez, não desceram atrás de mim, mas, quando voltei para cima, não me sentei ao lado da rapariga. já tinha marcado a minha posição e já não estava interessado. fiquei ali a beber o resto da noite e, quando o bar fechou, fomos todos para a rua, conversar, e rir e cantar. passei as últimas horas a conversar com um miúdo de cabelo preto. ele veio ter comigo:

—ouve, queremos-te no nosso *gang*. és corajoso e nós precisamos de gente assim.

—obrigado, amigo. agradeço, mas não posso aceitar. mas obrigado na mesma.

e fui-me embora. sempre o mesmo drama no ar.

uns quarteirões mais à frente, mandei parar um carro da polícia, disse-lhes que tinha sido agredido com um bastão e roubado por um grupo de marinheiros. eles levaram-me para as Urgências, onde fiquei debaixo de uma luz muito brilhante com uma enfermeira e um médico.

—isto agora vai doer — disse-me ele.

a agulha começou a fazer o seu trabalho. não sentia absolutamente nada. só que me tinha a mim e a tudo o resto completamente sob controlo. estavam a pôr-me uma espécie de penso quando agarrei a perna da enfermeira. apertei-lhe o joelho. soube-me bem.

—então, o que é que se passa consigo?

—nada. estava só a brincar — respondi ao médico.

—quer que a gente trate dele? — perguntou um dos polícias.

—não. levem-no a casa. já teve uma noite complicada.

os polícias levaram-me a casa. foi um bom serviço. se tivesse sido em L.A., tinha ido parar com os costados à cadeia. quando

cheguei ao meu quarto, bebi uma garrafa de vinho e fui dormir.

perdi a abertura do bar às cinco e meia da manhã. às vezes, acontecia-me. passava o dia inteiro na cama. por volta das duas da tarde, ouvi duas mulheres a conversar mesmo em frente à minha janela.

—não sei o que se passa com o novo inquilino. às vezes, passa o dia fechado no quarto, com os estores para baixo e a ouvir rádio. não faz mais nada.

—já o vi — disse a outra. — está quase sempre bêbedo. é um homem horrível.

—acho que vou ter de o mandar embora — disse a primeira.

que merda, pensei. que merda que merda que merda que merda que merda.

desliguei o Stravinsky, vesti-me e fui ao bar. entrei.

—ah! aqui está ele!!!

—pensávamos que tinhas sido morto!

—foste mesmo ao bar dos *gangsters*?

—fui.

—conta-nos tudo!

—primeiro, preciso de uma bebida.

—claro, claro.

chegou o uísque com água. sentei-me ao fundo do balcão. a luz suja do sol entre a 16th e a Fairmount começava a entrar pelas janelas. o meu dia tinha começado.

—os rumores... — comecei — de que é um lugar muito perigoso são mesmo verdade...

depois, contei-lhes mais ou menos a mesma coisa que já vos contei.

o resto da história é que não consegui pentear o cabelo durante dois meses, voltei ao bar dos *gangsters* um par de vezes, fui bem tratado e acabei por sair de Filadélfia pouco depois, à procura de mais sarilhos, ou lá de que é que eu andava à procura naquele tempo. sarilhos, não há dúvida que encontrei, agora o resto, continuo sem encontrar. talvez encontremos quando morremos. talvez não. vocês têm os vossos livros de filosofia, os vossos padres, os vossos pastores, os vossos cientistas, por isso não me

perguntem a mim. e evitem bares que tenham a casa de banho dos
HOMENS na cave.

quando a mãe do Henry morreu, não foi assim tão mau. houve um bonito enterro católico. o padre abanou uns paus a arder e ficou tudo feito. o caixão esteve sempre fechado. o Henry foi directamente do enterro para as corridas de cavalos. teve um dia bom. conheceu uma rapariga ligeiramente amarela e seguiram para o apartamento dela. ela fez bifes, e foram para a cama. quando o pai dele morreu, foi mais complicado. deixaram o caixão aberto, e ele foi espreitar uma última vez. antes disso, a namorada do velho, que o Henry nunca tinha conhecido, uma tal Shirley, agarrou-se ao caixão, a gemer e a gritar e a agarrar a cabeça do morto para a beijar. tiveram de a arrancar dali. depois, quando o Henry vinha a descer as escadas, a tal Shirley agarrou-se a ele e começou aos beijos:

—és tão parecido com o teu pai!

ficou excitado no meio dos beijos e, quando a enxotou, percebia-se alguma coisa nas suas calças. rezou para que ninguém tivesse reparado. mas tomou uma nota mental de ir procurar a Shirley depois. não era muito mais velha que ele. foi do enterro para as corridas, mas, dessa vez, não houve miúda amarela nenhuma. e também perdeu dinheiro. o velho tinha deixado o seu estigma em cima do filho.

o advogado disse que não havia nenhum testamento. não havia dinheiro, mas havia uma casa e um carro. o Henry não tinha trabalho, por isso mudou-se logo para a casa nova. e começou a beber. bebia com a sua antiga namorada, a Maggy. acordava por volta do meio-dia e regava a merda da relva do jardim. e as flores. o velho gostava de flores. e ele regava as flores. ficou ali, de ressaca, a lembrar-se de como o velho o odiava porque o Henry não gostava de trabalhar. só de beber e de se deitar com mulheres. agora, tinha a casa e o carro e o velho estava debaixo da terra. acabou por conhecer os vizinhos, especialmente o do lado norte. um tipo qualquer que era gerente de uma lavandaria. Harry. esse Harry tinha um jardim cheio de pássaros. 5000 dólares em pássaros. de todos os tipos. de todo o lado. tinham cores estranhas e formas estranhas

e alguns deles falavam, um deles estava constantemente a dizer: «vai prò inferno vai prò inferno», o Henry bem que lhe atirava água para cima, mas era escusado, o pássaro perguntava «tens um fósforo?», e depois dizia «vai prò inferno» cinco ou seis vezes, muito depressa. o jardim estava cheio de gaiolas de arame. esse Harry vivia para os pássaros. o Henry vivia para o álcool, e para a rata. talvez devesse experimentar um daqueles pássaros. como é que se fode um pássaro?

a Maggy era boa na cama, mas era meio-irlandesa, meio-indiana e tinha péssimo feitio quando bebia. de vez em quando, ele lá tinha de lhe bater. arranjou o número de telefone da Shirley e convidou-a a ir lá a casa. ela começou novamente a beijá-lo, a dizer-lhe que era igual ao pai. ele deixou e beijou-a também. não a comeu naquela noite, preferiu esperar até ter a certeza. não a queria assustar.

o Harry aparecia quase todas as noites com a mulher e ficavam a beber. o Harry falava da lavandaria e dos pássaros. os pássaros odiavam a mulher do Harry. a mulher do Harry cruzava tanto as pernas enquanto contava o quanto odiava os pássaros que o Henry sentiu qualquer coisa mexer dentro das calças. malditas mulheres, que não paravam de o provocar. depois, a Shirley começou a aparecer, e bebiam todos juntos. a Maggy não gostava de ver a Shirley por ali, e o Henry olhava para uma e depois para a outra, a tentar decidir qual delas era melhor. E, então, tudo aconteceu na mesma noite. a mulher do Harry apanhou uma bebedeira e soltou os pássaros todos. os 5000 dólares de pássaros, e o Harry ficou parado, em estado de choque, até que começou aos gritos e a bater na mulher. de cada vez que lhe batia, ela caía e o Henry espreitava por debaixo do vestido. viu-lhe as cuecas várias vezes. começou a ficar muito excitado. a Maggy foi o jardim tentar apanhar os pássaros e pô-los de volta nas gaiolas, mas não conseguia. os pássaros andavam de um lado para o outro na rua, no cimo das árvores, ou nos telhados, 5000 dólares de pássaros malucos, de todas as formas e cores, a provar a doce confusão da liberdade. o Henry não aguentou mais, pegou na Shirley e levou-a para o quarto. despiu-a e pôs-se em cima dela. estava quase bêbedo demais para conseguir. de cada vez que o Harry batia na mulher, ela gritava e

isso dava-lhe mais um impulso. então, a Maggy apareceu com um pássaro, um pássaro com um tufo cor de laranja na cabeça, e um tufo cor de laranja do peito, e dois tufos cor de laranja em cima das patas. o resto do pássaro era pele cinzenta e estupidez. O Harry tinha pagado 300 dólares por ele. a Maggy gritava «apanhei um pássaro!» e, como não viu o Henry, foi ao quarto e, quando percebeu o que estava a acontecer, deixou-se cair para uma cadeira com o pássaro no colo, a olhar e a gritar. o Harry continuou a bater na mulher, e ela continuou a gritar, e era assim que as coisas estavam quando a polícia chegou. dois polícias novos. os polícias agarraram o Henry, obrigaram toda a gente a vestir-se e levaram-nos para a esquadra. chegou outro carro da polícia com mais dois agentes. a Maggy descontrolou-se e bateu num dos agentes e eles levaram-na num dos carros. foram até uma colina e cada um dos polícias fodeu a Maggy no banco de trás. tiveram de a algemar. o outro polícia levou o Henry, o Harry, a Shirley e a mulher do Harry para a esquadra, registou-os e prendeu-os, enquanto os pássaros andavam de um lado para o outro na rua.

nesse domingo, o pastor falou dos «alcoólicos depravados que encham a nossa comunidade de pecado e de vergonha». a Maggy era a única que não estava presa, e era muito religiosa. estava sentada na primeira fila, com as pernas cruzadas bem alto. do púlpito, o pastor conseguia olhar mesmo em frente para as pernas. quase conseguia ver-lhe as cuecas. começou a sentir qualquer coisa nas calças, mas o púlpito, felizmente, escondia essa parte de si. teve de olhar pela janela e continuar a falar até que aquilo nas suas calças desaparecesse.

o Harry foi despedido. o Henry vendeu a casa. o pastor acabou por comer a Maggy. a Shirley casou com um reparador de televisores. o Harry ficou a olhar para as suas gaiolas vazias, enquanto os pássaros morreram de fome nas ruas. de cada vez que encontrava mais um pássaro morto, batia na mulher. o Henry gastou o dinheiro todo em seis meses, no jogo e em álcool.

chamo-me Henry. Charles é o meu nome do meio. quando a minha mãe morreu não foi muito mau. houve um bonito enterro católico. incenso. caixão fechado. quando o meu pai morreu, foi

mais complicado. deixaram o caixão aberto e a namorada do velho aproximou-se... beijou a cabeça do morto, e começou esta história toda.

P.S. — não se consegue foder um pássaro sem o agarrar primeiro.

a melhor coisa num moderno secador de roupa a gás é, claro, a maneira como ele trata da roupa, e o Rei deu-me cinco chutos no cu, um, dois, três, quatro, cinco, e lá estava eu em Atlanta, ainda pior que em Nova Iorque, mais pobre, mais louco, mais doente, mais magro; com menos hipóteses que uma puta de 53 anos ou uma aranha num fogo florestal, seja como for, desci a rua, era de noite e estava frio, e Deus não queria saber disso para nada, e as mulheres não queriam saber disso para nada, e o meu editor não queria saber disso para nada. as aranhas não queriam saber disso para nada, não sabiam cantar, não sabiam o meu nome, mas o frio sabia, e as ruas lambeiram-me a barriga fria até ficar vazia, ahah, as ruas sabiam muito, e eu andava por ali com uma camisa branca e velha, e estava um gelo, e bati a uma porta, eram umas nove da noite, quase dois mil anos depois de Cristo ter desistido, e a porta abriu-se e um homem sem rosto apareceu no umbral. eu disse-lhe preciso de um quarto, vi aquela placa que diz Arrenda-se Quarto. e ele disse tu não me percebes. por isso, não quero ser incomodado.

só quero um quarto, disse eu. está muito frio. eu pago. se calhar não tenho que chegue para uma semana, mas só quero abrigar-me deste frio. não é morrer que é mau, é estar perdido.

vai-te foder, disse ele. a porta fechou-se.

percorri as ruas de que não sabia o nome. não sabia para que lado caminhar. a tristeza era sentir que algo estava errado. e não era capaz de o pôr por palavras. pendia sobre a minha cabeça com uma bíblia. que disparate. que raio de moca. não há mapa. não há pessoas. não há nenhum som. só vespas. pedras. muros. vento. o meu pau e os meus colhões a balançar sem sentir nada. podia gritar na rua, ou qualquer coisa assim, que ninguém ouviria, ninguém se importaria. e também não faria sentido. eu não estava a pedir amor. mas havia algo muito estranho. algo de que os livros nunca falavam. algo de que os pais nunca falavam. mas as aranhas sabiam. foda-se.

reparei pela primeira vez que tudo O QUE É PROPRIEDADE DE ALGUÉM tem uma FECHADURA. estava tudo trancado. uma lição para os ladrões, os mendigos e os loucos, América, a bela.

então, vi uma igreja. não gostava especialmente de igrejas, para mais quando estavam cheias de pessoas. mas achei que não ia ser o caso às nove da noite. subi os degraus da entrada.

ei, ei, mulher, anda ver o que resta do teu homem.

podia ficar ali um bocado, a sentir o mau cheiro, talvez a arranjar algum sentido em Deus, talvez dar-lhe uma chance. puxei a porta.

estava trancada.

desci os degraus.

continuei a vaguear pelas ruas, dobrando esquinas ao acaso, sempre a andar. e agora está à minha frente. o muro. é disto que os homens têm medo. não é só de ficarem fechados lá fora para sempre. mas também de não terem um amigo. por isso, não é de espantar, pensei, que isto POSSA assustar mesmo as pessoas. pode MATAR as pessoas. o truque deles é deixar-nos entrar e deixar-nos ficar. tenham todos os cartões na carteira. dinheiro. seguros. carros. cama. janela. casa de banho. gato. cão. planta. instrumento musical. certidão de nascimento. coisas com que se zangar. inimigos. apoiantes. sacos de farinha. palitos. mulheres sem doenças. banheira. máquina fotográfica. elixir para a boca. oh, meu deus, ooooh. fechaduras (afoguem-se nisso, nadem nisso, esfreguem-lhe as costas) (tudo aquilo que têm, puguem ao corpo como um par de barbatanas, como umas asas de borracha, um caralho sobressalente guardado no armário dos remédios).

atravessei uma pequena ponte e então vi outra placa:

ARRENDAR-SE QUARTO. fui até à casa. bati à porta. claro que bati à porta. o que é que acham que eu ia fazer? ficar a sapatear na minha camisa branca e com o cu gelado??

sim, a porta abriu-se. apareceu uma velha, estava demasiado frio para reparar se tinha cara ou não. acho que não tinha. pensei nas percentagens. apesar do cu frio, sou um grande matemático. esfreguei a boca durante um tempo e depois falei:

estou a ver que tem um quarto para arrendar.

pois tenho, e então?

creio que talvez precise de um quarto.
vai precisar é de um dólar e quinze centimos.
por uma noite?
por uma semana.
por uma semana?
isso.
meu deus.

tirei um dólar e quinze centimos. sobraram-me dois ou três dólares. espreitei a casa. meu deus. havia um fogo enorme. um metro e meio de largura por um metro de altura. não digo que a casa estava a arder. o fogo estava onde devia. numa lareira mágica. senti-me renascer, só de olhar para lá. ganhei um quilo sem comer, só de olhar para aquela lareira. estava um velho sentado ao pé do fogo. vi-o inundado pela glória alaranjada da sombra do fogo. meu deus. tinha a boca escancarada. parecia não fazer ideia de onde estava. tremia por todos os lados. não parava de tremer. pobre coitado. pobre velho coitado. dei um passo para dentro da casa.

desapareça daqui, caralho, disse a velha.

como assim? paguei a renda. uma SEMANA de renda.

pois foi. o seu quarto é lá fora. venha comigo.

a velha fechou a porta atrás daquele pobre diabo e eu fui atrás dela por um caminho que conduzia à parte da frente da casa. um caminho, o caralho. o jardim da frente era só terra. uma terra dura e fria. não tinha reparado, mas havia uma barraca de papelão no jardim. o meu poder de observação sempre foi uma merda. ela empurrou a porta da barraca de papelão, que estava presa a uma única dobradiça.

n' há fechadura. mas também ninguém o vai chatear aí dentro.

creio que tem razão.

foi-se embora. eu tinha razão. já tinha visto a cara dela, e ela não tinha cara. apenas carne pendurada em osso, como a carne engelhada de uma carcaça de galinha.

não havia nenhum tipo de luz. só um fio pendurado no tecto. o chão era de terra. mas havia jornais espalhados pelo chão, como uma espécie de tapete, uma cama, sem lençóis, um cobertor fininho. um. cobertor fininho. e foi então que descobri um candeeiro

de petróleo! beleza! sorte! encanto!! tinha um fósforo e acendi aquilo. APARECEU UMA CHAMA!

era um belo fogo, tinha alma, encostas de montanhas cheias de sol, ribeiros mornos de peixes sorridentes, *collants* quentes cheirando ligeiramente a torradas. pus a mão por cima da pequena chama. as minhas mãos eram belas. lá isso tinha. tinha mãos belas.

a pequena chama apagou-se.

andei às voltas com o candeeiro de petróleo, mas, tendo nascido no século xx, não percebia muito daquilo. mas não levei uma eternidade a reparar que precisava de mais líquido, combustível, petróleo, ou lá como é que se chamava.

empurrei a minha porta de cartão e saí para a noite estrelada de Nosso Senhor. bati à porta da casa com as minhas belas mãos.

sim. a porta abriu-se. e lá estava a velha. quem mais poderia ser? o Mickey Rooney? espreguei mais uma vez o pobre diabo a tremer frente ao glorioso fogo. que grande idiota.

o que é que foi? perguntou a velha com a sua cabeça de dorso de galinha.

peço imensa desculpa de a incomodar, mas está a ver aquele candeeiro de petróleo?

sim.

bom, apagou-se.

ai sim?

sim. será que lhe posso pedir mais petróleo?

é maluco, essa merda custa DINHEIRO!

não bateu com a porta. tinha uma calma clássica. fechou-a com uma espécie de rudeza inimaginavelmente gentil. uma perfeição alcançada por séculos de prática. bons antepassados. todos com cara de carcaça de galinha. as caras de carcaça de galinha hão-de dominar o mundo.

voltei para o meu quarto (?) e sentei-me na cama. e então, aconteceu uma coisa muito embaraçosa: ainda que não comesse havia muito tempo, senti, de repente, uma enorme vontade de cagar. tinha de me levantar, voltar a sair para o mundo de deus e bater novamente àquela porta. desta vez, também não era o Mickey Rooney.

sim.

desculpe incomodá-la outra vez. mas não tenho casa de banho no meu quarto. há alguma por aqui?

é mesmo ali, apontou ela.

ali??

ALI! e oiça...

sim?

desapareça, caralho. 'tá sempre a vir aqui bater à porta, é maluco. e o AR FRIO daí entr' AQUI!

desculpe.

desta vez, bateu com a porta. senti, por uns instantes, o ar quente passar-me pelas orelhas, pelo meio dos colhões. sabia bem. e depois, dirigi-me à estrutura que servia de casa de banho.

a retrete não tinha tampa.

espreitei lá para dentro. parecia entrar por quilómetros de terra adentro. e era a retrete mais malcheirosa do mundo, o que é dizer muito. vi, à luz do luar, uma aranha na sua teia. uma aranha preta e gorda. com ar de grande conhecedora. a teia estendia-se por toda a abertura da retrete. de repente, passou-me toda a vontade de cagar.

voltei para o quarto. sentei-me na cama. estiquei a minha bela mão o mais perto que conseguia daquele fio eléctrico pendurado. conseguia ainda mais perto. fiquei ali sentado, meio louco, cheio de merda seca, a balançar o fio. depois, levantei-me e saí para a rua. andei cerca de um quarteirão e pus-me debaixo de uma árvore gelada. uma enorme árvore gelada. com toda aquela merda seca dentro de mim. parei em frente a uma mercearia. lá dentro uma gorda conversava com o merceeiro. estavam os dois ali, debaixo daquela luz amarela, a falar. e toda aquela COMIDA. estavam-se nas tintas para as artes, ou para os contos, ou para o Platão, ou mesmo para o Capitão Kidd. só queriam saber do Mickey Rooney. estavam mortos mas, de certa maneira, eram mais sensatos que eu. aquela sensatez insensata dos insectos e dos cães. não ia cagar. não era capaz.

voltei para o meu quarto. na manhã seguinte, escrevi uma longa carta ao meu pai nas margens de um jornal. comprei um envelope e um selo e pus aquilo no correio. contei-lhe que estava a passar

fome e que precisava muito de dinheiro para comprar um bilhete de autocarro para L.A., e, no que me dizia respeito, que se lixasse o conto. olhe para o DeMass, escrevi, apanhou sífilis e enlouqueceu a remar num barquinho. mande dinheiro.

não me lembro se cheguei a cagar enquanto esperava. mas a resposta chegou. rasguei o envelope. abanei as folhas. eram dez ou doze, escritas de um lado e de outro, mas nada de dinheiro. as primeiras palavras eram: A FONTE SECOU!

... ainda me estás a dever DEZ DÓLARES que não ME PAGASTE! o dinheiro custa-me muito a ganhar. não posso andar a sustentar-te enquanto escreves os teus contos idiotas. se ALGUMA vez tivesses vendido uma história ou ESTUDADO alguma coisa, já era outra conversa, mas eu já li as tuas coisas e são FEIAS. as pessoas não querem ler coisas FEIAS. devias escrever como o Mark Twain. foi um grande homem. sabia pôr as pessoas a rir. nas tuas histórias, as pessoas matam-se, ou enlouquecem, ou matam alguém. a maior parte da vida não é como tu a imaginas. arranja EMPREGO, faz alguma coisa de ti...

e a carta continuava. não consegui acabá-la. eu só queria dinheiro. abanei novamente as folhas. estava demasiado doente para sentir o frio. mais tarde nesse mesmo dia, vi um cartaz enquanto passeava — Precisa-se funcionário. e era verdade, precisavam de homens para reparar linhas de comboio algures a oeste de Sacramento. inscrevi-me. tive uns quantos problemas lá, e com o resto do pessoal. não gostavam muito de mim e o comboio tinha cem anos e estava cheio de pó. um dos tipos enfiou-se debaixo do meu assento enquanto eu tentava dormir e soprou-me pó para a cara, enquanto os outros se riam. CABRÕES! bom, mas era melhor que em Atlanta. fiquei furioso e sentei-me. o tipo foi-se embora, ter com o seu grupinho.

aquele gajo é maluco, disse ele. se ele vier aqui, têm de me ajudar.

não fui lá. provavelmente, o Mark Twain teria conseguido arrancar umas gargalhadas com esta história, teria acabado a beber de uma garrafa com a malta, e a cantar. um homem a sério. Sam Clem.^[17] eu não era grande coisa, mas tinha saído de Atlanta, ainda não

completamente morto, tinha umas belas mãos e um caminho a seguir.

o comboio continuou a andar.

não sei se foi daqueles caracóis chineses com o olho do cu pequenino e redondo ou se foi o turco do alfinete de gravata roxo ou simplesmente o facto de ter de ir com ela para a cama sete ou oito ou nove ou onze vezes por semana, ou outra coisa qualquer e mais outra coisa qualquer, e mais outra coisa, mas já fui casado com uma mulher, uma rapariga, herdeira de um milhão de dólares, bastava que morresse uma certa pessoa, mas não há poluição no ar naquela parte do Texas, e toda a gente se alimenta bem, bebem do melhor álcool que há e vão ao médico ao primeiro arranhão e ao primeiro espirro. ela era ninfomaníaca, tinha um problema qualquer no pescoço, e, para abreviar, tinham sido os meus poemas, ela achava que a minha poesia era a melhor coisa desde o Black, não, quero dizer Blake — Blake. e alguns são. ou então, foi outra coisa qualquer. mas ela continuava sempre a escrever-me. e eu não sabia do tal milhão. aqui estou, sentado num quarto na N. Kingsley Drive, acabado de sair do hospital com hemorragias, estômago e rabo, o meu sangue espalhado pelo hospital todo, e eles a dizerem-me, depois de quatro litros de sangue e quatro litros de glucose, «mais uma bebida e morre». não é maneira de falar com uma mente suicida. passo as noites neste quarto rodeado de latas de cerveja cheias e vazias, a escrever poemas, a fumar charutos baratos, muito pálido e fraco, à espera que caia o último muro.

enquanto isso, as cartas. respondo-lhes. depois de me dizer quão maravilhosos eram os meus poemas, mandava-me também alguns dos seus (não eram maus de todo) e depois vinha sempre a mesma conversa: «nunca nenhum homem há-de casar comigo. é por causa do meu pescoço. não o consigo virar». sempre isto: «nunca nenhum homem há-de casar comigo. nunca nenhum homem há-de casar comigo. nunca nenhum homem há-de casar comigo.» então, numa noite, bêbedo, fiz o seguinte: «pronto, eu caso contigo! descansa!» mandei a carta e esqueci o assunto, mas ela não. costumava mandar-me fotos onde não parecia nada mal, mas, depois de lhe ter dito aquilo, começaram a chegar fotos horríveis. só de olhar para

elas, ficava bêbedo A SÉRIO. ajoelhava-me no meio do tapete, em pânico, e dizia: «aqui me sacrifico. se conseguir fazer feliz uma única pessoa que seja, então a minha vida já não terá sido em vão.» bem, tinha de arranjar qualquer coisa que me fizesse sentir menos mal. olhava para uma daquelas fotografias e toda a minha alma tremia e gritava, e lá ia mais uma garrafa de cerveja.

ou talvez não tenham sido os caracóis chineses com o olho do cu pequenino e redondo, talvez tenham sido as aulas de Arte. bom, onde é que eu ia?

ah, veio de autocarro, a mãe não sabia, o pai não sabia, o avô não sabia, estavam todos algures de férias e ela trazia só uns trocos. fui buscá-la à paragem, fiquei ali bêbedo, à espera que uma mulher que nunca tinha visto descesse de um autocarro, à espera de uma mulher com quem nunca tinha falado, para me casar com ela. só podia ter enlouquecido. o meu lugar não era nas ruas. ouviu-se um anúncio. era o autocarro dela. vi as pessoas descerem pela porta. e eis que aparece uma loira sensual de saltos altos, com um belo rabo e a abanar-se para cá e para lá, e nova, nova, 23 anos, e o pescoço não era assim tão mau. seria possível que fosse ela? ou teria perdido o autocarro? levantei-me e fui ter com ela.

—Barbara? — perguntei.

—sim — respondeu ela. — és o Bukowski, certo?

—parece que sim. vamos?

—vamos.

metemo-nos no meu carro velho e fomos para casa.

—quase saí do autocarro e voltei para trás.

—percebo-te muito bem.

entrámos em casa, eu bebi mais um bocado e ela disse-me que só ia para a cama comigo depois de casarmos. por isso, descansámos um pouco e depois peguei no carro e fomos para Las Vegas, onde nos casámos. fiz o caminho todo para lá e para cá sem descansar, mas, quando nos metemos na cama, valeu a pena... a PRIMEIRA vez. ela tinha-me dito que era ninfomaníaca, mas eu não tinha acreditado. depois da terceira ou quarta volta, comecei a acreditar. percebi que estava metido num grande sarilho. todos os

homens acreditam que são capazes de domar uma ninfomaníaca, mas é um caminho directo para o cemitério — para o homem.

despedi-me do meu trabalho como empregado de escritório e apanhámos um autocarro para o Texas. foi quando descobri que ela era milionária, mas não fiquei especialmente fascinado. sempre fui um bocado louco. era uma cidade muito pequena, apontada pelos especialistas como a última cidade americana onde alguém se lembraria de lançar uma bomba atómica, e os especialistas tinham razão. quando dava os meus pequenos passeios, entre as idas e vindas ao nosso quarto, fraco, pálido, sorumbático, toda a gente ficava a olhar para mim, claro. eu era o intrujão da cidade que tinha sacado a rapariga rica. claro que eu TINHA de ter alguma coisa especial, de certeza. e tinha: um caralho muito cansado e uma mala de viagem cheia de poemas. ela tinha um vago emprego na câmara municipal, com uma secretária e nada para fazer, e eu passava lá os dias com ela, sentado à janela, ao sol, a enxotar moscas. o papá detestava-me, mas o avô parecia gostar de mim, só que, pelo que fui percebendo, a maior parte do dinheiro era do papá. e eu sentado a enxotar moscas. então, um dia, vi entrar um cobói enorme. de botas. chapéu de abas largas. o equipamento todo.

—que diabo, Barbara — disse ele, e depois olhou para mim... — diz-me lá — perguntou-me —, o que é que fazes?

—FAÇO?

—sim, O QUE É QUE TU FAZES?

deixei passar um grande bocado. ia olhando pela janela. enxotei uma mosca. depois, virei-me para ele. estava encostado ao outro lado do balcão, aqueles dois metros de altura e aquela cara corada de herói americano do Texas.

—eu? bom, eu, mais ou menos... bom, eu VAGUEIO por aí, à sorte. ele deu a volta ao balcão muito depressa e foi-se embora.

—sabes quem era? — perguntou-me ela.

—não.

—é o rufião da cidade. bate nas pessoas. é meu primo.

—bom, mas não me FEZ nada. ou FEZ? — perguntei, pronunciando muito bem as sílabas todas.

lançou-me um olhar estranho pela primeira vez. tinha finalmente visto o monstro horrível. o número do poeta sensível era apenas uma rosa na minha boca na noite de Natal. no dia em que toda a gente da cidade usava calças de ganga, vesti o meu único fato e andei a passear pelas ruas. parecia um filme de Hollywood. mandavam as regras que quem não usasse calças de ganga fosse atirado ao lago, e não foi assim tão fácil como estou a querer fazer parecer. já tinha bebido bastante antes de dar as minhas voltas e nunca cheguei a ver o lago. tinha a cidade a meus pés. até o médico queria ir à caça e à pesca comigo. a família dela ficava a olhar, a ver-me atirar latas vazias de cerveja para um caixote do lixo e a contar piadas. confundiram essa minha despreocupação suicida com coragem. foi a melhor piada que já inventei.

Mas, depois, ela quis ir para Los Angeles. nunca tinha vivido numa cidade grande. tentei demovê-la. a verdade é que eu gostava de deambular por aquela cidade, mas não, insistia que tinha mesmo de ser e, então, o avô passou-lhe um cheque simpático, e lá nos voltámos a meter num autocarro, em direcção a Los Angeles. dois potenciais milionários enfiados num autocarro a brincar aos pobrezinhos. e pior ainda, insistiu que tínhamos de nos sustentar a nós próprios. lá arranjei outro emprego num escritório, enquanto ela passava os dias a sonhar em arranjar também emprego. todas as noites depois do trabalho, eu apanhava uma bebedeira.

—meu deus — dizia eu —, olhem o que é que eu fui fazer! casei com uma burgessa do campo.

ela ficava furiosa. mas nunca fui capaz de a apaparicar só por causa dos milhões. não estava na minha natureza. morávamos numa casa no cimo de uma colina, casa pequena, arrendada, e havia um grande relvado nas traseiras e as moscas escondiam-se nas ervas mais altas e depois saíam e espalhavam-se pelo jardim inteiro, 40 000 moscas, era de enlouquecer. eu pegava numa lata grande de *spray* e matava umas mil por dia, mas elas fodiam depressa demais, e nós também. os loucos que tinham vivido naquela casa tinham pendurado umas prateleiras a toda a volta da cama, e nessas prateleiras havia vasos e mais vasos com gerânios. vasos grandes, vasos pequenos. tudo gerânios. quando fodíamos, a

cama fazia abanar as paredes e as paredes faziam abanar as prateleiras, e eu ouvia o lento barulho vulcânico das prateleiras a ceder, e então parava.

—não, NÃO PARES, OH, MEU DEUS, NÃO PARES!

e então retomava o movimento e lá vinham as prateleiras abaixo, e acertavam-me nas costas e no rabo e na cabeça e nas pernas e nos braços, e ela ria-se e gritava e continuava a FODER. ela adorava aqueles vasos.

—vou arrancar estas prateleiras da parede — dizia-lhe eu.

—não, não — pedia ela. — POR FAVOR, NÃO! POR FAVOR, NÃO!

e dizia aquilo com tanta doçura que eu não era capaz. e então, voltava a pregá-las na parede, voltava a pôr os vasos e ficávamos à espera da vez seguinte.

a certa altura, comprou um pequeno cão preto atrasado mental e chamou-lhe *Bruegel*. Peter Bruegel era um pintor, ou costumava ser ou isso. mas, ao fim de uns dias, já tinha perdido o interesse no cão. dava-lhe pontapés quando ele se atravessava no caminho, e com força, com a biqueira pontiaguda do sapato, e cuspia:

—sai-me da frente, filho da puta!

e então, o *Bruegel* e eu rolávamos no chão e andávamos à luta enquanto eu ia bebendo a minha cerveja. era a única coisa que ele sabia fazer — andar à luta; e tinha uns dentes melhores que os meus. senti os milhões a irem-se embora, mas não quis saber.

ela comprou-nos um carro novo, um *Plymouth* de 57, que é o que ainda hoje tenho, e eu disse-lhe que assim já podia procurar um emprego qualquer municipal. fez um exame e foi trabalhar para a polícia. inventei que tinha sido despedido do meu emprego e passava os dias a lavar o carro e depois a ir buscá-la ao trabalho. um dia, quando estávamos a voltar, vi sair da esquadra uma data de miúdos de camisas às flores, *t-shirts*, pálidos, ombros caídos, sorrisos idiotas e ar de putos de liceu.

—quem é que são estes merdas? — perguntei-lhe.

—são polícias — respondeu ela, naquele seu tonzinho de cabra.

—oh, diz lá! têm todos ar de atrasados mentais! não podem ser polícias! diz lá! vá, AQUELES tipos não são polícias!

—são polícias, sim, e são ÓPTIMAS pessoas.

—OH, MERDA! — disse eu.

ficou mesmo muito zangada. nessa noite, só fodemos uma vez.
no dia seguinte, veio com outra coisa.

— aquele é o José — apontou ela. — é espanhol.

—espanhol?

—sim, nasceu em Espanha.

—metade dos mexicanos com quem já trabalhei em fábricas dizem que nasceram em Espanha. é mentira. Espanha representa o pai, o toureiro, o Grande Sonho de antiguidade.

—o José nasceu em Espanha, e eu sei que é verdade.

—como é que sabes?

—porque ele me disse.

—AH, FODA-SE!

então, nessa noite, decidiu inscrever-se numas aulas de Arte.
começou a passar o tempo inteiro a pintar. era o génio da cidade.
talvez mesmo do estado. ou talvez não.

— eu vou às aulas contigo — disse-lhe.

—TU? para QUÊ?

—para teres alguém com quem beber café durante os intervalos,
e posso levar-te e trazer-te de carro.

—bom, está bem.

inscrevemo-nos na mesma turma e, ao fim de três ou quatro aulas, ela começou a ficar muito zangada, a rasgar folhas e a atirá-las ao chão. eu ficava calado, a tentar não olhar para ela. os alunos tinham um ar muito ocupado, concentrado, mas, mesmo assim, iam soltando risinhos, como se as aulas fossem uma piada ou como se tivessem vergonha de pintar.

o professor veio ter comigo.

—oiça, Bukowski, tem de pintar qualquer coisa. o que é que está a fazer aí parado a olhar para o papel?

—esqueci-me de comprar pincéis.

—muito bem, eu empresto-lhe um, senhor Bukowski, mas, por favor, devolva-mo no final da aula.

— está bem.

— e agora vá pintar aquela taça com flores.

decidi despachar-me. fui muito rápido e acabei logo, mas os outros ainda estavam a pintar, de dedos no ar, a experimentar a sombra ou a distância ou outra porcaria qualquer. saí da sala e fui buscar um café e fumar um cigarro. quando voltei, estava uma multidão à volta da minha mesa. uma loira que era só mamas (bom, perceberam) voltou-se para mim, pôs aquelas mamas contra o meu corpo e disse:

—ah, não é a PRIMEIRA VEZ que pinta, pois não?

—nunca tinha pintado na vida.

ela abanou as mamas e espetou-as em mim.

—oh, está a BRINCAR!

—ummmmmmm — foi a única coisa que consegui responder.

o professor pegou no quadro e pendurou-o na parte da frente da sala.

—é mesmo ISTO que eu QUERO! — disse ele. — vejam o SENTIMENTO, a FLUIDEZ, a ESPONTANEIDADE!

meu deus, pensei.

ela levantou-se furiosa, pegou nas coisas e levou-as para a pequena sala onde cortavam o papel e ficou lá a rasgar as folhas e a espalhar tinta por todo o lado. até rasgou uma colagem que um pobre idiota qualquer tinha feito.

—senhor Bukowski — disse o professor, que tinha vindo ter comigo —, aquela senhora é sua... mulher?

—ah, sim.

— bom, não tolero este tipo de comportamentos de *prima donna* nas minhas aulas. é melhor dizer-lhe. e será que podemos usar o seu trabalho na nossa exposição?

—claro.

—muito obrigado, muito obrigado, muito obrigado!

o professor era maluco. tudo o que eu fazia ele queria levar para a exposição. e eu nem sequer sabia misturar tintas. não era capaz de fazer uma roda de cores. misturava roxo com cor de laranja, castanho com preto, branco com preto, onde quer que caísse o pincel. a maior parte das coisas parecia uma enorme mancha de merda de cão espalhada, mas o professor achava que era... a pila

de Deus. bom. ela acabou por desistir das aulas. e eu também desisti e acabei por deixar lá os meus quadros.

depois, começou a chegar a casa do trabalho e a descrever-me um certo turco como um verdadeiro cavalheiro.

—um alfinete de gravata roxo. ele usa um alfinete de gravata roxo. e hoje, deu-me um beijo na testa, muito ao de leve, e disse que eu era LINDA.

—ouve, querida, tens de aprender o seguinte: essas coisas estão sempre a acontecer em todos os escritórios da América. às vezes, a coisa dá-se, mas a verdade é que quase nunca fazem nada. a maior parte desses gajos bate punhetas dentro de um armário e vê demasiados filmes do Charles Boyer. os tipos que andam mesmo a comer as gajas são sempre muito discretos, não são nada evidentes. aposto contigo cem contra um que esse teu amiguinho já viu filmes demais. apertas-lhe os tomates e ele foge a correr.

—AO MENOS, é um CAVALHEIRO! e anda TÃO cansado! tenho pena dele.

—cansado de QUÊ? de trabalhar para a polícia de Los Angeles?

—também tem um cinema *drive-in* e, à noite, é ele que toma conta. acaba por não descansar nada.

—bom, só digo merda — admiti.

—pois só — disse ela, com um ar amoroso.

nessa noite, os vasos caíram mais duas vezes.

e então, chegou a noite do jantar de caracóis chineses. ou, se calhar, eram caracóis japoneses. seja como for, eu tinha ido ao mercado e, pela primeira vez, reparei numa prateleira especial. e comprei tudo o que lá havia: pequenos polvos, caracóis, cobras, lagartos, lesmas, insectos, gafanhotos... comecei por cozinhar os caracóis. e levei-os para a mesa.

—fi-los em manteiga — expliquei-lhe. — mete-os na boca. e, já agora, isto é o que os pobres lá comem.

e depois perguntei, enfiando dois caracóis na boca:

—como é que estava hoje o Alfinete de Gravata Roxo?

—isto sabe a borracha...

—borracha, gosma... COME!

—têm um olho do cu muito pequenino... consigo ver-lhes o olho do cu, tão pequenino... ai...

—tudo o que comemos tem um olho do cu, tu tens um olho do cu, eu tenho um olho do cu, todos nós temos um olho do cu. o Alfinete de Gravata Roxo tem um olho do cu...

—aiaiaiaiaia...

levantou-se da mesa, foi a correr para a casa de banho e começou a fazer barulhos de vômito.

—aqueles olhinhos do cu... aiaiaiaia...

comecei a rir, e enfiei mais uns olhinhos do cu na boca, mandei-os para baixo com cerveja e ri ainda mais.

não fiquei, pois, muito surpreendido quando, certa manhã, uns dias depois, me vieram bater à porta, à porta dela, com os papéis do divórcio.

—querida, o que é isto? — perguntei, mostrando-lhe os papéis. — já não me amas, querida?

começou a chorar. chorou e chorou e chorou.

—pronto, pronto, não te preocupes, se calhar, o Alfinete de Gravata Roxo é que é o homem certo para ti. e eu não acho que ele se masturbe dentro de um armário. se calhar, é mesmo o homem certo.

—aiaiaiaia, aiaiaiaia, aiaiaiaia.

—deve-se masturbar na banheira.

—seu porco de merda!

parou de chorar. depois, mandámos os vasos abaixo uma última vez. e lá foi ela à casa de banho a cantarolar, a preparar-se para ir trabalhar. nessa noite, ajudei-a a encontrar uma casa e a fazer as malas e a mudança. disse-me que não queria ficar na casa antiga, que isso lhe partiria o coração. puta de merda. no caminho de volta para casa, comprei o jornal e abri-o na secção dos anúncios de emprego, onde procuravam empregados de escritório, fiéis de armazém, ajudantes de deficientes, entregadores de listas telefónicas. deitei fora o jornal, saí de casa, comprei uma garrafa de uísque e apanhei uma bebedeira de despedida do meu milhão de dólares. voltei a vê-la uma ou duas vezes — por acaso, nada de vasos — e contou-me que só tinha ido para a cama uma vez com o

Alfinete de Gravata Roxo e que depois se tinha despedido do emprego. disse-me que ia começar a pintar e a escrever «a sério».

mais tarde, mudou-se para o Alasca e casou com um esquimó, pescador japonês, e agora costumo contar de vez em quando como piada, quando estou bêbedo: «já perdi um milhão de dólares para um pescador japonês.»

—oh, mentira! nunca tiveste um milhão de dólares.

e acho que têm razão: nunca os tive.

manda-me cartas uma ou duas vezes por ano, cartas longas, geralmente antes do Natal. «escreve», diz ela. entretanto, já há mais duas ou três crianças com nomes de esquimó. e diz-me que escreveu um livro, tenho-o ali algures na estante, é um livro infantil, mas está «orgulhosa» e diz que agora vai escrever um romance «sério» sobre a «desintegração psicológica!» vai escrever DOIS ROMANCES SOBRE A DESINTEGRAÇÃO PSICOLÓGICA. ah, e acho que um deles é sobre mim. e o outro é sobre o esquimó, que, por esta altura, já estragou tudo, ou já se pirou. ou talvez o outro seja sobre o Alfinete de Gravata Roxo, quem sabe?

se calhar, eu devia ter ido atrás daquela rapariga das mamãs das aulas de Arte. mas é muito difícil agradar a uma mulher. e é provável que ela também não gostasse de olhinhos do cu de caracol. mas é preciso experimentar os polvos. são como dedos de bebé em manteiga derretida. são as aranhas do mar, ratazanas sujas. e, enquanto se chupam aqueles dedos, sentimo-nos vingados, dizemos adeus a um milhão de dólares, bebemos uma cerveja, e que se lixe a companhia da electricidade, as vassouras *Fuller*, os gravadores e a imoralidade do Texas, com as suas mulheres loucas que choram e nos lixam e nos deixam, e que nos escrevem lindas cartas todos os Natais, apesar de nos termos tornado dois estranhos, e que não nos deixam esquecer, o *Bruegel*, as moscas, o *Plymouth* de 57 estacionado à nossa porta, o desperdício e o terror, a tristeza e o fracasso, o teatro, a palhaçada, a nossa vida toda, a cairmos, a levantarmo-nos, a fingir que está tudo bem, e sorrimos, e soluçamos, e limpamos os nossos pequenos olhos do cu, e os outros.

Para o Bukowski, o pestilento

chamo-te pestilento, Bukowski, porque
acho que és nojento
não fiques zangado, porque gosto de ti
assim — excita-me ler-te
a ser nojento; a espreitares por baixo dos vestidos das mulheres
ou a masturbares-te nos elevadores ou a cheirares gavetas —
para te excitares;
sei que estás a pensar quem
te estará a escrever isto. Bom, vou dizer-te
quem sou, preto no branco
para que não haja enganar
sobre quem eu sou. sou a rata
limpa e macia em que pensas
quando estás a foder essas ratas com pus
e enrugadas, sou a mulher que se senta
na fila à tua frente em todas as sessões
da noite no cinema, e te vê a vires-te
para o bolso do casaco, e eu levanto devagar
a saia, na esperança que olhes para as minhas coxas
enquanto — te levantas para ir limpar as mãos, chamo-lhe
sexo à distância. mas adoro
adoro sentir a tua respiração pesada na
minha nuca enquanto tentas enfiar os
dedos no meu cu pelos intervalos
dos assentos; agora estás a pensar (a história
soa-me bem, mas não me lembro de ti.) mas,
a partir de agora, vais/pensar em mim/e na
verdade — era mesmo isso que eu queria. meu nojento

anónima

o público tira de um escritor, ou da escrita, aquilo de que precisa e deita fora o resto. mas o que tira é geralmente aquilo de que menos precisa e o que deita fora é aquilo de que mais precisa. no entanto, tudo isto me permite ir dando as minhas voltas à vontade sem ser incomodado, porque, se eles se apercebessem, deixaria de haver criadores, estaríamos todos dentro do mesmo balde de merda. tal como as coisas estão hoje, eu estou no meu balde de merda e eles estão no deles, e acho que o meu tem um mau-cheiro melhor.

o sexo é interessante, mas não totalmente importante. quer dizer, nem sequer é tão importante (fisicamente) como as excreções. um homem consegue passar 70 anos sem tocar numa rata mas morre se estiver mais de uma semana sem esvaziar os intestinos.

especialmente aqui, nos Estados Unidos, o sexo é inflacionado muito para além da sua mera importância. uma mulher com um corpo sensual transforma-o imediatamente numa ARMA para obter vantagens MATERIAIS. e não estou a falar das putas dos bordéis, estou a falar da vossa mãe e da vossa irmã e da vossa mulher e da vossa filha. e o macho americano é o idiota que perpetua o extremismo deste embuste. é que o homem americano, muito antes de fazer doze anos, já teve o cérebro desfeito pela educação formal americana e pelo entorpecimento parental americano e pelo monstro da Publicidade americana. já está preparado, e a mulher também já está preparada para o pôr de joelhos a implorar e assim conseguir sacar o \$\$\$\$. é por isto que uma puta profissional com uma toalha debaixo do colchão é tão odiada pelas suas companheiras mulheres putas não-profissionais (ou seja, quase todas as outras mulheres; que ainda há ALGUMAS decentes, graças a Deus!) e também pela autoridade. a puta abertamente profissional representa uma ameaça real a toda a sociedade americana, que assenta no Vencer a Todo o Custo até à cova. portanto, faz desvalorizar a rata.

é verdade: o sexo ultrapassou completamente o seu valor. reparem nos jornais (não encontrarão nada disso aqui no *Open City*, excepto para efeitos cómicos) em que se vê, por vezes, um grupo de miúdas em fatos-de-banho a posar para o retrato num concurso de beleza, ou para rainhas disto ou daquilo. observem aquelas

pernas, aquelas cinturas, os peitos — não há dúvida de que são mágicos. e essas raparigas sabem-no muito bem, e também o preço que valem. mas, DEPOIS, olhem para as oito ou dez caras, a sorrir. os sorrisos não estão a sorrir, estão esculpidos em caras de cartão, em papel químico de morte. os narizes e as orelhas e as bocas e os queixos estão bem esculpidos dentro dos nossos conceitos, mas as caras são feias muito para além da essência da fealdade. não há ali pensamento, não há força, não há densidade. não há bondade... nada, nada. apenas vislumbres de pele inócua e assassinada. mas mostrem essas caras horrorosas ao homem médio americano e ele dirá: «uau, que gajas cheias de CLASSE. nem consigo escolher uma.»

e vemos depois essas mesmas vencedoras de concursos de beleza, anos mais tarde, já velhas, pelos supermercados; tornaram-se picuinhas, desequilibradas, amargas, degradadas — apostaram em coisas efémeras, foram enganadas; cuidado com as facas afiadas que levam nos carrinhos de compras — são as mulheres mais dementes do Universo.

por isso, para alguns escritores, incluindo o gloriosamente impertinente Bukowski, o sexo é claramente uma tragicomédia. não escrevo sobre o assunto como instrumento de obsessão. escrevo como piada a meio de uma peça que nos faz chorar um pouco entre os actos. Giovanni Boccaccio escreveu-o muito melhor. possuía a distância e o estilo. eu estou ainda demasiado próximo do alvo para alcançar a elegância plena. as pessoas acham simplesmente que sou um porco. se ainda não leram Boccaccio, façam-no. podem começar pelo *Decameron*.

mesmo assim, ainda tenho alguma distância e, ao fim de 2000 ratas, e a maior parte delas nem sequer grande coisa, sou capaz de me rir de mim próprio e da armadilha em que caí.

lembro-me de estar certa vez na cave de uma loja de roupa de mulher. eu trabalhava no armazém e o meu patrão (ou melhor, o encarregado) era um tipo mais ou menos novo mas já meio careca, um anãozinho, e esse anãozinho foi convocado para a Segunda Guerra Mundial. estaria ele preocupado com a hipótese de ser morto? ou com o sentido da guerra? ou com a falta de sentido da guerra? ou com o que significava ser desfeito por um morteiro?

desabafou comigo. achava-me um tipo como deve ser. estávamos os dois sozinhos naquela cave enorme — os outros embaladores estavam a dar o litro no andar de cima — e nós na subcave húmida e cheia de pó, e andávamos aos tombos por cima das caixas de cartão, a empilhar pacotes de vários formatos que chegavam aos dois metros de altura. sempre à procura de um tamanho, de um certo tipo de tecido ou de um vestido qualquer para ser expedido, e isto com apenas três ou quatro pequenas lâmpadas eléctricas para todo o armazém, e ali andávamos nós, como macacos, de gatas, a saltar de caixa em caixa, à cata do tamanho mágico, de um tipo específico de tecido a ser transformado num vestido de senhora.

deus, tende piedade de mim, pensava eu, que maneira horrível de se ganhar a vida, que maneira horrível de sobreviver e de morrer, por uns meros tostões. o suicídio parecia-me uma saída muito mais agradável.

e aquele anão inútil ia gritando:

—JÁ ENCONTRASTE O TAMANHO?

e eu respondia, num tom que mal se ouvia:

—não.

merda, eu nem sequer andava à procura. o que é que me interessava encontrar o tamanho? de vez em quando, ele olhava para trás e lá saltava eu de uma caixa para outra. por fim, acabou por vir ter comigo aos saltos, sentou-se no caixote ao meu lado e acendeu um cigarro.

—Bukowski, és um tipo como deve ser.

não respondi.

—fui chamado para a guerra. esta é a minha última semana cá.

durante o pouco tempo em que eu trabalhava ali, tinha feito de tudo para fugir do tipo, e agora vinha-me com uma chatice de uma conversa naquele tom confessional.

—sabes o que é que me preocupa mais no exército? — perguntou.

—não.

—não poder foder com a minha mulher. a maior parte dos tipos que trabalham aqui nem sabe o que isso é. mas basta olhar para ti para perceber que também andas bem servido...

(não andava.)

—... e então, já disse à minha mulher: «querida, o que é que hei-de fazer, não vou poder foder contigo.» e sabes o que é que ela me respondeu? disse-me: «por amor de Deus, vai para o exército e faz-te um homem. eu cá hei-de estar quando voltares.» mas, mesmo assim, vou sentir falta. vou sentir falta. a maior parte destes tipos não sabe o que isso é, mas tu e eu sabemos muito bem.

(o que eu não lhe disse foi que alguém lhe haveria de comer a mulher no lugar dele, enquanto estivesse fora. e que, caso não voltasse, ela se haveria de adaptar muito bem à sua nova condição de Corpo à Venda, com quem quer que ficasse por cá.)

não passava de um rato, capaz de aguentar um trabalho de merda ou um ataque suicida de uns BANZAI japoneses ou, pior ainda, o avanço determinado dos derrotados no tabuleiro de xadrez, os Alemães das Neves, atravessando a cadente brancura à SUA procura. os Alemães das Neves, amargos e bem treinados e corajosos, numa última tentativa enlouquecida na batalha das Ardenas, à sua procura. ah, mas que rato! seria capaz de AGUENTAR tudo isso, quase como uma simples comichão ou um bocejo ou uma gripe ligeira, só para se manter no lado certo da estrutura social, na esperança de ter a sorte de escapar e voltar para casa para foder com a mulher.

eis o que é o sexo: mexe com idiotas e com movimentações inteiras de exércitos. os homens condecorados por Bravura têm uma rata no lugar do cérebro. mas bravura? a bravura de um imbecil não conta; é a bravura do homem consciente que vale — requer um pouco de trabalho e bastante estômago.

e quando se mistura sexo com os restantes de nós fica-se com uma coisa muito complicada, que quanto mais se estuda menos se percebe. uma teoria substitui outra e, em quase todos os casos, insulta-se é o ser humano. e talvez faça sentido. apesar de todo o nosso potencial, avançamos sempre para baixo.

isso do sexo confunde até o grande Bukowski. lembro-me de uma noite em que estava num bar mesmo ao lado de um daqueles túneis que há nos centros das cidades. na altura, vivia num quarto não muito longe dali, numa casa a meio de uma colina. bom, mas estou

sentado no tal bar, já bem aviado, e penso: sou novo, cheio de força, chego bem para quem se queira meter comigo. aliás, o que eu quero mesmo é alguém com vontade de arranjar sarilhos, mas a vida é ainda uma novidade para mim, aos 22 ou 23, a cabeça cheia de ideias românticas estúpidas; para mim, a vida é uma coisa vagamente interessante e não um terror absoluto. a noite vai passando, até que olho em volta — estou a fazer misturas — ou seja, a beber *shots*, vinho, cerveja — a tentar apagar, mas nada resulta e Deus ainda não chegou.

então, olho outra vez em volta e vejo uma rapariga (de uns 17 anos), linda, mas com ar muito triste, sentada mesmo ao meu lado. tem cabelo loiro comprido (sempre tive uma queda por mulheres de cabelo comprido, ou melhor, de cabelo até ao cu, para podermos agarrá-lo às madeixas enquanto as comemos, o que torna tudo bastante sinfónico em vez da chatice do costume), e está parada, muito parada, quase sagrada, ah, mas é uma PUTA, e mesmo ao lado está a sua protectora, uma *madame* lésbica, e percebe-se que preferiam NÃO estar ali, sabem, mas precisam do dinheiro. meti conversa com elas, mas com a parte esquerda do meu cérebro. tenho a certeza de que não estava a fazer sentido nenhum para elas, mas também não interessava, entendem: precisavam do \$\$\$\$. mandei vir bebidas.

o *barman* pousou-as no balcão à frente da miúda de 17 anos como se ela tivesse 35. e onde estava a lei? felizmente, por uma razão qualquer, foi ignorada.

por cada copo que elas bebiam, eu bebia três. isto enchia-as de coragem. eu era o «alvo». tinha um «X» marcado com giz nas costas. aquilo que elas de certeza não sabiam é que eu já tinha ganhado campeonatos de bebida, um pouco por toda a cidade, e com alguns dos maiores bêbedos daquele tempo, era álcool de graça e ainda as batatas fritas. não sei porque é que demorei tanto tempo a apagar. pode ter sido a minha raiva extrema ou a tristeza, ou então, a parte do cérebro-alma que me faltava. o mais provável é ter sido as duas coisas.

bom, desculpem aborrecer-vos com estes comentários; por fim, lá subimos a colina em direcção ao meu quarto, os três juntos.

esqueci-me de contar que a *madame* lésbica era um monte de merda humano gordíssimo, com olhos feitos de cartão e um cu gigantesco, além disso, não tinha uma das mãos e no seu lugar trazia uma grossa e interessante GARRA muito muito polida.

e lá subimos a colina.

chegámos ao meu quarto e olhei bem para as duas. a minha rapariga pura, bela, elegante e mágica, uma foda gloriosa de cabelo até ao rabo, e a seu lado, a maior tragédia de todos os tempos: nojenta e horrível, a máquina que correu mal, sapos torturados por rapazinhos e a colisão frontal de dois carros e a aranha a apanhar a mosca que zumbe e o cérebro do Primo Carnera[18] depois de sair das mãos certeiras do Maxie Baer — o novo campeão americano de pesos-pesados — e que fiz eu? corri para a Maior Tragédia de Todos os Tempos — aquela massa gorda de merda empilhada.

agarrei nela e tentei atirá-la para cima da minha cama suja, mas ela tinha demasiada força e estava demasiado sóbria para mim. com um só braço, conseguiu libertar-se. empurrou-me com todo o seu puro ódio lésbico e, já solta, começou a BRANDIR AQUELE BRAÇO COM A ENORME E FASCINANTE GARRA DE METAL.

eu não era capaz, sozinho, de alterar o curso da história do sexo, era simplesmente impossível.

ela rodava aquela GARRA em arcos rápidos, largos e maravilhosos e, por essa altura, já eu me tinha atirado para o chão e levantado a cabeça para ver onde estava a GARRA, lá vinha ela outra vez. no entanto, durante a tentativa de homicídio da garra de ferro, eu, um tomador de notas por excelência, tinha lançado um olhar rápido e certo à bela e sagrada e jovem prostituta que, acho, de nós os três era quem sofria mais. percebi-o no seu rosto. não conseguia verdadeiramente entender a razão por que teria eu preferido aquela horrenda acumulação de todas as coisas inúteis, comparado com tudo o que ela tinha para oferecer. mas acho que a matrona lésbica sabia bem a resposta, porque de cada vez que agitava aquela coisa contra mim, voltava-se para a rapariga e dizia:

—este tipo é maluco! este tipo é maluco! este tipo é maluco!

e, durante uma das suas investidas de «este tipo é maluco» com a garra de ferro, lá me consegui livrar e fugir para o outro lado do

quarto, mesmo ao pé da porta. aponte para a cómoda e gritei:

—O DINHEIRO ESTÁ NA GAVETA DE CIMA!

e a matrona L., sendo uma verdadeira cabra, acalmou-se logo e olhou para lá. mal ela virou as costas, já eu estava quase no cimo da colina, no paraíso de Bunker Hill, a olhar em volta, ofegante, a confirmar se estava inteiro, e depois a pensar onde seria a loja de bebidas mais próxima.

quando voltei com a minha garrafa, a porta ainda estava aberta, mas elas já se tinham ido embora. tranquei a porta, sentei-me e servi-me calmamente de uma bebida. e fiz um brinde. ao sexo e à loucura. depois, bebi mais um copo, fui para a cama sozinho e deixei que o mundo continuasse a girar.

ao meu homem nojento
já tinha escrito uma vez
antes
ou seriam três
vezes
respiro ao teu ouvido
lambendo com a língua
para sentires o que te queria dizer
e sentiste,
sim, querido, sentiste muito bem.
dizias «ei! o que é que estás a fazer,
quem és tu???»
eu ouvia-te a pegar num copo
a servires-te generosamente, aposto.
«pareces-me bem, diz-me como te chamas.»
disseste, então... eu respirava fundo
e com mais força, e começaste a falar-me
baixinho, a sussurrar, e depois a respirar
comigo
ouvi o fecho das tuas calças
a ser lentamente puxado para baixo
sustive a respiração
depois «flip... flap... ploc»,

«amo-te», disseste-me, «slip, slap»
enquanto pousavas o copo para
usares as duas mãos, «flop, flap, blip»
Mais Depressa, Mais Depressa, e eu sabia que o
tinhas nas mãos, está seco mas não por
muito mais tempo.
AHHHHH-oh-AHHHHH, gemi
«Slip, Flap»
ele está naquilo — pensei, fechei os olhos
uh — AHHHHHH-OHOO!!!
«Flip-Flip» a ficar húmido, «Slap, Blop, Flap»
muito muito escorregadio; «AHHH-OHO-SIIIM!»
«é assim mesmo» disseste. «Flip, Flap»
«diz alguma coisa!» gritaste.
OOOOOOH — MEU DEUS gritei, então
os meus joelhos sentiram qualquer coisa — pingos do sumo do
amor —
disparado para as minhas ancas — fechei as pernas
bem fechadas, desliguei.

anónima

Cara anónima:
oh, meu deus, querida, mal posso esperar!

do teu,
Charles Bukowski

tudo começa e acaba com uma caixa do correio, e quando descobrirem maneira de acabar com as caixas do correio, muito do nosso sofrimento terminará. nesta altura, a nossa única esperança é a bomba de hidrogénio e, correndo o risco de parecer pessimista, acho que não resolveria o problema.

bom, a caixa do correio: depois de uma noite sem dormir, saí para a varanda da minha casa arrendada e olhei para essa grande estupidez cinzenta, com uma aranha atrasada mental pendurada debaixo, a chupar a última chance de amor de uma borboleta. bom, e ali estava eu, a pensar, talvez lá esteja o meu Pulitzer, ou uma bolsa, ou o meu exemplar da *Turf Digest*, por isso, fui ver e lá estava: uma carta na caixa do correio, reconheço a letra, reconheço o endereço, reconheço o tom, a forma de cada carta escrita à mão, o feminino fogo-cruzado demente de uma alma limitada.

querido bongo:

reguei as plantas hoje. as minhas plantas estão a morrer. como estás? é quase natal. a minha amiga Lana dá aulas de poesia num manicómio. eles têm uma revista. podias mandar uns dos teus poemas. agora tenho de ir. sei que eles iam gostar muito de publicar uma coisa tua. os miúdos devem estar quase a chegar a casa. vi o teu último poema no número de Outubro da *BLUE STARDUST JACKOFF*. adorei. és o maior escritor vivo do mundo. os miúdos devem estar mesmo a chegar tenho de ir. tenho de ir.

da tua,
meggy

a meggy escreve-me constantemente estas cartas. nunca a conheci, como já vos disse, mas ela manda fotografias, e tem ar de ser uma grande foda, e também já mandou poemas, escritos por ela, e são mais ou menos descontraídos, apesar de falarem de agonia e de morte e de eternidade e do mar, coisas maçadoramente

confortáveis — quase como se espetássemos em nós mesmos um alfinete só para poder gritar, mas depois não conseguíssemos, é simplesmente mais uma mulher desiludida com o processo de envelhecimento e a decrepitude do marido; mais uma mulher estupidificada por ter ESCOLHIDO, desde o início, o caminho mais fácil, e agora condenada a passar os dias a aspirar a casa e a resolver os problemas insignificantes do filhinho, também ele avançando rapidamente em direcção ao nada.

é a sua própria mente que as mulheres entranham no trabalho de um homem — seja por fazerem uma leitura propositadamente errada das suas intenções, ou por sentirem o cheiro da presa cansada, pregada à cruz ensanguentada. seja como for, acabam por foder tudo. de propósito ou impelidas a fazê-lo, pouco importa para a vítima. que é o homem, claro.

se a meggy vivesse aqui perto, eu teria acabado muito facilmente com essa tortura, trazendo-a à minha casa, fazendo-a sentir no ar a chama viva e brilhante dos meus olhos de poeta, o embalo do uísque barato, as calças rasgadas nos joelhos que caem às 2:30 da manhã — comparando-me com, digamos, o Stephen Spender — e eu diria, num inglês não muito articulado:

—querida, daqui a uns minutos vou arrancar-te as putas das cuecas e mostrar-te um pescoço de ganso de que te hás-de lembrar até morreres. tenho um pénis enorme e encurvado, como uma foice, e já tive muitas gajas armadas em boas a arfar aí em cima desse tapete todo queimado pelos charros. deixa-me primeiro acabar esta bebida.

depois, bebe-se um copo de água bem alto cheio de uísque puro, espatifa-se o copo contra a parede, e murmura-se:

—o Villon comia mamas fritas ao pequeno-almoço.

faz-se uma pausa para acender um cigarro e, quando nos viramos, os nossos problemas estão resolvidos — terão saído pela porta da rua. se ficarem, merecem o que lhes acontecer. e vocês também.

mas a meggy vive num estado bastante longe daqui, para o Norte, por isso, estava fora de questão. mas respondi a todas as cartas

durante anos, pensando que, um dia, poderia vir a estar suficientemente perto ou para a foder ou para a assustar.

por fim, o aparentemente interminável tédio acabou. as cartas continuavam a chegar, mas deixei simplesmente de responder. as dela eram como sempre, excelentemente aborrecidas e apuradamente deprimentes, mas ter decidido deixar de responder ACABOU por lhes tirar algum veneno. era um ótimo plano, um plano que uma mente simples como a minha precisou de todo aquele tempo para criar: se não responder às cartas, serei livre.

houve um interregno na correspondência. achei que tinha acabado; tinha usado o derradeiro truque: ser cruel com os cruéis, ser estúpido com os estúpidos. os cruéis e os estúpidos são as mesmas pessoas: não há coisa nenhuma que se lhes possa fazer; só coisas que eles podem e que farão, a nós. tinha conseguido vencer um problema de séculos; a eliminação dos indesejados. não são precisos muitos homens e mulheres para emaciar e desmembrar a vida de um único indivíduo, basta um. e é quase sempre só um. mesmo quando exércitos defrontam outros exércitos, quando formigas enfrentam outras formigas, ou outro exemplo que quiserem.

comecei a ver novamente com os meus OLHOS. reparei na placa por cima de uma lavandaria, um engraçadinho qualquer tinha escrito: O TEMPO FURA TODAS AS QUERIDAS. antes, nunca teria visto essa placa. comecei, por fim, a ser mais livre. via quase tudo. via as coisas estranhas e loucas em que costumava reparar, de pernas para o ar, românticas, coisas explosivas que pareciam dar uma hipótese ao impossível. que pareciam possuir uma força mágica onde antes não existia nada.

MATA INVENTOR

Monterey, 18 de Novembro (UPI[19])

Um homem de Carmel Valley foi morto por máquina que inventou para alisar ameixas secas.

era a única coisa que dizia a notícia. perfeito. eu estava vivo outra vez. então, certa manhã, fui à caixa do correio. uma carta. junto com

a conta do gás e ameaças do dentista. uma carta de uma ex-mulher de que já mal me lembrava, e o anúncio de uma leitura de poesia de poetas sem talento.

querido bongo:

esta é a ÚLTIMA carta. quero que ardas no inferno. não és o ÚNICO que me abandonou. hei-de ver todos os que me abandonaram — HEI-DE VER-VOS TODOS ENTERRADOS!

meggy

a minha avó costumava falar-me assim e também nunca me deu a rata.

bom, uns dias mais tarde, a tremer da ressaca da felicidade. fui à caixa do correio. tinha algumas cartas. abria-as. a primeira

caro senhor b:

a sua candidatura a uma bolsa individual do Fundo Nacional para as Artes foi considerada pelo Conselho Nacional para as Artes. de acordo com a avaliação de um painel independente de especialistas, lamentamos informar que...

outra carta:

olá, bongo:

aninhada a um canto de um hotel péssimo e nauseabundo, a única coisa que quebra o silêncio é o bater de garrafas de vinho contra dentes... doem-me os ossos, tenho as pernas cobertas de feridas; a jogar paciências, virei 51 cartas até me sair um ás, 52.^a no correio... tentei de tudo, sabes? e afinal acabei por andar sempre às voltinhas, como um cão... despedida da apanha dos limões por ter desaparecido durante muito tempo (um casamento numa quinta de criação de porcos: 4 dias) e por apanhar poucos limões. voltei para são francisco e perdi um trabalho certo nos correios durante o natal por um dia... estou num quarto a um canto de luzes apagadas à espera que o letreiro encarnado de néon da igreja baptista que diz paz e felicidade se acenda para eu poder começar a chorar... um cão foi atropelado na rua por um

autocarro desgovernado... quem me dera ser esse cão, porque não sei como o fazer a mim própria... até para isso é preciso tomar decisões... onde é que estão os cigarros... saí da missão hoje de manhã. comida indescritível que me ataca este meu estômago de porca. fiquei no mercado a olhar para os cabelos das raparigas, lindos como o sol do inverno de são francisco... bom. que se foda.

M.

e outra:

querido bongo:

desculpa. eu fico assim. tenta amar-me só um bocadinho. comprei um sistema de rega novo hoje. o outro estava enferrujado. mando-te também um poema do *Poetry Chicago*. fez-me lembrar... de mim própria... quando o li. tenho de ir. os miúdos devem estar a chegar.

ama-me,
meggy

o poema junto vinha escrito cuidadosamente à máquina. sem um único erro. com espaçamento duplo, as palavras que escreveu vêm impressas no papel com a mesma pressão e a mesma medida de... amor. — é um poema horrível.

fala do vento e de uma confortável e insignificante tragédia. é do século XVIII. do século XVIII mau.

mas continuo sem responder. vou para o meu emprego no lixo. já me conhecem. são meus superiores. gosto disso. deixam-me viajar. não sabem distinguir o T.S. Eliot do Lawrence da Arábia. vou dois ou três dias bêbedo. mas, mesmo assim, faço o meu trabalho.

tenho um sistema especial de toques para que eu atenda o telefone. não sou snob; simplesmente não estou interessado no que a maior parte das pessoas têm para dizer, ou naquilo que querem fazer — quase sempre à custa do meu tempo. mas, certa noite, quando me preparava para ir para o meu trabalho no lixo, o telefone tocou. como ia sair de casa daí a uns minutos, achei que não se

haveriam de aproveitar de muito do meu tempo. não era o sinal combinado, mas atendi na mesma.

—bongo?

—hã? sim?

—fala a... meggy.

—ah, olá, meggy.

—ouve, não quero incomodar. mas não estou lá muito bem da cabeça.

—sim, claro. ninguém está.

—não ODEIES as minhas cartas.

—olha, meggy, é assim. eu não odeio as tuas cartas. são tão agradáveis que —

—ah! fico TÃO contente!

não me tinha deixado acabar. eu ia dizer que as cartas dela eram tão agradáveis que me aterrorizavam, com os seus bocejos de aspirador. mas nunca mais me deixava acabar.

—fico mesmo contente.

—pois — respondi.

—mas ainda não mandaste nenhum poema para a nossa aula na instituição.

—ando à procura de uma coisa apropriada.

—tenho a certeza que qualquer um dos teus poemas serve.

—o torturador costuma ser bastante bom nas insinuações.

—o que é que queres dizer com isso?

—esquece.

—bongo, deixaste de escrever? lembro-me quando costumavas sair em todos os números da *Blue Stardust*. a Lilly disse-me numa carta que há anos que não lhes mandas nada. será que te esqueceste dos «pequeninos»?

—nunca me hei-de esquecer desses filhos da puta.

—tens tanta graça. mas o que eu queria perguntar é se já não MANDAS o teu TRABALHO para lado nenhum.

—bom, para a *Evergreen*.

—queres dizer que eles TE ACEITARAM?

—uma vez ou duas. a *Evergreen* não é uma revistinha pequena, não te esqueças disso. escreve à Lilly. diz-lhe que desertei desse

lado da barricada.

—oh, bongo! soube desde o primeiro momento em que li os teus versos que estavas predestinado. ainda tenho a tua primeira colectânea, «Cristo Anda de Costas». ai, bongo, bongo.

livrei-me dela dizendo que tinha de ir apanhar lixo. e, durante a conversa, só conseguia pensar, mas quem é que QUERERIA alisar uma ameixa seca? primeiro, sabem mal: são uma espécie de cagalhões secos frios. o único encanto são as PRÓPRIAS RUGAS, as rugas frias e aquele caroço escorregadio e gelado que nos salta da língua para o prato como se estivesse vivo.

fui buscar uma cerveja e abri-a. decidi que não conseguia ir trabalhar naquele dia. sabia-me bem ficar sentado numa cadeira. virar a garrafa e mandar tudo para o caralho. conheci uma tipa que dizia que se tinha deitado com o Pound em St. Liz[20]. livre-me dela ao fim de uma longa troca de correspondência, quando lhe disse estupidamente que também sabia escrever e que tinha achado os «Cantos» uma chatice.

tinha cartas da meggy espalhadas por toda a parte. estava uma das mais antigas no chão ao lado da máquina de escrever. levantei-me e fui apanhá-la:

querido bongo,

todos os meus poemas estão a ser devolvidos. bom, se eles não sabem o que é boa poesia, a culpa não é minha. às vezes ainda leio o teu primeiro volume *CRISTO ANDA DE COSTAS*. e todos os teus outros volumes. assim, sei que consigo sobreviver a TODA a terrível estupidez daqueles tipos. os miúdos devem estar a chegar.

ama-me,
meggy

p.s. — o meu marido goza comigo — «o bongo não te escreve há imenso tempo. que terá acontecido ao bongo?»

acabo a garrafa de cerveja e atiro-a para o lixo.

consigo imaginar agora o marido a montá-la três vezes por semana. o cabelo dela como um leque na almofada. como os

escritores eróticos gostam de dizer. ela imagina que ele é o bongo. ele imagina que é o bongo.

—oh, bongo! bongo! — diz ela.

—aqui vou eu, mãe! — diz ele.

abro mais uma cerveja e vou à janela. mais um típico dia escuro e estéril e sem sentido de Los Angeles. ainda estou vivo, de certa maneira. já se passou muito tempo desde o primeiro volume de poemas; já se passou muito tempo desde os motins de Watts. desperdiçámo-nos. o John Bryan quer uma crónica. podia falar da meggy. mas a história da meggy está inacabada. terei uma carta dela na caixa do correio amanhã de manhã. se isto fosse um filme, podia fazer o seguinte:

—ouve, john, há uma gaja, sabes? anda a chatear-me, estás a ver? já sabes o que tens a fazer. não estragues tudo. dá-lhe com esse teu pau de trinta e cinco centímetros e livras-me dela, ok? é fácil encontrá-la. está numa sala, de aspirador na mão, com olhar triste, sabes? num quarto cheio de revistas de poesia, é infeliz. acha que foi crucificada pela vida mas, na verdade, não faz ideia do que é a vida, estás a ver? dá-lhe uma lição: dá-lhe com os teus trinta e cinco.

—está bem.

—e, john...

—sim.

—não pares em lado nenhum no caminho.

—está bem.

volto a sentar-me e bebo a minha cerveja. devia ficar bêbedo, começar a voar, aparecer à porta dela todo em farrapos, bêbedo, a bater na porta, cheio de crachás na minha camisa rasgada: «FORA O JOHNSON», «ACABEM COM A GUERRA», «DESENTERREM O TOM MIX», qualquer coisa.

mas nada resultará. tenho mesmo de ficar aqui sentado à espera. perdi a bolsa. deixei de escrever poemas para a *Evergreen*. a única coisa dentro daquela caixa vai ser:

querido bongo

bla bla bla bla bla bla bla. reguei as plantas. os miúdos devem estar a chegar. bla bla bla.

ama-me,
meggy

será que isto alguma vez aconteceu ao Balzac ou ao Shakespeare ou ao Cervantes? espero que não. a pior invenção do homem tem três cabeças: a caixa do correio, o carteiro e quem escreve cartas. tenho numa prateleira uma lata azul de café cheia de cartas por responder. tenho no guarda-fatos uma caixa grande de cartão cheia de cartas por responder. mas quando é que estas pessoas se embebedam, fodem, ganham dinheiro, dormem, tomam banho, cagam, comem, cortam as unhas? e a meggy é a rainha delas todas: ama-me, ama-me, ama-me.

um pau de trinta e cinco centímetros é capaz de me livrar disto, ou enterrar ainda mais, ou pior. tal como está, já tem sido chatice suficiente.

naquele tempo, havia quase sempre alguém no meu quarto, quer eu lá estivesse quer não. geralmente, não se fazia ideia de quem se ia encontrar. apenas alguém. uma pessoa grande e muito pouco santa. havia sempre uma festa. ou seja: uma extensão da sorte: com dois dólares e mais trocos pagava-se um quarto cheio de conversa e luz eléctrica suficiente para seis ou sete pessoas.

muito bem, certa noite, luzes apagadas, acordei bêbedo na cama, mas consciente, sabem, subitamente consciente das paredes sujas. da falta de qualquer propósito, da tristeza de tudo. apoiei-me num cotovelo e olhei em volta, aparentemente, já toda a gente se tinha ido embora. restavam apenas as garrafas de vinho vazias a brilhar à luz da lua. esperava-me uma péssima manhã, olhei para o lado na cama e vejo uma forma humana. uma puta qualquer tinha decidido ficar comigo — aquilo era amor, era coragem. merda, mas quem é que me conseguia aturar? qualquer pessoa que conseguisse tinha de ter a alma com uma capacidade infinita de perdoar. e eu tinha de RECOMPENSAR aquela doce e pequena e amorosa criatura pela bravura e a visão e a coragem de ter ficado comigo.

e que melhor recompensa do que lhe foder o cu?

tinha sempre encontrado uma raça estranha de mulheres, um tipo estranho de mulheres que não queriam ser fodidas no cu, por isso nunca tinha experimentado e isso andava-me a corroer. quando estava bêbedo, era a

única coisa de que conseguia falar. e dizia a algumas mulheres:

—vou comer-te o cu, e vou comer o cu à tua mãe, e vou comer o cu à tua filha.

a resposta era sempre a mesma:

—não vais, não!

faziam tudo e mais alguma coisa, menos isso. talvez fosse uma questão de época e de clima, ou uma questão matemática, porque, muito tempo depois, todas as mulheres diziam: «Bukowski, porque é que não me comes a peida? tenho um cu bem grande e fofo.» e eu respondia: «pois tens, querida, mas não quero.»

porém, naqueles tempos, nunca tinha experimentado, o que me andava a enlouquecer, como sempre, e tinha esta estranha ideia de que, se lhes desse uma boa foda no cu a ELAS, resolveria uma data dos MEUS problemas espirituais e mentais.

encontrei o último copo de vinho, misturado com cinza de charuto e tristeza. depois, voltei para a cama, pisquei o olho à lua e enfiei a minha pila pequena naquele grande rabo imaculado e adormecido. um bom ladrão valoriza mais o acto de roubar do que o prémio do furto. eu adorava os dois. o meu pau ergueu-se ao limite da sua insanidade. meu deus, feio e perfeito. de alguma forma, era uma vingança contra todo o género de coisas, contra o velho vendedor de gelados com olhos de pombo maluco, contra a minha mãe já morta mas ainda viva, a espalhar creme na sua cara de ferro, imparcial e insípida.

ela ainda está a dormir, pensei. o que tornou tudo ainda melhor. acho que é a Mitzi. ou talvez a Betty. que diferença faz? a minha vitória — um caralho triste, desempregado e cheio de fome a entrar sorrateiramente pelas traseiras de coisas absolutamente proibidas! GLORIOSO! na verdade, senti-me muito dramático — da parte mais grandiosa do DRAMA, o Jesse James a levar o tiro, Cristo na cruz debaixo de holofotes e foguetes, e continuei.

ela gemia e fazia AAHHH, UH, OH AH, AH... percebi então que estava apenas a fingir que dormia. tentando salvar a honra encharcada de vinho, que é tão horrível e tão real como toda a honra. e eu ia-lhe empurrando as entranhas com a minha glória demente e falsa.

ela está só a FINGIR que dorme e eu sou um HOMEM, E NADA, ZERO, ME PODE PARAR!

para variar, eu estava cheio de energia e a glória daquilo tudo e a violência bestial, a minha, a daquilo, a de tudo, obcecava-me. espetava e enfiava e metia e era tudo tão puro.

então, na excitação, o cobertor caiu para trás. vi mais claramente a cabeça. a nuca e os ombros — era um HOMEM Careca Americano! fiquei logo mole. deixei-me cair para trás num horror carregado de indecência. deixei-me cair para trás enojado, a olhar para o tecto, e não havia uma única bebida em casa. o Careca não se mexeu nem falou, e acabei por decidir dormir e esperar pelo dia seguinte.

de manhã, acordámos e não se falou de nada. apareceu alguém e conseguimos juntar algum dinheiro para comprar vinho.

os dias arrastaram-se e eu continuava à espera que ele se fosse embora. as raparigas começaram a olhar para mim de lado. ele ficou duas semanas, três semanas. e não era propriamente uma fada do lar, como se costuma dizer. uma noite, depois de ter estado a descarregar caixotes de peixe congelado de uns vagões, com a mão cortada e a sangrar, um pé dormente e quase partido por um caixote que lhe caiu em cima, entro a coxear numa festa que estava a acontecer no meu quarto. não tinha problema com a festa, gosto sempre de ver pessoas a beber vinho. mas tinha o lava-loiças num estado lastimável. tinham comido todas as minhas latas de conserva, usado todos os copos e pratos e talheres, e posto tudo dentro do lava-loiça em água, em água imunda, e tinha ficado entupido, mas tudo bem, era quase normal, só que, quando olhei para o lava-loiça e percebi que também tinham achado e usado os meus pratos de papel, e que os tinham deitado para o lava-loiça, ali a flutuar, isso é que já não era assim tão bom, e por cima disso tudo, alguém tinha VOMITADO para dentro do lava-loiça, quando vi aquilo, servi-me de um copo de água cheio de vinho, bebi-o de um golo, parti-o contra a parede e gritei: «CHEGA! TODA A GENTE PARA A RUA! já!»

foram-se todos embora em fila, as putas e os homens, e a Helen, a mulher-a-dias, com quem eu também já tinha fodido, apesar do cabelo branco e tudo, e lá foram eles, muito circunspectos, muito tristes. foram todos menos o Careca.

ficou sentado na beira da cama a dizer:

—Hank, Hank, o que é que se passa? o que é que se passa, Hank?

—cala-te ou mato-te, juro por deus!

fui ao telefone que havia no corredor. encontrei o número da mãe dele. o miúdo era um daqueles cabrões ingénuos e brilhantes, estúpidos mas de QI elevado, que vivem com a mãe para sempre.

—oiça, senhora M., por favor venha cá buscar o seu filho. daqui fala o Hank.

—ah, então é aí que ele tem ESTADO! foi o que eu pensei, mas não sabia onde é que morava. fomos dá-lo como desaparecido à polícia.

você faz-lhe mal, Hank. oiça, Henry, porque é que não deixa o meu menino em paz? (o «menino» dela tinha 32 anos.)

—vou tentar, senhora M., mas diga-me: porque é que não o vem buscar?

—só não consigo perceber porque é que ele ficou TANTO tempo desta vez. ele costuma voltar para casa ao fim de um dia ou dois fora.

—venha só buscá-lo.

dei-lhe a morada e voltei para o quarto.

—a tua mãe vem aí buscar-te — disse-lhe.

—não, eu não quero ir. não! ouve, Hank, ainda há mais vinho? preciso de beber qualquer coisa, Hank.

servi-lhe um copo de vinho e outro para mim.

bebeu um bocado.

—não me quero ir embora — disse ele.

—ouve, já te pedi muitas vezes para ires. e nunca vais. eu tinha duas escolhas. ou te dava uma tarefa e te metia na rua ou ligava à tua mãe. e liguei à tua mãe.

—mas eu sou um HOMEM! EU SOU UM HOMEM, NÃO VÊS ISSO? ESTIVE NA CHINA DURANTE A GUERRA! CONDUZI AS TROPAS CHINESAS PELO MEIO DOS CAMPOS! FUI PRIMEIRO-TENENTE DO EXÉRCITO AMERICANO, EM ALTURAS DE GRANDE PERIGO!

e era verdade. tinha feito isso tudo. e passado depois à reserva com uma medalha de mérito ao peito. voltei a encher os nossos copos.

—ao campo de batalha na China — disse eu, fazendo um brinde.

—ao campo de batalha na China — respondeu.

bebemos tudo até ao fim.

e começou outra vez:

—eu sou um HOMEM! merda. não consegues perceber que eu sou um HOMEM? por amor de deus, não consegues perceber QUE EU SOU UM HOMEM?

a mãe chegou uns 15 minutos depois e disse uma única palavra:

—WILLIAM!

depois, foi ao pé da cama e pegou-lhe por uma orelha. era uma velha muito despachada, seguramente perto dos 60 anos. pegou-lhe

por uma ORELHA e levantou-o da cama e depois, ainda preso pela orelha, levou-o pelo corredor fora e ficou ali parada, a carregar no botão do elevador, com o filho quase dobrado ao meio e a chorar, o tempo todo a chorar. aquelas lágrimas bem REAIS a correr, a saltar, a deslizar pela cara abaixo. pô-lo no elevador, ainda preso pela orelha e, enquanto desciam, dava para o ouvir gritar:

—EU SOU UM HOMEM, EU SOU UM HOMEM, EU SOU UM HOMEM!

depois, fui à janela e fiquei a vê-los descer a rua. ela continuava a agarrá-lo pela ORELHA, aquela mulher de 60 anos. e depois atirou-o para dentro do carro, entrou pelo outro lado, com o filho estático no assento. e então, naquele momento, arrancou, levando consigo o único cu que eu tinha comido, que ia gritando:

—EU SOU UM HOMEM! EU SOU UM HOMEM!

nunca mais o vi, nem nunca fiz nenhum esforço especial por o procurar.

na noite em que a puta de 135 quilos chegou, eu estava pronto. mais ninguém estava pronto, mas eu estava pronto. era gordíssima de todos os lados e também não especialmente asseada. de onde tinha vindo e o queria e como tinha conseguido sobreviver até aquele preciso momento eram perguntas que se poderiam fazer acerca de qualquer ser humano, por isso limitámo-nos a beber, a beber e a rir, eu sentado ao lado dela, encostado a ela, a cheirá-la e a rir e a atiçá-la.

—querida, querida, tenho aqui uma coisa que te faria chorar em vez de rir!

—ah, ahahahahah, ah! — ria ela.

—quando to enfiar, hei-de chegar-te com a ponta à cabeça, pelo estômago, o esófago, atravessar a traqueia. isso!

—ah, ahahahahah, ah!

—foda-se, aposto que, quando vais cagar, as bochechas do cu te chegam ao chão, não é? e quando cagas, a retrete fica entupida durante um mês, não é?

—ah, ahahahahah, ah!

quando o bar fechou, saímos juntos, eu com 1 metro e 82, e 75 quilos, e ela com 1 metro e 50, e 135 quilos. o mundo solitário e o mundo ridículo a descerem juntos pelo mesmo passeio. finalmente tinha encontrado uma coisa melhor que um buraco na parede.

chegámos à porta da casa onde eu tinha um quarto arrendado. tirei a chave.

—meu deus — ouvi-a dizer. — que é aquilo?

olhei à volta. atrás de nós havia um pequeno e singelo edifício com uma placa muito simples: HOSPITAL DO ESTÔMAGO.

—ah, aquilo! ri-te outra vez, querida, adoro o teu riso, deixa-me ouvir-te rir, amor!

—é um morto, estão a tirar um morto!

—é um amigo meu, antigo jogador de futebol que foi da mesma equipa que o Red Grange. ainda esta tarde o vi. pareceu-me bem. dei-lhe dois cigarros. eles carregam os mortos durante a noite. estou

sempre a vê-los a esta hora a tirar um ou dois corpos. não é muito bom para o negócio fazer aquilo à luz do dia.

—como é que sabes que é o teu amigo?

—pela estrutura óssea, o formato da cabeça, mesmo tapado por um lençol. uma noite, quando estava pedrado, quase decidi roubar um cadáver enquanto os tipos voltavam lá para dentro. não sei o que é que teria feito com ele. enfiá-lo no guarda-fatos, acho eu.

—onde é que eles vão agora?

—buscar outro morto. como é que está o teu estômago?

—está ótimo, está ótimo!

lá acabámos por subir, e a certa altura ela desequilibrou-se e achei que ia arrancar uma das paredes.

despimo-nos e pus-me em cima dela.

—meu deus — disse-lhe eu. — MEXE-TE um bocado! não fiques aí parada como se fosses um pote gigante de geleia! levanta-me essas pernas enormes de sequóia... bolas, nem a consigo ENCONTRAR!

começou aos risinhos.

—oh, eheheheheh, oh, eheheheheheheheh.

—mas que merda é esta! — rosnei-lhe. — MEXE-TE! ABANA-TE!

E, então, começou a saltar e a girar. aguentei-me e tentei apanhar o ritmo: ela rodava bastante bem, mas era isso: rodava, depois para baixo e para cima, e depois rodava outra vez. lá consegui apanhar o ritmo da rotação, mas, na altura de andar para baixo e para cima, fui atirado várias vezes da sela abaixo. ou seja, aquela plataforma estava a vir para cima ao mesmo tempo que eu lhe batia, o que não tem problema em condições normais, mas, com ela, quando acertava na plataforma, ela empurrava-me simplesmente para fora da sela, e às vezes, quase para fora da cama, para o chão. lembro-me de ter de me agarrar a uma daquelas mamas gigantes, mas era tão horrível e tinha um ar tão obsceno que me agarrei antes ao colchão, como uma pulga esfomeada, e voltei a atirar-me para a frente, para o meio daqueles 135 quilos, afundando-me de novo no meio dos «oh, eheheheheh, oh, eheheheheh», a cavalgar agarrado, sem saber se estava a fodê-la ou a ser fodido, mas a verdade é que raramente sabemos.

—que o Senhor esteja connosco — sussurrei numa das suas orelhas quentes e gordas e sujas.

como estávamos os dois muito bêbedos, continuámos naquilo, sem parar, eu a ser cuspidos de vez em quando, mas voltando sempre para o campo de batalha. tenho a certeza de que queríamos ambos desistir, mas, de certa maneira, não havia saída. o sexo, às vezes, pode transformar-se na mais penosa das tarefas. a certa altura, em desespero, agarrei um daqueles seios gigantes, levantei-o como uma panqueca mole e enfiei o mamilo na boca. sabia a tristeza e a borracha e a agonia e a iogurte estragado. cuspi aquela coisa da boca com nojo e voltei a mergulhar de cabeça.

por fim, lá consegui cansá-la. quer dizer, ela continuou a trabalhar, não ficou ali deitada de costas como morta, tenho de lhe fazer essa justiça, mas cansei-a, entrei no ritmo, descobri-o, bati-lhe, bati-lhe a quantidade certa de vezes até que, por fim, como uma casa que não quer desabar, acabou mesmo por desabar, tinha-a na mão. e ali ficou a gemer e a chorar como uma criança pequena, enquanto eu fumava. foi maravilhoso. depois disso, dormimos.

de manhã, quando acordámos, dei com a cama espalmada no chão. tínhamos partido as quatro pernas durante aquela foda louca.

—meu deus — disse eu. — oh, meu deus, oh, meu deus!

—que foi, Hank?

— partimos a cama.

—eu achei logo que se ia partir.

—pois, mas eu não tenho dinheiro. não posso comprar uma cama nova.

—olha, também não tenho dinheiro.

—mas acho que tens de me dar algum, Ann.

—por favor, não faças isto, foste o primeiro homem em muito tempo que me fez sentir alguma coisa.

—olha, obrigado, mas agora só consigo pensar na merda da cama.

— queres que me vá embora?

—não leves a mal, mas quero. é por causa da cama. estou preocupado.

—está bem, Hank. mas posso ir à casa de banho primeiro?

—podes, claro.

vestiu-se e saiu para o corredor em direcção à casa de banho. quando voltou, ficou parada à porta.

—adeus, Hank.

—adeus, Ann.

senti-me mal por deixá-la ir embora daquela maneira, mas era mesmo por causa da cama, e então lembrei-me da corda que tinha comprado para me enforcar. era uma corda bem grossa. percebi que as quatro pernas se tinham rachado ao longo de um veio central. era questão de as juntar como se faz às pernas humanas partidas. atei-as com a corda. depois, vesti-me e desci.

a senhoria estava à minha espera.

—vi aquela mulher a sair. é uma mulher da rua, senhor Bukowski. acho que veio do seu quarto, não foi? conheço muito bem todos os meus outros hóspedes.

—Mãe — respondi-lhe —, há muito poucos homens que consigam viver sem sexo.

E, depois, fiz-me à rua. em direcção ao bar. as bebidas foram chegando, é verdade, mas eu só conseguia pensar na cama. é de loucos, pensei, que um homem que se quer matar esteja tão preocupado com uma cama, mas era o que eu estava. por isso, bebi mais uns copos e fui para casa. a senhoria continuava à minha espera.

—senhor Bukowski, você não me engana com aquela corda toda! rebentou-me a cama! meu deus, devem tê-la feito bonita, para partirem as QUATRO pernas!

—desculpe — pedi-lhe. — não tenho dinheiro para lhe pagar a cama. andava a lavar pratos num restaurante, mas perdi o emprego e têm rejeitado os meus contos todos na *Harpers* e na *Atlantic Monthly*.

—bom, já lhe arranjei uma cama nova!

—uma cama nova?

—sim, a Lila está a montá-la.

a Lila era a empregada negra, linda. só a tinha visto uma ou duas vezes porque ela trabalhava durante o dia, que era quando eu costumava estar no bar, a apanhar bebedeiras.

— bom — disse eu —, estou cansado, acho que vou subir.

— pois, também achei que devia estar cansado.

subimos as escadas juntos. passámos por um painel de tecido pendurado na parede que dizia: DEUS ABENÇOE ESTA CASA.

—Lila! — chamou a senhoria quando chegámos ao topo das escadas, ao pé do meu quarto.

—sim?

—como é que está a correr com a cama?

—ai, esta porcaria está a dar cabo de mim! não consigo enfiar a última tábua! parece que não cabe!

ficámos ambos parados do lado de fora da minha porta.

—oiçam, minhas senhoras — disse eu —, desculpem-me mas tenho de ir à casa de banho...

desci e dei uma boa, lenta e consistente cagada de cerveja e vodca e vinho e uísque. que cheiro! descarreguei aquilo tudo e voltei ao quarto. enquanto me aproximava, ouvi a martelada final e a senhoria começou a rir e depois começaram a rir as duas. entrei no quarto. calaram-se. ficaram com uma cara muito séria, talvez zangada, até. a minha linda empregada negra desatou a correr pelas escadas abaixo e comecei a ouvi-la rir outra vez. a senhoria ficou parada à porta a olhar para mim.

—por favor, tente comportar-se como deve ser, senhor Bukowski. aqui, só quero hóspedes decentes.

depois, puxou a porta devagarinho até fechá-la.

olhei para a cama. era de ferro.

despi-me e entrei nu para o meio dos lençóis novos da minha cama nova, Filadélfia, uma hora da tarde, o céu estendia-se sobre todas as coisas lá fora, puxei o lençol lavado e o cobertor até ao queixo e então dormi, sozinho, suave, abençoado, tocado por um milagre. não foi mau.

Caro Senhor Bukowski,
Diz que começou a escrever aos 35. o que é que andou a fazer antes disso?

E.R.

Caro E.R.,
Andei a não escrever.

a Mary tentou de tudo. naquela noite, não queria mesmo ir-se embora. voltou da casa de banho com o cabelo todo apanhado de um lado.

—olha! — tinha acabado de me servir de mais um copo de vinho.
— puta, és uma grande puta...

então, veio com aqueles lábios grossos, lábios grossos cheios de batom.

—já viste a senhora Johnson?

—puta, és uma grande puta...

fui para a cama e deitei-me, com um cigarro numa mão e o copo de vinho em desequilíbrio em cima da mesa-de-cabeceira. descalço, de cuecas e com uma camisola interior suja de uma semana. ela veio pôr-se em cima de mim.

—ÉS A MAIOR RATAZANA DE TODOS OS TEMPOS!

—ah, ahahahahah! — ri-me.

—bom, vou-me embora!

—não tenho nada a ver com isso. só te aviso de uma coisa!

—o quê?

—não batas com a porta quando saíres. estou a ficar farto de portas a bater. se bateres com a porta, vais apanhar.

—não terias CORAGEM!

e bateu mesmo com a porta. fez tanto barulho que fiquei em estado de choque. assim que a parede parou de tremer, levantei-me de um salto, bebi o copo de vinho até ao fim e abri a porta. não tive tempo de me vestir. ela ouviu-me e começou a correr, mas estava

de saltos altos. avancei pelo corredor em cuecas e apanhei-a mesmo ao pé das escadas. abanei-a e dei-lhe uma chapada de mão aberta na cara. gritou e começou a cair, de cabeça, e olhei-lhe para debaixo do vestido, para aquelas pernas esguias embrulhadas em *nylon*, vi mesmo até cima, e pensei: bolas, devo ser Maluco! mas já não havia volta a dar, por isso, virei-me e voltei lentamente até à porta, abri-a, fechei-a, sentei-me, e servi-me de mais vinho. ouvi-a chorar lá fora. então, senti abrir-se outra porta.

—o que é que se passa, querida?

era uma voz de mulher.

—ele BATEU-ME! o meu marido BATEU-ME!

(MARIDO?)

— pobrezinha! deixe-me ajudá-la a levantar-se.

—obrigada.

—e agora o que é que vai fazer?

—não sei. não tenho onde ficar.

(mentirosa de merda)

—bom, oiça, arrende um quarto por esta noite e, quando ele sair para trabalhar, volta cá.

—TRABALHAR! — gritou ela. — AQUELE CABRÃO NUNCA TRABALHOU UM DIA SEQUER NA VIDA!

achei muita graça àquilo. achei tanta graça que não consegui parar de rir. tive de me virar e enterrar a cara na almofada, para a Mary não me ouvir. quando finalmente parei de rir e afastei a cara da almofada e me levantei e espreitei para o corredor, já não estava lá ninguém.

voltou uns dias mais tarde e foi o mesmo de sempre, eu de cuecas cada vez mais amargo e a Mary a arranjar-se toda e a preparar-se para se ir embora, tentando mostrar-me bem aquilo que eu estava a perder.

—desta vez não vou voltar! estou mesmo farta! mesmo farta! desculpa, mas já não te aguento mais! és mau, és mesmo mau, ponto final.

—e tu és uma puta, não passas de uma puta...

—claro que sou puta, senão não vivia contigo.

—hum, nunca tinha pensado nisso.

— então, pensa.

bebi o resto do copo de vinho.

—desta vez, sou eu que te LEVO à porta, e sou EU que a vou abrir e fechar, e despedir-me de ti. estás pronta, querida?

lá fui e fiquei ali parado de cuecas, com o copo de vinho outra vez cheio na mão, à espera.

—anda, anda, não tenho a noite toda. vamos chegar ao cerne desta questão, ok? hã?

ela não gostou nada daquilo. saiu pela porta, virou-se e ficou a olhar para mim.

—vá, despacha-te, despacha-te, desaparece aí na noite. pode ser que consigas vender essa rata cheia de sífilis por um dólar e quinze cêntimos àquele vendedor de jornais que não tem o polegar direito, o da cara que parece uma máscara de borracha. vá, rápido.

comecei a fechar a porta e ela ameaçou-me com a carteira no ar.

—és MAU, seu filho da puta!

vi-a avançar com a carteira na minha direcção e fiquei a olhar para ela com um sorriso pacífico na cara. já tinha andado à pancada com tipos bem perigosos; a última coisa que me preocupava na vida era uma carteira de mulher. mas ela veio. senti-a. e bastante. ela tinha enchido aquilo bem e na parte da frente, a parte que me acertou na cabeça, tinha enfiado um frasco de creme para a cara. foi como uma pedra.

—amor — disse eu.

continuava a sorrir, agarrado à maçaneta da porta, mas não me conseguia mexer. estava CONGELADO.

acertou-me com a carteira outra vez.

—ouve, amor.

outra vez.

—amor.

as pernas começaram a ceder. à medida que eu ia caindo lentamente para o chão, com as pernas dobradas sobre si mesmas, ela ia conseguindo acertar melhor na parte de cima da minha cabeça. e estava mesmo decidida, a bater cada vez mais depressa, como se me quisesse rachar o crânio. era o meu terceiro k.o., numa

carreira muito pouco imaculada, mas o primeiro às mãos de uma mulher.

quando acordei, a porta estava fechada e eu, sozinho. olhei à volta e havia uma poça grossa de sangue no chão que, felizmente, era todo de linóleo. pisei o sangue e fui à cozinha. tinha guardado uma garrafa de uísque para uma ocasião especial. era esta. abri-a e entornei um bom bocado pela cabeça abaixo, depois enchi um copo e bebi-o de uma só vez. aquela puta tinha tentado MATAR-ME! inacreditável. pensei em denunciá-la à polícia, mas não servia de nada. ainda se viravam contra mim.

estava no terceiro andar. bebi mais um bocado de uísque e fui ao guarda-fatos. peguei nos vestidos, nos sapatos, nas meias, nas cuecas, nos *soutiens*, nos chinelos, nos lenços, nos cintos de ligas, nessa merda toda e fiz um monte frente à janela, peça por peça, enquanto ia bebendo o meu uísque.

—aquela maldita puta tentou matar-me...

e voou tudo pela janela. lá em baixo, havia um terreno baldio ao lado de uma pequena casa. o meu prédio ficava ao lado das fundações de uma escavação, por isso, na verdade, eu estava mais ou menos à altura do sétimo andar. tentei acertar com as cuecas nos fios de electricidade, mas não consegui. fiquei irritado e comecei a atirar coisas sem fazer pontaria. ficaram sapatos e meias e vestidos espalhados por todo o lado... nos arbustos, nas árvores, do lado de lá da vedação ou simplesmente espalhados no chão. senti-me um bocado melhor, continuei a beber o uísque, encontrei uma esfregona e comecei a limpar o chão.

na manhã seguinte, doía-me mesmo muito a cabeça. não consegui pentear-me, tive de ajeitar o cabelo molhado com os dedos. formou-se uma crosta gigante de uns oito centímetros. eram umas onze da manhã. desci as escadas até ao rés-do-chão, saí pela porta das traseiras para apanhar as roupas e guardá-las. já tinha desaparecido tudo. não consegui perceber. havia um velho qualquer a trabalhar no quintal da pequena casa, a cavar com uma pá de mão.

—olhe — perguntei-lhe —, por acaso não viu umas roupas por aqui espalhadas?

—que tipo de roupas?

—roupas de mulher.

—estavam aqui, estavam. juntei tudo para dar ao exército de salvação.

— eram as roupas da minha mulher.

— mas parecia que tinham sido deitadas fora.

—foi um engano.

—bom, ainda tenho tudo dentro de uma caixa.

—a sério? e devolve-mas?

—claro, mas olhe que parecia mesmo que as tinham deitado fora.

o velho entrou em casa e voltou com a caixa. estendeu-a por cima da vedação.

— obrigado — agradeçi-lhe.

— de nada.

e virou-se, atirou-se de joelhos para o chão e espetou a pá na terra. peguei nas roupas e voltei para casa.

nessa noite, ela apareceu com o Eddie e a Duquesa. traziam vinho. servi-nos a todos.

— a casa está com ar muito arrumado — disse o Eddie.

—ouve, Hank. não nos vamos zangar mais. estou farta das nossas discussões! sabes que eu te amo mesmo a sério, não sabes? — disse a Mary.

— sei.

a Duquesa estava com o cabelo todo escorrido por cima da cara, as meias rotas, e pequenas bolas de espuma a caírem-lhe pelos cantos da boca. Pensei: tenho de a fazer. tinha um ar doentiamente sensual. mandei a Mary e o Eddie ir à rua comprar mais vinho e, assim que a porta se fechou, agarrei a Duquesa e atirei-a para cima da cama. era só ossos e tinha um ar muito teatral. a coitada não devia comer há mais de duas semanas. atirei-me a ela. não foi mau de todo. uma rapidinha. quando eles voltaram já estávamos sentados outra vez.

estávamos a beber há cerca de uma hora quando a Duquesa olhou por entre aquele cabelo e apontou um dedo cadavérico na minha direcção. tinha havido uma pausa na conversa. o dedo continuava a apontar para mim, e então disse:

—ele violou-me, violou-me enquanto vocês foram comprar vinho.

—Eddie, não vais acreditar nesta merda, pois não?

—claro que vou.

— se não és capaz de confiar num amigo, então pira-te já daqui!

—a Duquesa nunca mente. se a Duquesa disse que tu...

—SAIAM IMEDIATAMENTE DAQUI! SEUS GRANDESSÍSSIMOS FILHOS DA PUTA!

pus-me de pé, e atirei à parede o meu copo cheio de vinho, que se estilhaçou.

—eu também? — perguntou a Mary.

—TU TAMBÉM! — respondi, apontando-lhe com um dedo.

— Hank, achei que já tínhamos acabado com estas cenas, estou tão farta de andarmos sempre a acabar...

saíram todos em fila. o Eddie à frente, depois a Duquesa e a Mary atrás deles. a Duquesa não parava:

—ele violou-me, estou a dizer-vos que me violou. violou-me, estou a dizer-vos, ele violou-me...

parecia enlouquecida.

tinham acabado de passar a porta quando agarrei a Mary pelo pulso.

— anda cá, porca!

puxei-a para dentro e tranquei a porta com a corrente. a seguir, agarrei-a e dei-lhe um beijo mesmo sensual, enquanto lhe apalpava o rabo com uma mão.

—oh, Hank...

ela estava a gostar.

—Hank, Hank, não fodeste aquele saco de ossos, pois não?

não respondi. continuei o que estava a fazer. ouvi a mala dela cair ao chão. uma das suas mãos foi direita aos meus colhões e apertou-os. eu estava a ficar muito acelerado. precisava de um intervalo de uma hora ou assim.

—atirei a tua roupa toda pela janela — contei-lhe.

—O QUÊ?

a mão descaiu-lhe dos meus colhões e ela esbugalhou os olhos.

—mas já fui buscá-la, deixa-me contar-te a história toda.

fui servir mais duas bebidas.

—quase me mataste, não foi?

—o quê?

—quer dizer que não te lembras?

sentei-me numa cadeira com a minha bebida e ela veio ter comigo para me ver a cabeça.

—oh, coitadinho. meu deus, desculpa.

inclinou-se e beijou aquela crosta ensanguentada com imensa ternura. então, enfiei a mão debaixo da saia e enrolámo-nos outra vez. precisava de uns quarenta e cinco minutos. ali estávamos nós, a rebolar no meio de pobreza e de copos partidos. nessa noite, não haveria discussões, não haveria putas nem vagabundos. o amor tinha tomado conta de tudo. e o linóleo limpo devolvia-nos as nossas sombras.

estava em Nova Orleães, no Bairro Francês, a ver um bêbedo encostado a uma parede e o bêbedo chorava, e o italiano perguntava-lhe:

—és francês?

e o francês respondia:

—sim, sou francês.

e o italiano acertava-lhe com força na cara, fazendo-o bater com a cabeça na parede, e depois perguntava-lhe outra vez:

—és francês?

e o francês respondia que sim e o italiano batia-lhe outra vez, enquanto repetia:

—eu sou teu amigo, eu sou teu amigo, só estou a tentar ajudar-te. não consegues entender isso?

e o francês dizia que sim e o italiano batia-lhe outra vez. havia outro italiano, dentro de um carro, a fazer a barba com uma lanterna pendurada a iluminar-lhe a cara. parecia tudo muito estranho. ali estava ele, com espuma de barbear espalhada pelo rosto e uma navalha enorme na mão. ignorava completamente o que se estava a passar, enquanto se ia barbeando, de noite. e estava tudo bem até o francês se ter desequilibrado da parede e ido bater contra o carro. agarrou-se à porta e começou a gritar:

—socorro!

e o italiano bateu-lhe mais uma vez.

—eu sou teu amigo. eu sou teu AMIGO!

e o francês bateu contra o carro e fê-lo abanar todo e, evidentemente, o italiano que estava lá dentro cortou-se e saltou do carro cheio de espuma de barbear e um golpe a crescer-lhe na cara e disse:

—seu filho da puta!

e começou a cortar a cara do francês e, quando ele levantou as mãos, começou a cortar-lhe as mãos.

—seu filho da puta! seu grande filho da puta!

era a minha segunda noite na cidade e não estava a ser fácil, por isso entrei num bar e sentei-me e o tipo ao meu lado perguntou-me:

—és francês ou italiano?

e eu respondi:

—na verdade, nasci na China. o meu pai era missionário e foi morto por um tigre quando eu era criança.

nessa altura, alguém atrás de mim começou a tocar violino, o que me salvou de mais perguntas. concentrei-me na minha cerveja. quando o violino parou, alguém veio pelo outro lado e se sentou.

—chamo-me Sunderson. e você tem ar de quem precisa de trabalho.

— preciso de dinheiro. trabalhar, não faço grande questão.

—a única coisa que preciso que faça é ficar sentado numa cadeira durante umas horas por noite.

—e dinheiro?

—dezoito dólares por semana, mas nada de pôr as mãos na caixa registadora.

—e como é que sabe se ponho ou não?

—pago dezoito dólares a outro tipo para ficar de olho em você.

—você é francês?

—Sunderson. escocês. inglês. sou parente afastado do Winston Churchill.

—bem me pareceu que havia qualquer coisa errada consigo.

era um sítio onde os táxis de uma certa empresa vinham pôr gasolina. eu enchia os depósitos, recebia o dinheiro e metia-o na caixa. mas a maior parte da noite ficava sentado numa cadeira. correu tudo bem durante as primeiras duas ou três noites. só uma pequena discussão com os taxistas que queriam que eu lhes mudasse os pneus furados. e um rapaz italiano que pegou no telefone e arranjou merda com o patrão, a dizer-lhe que eu não fazia nada, mas eu sabia uma minha única missão ali — proteger o dinheiro. o velho tinha-me mostrado onde é que guardava a arma, como usá-la e como garantir que os taxistas pagavam a gasolina e o gasóleo. não tinha prazer nenhum em proteger o \$\$\$\$\$\$ por dezoito dólares por semana, mas era aí que o Sunderson se enganara. eu

próprio teria tirado o dinheiro, mas os meus valores morais estavam todos lixados: alguém me tinha enfiado na cabeça a ideia maluca de que roubar era errado, e estava a ser difícil ultrapassar os meus próprios preconceitos. entretanto, lá ia trabalhando neles, contra eles, com eles, estão a ver?

mais ou menos na quarta noite, apareceu uma miúda negra à porta. ficou parada a sorrir para mim. devemos ter ficado a olhar um para o outro uns três minutos.

—como vai isso? — perguntou ela. — sou a Elsie.

— não vai lá grande coisa. sou o Hank.

aproximou-se e encostou-se a uma pequena secretária que havia ali. trazia um vestido de rapariguinha, tinha movimentos de rapariguinha, mas era uma mulher, uma mulher vibrante e magicamente eléctrica num vestido castanho de rapariguinha.

—posso comprar um refrigerante?

—claro.

deu-me o dinheiro e fiquei a vê-la abrir a tampa da caixa das bebidas e, com séria deliberação, escolher uma garrafa. depois, sentou-se num pequeno banco e fiquei a observá-la a beber. as bolhinhas de ar a fluir pela luz eléctrica através da garrafa. Olhei-lhe para o corpo, olhei-lhe para as pernas, senti-me invadido por aquela simpatia castanha e gentil. era um trabalho muito solitário, ficar sentado naquela cadeira todas as noites por dezoito dólares por semana.

estendeu-me a garrafa vazia.

—obrigada.

—de nada.

—importa-se que eu traga umas amigas amanhã à noite?

—se forem como tu, podes trazer todas.

—são todas como eu.

—traz todas.

na noite seguinte, eram três ou quatro como ela, a conversar e a rir e a comprar refrigerantes. meu deus, e eram mesmo amorosas, jovens, cheias de qualquer coisa indefinível, todas rapariguinhas de cor, tudo divertido e belo, quero dizer, era como elas me faziam sentir. na noite seguinte, eram umas oito ou dez, na outra, treze ou

catorze. começaram a trazer *gin* ou uísque para misturar com os refrigerantes. eu também trazia as minhas próprias bebidas. mas a Elsie, a primeira, era a melhor de todas. sentava-se no meu colo e depois saltava e gritava:

—oh, meu deus, vais fazer-me os TESTINOS saírem pela cabeça com essa VARA que tens aí!

fingia-se zangada, muito zangada, e as outras raparigas riam-se. e eu ficava ali sentado, confuso, a sorrir, mas, de certa maneira, feliz. elas eram demais para mim, mas gostava da brincadeira. eu próprio comecei a ficar um pouco mais à vontade. sempre que um cliente apitava, eu levantava-me, desconfiado, acabava a bebida, ia buscar a arma, entregava-a à Elsie e dizia-lhe:

—ouve-me bem, Elsie, ficas a tomar conta da merda da caixa por mim e, se alguma das outras miúdas se aproximar, disparas e fazes-lhe um buraco na rata, ok?

e deixava a Elsie a olhar para aquela pistola enorme. era uma estranha combinação, aquelas duas, capazes de matar ou salvar um homem, dependendo de como corresse. é a história do homem, da mulher e do mundo. e lá saía para ir encher mais um depósito.

então, certa noite, o Pinelli, um taxista italiano, entrou para comprar um refrigerante. eu gostava daquele apelido mas não gostava dele. era o tipo que mais se queixava por eu não ajudar a mudar pneus furados. não tinha absolutamente nada contra italianos, mas era estranho que, desde que tinha chegado à cidade, a comunidade italiana estivesse sempre na primeira linha de todas as minhas desgraças. eu sabia que era uma questão matemática e não racial. em São Francisco, uma velha italiana quase de certeza me tinha salvado a vida. mas isso é outra história. o Pinelli irrompeu por ali adentro. e foi mesmo IRROMPER. havia raparigas por todo o lado, a conversar e a rir. foi direito à caixa das bebidas e levantou a tampa.

—FODA-SE! JÁ NÃO HÁ BEBIDAS E EU ESTOU CHEIO DE SEDE! QUEM É QUE BEBEU OS REFRIGERANTES TODOS?

—fui eu — respondi-lhe.

fez-se um grande silêncio. as raparigas ficaram a olhar. a Elsie estava mesmo ao meu lado, a olhar para ele. o Pinelli era bonito, se não se olhasse durante demasiado tempo ou com demasiada atenção. o nariz de falcão, o cabelo preto, os modos de oficial prussiano, as calças justas, a raiva de rapazinho.

—ESTAS MIÚDAS BEBERAM OS REFRIGERANTES TODOS, E ELAS NÃO TÊM NADA QUE ESTAR AQUI DENTRO, ESTAS BEBIDAS SÃO SÓ PARA OS TAXISTAS!

e então, aproximou-se de mim, ficou parado, a abrir as pernas ligeiramente, como fazem as galinhas antes de cagar.

—SABES O QUE É QUE ESTAS RAPARIGAS SÃO, Ó ESPERTINHO?

—claro. estas raparigas são minhas amigas.

—NÃO, ESTAS RAPARIGAS SÃO PUTAS! TRABALHAM EM TRÊS CASAS DE PUTAS DO OUTRO LADO DA RUA! É ISSO QUE SÃO: PUTAS!

ninguém disse nada. ficámos todos ali a olhar para o italiano. pareceu um longo olhar. depois, virou-se e foi-se embora. o resto da noite já não foi a mesma coisa. fiquei preocupado com a Elsie. ela tinha a pistola. fui ter com ela e tirei-lha.

—quase fiz um umbigo novo àquele filho da puta — disse ela. — a mãe dele era puta!

quando dei por mim, estava sozinho. sentei-me a beber um copo. então, levantei-me e olhei para a caixa registadora. estava lá tudo.

por volta das cinco da manhã, entrou o velho.

—Bukowski.

— diga, senhor Sunderson?

—tenho de o mandar embora. (palavras muito familiares)

—o que é que se passa?

—os rapazes queixaram-se de que você anda a dar cabo disto, sempre cheio de putas e você a divertir-se no meio. elas de mamas e de rata de fora e você a chupar e a lambar e a enfiar a língua. é isso que se passa aqui até de manhã?

—bom, não exactamente.

—seja como for, vou ficar no seu lugar até encontrar uma pessoa de mais confiança. tenho de perceber o que é que se passa.

—está bem, o dono do circo é você, Sunderson.

acho que foi duas noites mais tarde que estava a sair do bar e decidi passar pela bomba de gasolina do velho. havia dois ou três carros da polícia parados à porta.

vi o Marty, um dos taxistas com quem me dava bem. fui ter com ele:

—o que é que se passa, Marty?

—esfaquearam o Sunderson, e mataram um dos taxistas com a pistola do velho.

—meu deus, parece um filme. o taxista que mataram foi o Pinelli?

—sim, como é que sabes?

—e foi na barriga?

— sim, sim, como é que sabes?

estava bêbedo. pus-me a caminho do meu quarto. estava uma daquelas luas de Nova Orleães. continuei a andar e depressa me começaram a cair as lágrimas, um grande rio de lágrimas ao luar. e depois pararam e senti a água das lágrimas a secar-me na cara, a esticar a pele. quando cheguei ao quarto, nem perdi tempo a acender a luz, descalcei os sapatos, as meias, e atirei-me de costas para cima da cama sem a Elsie, a minha linda puta preta, e então dormi, atravessei a dormir a tristeza daquilo tudo e quando acordei fiquei a pensar qual seria a cidade seguinte, o trabalho seguinte. levantei-me, calcei as meias e os sapatos e saí para comprar uma garrafa de vinho. as ruas não estavam lá com muito bom aspecto, raramente estavam. era uma estrutura planeada por ratazanas e por homens e tínhamos de viver dentro dela e morrer dentro dela. mas, tal como um amigo disse certa vez: «nunca ninguém te prometeu nada, nunca assinaste nenhum contrato.» entrei na loja para comprar o vinho.

o filho da puta chegou-se um bocadinho para a frente, à espera das moedas sujas.

a escrevinhar em cartões de embrulhar camisas durante uma
bebedeira de dois dias:

quando o Amor se torna uma obrigação, o Ódio pode transformar-
se num prazer.

✱

se nunca apostares, nunca hás-de ganhar.

✱

os belos pensamentos e as belas mulheres nunca duram.

✱

pode prender-se um tigre numa jaula, mas nunca se saberá se o
conseguimos destruir. com os homens é mais fácil.

✱

se queres saber onde está Deus, pergunta a um bêbedo.

✱

não existem anjos nas trincheiras.

✱

o fim da dor é o fim do sentimento; cada um dos nossos prazeres é um pacto com o diabo.

✱

a diferença entre a Arte e a Vida é que a Arte é mais suportável.

✱

prefiro ouvir falar de um mendigo americano vivo a ouvir falar de um Deus grego morto.

✱

não há nada mais aborrecido que a verdade.

✱

o indivíduo equilibrado é louco.

✱

quase toda a gente nasce um génio e morre idiota.

✱

a um homem corajoso falta-lhe a imaginação. a cobardice é geralmente causada por uma dieta pouco equilibrada.

✱

fazer sexo é dar um pontapé no cu à morte enquanto se canta.

✱

quando os homens controlarem os governos, não precisarão de governos; até lá, estaremos fodidos.

✱

um intelectual é um homem que diz uma coisa simples de uma forma difícil; um artista é um homem que diz uma coisa difícil de uma forma simples.

✱

sempre que vou a um enterro, sinto-me como se tivesse comido cereais.

✱

torneiras a pingar, peidos de paixão, pneus furados — tudo isto é mais triste que a morte.

✱

se queres saber quem são os teus amigos, arranja maneira de seres preso.

✱

os hospitais são lugares onde te tentam matar sem explicar porquê. a crueldade fria e estudada dos hospitais americanos não é causada pelos médicos que trabalham demais, ou que se foram acostumando e entediando com a morte. é causada pelos médicos QUE SÃO PAGOS MUITO PARA FAZEREM POUCO e que são admirados pelos ignorantes como curandeiros, quando, na maior parte das vezes, não sabem distinguir os próprios pintelhos do cu de barbas de milho.

✱

antes de denunciar um escândalo, um jornal diário gratuito mede o seu próprio pulso.

✱

acabaram-se os cartões de embrulhar camisas.

bom, aqui têm o vosso conto de Natal, meus meninos: aproximem-se.

— ah — disse o meu amigo Lou —, acho que já percebi.

—foi?

—sim.

servi mais vinho.

—trabalhamos juntos — continuou ele.

—claro.

—tu tens boa conversa, sabes contar histórias muito interessantes. não importa se não verdadeiras ou não.

—claro que são verdadeiras.

— quero dizer, não interessa, ouve-me, vou dizer-te o que é que vamos fazer. há um bar todo chique aqui no fim da rua, tu conheces, o Molino's. entras lá, e a única coisa de que precisas é dinheiro para a primeira bebida. dividimos isso. depois, sentas-te com a tua bebida e procuras alguém com ar rico. é o que não falta lá dentro. percebes quem é e vais ter com ele. inventa uma desculpa qualquer. sentas-te ao lado e comesas. comesas com a conversa de merda. ele vai gostar. quando estás pedrado até ganhas mais vocabulário. uma noite, estiveste a insistir comigo que eras cirurgião. e explicaste-me em pormenor uma operação inteira ao mesocólon. pronto. e então, o tipo oferece-te bebidas a noite inteira, e também há-de beber a noite inteira. deixa-o beber. depois, quando for hora de fechar, leva-lo na direcção oeste, para os lados da Alvarado Street, e passam pelo beco. dizes-lhe que vais buscar uma miúda mesmo boa, o que quiseses, mas leva-lo sempre na direcção oeste. eu vou estar à vossa espera no beco com isto.

foi atrás da porta buscar um taco de basebol. era um taco enorme. devia pesar, pelo menos, um quilo.

—meu deus, Lou, isso mata-o!

—não, NÃO, não se consegue matar um bêbedo, já sabes isso! talvez se ele estivesse sóbrio o matasse mas, assim, fica só inconsciente. roubamos-lhe a carteira e dividimos o dinheiro.

—e a última coisa de que se vai lembrar — interrompi — é de ter saído do bar comigo.

—isso mesmo.

—o que eu quero dizer é que se vai LEMBRAR de mim, acho que quem fica com a parte de bater com o taco é que sai a ganhar.

—tenho de ser eu a bater-lhe, é a única maneira de isto resultar, porque não tenho essa tua conversa de merda.

—não é conversa de merda.

—então quer dizer que és mesmo CIRURGIÃO...

—esquece, deixa-me explicar melhor: não sou capaz de fazer uma coisa dessas, armar uma emboscada, porque sou boa pessoa, não sou assim.

—não és nada boa pessoa. és o maior filho da puta que eu conheço. é por isso que gosto de ti. queres andar à pancada agora? eu quero. dás tu o primeiro murro. quando trabalhava nas minas, lutei uma vez com um tipo com os cabos de uma picareta. ele partiu-me o braço com a primeira pancada e o pessoal achou que eu tinha ficado arrumado. mas dei-lhe uma tareia só com um braço. depois dessa luta, ele nunca mais foi o mesmo. ficou maluco, e começou a falar só por um canto da boca, sem se calar, sobre coisa nenhuma. podes dar o primeiro murro.

aproximou-se de mim com aquela cabeça de crocodilo espalmado.

—não, dás tu o primeiro murro — disse-lhe eu. — ANDA, FILHO!

e veio. fez-me cair da cadeira de costas. pus-me de pé e dei-lhe um soco na barriga. o murro seguinte mandou-me contra o lava-loiças. um prato caiu ao chão e partiu-se. agarrei numa garrafa de vinho vazia e atirei-lha à cabeça. ele baixou-se e a garrafa espatifou-se contra a porta, que então se abriu. era a nossa jovem e loira senhoria, corpo, beleza, juventude. era muito confuso. ficámos os dois parados a olhar para ela.

—já chega — disse ela.

depois, virou-se para mim.

—eu vi-o ontem à noite.

—não me viu ontem à noite.

—vi-o no terreno baldio aqui ao lado.

—não estive lá.

—estive sim, só que não se lembra. estava bêbedo. como era lua cheia, consegui vê-lo.

—pronto, está bem. e depois?

—pôs-se a mijar. vi-o mijar ao luar, no meio do terreno baldio.

—isso não parece nada meu.

—era você. se voltar a fazer isso, ponho-o na rua. não quero essas coisas aqui.

—querida — disse o Lou —, amo-te, ai, amo-te tanto, deixa-me ir para a cama contigo só uma vez e depois eu corto os dois braços, juro!

—cale-se, seu bêbedo idiota.

ela fechou a porta e nós sentámo-nos a beber vinho e a conversar.

encontrei um. um bem gordo. toda a minha vida fui despedido por idiotas gordos como aquele. de empregos de merda, mal pagos e chatos. ia saber-me bem. comecei a falar. nem sabia o que é que estava a dizer. ou seja, só sentia que a boca ia mexendo e que ele ouvia e ria e acenava com a cabeça e pagava mais bebidas. tinha um relógio no pulso, a mão cheia de anéis, uma carteira estupidamente gorda. era uma tarefa difícil, mas as bebidas facilitavam a coisa. contei-lhe umas histórias da prisão, do trabalho na construção das linhas de comboio, das casas de putas. ele adorou essa parte. contei-lhe a história do tipo que se enfiou nu na banheira, deu um laxante à puta e esperou uma hora, depois lá veio ela borrifá-lo de merda até ele se vir para o tecto.

—não, a SÉRIO?

—sim, a sério.

depois, contei-lhe a história do tipo que aparecia de duas em duas semanas e que pagava sempre muito bem. a única coisa que queria era ter uma puta com ele no quarto. despiam-se e depois jogavam às cartas e conversavam. os dois sentados à mesa. passadas duas horas, vestia-se, despedia-se e ia-se embora. nunca tocava na puta.

—bolas — disse ele.

—pois é.

decidi que não me importava nada que o taco do Lou marcasse um golo naquela cabeça. gordo sinistro. que grande monte inútil de merda, a sugar a vida do seu semelhante e a sua própria. e ali estava ele sentado, com ar majestático, quando a única coisa que sabia fazer era ter uma vida confortável numa sociedade doente.

—gosta de miúdas novas? — perguntei-lhe.

—ah, sim, sim, sim!

— por volta de uns 15 anos e meio?

—ah, sim.

—tenho uma que vai chegar no da uma e meia, vinda de Chicago. deve estar em minha casa por volta das duas e dez. é asseada, sensual, inteligente. mas estou a correr um grande risco, por isso tem de confiar em mim. são dez dólares adiantados e mais dez quando acabar. acha muito caro?

— ah, não, está bom.

enfiou a mão no bolso e tirou uma das suas notas imundas de dez dólares.

— ok, quando isto fechar, vem comigo.

—claro, claro.

—ela também tem umas esporas de prata com umas incrustações de rubis, se quiser, ela pode pô-las e picar-lhe as ancas enquanto a come. está interessado? são mais cinco dólares.

—não, prefiro sem as esporas — respondeu.

por fim lá chegaram as duas da manhã e saí dali com ele, em direcção ao beco. se calhar, o Lou nem sequer lá estava. se calhar, tinha ficado bêbedo demais, ou simplesmente desistido. um golpe daqueles era capaz de matar um homem, ou deixá-lo incapaz para o resto da vida. fomos cambaleando ao luar, não havia nem uma pessoa à volta, ninguém na rua.

ia ser muito fácil.

atravessámos a rua para o beco. lá estava o Lou.

mas o gordo viu-o. levantou um braço e baixou-se no momento em que o Lou avançou com o taco, que me acertou mesmo atrás da orelha.

caí para o chão daquele beco infestado de ratazanas (a pensar por uns segundos: tenho os dez dólares, tenho os dez dólares), caí

para o chão daquele beco cheio de preservativos usados, bocados de jornais velhos, parafusos perdidos, pregos, paus de fósforo, carteiras de fósforos, minhocas mortas, caí para o chão daquele beco de broches pegajosos e de sombras sádicas, de gatos esfaimados, de ladrões, de paneleiros... e então apercebi-me — a sorte e o futuro estavam do meu lado:

os mansos herdarão a terra.

mal consegui ouvir o gordo fugir e sentir o Lou tirar-me a carteira. depois, apaguei.

era um filho da puta rico a tomar um banho a vapor na sua sauna enquanto chorava. tinha todos os discos de Bach e, mesmo assim, não lhe serviam para nada. tinha vitrais nas janelas e uma fotografia de uma freira a mijar. mesmo assim, nada. tinha uma vez mandado assassinar um taxista numa noite de lua cheia no deserto do Nevada, com ele a ver. o efeito passou-lhe em meia hora. atava cães a umas cruces e queimava-lhes os olhos com charutos caros. já nem sentia nada. tinha comido tantas mulheres de luxo, que já nem lhes dava valor.

dentro da sauna, queimava plantas exóticas e atirava bebidas à cara do mordomo.

uma massa viscosa rica e insidiosa, era o que ele era. um ser desprezível. um escarro em cima de uma rosa.

—socorro, meu DEUS, socorro! — gritou.

estava na altura.

— espere um segundo — respondi-lhe.

fui ao cacifo buscar o cinto e ele dobrou-se em cima da mesa, deixando à mostra aquela carne branca, aquele rabo peludo nojento, e acertei-lhe mesmo em cheio com a fivela, uma e outra vez:

ZÁS! ZÁS!

ZÁS! ZÁS! ZÁS!

caiu da mesa como um caranguejo à procura do mar. começou a gatinhar pelo chão e fui atrás dele com a fivela.

ZÁS!

ZÁS!

ZÁS!

enquanto ele gritava mais duas ou três vezes, baixei-me e queimei-o com um charuto.

depois, deixou-se cair redondo, a sorrir.

fui à cozinha, onde o seu advogado tomava café.

—já acabou?

—já.

contou cinco notas de dez, atirou-as para cima da mesa. servi-me de um café e sentei-me. ainda tinha o charuto na mão. atirei-o para o lava-loiças.

—meu deus — disse eu. — meu deus.

— pois — respondeu o advogado. — o último tipo só aguentou um mês.

ficámos os dois sentados a beber café. era uma cozinha muito simpática.

— volte na próxima quarta-feira — disse ele.

—porque é que não faz você isto? — perguntei-lhe.

—EU? sou demasiado sensível!

rimos os dois e pus dois cubos de açúcar no café.

desceu pela conduta da roupa suja e, quando começou a esgueirar-se lá de dentro, o Maxfield acertou-lhe com o cabo do machado, partindo-lhe o pescoço. vasculhou-lhe os bolsos. tinha apanhado o homem errado.

—ah, merda — disse o Maxfield.

—ah, merda — disse eu.

subimos as escadas e pegámos no telefone.

—o coelho carneiro caiu cornudo. com força — disse eu.

—merda porra foda-se — respondeu o Steinfeld.

—sustos — disse eu. — sustos mesmo moles.

— vai prò caralho — disse-me o Steinfeld.

e desligou.

quando voltei para baixo, o Maxfield estava a fazer um broche ao cadáver.

— sempre desconfiei de ti — disse-lhe eu.

— merda merda caralho — disse ele, levantando a boca para responder.

— o que é que isso tem a ver? — perguntei.

—glup — respondeu ele.

sentei-me em cima de uma máquina de lavar avariada.

—escuta, se queremos viver num mundo melhor — comecei —, não só vamos ter de combater nas ruas, como vamos ter de lutar dentro da nossa mente e contra a nossa mente. e mais, se as nossas mulheres não conseguem manter as unhas limpas, é um bom indicador de que também não conseguem manter a rata limpa. antes de apalpare o rabo a uma mulher, pede-lhe para descalçar as botas.

—glup — disse ele.

levantou-se, satisfeito, e arrancou os olhos ao cadáver. com um canivete. que tinha uma suástica no cabo. parecia o Céline no seu melhor. engoliu os olhos.

sentámo-nos os dois e ficámos à espera.

—já leste o *Cartas a Um Amigo Alemão*?

—infelizmente, já.

—o maior dos perigos implica a maior da esperança.

—tens um cigarro? — perguntei.

— claro — respondeu ele.

assim que o acendi, encostei a ponta incandescente ao seu pulso peludo.

— merda — disse ele. — PÁRA com isso!

— tens sorte em não te ter queimado esse teu rabo cheio de pêlos.

—quem me dera.

—despe-te.

fez o que lhe mandei.

—abre as nádegas.

—juro fidelidade — disse ele — à...

a *Xerazade* do Rimsky Korsakov começou a tocar pelos fios eléctricos do tecto, e enfiei a ponta do cigarro lá dentro.

—porra — disse ele.

mantive-a lá dentro.

— porque é que fizeram uma rusga na Hullabaloo[21]?

—porra — disse ele.

— fiz-te uma pergunta! porque é que fizeram a rusga?

— fizeram — começou ele. — fizeram porque fizeram. não sei nada dessa história!

—vamos analisar o assunto a fundo — sugeri, enfiando ainda mais a ponta do cigarro.

COCKTAILS[22]

—porra — disse ele. — porra, porra!

—quase todos os homens sabem com exactidão o seu grau de imbecilidade, mas quem é que consegue conviver com o brilho fugaz do seu extraordinário génio?

—só TU, Charles Bukowski!

—és um homem brilhante, Maxfield.

tirei o cigarro, cheirei-o, não, cheirei-o e deitei fora.

—o teu rabo ganha a qualquer gato — disse-lhe. — senta-te.

—a sério — disse ele.
sentei-me.

—bom, na verdade — disse-lhe —, é fácil compreender Camus se me prestares atenção. um *brukk*, um *banko*, um *sestina-vik*, sim, um escritor brilhante, mas um oportunista.

—mas de que raio... de que raio é que estás a falar?

—estou a falar das cartas que ele escreveu para o *COMBAT*^[23]. estou a falar dos discursos que fez na L'Amitie Française. estou a falar nas declarações no mosteiro dominicano de Latour-Maubourg em 1948. estou a falar da resposta ao Gabriel Marcel. estou a falar do discurso que ele fez na Bolsa de Trabalho de Saint-Étienne a 10 de Maio de 1953. estou a falar do que fez a 7 de Dezembro de 1955, durante um banquete em honra do presidente Eduardo Santos, editor do *Il Tempo*, expulso da Colômbia pela ditadura. estou a falar da carta que escreveu a M. Aziz Kessous. estou a falar da entrevista ao *Demain*, na edição de 24-30 de Outubro de 1957.

»e estou a falar de obliteração, de lhe terem sugado a posição; de o terem apanhado. morreu ao volante de um carro que já não ia a guiar. é óptimo ser boa pessoa e preocupar-se com os assuntos do mundo; mas outra coisa bem diferente é ver um merdas como tu deitar abaixo grandes homens que se dedicaram aos assuntos do mundo e que já morreram. os grandes homens tornam-se alvos para os homens pequenos... homens pequenos com espingardas, máquinas de escrever, bilhetes anónimos debaixo das portas, medalhas, clubes, cães, essas coisas dos homens pequenos também resultam.

»porque é que não vais para o caralho? — perguntei-lhe.

—essas raivas banais, tal como as mulheres banais, hão-de desaparecer com o sol de Outubro — respondeu ele.

—parece-me bem. e as do OUTRO género?

—a mesma coisa.

—porra — disse eu —, porra.

—agora a sério — disse ele, pousando a cabeça, não, a mão no meu joelho. — não te sei mesmo dizer porque é que fizeram uma rusga na Hullabaloo.

—achas que o Camus teria? — perguntei.

—o quê?

—feito uma rusga na Hullabaloo.

—claro que não!

—e será que teria uma opinião sobre isso? — perguntei.

—claro que sim!

ficámos os dois em silêncio durante muito tempo.

—o que é que vamos fazer ao cadáver? — perguntei.

—já fiz — respondeu o Maxwell.

—quero dizer, AGORA.

—agora é a tua vez.

—esquece.

ficámos os dois em silêncio a olhar para o morto.

—queque não ligas ao Steinfeld? — perguntou o Maxwell.

—«queque»?

—sim. «queque»?

—tu dás-me mesmo cabo dos nervos.

subi as escadas e peguei no auscultador. em todos os outros telefones da América os auscultadores já são em cima do telefone, foram todos substituídos, já não há ganchos — mas este estava pendurado num gancho, como um caralho enorme de preto. peguei nele, agarrei-o. estava cheio de suor, claro. e besuntado de bocados secos de *sphagetti*, ou lá como é que isso se escreve — minhocas secas que perderam a corrida.

—Steinfeld — disse eu.

—quem é que ganhou a nona? — perguntou-me.

—nos trotadores ou no Del Mar?

—nos trotadores.

—o *Jonboy Star*, entrou nos cinco melhores. correu na sexta em Spokane com o *Asaphr*, posição 8, 6 por 2 e meio. Mudou para o Jack Williams, de manhã alinhou na 4. abriu a 7 por 2. no último minuto, baixou para 2 por um. vitória fácil.

—e apostaste em qual?

—*Smoke Concert*.

—mas o que é que aconteceu? — perguntou ele.

—o coelho carneiro caiu cornudo. com força.

—chiça merda porra chatice — disse o Steinfeld.

—sustos — disse eu —, sustos mesmo moles. muito moles.

—vai outra vez para o caralho — disse o Steinfeld.

e desligou.

e eu, eu voltei para baixo, eu, eu, eu fiz. se fiz, *banko, bunko, sestina-vink vik*. estava a passar a *Fanfarra para o Homem Comum* do Copeland pelo fio de electricidade. o Maxfield estava outra vez a mamar o cadáver.

fiquei a vê-lo. fiquei a vê-lo um bocado.

—meu amigo — disse-lhe —, a nossa missão não é fácil e os nossos destinos estão inacabados. pensa em África, pensa no Vietname, pensa em Watts, pensa em Detroit; pensa nos Boston Red Sox e no Museu de Marte de Los Angeles, de Arte quero eu dizer. pensa em qualquer coisa. pensa em como ficarias mal no espelho da vida.

—glup — disse o Maxfield.

o Declínio e Queda do Ocidente estava diante dos meus olhos. dêem-me só mais dez anos, mais dez anos. meu querido Spengler. Oswald? OSWALD???? Oswald Spengler.

fui à máquina de lavar, sentei-me e fiquei à espera.

senta-te, Stirkoff.

obrigado, senhor.

estica as pernas.

muito simpático da sua parte, senhor.

Stirkoff, pelo que percebi, você tem andado a escrever artigos sobre a justiça, a igualdade; e também sobre o direito à felicidade e à sobrevivência. Stirkoff?

sim, senhor?

acredita que alguma vez existirá no mundo uma justiça absoluta e sensata?

nem por isso, senhor.

então porque é que escreve aquelas merdas? não se sente bem?

tenho-me sentido esquisito ultimamente, senhor, quase como se estivesse a enlouquecer.

tem bebido muito, Stirkoff?

claro, senhor.

e tem-se tocado?

constantemente, senhor.

como?

não estou a perceber, senhor.

quero dizer, como é que faz?

quatro ou cinco ovos crus e meio quilo de hambúrguer numa jarra de gargalo fino enquanto oiço Vaughn Williams ou Darius Milhaud.

e como é que é?

é no rabo, senhor.

não, quero dizer como é que é a jarra? é de vidro?

claro que não, senhor.

já foi casado?

muitas vezes, senhor.

o que é que correu mal?

tudo, senhor.

qual foi o melhor rabo que já comeu?

quatro ou cinco ovos crus e meio quilo de hambúrguer numa...

bom, bom!

pois é.

tem noção de que o desejo de justiça e de um mundo melhor é apenas uma fachada para esconder a decadência e a vergonha e o fracasso que habita dentro de si?

sim.

o seu pai era um homem cruel?

não sei, senhor.

como assim, não sabe?

quero dizer, é difícil comparar. sabe, é que eu só tive um.

está a armar-se em esperto comigo, Stirkoff?

oh, não, senhor; é como diz, a justiça é impossível.

o seu pai batia-lhe?

batiam à vez.

pensei que só tinha tido um pai.

como toda a gente. queria dizer que a minha mãe também entrava na história.

ela amava-o?

só como uma extensão de si própria.

e que outra coisa pode ser o amor?

no senso comum, gostar muito de uma coisa muito boa. não é preciso ter laços de sangue. pode ser até uma bola de praia ou uma torrada com manteiga.

está a dizer-me que consegue AMAR uma torrada com manteiga?

só algumas, senhor. em certas manhãs. sob certos raios de sol. o amor chega e parte sem aviso.

é possível amar um ser humano?

claro, especialmente se não o conhecermos muito bem. gosto de vê-los da minha janela, a passar na rua.

Stirkoff, você é um cobarde.

claro, senhor.

qual é a sua definição de cobarde?

um homem que pense duas vezes antes de enfrentar um leão com as próprias mãos.

e qual é a sua definição de um homem corajoso?

um homem que não saiba o que é um leão.

toda a gente sabe o que é um leão.
toda a gente acha que sabe.
e qual é a sua definição de um idiota?
um homem que não perceba que andamos a desperdiçar o
Tempo, a Estrutura e a Carne.
e então o que é um homem sensato?
não existem homens sensatos, senhor.
então, não podem existir idiotas. se não existisse noite, não
poderia existir o dia; se não existisse branco, não poderia existir
preto.
peço desculpa, senhor. pensei que todas as coisas fossem o que
são, e não que dependessem de outras coisas.
você já enfiou o pau em demasiadas jarras de flores. não
consegue perceber que TUDO está certo, que nada pode correr mal?
percebo, senhor, aquilo que acontece, acontece.
que me diria, se eu o mandasse decepar?
não poderia dizer nada, senhor.
quero dizer, se o mandasse decepar, eu continuaria a ser a
Vontade e você passaria a ser o Nada.
eu passaria a ser outra coisa.
à minha ESCOLHA.
às nossas duas escolhas, senhor.
descontraia! descontraia! estique as pernas!
muito simpático da sua parte, senhor.
não, muito simpático da parte de nós dois.
claro, senhor.
diz-me que sente muitas vezes uma certa loucura. o que é que faz
quando isso lhe acontece?
escrevo poesia.
a poesia é loucura?
a não-poesia é loucura.
o que é a loucura?
a loucura é o feio.
o que é o feio?
é uma coisa diferente para cada homem.
o feio faz parte?

existe.

mas faz parte?

não sei, senhor.

você finge sabedoria. o que é a sabedoria?

é saber o menos possível.

como é que isso pode ser?

não sei, senhor.

é capaz de construir uma ponte?

não, senhor.

é capaz de construir uma pistola?

não, senhor.

essas coisas são produto da sabedoria.

essas coisas são pontes e pistolas.

vou mandá-lo decepar.

obrigado, senhor.

porquê?

o senhor é a minha motivação quando ela me falta.

eu sou a Justiça.

talvez.

eu sou o Vencedor. vou mandá-lo torturar, vou fazê-lo gritar. vou fazer com que deseje a Morte.

claro, senhor.

não percebe que sou o seu amo?

é o meu manipulador; mas não há nada que me possa fazer que não possa ser feito.

você acha que tem uma conversa muito inteligente mas não vai dizer nada inteligente quando estiver a gritar.

duvido, senhor.

E, já agora, como é que consegue ouvir Vaughn Williams e Darius Milhaud? nunca ouviu falar dos Beatles?

oh, senhor, toda a gente já ouviu falar dos Beatles.

não gosta deles?

não desgosto.

há algum cantor de que não goste?

não é possível não gostar de cantores.

então, e de qualquer pessoa que tente cantar?

o Frank Sinatra.

porquê?

ele traz ao de cima uma sociedade doente.

lê algum jornal?

só um.

qual?

O *OPEN CITY*.

GUARDA! LEVEM ESTE HOMEM PARA A CÂMARA DE TORTURA IMEDIATAMENTE
E COMECEM OS PROCEDIMENTOS!

senhor, um último pedido?

sim.

posso levar a minha jarra comigo?

não, vou usá-la!

desculpe?

quero dizer, vou confiscá-la. vá, guarda, leve este idiota daqui! e,
guarda, quando voltar, traga...

sim, senhor?

meia dúzia de ovos crus e um quilo de bife de vaca picado.

...

saem o guarda e o prisioneiro. o rei inclina-se para a frente,
esboça um sorriso maléfico quando o Vaughn Williams aparece no
intercomunicador. lá fora, o mundo avança enquanto um cão cheio
de pulgas mijá contra um belo limoeiro que vibra ao sol.

a Miriam e eu ficámos com a pequena cabana ao centro, não era má, eu tinha plantado uma fila de ervilhas-de-cheiro à frente, e túlipas por todo o lado. a renda era quase de borla e ninguém nos chateava durante as bebedeiras. para pagar a renda, era preciso ir procurar o senhorio e, se estivéssemos uma semana ou duas atrasados, ele dizia apenas «não faz mal», era dono de uma oficina de venda e reparação de automóveis e tinha o dinheiro todo que quisesse.

—só não dê o dinheiro à minha mulher, ela só sabe gastar e ando a tentar pôr-lhe um freio.

tudo parecia correr bem. a Miriam tinha emprego. era secretária numa empresa grande de móveis. eu não conseguia ir levá-la de manhã ao autocarro porque estava sempre de ressaca, mas, de tarde, eu e o cão íamos sempre esperá-la à paragem, quando voltava. tínhamos um carro, mas ela não conseguia pô-lo a trabalhar, o que me dava muito jeito. eu acordava por volta das 10:30, ia-me recompondo muito descontraidamente, dava uma vista de olhos pelas flores, tomava café, depois bebia uma cerveja, e ia lá para fora, apanhar sol e coçar a barriga, depois brincava com o cão, um monstro enorme, maior que eu, e quando nos fartávamos, voltávamos para dentro e começava muito lentamente a pôr a casa em ordem, a fazer a cama, a apanhar as garrafas, a lavar a loiça; mais uma cerveja, ver no frigorífico se havia qualquer coisa para jantar. por essa altura, já eram horas de pegar no carro e ir para a pista de corridas. conseguia chegar mesmo a tempo de ir esperá-la à paragem de autocarro. sim, corria tudo bem, e a mim, que nunca tinha tido muito jeito com mulheres, sabia-me bem ser mantido, mesmo sabendo que não estava propriamente em Monte Carlo, e para além de ser o amante, também tinha de lavar a loiça e outras tarefas degradantes.

sentia que aquilo não ia durar, mas, entretanto, sentia-me bem, estava com um aspecto melhor, falava melhor, andava melhor,

sentava-me melhor, dormia melhor, fodia melhor do que nunca. era bom, mesmo bom.

mas depois aconteceu que conheci a mulher da frente, a que vivia na grande casa principal. eu costumava sentar-me nos degraus de casa, a beber a minha cerveja e a atirar a bola ao cão e ela aparecia, estendia um cobertor na relva e ficava a apanhar banhos de sol. vinha de biquíni, só umas tiras de tecido.

—olá — dizia eu.

—olá — dizia ela.

foi assim durante algumas manhãs. sem grandes conversas. eu tinha de tomar cuidado. havia vizinhos por todo o lado e a Miriam conhecia-os todos. mas aquela mulher tinha um CORPO, meus senhores, de vez em quando, a natureza ou deus ou seja o que for decide criar UM CORPO, só UM, para variar. quando olhamos para a maior parte dos corpos, reparamos que as pernas são demasiado curtas ou demasiado compridas, ou os braços; ou que o pescoço é demasiado grosso ou muito magro, ou que as ancas estão muito em cima, ou muito em baixo, e o mais importante — o rabo. o rabo está quase sempre mal, é uma desilusão: demasiado grande, demasiado liso, demasiado redondo, ou nada redondo, ou está pendurado como se não fizesse parte do resto, como qualquer coisa que ficou ali presa quando já era quase demasiado tarde.

o rabo é a cara da alma do sexo.

esta mulher tinha um rabo a condizer com o resto. aos poucos, fui descobrindo que se chamava Renie e que era *stripper* num dos pequenos clubes da Western Avenue mas a cara dela era ao nível de Las Vegas, ao nível do mundo. sentia-se que já tinha sido levada algumas vezes, enganada e usada por rapazinhos ricos quando era um pouco mais nova, e agora tinha as defesas levantadas e lixa-te tu que a mim não me lixam mais.

certa manhã, disse-me:

—agora tenho de apanhar sol nas traseiras. aquele filho da puta do velho do lado apareceu-me um dia em que eu estava deitada no jardim da frente e beliscou-me, apalpou-me mesmo!

—foi?

—foi, aquele tarado, deve ter uns setenta anos e apalpou-me. tem dinheiro, mas pode ficar com o dinheiro para ele. há um tipo que traz aqui a mulher todos os dias. e deixa o velho comê-la, vão para a cama e bebem e fodem, e depois o marido vem buscá-la à noite. estão convencidos de que o velho vai morrer e que lhes vai deixar algum dinheiro. as pessoas enojam-me. já eu, no sítio onde trabalho, o dono daquilo, um gordo italiano, o Gregario, disse-me uma vez: «querida, quando trabalhas para mim, tens de fazer de tudo, no palco e fora do palco.» e eu respondi-lhe: «olha, George, eu sou uma Artista, se não gostas do meu número como está, despeço-me!» e liguei a uma amiga e arrumámos as minhas coisas todas mas, assim que cheguei a casa, o telefone começou a tocar. era o Gregario. e diz-me: «querida, tens de voltar! o clube assim já não é a mesma coisa, está morto. esta noite toda a gente pergunta por ti. volta por favor, querida, eu respeito-te como Artista e como mulher, és uma mulher formidável!

—bebes uma cerveja? — perguntei-lhe.

—claro.

entrei em casa e peguei em duas cervejas. a Renie sentou-se nos degraus da frente e começámos a beber.

—o que é que fazes? — perguntou ela.

—de momento, nada.

—a tua namorada é simpática.

—sim, não está mal.

—o que é que fazias antes de não fazeres nada?

—só maus empregos. nada que valha a pena contar.

—já conversei com a Miriam e ela disse-me que pintas e escreves, que és artista.

—muito raramente, sou artista; a maior parte das vezes, não sou nada.

—gostava que visses o meu número.

—não gosto de clubes de *strip*.

—tenho um palco no quarto.

—o quê?

—anda, vou mostrar-te.

entrámos pela porta das traseiras e ela mandou-me sentar no quarto. era mesmo verdade, lá estava um palco mais ou menos circular. ocupava o quarto quase todo. trouxe-me um uísque com água e depois subiu para o palco. desapareceu atrás das cortinas. fiquei ali sentado a dar uns golos na bebida. então, ouvi uma música. «Slaughter on Tenth Avenue». a cortina abriu-se. e apareceu ela, a deslizar, a deslizar.

acabei a bebida e decidi que não ia às corridas naquele dia.

a roupa começou a saltar. e ela começou a dança sensual. a garrafa de uísque tinha ficado ao meu lado. peguei nela e servi um *shot*, enquanto a via ficar apenas com uma tanga toda às contas. quando fazia girar as contas, via-se a caixa mágica. continuou a rebolar-se, até ao último acorde. era mesmo boa naquilo.

—bravo! bravo! — aplaudi.

desceu do palco e acendeu um cigarro.

—gostaste mesmo?

—claro. já percebi o que é que o Gregario quer dizer com isso de teres classe.

—e o que é que ele queria dizer?

—deixa-me beber mais um copo.

—claro. também bebo um.

—bom, a classe é uma coisa que se vê, que se sente, e não que se define, também se vê nos homens, nos animais. vê-se em alguns trapezistas assim que pisam a arena. é qualquer coisa na maneira de andar, é qualquer coisa nos jeitos. é qualquer coisa que se tem por dentro e por fora, mas quase sempre interior e que faz com que a parte exterior funcione. tu tens isso quando danças; a parte de dentro faz com que a parte de fora funcione.

—sim, sinto o mesmo. não são só movimentos sexuais, é um sentimento. eu canto, eu falo enquanto danço.

—é mesmo. percebi isso tudo.

—mas ouve, quero que me critiques, que faças sugestões, para eu melhorar. é por isso que tenho este palco, é por isso que treino. fala comigo enquanto estiver a dançar, não tenhas medo de dizer coisas.

—ok, mais uns copos e já fico mais solto.

—serve-te à vontade.

voltou para o palco, para trás das cortinas. quando voltou, trazia um figurino diferente.

*when a New York baby says goodnight
it's early in the morning
good night sweetheart.*

eu tinha de falar bem alto por cima da música. sentia-me um realizador importante com cérebro de atrasado mental de Hollywood.

—NÃO SORRIAS QUANDO ENTRAS. É ORDINÁRIO. ÉS UMA SENHORA. ESTÁS A FAZER-LHES UM FAVOR POR ESTARES AQUI. SE DEUS TIVESSE CONA, TU ERAS DEUS, MAS COM UM POUCO MAIS DE GENEROSIDADE. TU ÉS SAGRADA, TENS CLASSE, MOSTRA ISSO!

continuei no uísque, encontrei um maço de cigarros em cima da cama e comecei a fumar um atrás do outro.

—É ISSO MESMO, É ISSO MESMO. ESTÁS SOZINHA NUMA SALA! NÃO HÁ PÚBLICO. QUERES O AMOR ATRAVÉS DO SEXO, O AMOR ATRAVÉS DO SOFRIMENTO!

as peças do figurino começam a cair.

—AGORA, AGORA, DIZ QUALQUER COISA DE REPENTE! DIZ ENQUANTO TE AFASTAS DA PARTE DA FRENTE DO PALCO, SUSSURRA, ATIRA POR CIMA DO OMBRO, DIZ QUALQUER COISA QUE TE VIER À CABEÇA, TIPO «AS BATATAS VOMITARAM CEBOLAS À MEIA-NOITE!».

—as batatas vomitaram cebolas à meia-noite! — sussurrou ela.

—NÃO, NÃO! DIZ TU QUALQUER COISA, QUALQUER COISA TUA!

—puta puta chupa colhões! — sussurrou ela.

quase me vim. mais uísque.

—AGORA, CHEGA-LHE, CHEGA-LHE! ARRANCA A MERDA DA TANGA! DEIXA-ME VER O ROSTO DA ETERNIDADE!

e assim fez. o quarto inteiro estava a pegar fogo.

—AGORA COMEÇA A MEXER-TE RÁPIDO, RÁPIDO, COMO SE TIVESSES PERDIDO A CABEÇA, LARGA TUDO!

e assim fez. por momentos, fiquei sem fala. o cigarro queimou-me os dedos.

—cora! — gritei.

ela corou.

—AGORA DEVAGAR, DEVAGAR, DEVAGAR, AVANÇA NA MINHA DIRECÇÃO!
DEVAGAR, DEVAGAR, DEVAGAR, PUSESTE O EXÉRCITO TURCO INTEIRO DE PAU
FEITO! NA MINHA DIRECÇÃO, DEVAGAR, MEU DEUS!

estava quase a saltar para o palco, quando ela sussurrou:

—puta puta chupa colhões.

e, depois, fez-se muito tarde.

bebi mais um copo, despedi-me dela, fui para casa, tomei banho,
fiz a barba, lavei a loiça, peguei no cão e cheguei mesmo a tempo à
paragem do autocarro.

a Miriam vinha cansada.

—mas que dia — disse ela. — uma daquelas raparigas idiotas
andou a pôr óleo em todas as máquinas de escrever. deixaram
todas de funcionar. tiveram de chamar um técnico. e ele começou
aos gritos connosco: «mas quem é que esteve a olear estas
máquinas?» e depois o Connors andou em cima de nós, para
recuperarmos o tempo perdido, para mandarmos as facturas. tenho
os dedos dormentes de tanto bater na merda das teclas.

—mas continuas linda, querida. vai tomar um bom banho quente,
bebe qualquer coisa e ficas como nova. tenho batatas fritas no
forno, e comemos com bifes e tomate e pão de alho quente.

—estou tão cansada!

sentou-se e descalçou os sapatos e eu trouxe-lhe uma bebida.
suspirou e disse, olhando lá para fora:

—aquelas ervilhas-de-cheiro ficam lindas com a luz do sol a bater
assim.

não passava de uma boa rapariga do Novo México.

bom, vi a Renie umas quantas vezes depois, mas nenhuma como
a primeira, e nunca chegámos a ir para a cama. primeiro, porque eu
andava a ser muito cuidadoso com a Miriam e, depois, porque tinha
insistido tanto que a Renie era uma Artista e uma Senhora que
quase começámos ambos a acreditar nisso. e qualquer actividade
sexual teria destruído a nossa relação imparcial de artista-crítico, e
ter-se-ia transformado numa chatice de possuir-ou-não-possuir. na
verdade, era muito mais divertido e estranho assim. portanto, não foi
a Renie que me lixou. foi a dona-de-casa gorda e pequenina da
oficina de mecânico nas nossas traseiras. certa manhã, por volta

das dez, veio bater-me à porta para pedir café ou açúcar ou qualquer coisa assim. trazia vestida uma bata larga, ou lá o que era e dobrou-se para tirar o café ou isso de um armário baixo e as mamas saltaram-lhe para fora.

foi nojento. ela corou, e depois endireitou-se. senti tesão por todo o lado. era como estar preso com toneladas de energia que me manipulavam à sua vontade. quando dei por mim, tínhamo-nos agarrado, enquanto o marido estava enfiado debaixo de um carro qualquer na sua pequena prancha, a dizer palavrões, a rodar uma chave-inglesa cheia de gordura. ela era uma bonequinha gorda. fomos para o quarto e foi bom. foi estranho vê-la entrar na casa de banho que a Miriam costumava usar. depois, foi-se embora. nenhum de nós tinha aberto a boca para além das palavras iniciais, quando tinha pedido que lhe emprestasse lá o que ela queria. a mim, provavelmente.

foi umas três noites depois, enquanto bebíamos, que a Miriam me disse:

—ouvi dizer que andas a comer a gordinha lá de trás.

—ela não é assim tão gorda — respondi.

—bom, está bem, mas não posso aceitar uma coisa dessas, muito menos enquanto eu estava a trabalhar. está tudo acabado entre nós.

—posso passar cá esta noite?

—não.

—mas para onde é que hei-de ir?

—podes ir para o caralho!

—depois de tudo o que passámos juntos?

—depois de tudo o que passámos juntos.

tentei convencê-la. não serviu de nada. só piorou.

foi fácil fazer as malas. tudo o que eu tinha eram uns trapos que cabiam em metade de uma mala de cartão. por sorte, tinha algum dinheiro e consegui encontrar um apartamento razoável na Kingsley Drive por um bom preço. mas não via como a Miriam pudesse ter descoberto a história da Gorda sem desconfiar da Renie. e então, juntei as coisas. elas eram todas amigas. comunicavam, ou directamente, ou espiritualmente, ou de outra forma qualquer que as

mulheres usam para comunicar umas com as outras sem que os homens percebam. basta juntar alguma informação exterior e coitado de um tipo, está arrumado. às vezes, ao descer a Western de carro, olhava para o cartaz do clube. lá estava, Renie Fox. só que não estava em destaque. havia o nome da *stripper* principal em néon e depois, mais abaixo, o da Renie e de mais duas. nunca cheguei a entrar.

vi a Miriam mais uma vez, à porta de uma farmácia. estava com o cão. ele começou a saltar à minha volta e fiz-lhe festas na cabeça e aticei-o um bocado.

—bom — disse-lhe —, parece que o cão sente a minha falta.

—eu sei que sim. levei-o a tua casa uma noite destas para ele te ver, mas, antes de tocar à campainha, ouvi uma puta qualquer aos risinhos lá dentro. não quis interromper nada, por isso fomos embora.

—deve ter sido imaginação tua. não tem lá ido ninguém.

—não imaginei nada.

—ouve, tenho de te fazer uma visita uma noite destas.

—não vás. tenho um namorado óptimo. tem um bom emprego. trabalha! não tem medo de TRABALHAR!

e com aquilo viraram-se, mulher e cão, e afastaram-se de mim e da minha vida e dos meus medos, a abanar o rabo. fiquei ali parado a ver as pessoas passar. não havia ninguém. estava numa esquina. o sinal estava encarnado. esperei. quando ficou verde, atravessei a rua inóspita.

um dos meus melhores amigos — pelo menos, considero-o como amigo —, um dos melhores poetas da nossa Era está em sofrimento, neste preciso momento, em Londres, por causa dela, e os Gregos sabiam o que era, os Antigos também sabiam, e pode abater-se sobre um homem em qualquer idade, mas a melhor são os quarenta e muitos anos, quase cinquenta. encaro-a como uma Imobilidade — uma fraqueza de movimentos, uma falta cada vez maior de interesse e de espanto; chamo-lhe a Postura do Homem de Gelo, ainda que não seja bem uma POSTURA, mas talvez nos permita encará-la com ALGUM humor, caso contrário, a negritude seria demasiado grande. todos os homens sofrem, de vez em quando, com a Postura do Homem de Gelo, e revela-se em frases como «já não sou capaz», ou «que se lixe isto tudo», ou «despeçam-se da Broadway por mim», mas, geralmente, recuperam depressa e continuam a bater nas mulheres e a picar o ponto.

mas, para o meu amigo, a Postura do Homem de Gelo não é uma coisa que se atire para debaixo de um sofá como um brinquedo de criança. se ao menos fosse possível! já tentou médicos na Suíça, em França, na Alemanha, em Itália, na Grécia, em Espanha e em Inglaterra e nada puderam fazer. um deles deu-lhe um tratamento para lombrigas. outro espetou-lhe pequenas agulhas nas mãos e no pescoço e nas costas, milhares de pequenas agulhas.

—talvez seja isto — escreveu-me ele. — pode ser que as agulhas resultem.

na carta seguinte, fiquei a saber que andava a experimentar um louco qualquer do vudu. na seguinte, que já não estava a experimentar nada. o Homem de Gelo Terminal. um dos melhores poetas do nosso tempo, preso a uma cama num quarto pequeno e sujo de Londres, a passar fome, a sobreviver de esmolas; a olhar para o tecto, incapaz de escrever ou de pronunciar uma palavra, e, por fim, sem se importar com isso. o seu nome é conhecido em todo o mundo.

eu conseguia e consigo muito bem entender o mergulho deste grande poeta num barril de merda porque, estranhamente, pelo que me consigo lembrar, já NASCI na Postura do Homem de Gelo. uma das coisas de que me recordo é de o meu pai, homem violento e cobardemente cruel, me estar a bater na casa de banho com a sua longa tira de cabedal de afiar a navalha da barba, o assentador, como algumas pessoas lhe chamam. batia-me com bastante regularidade; nasci fora do casamento, e acho que ele me culpava por todos os seus problemas. até cantava «ai, quando eu era solteiro, tinha os bolsos cheios de dinheiro!», mas não cantava muitas vezes. estava demasiado ocupado a bater-me. durante algum tempo, digamos, antes de eu ter sete ou oito anos, quase conseguiu incutir em mim uma sensação de culpa. porque não percebia a razão por que ele me batia. e ele procurava incansavelmente uma razão. eu tinha de aparar a relva uma vez por semana, primeiro longitudinalmente, depois latitudinalmente, depois as bordas com uma tesoura de poda, se eu falhasse UMA folha de relva que fosse, quer no jardim da frente, quer no das traseiras, dava-me uma tarefa monumental. depois de apanhar, tinha de voltar lá para fora e regar o relvado. entretanto, os outros miúdos andavam a jogar basebol ou futebol e a transformar-se em seres humanos normais. o grande momento era sempre quando o velho se estendia na relva e punha os olhos ao nível das folhas. conseguia sempre encontrar uma.

—ali, ESTOU A VER! FALHASTE UMA! FALHASTE UMA!

depois, gritava na direcção da janela da casa de banho para onde a minha mãe, uma gentil mulher alemã, ia sempre por esta altura dos acontecimentos.

—ELE FALHOU UMA! EU ESTOU A VER! EU ESTOU A VER!

então, ouvia a voz da minha mãe:

—ah, ele FALHOU uma? ah, que vergonha, QUE VERGONHA!

acho que ela também me culpava pelos seus problemas.

—VAI JÁ PARA A CASA DE BANHO — gritava ele. — VAI JÁ PARA A CASA DE BANHO!

então, lá ia eu para a casa de banho, e lá vinha a tira de cabedal e começava a tarefa. mas, ainda que a dor fosse terrível, eu, eu

próprio, sentia-me bastante fora daquilo. quer dizer, sentia que estava mesmo desinteressado; não significava nada para mim. não tinha qualquer ligação aos meus pais, por isso não sentia aquilo como uma violação do amor, ou da confiança, ou do carinho. a parte mais difícil era o choro. não queria chorar. era uma tarefa árdua, como aparar a relva. era a mesma coisa com a almofada que me davam a seguir, para me sentar depois da tarefa e depois de regar o jardim. também não queria a almofada. por isso, um dia, porque não queria chorar, decidi não o fazer. o único barulho que se ouvia era o estalar da tira de cabedal contra o meu rabo nu. era um curioso e repugnante som de carne no meio do silêncio, e eu com os olhos fixados nos azulejos da parede. as lágrimas caíam mas não fiz qualquer barulho. parou de bater. por norma, dava-me quinze ou vinte chicotadas. e parou a umas meras sete ou oito. saiu a correr da casa de banho:

—Mamã, Mamã, acho que o nosso rapaz é MALUCO, estou a bater-lhe e ele não chora!

—achas que ele é maluco, Henry?

—sim, mamã.

—ah, que vergonha!

foi a primeira aparição identificável do Homem de Gelo. eu sabia que havia qualquer coisa de errado comigo, mas não me considerava louco. só não conseguia entender porque é que as outras pessoas se zangavam tão facilmente, e porque é que depois, com a mesma facilidade, esqueciam a raiva e ficavam contentes, e como é que conseguiam interessar-se por TUDO, quando era tudo tão aborrecido.

nunca fui bom a desporto nem a brincar com os meus amigos, porque não praticava muito. não era propriamente mariquinhas — não tinha medo, nem delicadeza física e, às vezes, até fazia tudo melhor do que qualquer um deles —, mas sempre inconstante — aquilo não significava nada para mim. quando me envolvia numa briga com um amigo, não conseguia ficar zangado. lutava só porque sim. mais nada. estava Gelado. não conseguia entender a RAIVA e a FÚRIA do meu adversário. dava por mim a estudar-lhe o rosto e a atitude, intrigado com aquilo, em vez de tentar bater-lhe. de vez em

quando, assentava-lhe uma bem dada, para ver se era capaz, depois, deixava-me cair novamente na letargia.

então, como sempre, o meu pai saltava de dentro de casa:

—Parou! Acabou a luta! Fim. *Kaput!* Acabou!

os miúdos tinham medo do meu pai. fugiam todos a correr.

—tu não és um homem, Henry. levaste outra vez uma tareia!

eu não respondia.

—Mamã, o nosso rapaz deixou que o Chuck Sloan lhe desse uma coça!

—o nosso rapaz?

—sim, o nosso rapaz.

—que vergonha!

acho que o meu pai acabou por reconhecer o Homem de Gelo em mim, mas aproveitou-se completamente da situação em seu proveito.

—as crianças são para ser vistas mas não ouvidas — exclamava.

por mim, tudo bem. não tinha nada para dizer. não estava interessado. estava Gelado. cedo, tarde, para sempre.

comecei a beber por volta dos 17 com rapazes mais velhos que vagueavam pelas ruas, assaltavam bombas de gasolina e lojas de bebidas alcoólicas. confundiam o meu desprezo por tudo com temeridade e o facto de não me queixar de nada com arrogância profunda. eu era popular e não queria saber se era popular ou não. estava Gelado. punham grandes quantidades de uísque e cerveja e vinho à minha frente. bebia tudo. nada me punha bêbedo, verdadeira e absolutamente bêbedo. os outros caíam para o chão, à pancada, a cantarem, a gabarem-se, e eu ficava sentado à mesa em silêncio, a beber os restos dos copos, a sentir-me cada vez menos ali com eles, a sentir-me perdido, mas não de uma forma dolorosa. só electricidade e som e corpos e pouco mais.

mas vivia ainda com os meus pais e estávamos em plena Depressão, 1937, era impossível a um miúdo de 17 anos arranjar emprego. voltava da rua por uma questão de hábito mas também por causa da minha realidade. e batia à porta.

certa noite, a minha mãe abriu o pequeno postigo e gritou:

—ele está bêbedo! está bêbedo outra vez!

e ouvi a poderosa voz vinda do quarto:

—está bêbedo OUTRA VEZ?

o meu pai apareceu ao postigo:

—não te vou deixar entrar. envergonhas a tua mãe e o teu país.

—está frio aqui fora. abram a porta ou deito-a abaixo. se vim até aqui foi para entrar. e mais nada.

—não, meu filho, tu não mereces a minha casa. tu envergonhas a tua mãe e o teu...

fui ao fundo do alpendre, baixei o ombro e investi. não havia raiva nos meus movimentos, apenas uma espécie de matemática — tendo chegado a um certo resultado, continua-se a trabalhar com ele. atirei-me contra a porta. não se abriu, mas ficou uma grande fenda mesmo no meio e a fechadura pareceu ficar meio partida. voltei para o fundo do alpendre, baixei o ombro outra vez.

—está bem, entra — disse o meu pai.

entrei, mas então, o ar daquelas caras, o ar estéril, vazio, hediondo, de pesadelo deu-me voltas ao estômago cheio de álcool, fiquei enjoado e despejei tudo para cima do belo tapete, decorado com *A Árvore da Vida*. vomitei, bastante.

—sabes o que fazemos a um cão que caga no tapete? — perguntou o meu pai.

—não — respondi.

—bom, enfiamos-lhe LÁ O FOCINHO! para ele NÃO VOLTAR a fazer!

não respondi. o meu pai aproximou-se e pôs-me a mão na nuca.

—és um cão — disse ele.

não respondi.

—sabes o que é que fazemos aos cães, não sabes?

continuou a empurrar-me a cabeça para baixo, em direcção ao lago de vómito por cima da *Árvore da Vida*.

—enfiamos-lhes o focinho na própria merda, para não voltarem a cagar, nunca mais.

e ali estava a minha mãe, uma boa mulher alemã, de camisa de dormir, a ver tudo em silêncio. sempre tive a impressão de que ela queria ficar do meu lado mas era uma ideia completamente falsa, originada no facto de ter, em tempos, mamado nos seus mamilos. além disso, eu não tinha lado.

—oiça, pai — disse eu. — PARE.

—não, não, tu sabes bem o que é que fazemos a um CÃO!

—estou a pedir-lhe para parar.

continuou a empurrar-me a cabeça para baixo, para baixo, para baixo, para baixo. o meu nariz estava quase a chegar ao vômito. apesar de ser o Homem de Gelo, o Homem de Gelo quer dizer Gelado, não derretido. não consegui ver nenhuma razão para o meu nariz estar a ser empurrado para o meu próprio vômito. se tivesse havido uma razão, eu mesmo teria levado lá o nariz. não era uma questão de me IMPORTAR ou de HONRA ou de RAIVA, era uma questão de estar a ser empurrado para fora da minha muito particular MATEMÁTICA. estava, para usar o meu termo preferido, enojado.

—pare — disse eu. — estou a pedir-lhe pela última vez para parar!

empurrou-me o nariz quase até ao vômito.

dei um salto com os calcanhares, eu estava quase de cócoras, e acertei-lhe com um soco fluido e majestoso, apanhei-o com força e mesmo em cheio no queixo e ele caiu para trás pesada e desajeitadamente, todo um império brutal que se desfez em merda, por fim, e caiu para cima do sofá, com um estrondo, de braços abertos, os olhos como os de um animal sedado. animal? o cão tinha-se virado, fui ao sofá, à espera que ele se levantasse. não se levantou. deixou-se ficar apenas a olhar para mim. não se levantava. apesar de toda a sua fúria, o meu pai era um covarde. não me surpreendeu. então pensei: uma vez que o meu pai é um covarde, o mais provável é que eu também seja um covarde. mas, sendo o Homem de Gelo, isso não me causou nenhuma dor. não me interessava, nem quando a minha mãe começou a arranhar-me a cara com as unhas, a gritar sem parar:

—bateste ao teu PAI! bateste ao teu PAI! bateste ao teu PAI!

não me interessava. e, por fim, virei a cara para ela, e deixei que me rasgasse e gritasse e me cortasse com as unhas, arrancando-me a carne, a merda do sangue a pingar e a saltar e a escorrer-me pelo pescoço e pela camisa e a manchar a puta da *Árvore da Vida* com gotas e salpicos e bocados de carne. fiquei à espera, já desinteressado.

—BATESTE AO TEU PAI!

e então os golpes abrandaram. esperei. e depois pararam. começaram novamente, um ou dois.

—bateste... ao... teu... pai... o... teu... pai...

—já acabou? — perguntei-lhe.

acho que foram as primeiras palavras que lhe disse em dez anos para além de «sim» e «não».

—sim — respondeu ela.

—vai para o teu quarto — disse o meu pai do sofá. — falo contigo de manhã. falo CONTIGO de manhã!

mas, de manhã, ELE também já era um Homem de Gelo e, suponho, não por sua escolha.

já por várias vezes deixei que amantes e prostitutas me cortassem a cara como a minha mãe me fez, o que é um péssimo hábito; ser de gelo não significa deixar os chacais tomarem o controlo e agora, as crianças e as velhas, e alguns homens durões, encolhem-se quando vêem a minha cara. mas, continuando, acredito que estas histórias do Homem de Gelo me interessam mais a mim do que a vocês (interesse: uma forma matemática de tabulação), por isso, vou tentar não me alongar muito. meu deus. acho que um episódio com muita graça (humor: uma forma matemática de tabulação. e estou a falar a sério) foi quando andava no liceu em Los Angeles, digamos 1938? 1937? por volta disso. 1936? alistei-me no ROTC[24] sem o menor interesse pelo exército. acontece que tinha uns furúnculos do tamanho de toranjas, gigantes, por todo o lado e, na altura, podíamos escolher uma de duas coisas: ou nos alistávamos no ROTC ou fazíamos as aulas de ginástica. na verdade, todos os rapazes decentes escolhiam as aulas de ginástica. os merdas e os tarados e os loucos, como eu, os Homens de Gelo, ou o que restava deles, alistavam-se no ROTC. ainda não havia preocupações humanistas em relação à guerra. o Hitler não passava de um Charlie Chaplin a balbuciar idiotices nos noticiários dos cinemas.

fui para o ROTC porque, com o uniforme, não dava para ver os meus furúnculos; já de fato de treino, viam-se e bastante. mas tentem perceber: não era que os furúnculos fossem problema para MIM, OS MEUS FURÚNCULOS eram um problema para ELES. perturbavam-lhes as glândulas. para um homem numa caverna, um Homem de Gelo como eu, os furúnculos não importam, o que os torna importantes são as coisas que não contam — como as massas de gente banal. ser de Gelo não significa ser irrealista; ser de Gelo significa permanecer de Gelo; tudo o resto é loucura.

deixa que o mínimo de coisas possível te foda para que possas entrar onde quer que tenhas de entrar. e eu não queria deixar-me foder pelos olhares humanos sobre os meus deslocados furúnculos.

por isso, cobri-me de um uniforme militar para reduzir os raios-x. mas não queria o ROTC. eu era de Gelo.

e então, ali estávamos nós, certo dia, a merda do batalhão inteiro ou lá como se diz, eu ainda era soldado e estava a escola inteira numa espécie de competição com o manual das armas, as bancadas apinhadas de idiotas e nós alinhados, a treinar os movimentos, e estava calor e eu sou de Gelo, nem queria saber, e íamos seguindo aquelas ordens, e pouco depois já só restávamos vinte por cento e depois dez por cento, e eu ainda ali, com uns furúnculos encarnados enormes e feios na cara, e o uniforme não os tapava, e estava mesmo muito calor, e eu a tentar conseguir pensar, comete um erro comete um erro comete um erro, mas a minha mestria é automática, não há nada que eu consiga fazer mal, mesmo que não me interesse, não consigo forçar um erro e TAMBÉM isso é ser de GELO! em breve, restámos apenas dois, eu e o meu amigo Jimmy. bom, o Jimmy é um merdas e PRECISA desta coisa, vai ser bom para ele. foi mesmo isto que pensei. mas o Jimmy estragou tudo. foi à ordem «Ombro Arma!», não, foi antes assim: «Ombro...» depois uma pausa... «Arma!» já não me lembro qual era a manobra certa para aquela ordem, porque eu era um péssimo soldado. mas tinha qualquer coisa a ver com puxar o ferrolho para trás. e o Jimmy, para quem aquilo era importante e que era adorado por muita gente, ou pelo menos gostavam dele, o Jimmy fez merda com o ferrolho. e ali estava eu sozinho, com furúnculos a latejar para fora do meu colarinho de lã cor de azeitona, a saltarem-me pelo crânio, até no cimo da cabeça, no cabelo, e estava calor ao sol e ali estava eu, desinteressado, nem contente nem triste, nada, simplesmente nada. as raparigas bonitas suspiravam nas bancadas pelo seu querido Jimmy e a mãe e o pai baixaram a cabeça, sem conseguir entender como aquilo podia ter acontecido. também eu consegui pensar, coitado do Jimmy. mas foi o máximo que consegui. o tipo que comandava o ROTC era um velho chamado coronel Muggett, homem que tinha feito toda a sua carreira no Exército. veio ter comigo para me pôr a medalha na camisa que tanta comichão me dava, trazia uma cara muito triste, muito. considerava-me um inadaptado, o rapaz que não tinha nada na cabeça, e eu

considerava-o um louco. espetou-me a medalha no peito e depois estendeu-me a mão. eu apertei-lha e sorri. um bom soldado nunca sorri. o sorriso era para lhe mostrar que eu percebia que as coisas tinham corrido mal, mas que não havia nada que eu pudesse ter feito. depois, marchei de volta para a minha companhia, o meu esquadrão, o meu pelotão, o meu diabo que o carregue. então, o tenente mandou-nos ficar em sentido. o apelido do Jimmy era Hadford ou qualquer coisa assim. e, não vão acreditar, mas isto aconteceu mesmo. o tenente disse aos homens:

—quero felicitar o soldado Hadford por ter ficado tão perto de ganhar a competição do manual de armas.

e depois:

—à vontade!

e depois:

—desfazer!

ou

—companhia destroçar!

ou qualquer merda do género.

vi os outros rapazes a conversar com o Jimmy. ninguém me disse nada. então, vi a mãe e o pai do Jimmy virem das bancadas abraçá-lo. os meus pais não estavam lá. saí do recinto e fui para a rua. tirei a medalha e comecei a andar, com ela na mão. então, sem rancor, medo, alegria, sem raiva nem nenhuma razão directa, atirei a medalha para uma sarjeta em frente de uma farmácia. anos mais tarde, o Jimmy foi morto no Canal da Mancha. o caça-bombardeiro em que seguia foi gravemente atingido e ele ordenou aos seus homens que saltassem de pára-quedas enquanto ele tentava levar o avião de volta a Inglaterra. nunca lá conseguiu chegar. nessa altura, eu vivia em Filadélfia, como inapto para o serviço, e estava a comer uma puta de 135 quilos que parecia um porco gigante e que me partiu as quatro pernas da cama, a saltar e a suar e a peidar-se enquanto fodíamos.

podia continuar aqui a contar histórias no contexto do Homem de Gelo. não é bem verdade que eu nunca me IMPORTE ou que nunca fique com raiva ou que nunca odeie ou que nunca tenha esperança ou que nunca sinta alegria. não quero com isto dizer que sou

COMPLETAMENTE desprovido de paixões ou de sentimentos ou lá o que seja; só é estranho para mim que os meus sentimentos, os meus pensamentos, a minha maneira de ser sejam tão estranhamente diferentes e opostos dos das outras pessoas. aparentemente, nunca consigo entender-me COM elas, e por isso estou congelado, tanto por sua escolha como pela minha maneira de ser. por favor, não adormeçam e deixem-me acabar isto com uma carta, uma carta do meu amigo poeta que está em Londres, onde me descreve as suas experiências como Homem de Gelo. eis o que escreveu:

«... estou num aquário, sabes, um vasto aquário & as minhas barbatanas não são suficientemente fortes para nadar nesta grande cidade submersa. faço o que posso, mas a magia desapareceu. ainda não consegui sair deste estado de torpor & arranjar a 'inspiração', não escrevo, não fodo, não faço nada. não consigo beber, não consigo comer, não consigo ter tesão. só torpor. por isso esta tristeza, e nada parece resultar agora. vai ser um longo período de hibernação, uma longa noite escura. estou habituado ao sol, ao brilho & ao encanto do mediterrâneo, a viver à beira do vulcão, como na grécia, onde pelo menos havia luz, havia gente, havia até aquilo a que chamamos amor. agora, nada. rostos de meia-idade. rostos jovens que não significam nada, que passam, sorriem, dizem olá. oh, que escuridão cinzenta e fria. um velho poeta preso no fim do mundo. no outro mundo. no imundo. dos médicos aos hospitais, com amostras de merda, amostras de mijo, & sempre os mesmos resultados nas análises — valores anormais no fígado & pâncreas, mas ninguém sabe o que fazer, só eu sei. não há mais nada a fazer senão sair desta selva & conhecer alguma jovem beldade mítica — uma alma doce e acolhedora que tome conta de mim, que não seja muito exigente, seja carinhosa & calma, não fale muito, onde é que ela está? se calhar, não lhe poderia dar aquilo que ela quer, ou poderia??? também é possível, claro, que isto seja mesmo aquilo de que preciso. mas como, onde encontrar? quem me dera ser forte. assim, seria capaz de me sentar & começar tudo de novo, do início, pôr tudo no papel, com mais força, mais limpo, mais aguçado que nunca. mas, neste momento, há qualquer coisa dentro de mim que

me abandonou, e estou a empatar, a tentar ganhar tempo. o céu é negro & cor-de-rosa e de fogo às 16:40. a cidade ruge lá fora. os lobos andam de um lado para o outro no zoo. as tarântulas estão aninhadas debaixo dos escorpiões. a abelha-mestra é servida pelos zangões. o mandril lança gritos sinistros, tirando do meio das pernas bananas & maçãs sujas que atira às crianças loucas que o provocam. se vou morrer, quero ir para a califórnia, ao sul de los angeles, pela costa, bem para sul, numa praia qualquer, ao pé do México. é um sonho. foi o que sempre quis fazer. mas todas as cartas que recebo dos estados unidos são de poetas & escritores que já estiveram deste lado do Atlântico & me dizem que é tudo uma merda aí, que o meio é horrível, etc. não sei, nunca me conseguiria aguentar financeiramente, porque quem me ajuda está aqui, e abandonavam-me se eu voltasse, porque gostam mais ou menos de estar em contacto próximo comigo. sim, o corpo cede, mas espera e desculpa-me esta carta tão maçadora. não me consigo inspirar, não consigo animar-me. fico a olhar para as contas dos médicos & para as outras contas, e para o céu negro, o sol negro. talvez alguma coisa mude, em breve... é mesmo assim. tra la la, vamos encarar isto sem lágrimas. adeus, amigo.» Assinado «X» (Um conhecido poeta... editor.)

bom, o meu amigo de Londres põe as coisas muito melhor do que eu, mas sei bem, sei muito bem do que ele fala. e uma infinidade de oportunistas enérgicos com as cabeças deformadas pelo ritmo do mundo acusar-nos-ia de preguiça ou de uma espécie de escandaloso torpor ou autocomiseração. mas não é nenhuma dessas coisas. só o homem de gelo preso numa jaula pode saber. mas teremos de nos pôr de lado e esperar. e esperar pelo quê? por isso, adeus, meus amigos. até um anão consegue ficar de pau feito, e eu sou o Mataeo Platch e o Nichlos Combatz ao mesmo tempo, e só a Marina, a minha rapariguinha, consegue trazer a luz mais brilhante do meio-dia, porque o sol não falará. e na praça entre a estação dos correios e a union station os velhos sentam-se numa roda e ficam a ver os pombos e a olhar para nada. sou de gelo, mas

capaz de chorar. e à noite suaremos durante sonhos sem sentido.
só há um lugar para ir. tra la la la. la la. la.

conheci-a numa livraria. trazia vestida uma saia muito curta e justa e uns saltos enormes, e as mamas eram bastante evidentes mesmo debaixo daquela camisola azul larga. a cara era muito pontiaguda, austera, sem maquilhagem, com um lábio inferior que parecia não se segurar muito bem. Mas, com um corpo daqueles, desculpavam-se muitas coisas. e era muito estranho que não tivesse um touro qualquer a protegê-la. então, vi-lhe os olhos — meu deus, parecia não ter pupilas —, apenas um lampejo fundo fundo de escuridão. fiquei ali a olhar para ela dobrar-se uma e outra vez. a baixar-se para pegar em livros, ou a levantar-se. a saia curta subia para me mostrar gordura e ancas mágicas. estava a percorrer a secção de misticismo. pousei o meu *Como Vencer os Cavalos* e fui ter com ela.

—desculpe. fui atraído como que por um íman. suspeito que sejam os seus olhos — menti.

—o destino é Deus — respondeu ela.

—você é Deus, Você é o meu Destino — disse eu. — posso convidá-la para uma bebida?

—claro.

fomos ao bar ao lado e ficámos até fechar. falei da mesma maneira que ela falava, achando que era a única maneira. e era. levei-a para minha casa e foi uma ótima cama. o nosso namoro durou umas três semanas. quando lhe pedi que casasse comigo, ficou muito tempo a olhar para mim. olhou para mim durante tanto tempo que pensei que se tinha esquecido da pergunta.

por fim, falou:

—bom, está bem. mas não te amo. só sinto que devo... casar contigo. se fosse só amor, recusava o amor, só. porque, sabes... não... não ia correr muito bem, mas o que tem de ser, tem mesmo de ser.

—ok, querida — respondi.

depois de nos casarmos, todas as saias curtas e os saltos altos desapareceram e passava o dia com uma bata encarnada de

bombazina até aos calcanhares. e não era uma bata muito limpa. usava-a com uns chinelos velhos azuis. ia assim vestida à rua, ao cinema, a todo o lado. e, especialmente ao pequeno-almoço, gostava de enfiar as mangas da bata na torrada com manteiga.

—olha! — dizia-lhe eu — estás a encher-te de manteiga!

não respondia. olhava pela janela e dizia:

—OOOOOOOH! um pássaro! um pássaro ali naquela árvore! VISTE o pássaro?

—sim.

ou:

—OOOOOOOH! uma ARANHA! olha-me para aquela criatura de Deus! adoro aranhas! não consigo perceber as pessoas que odeiam aranhas! tu odeias aranhas, Hank?

—não penso muito nelas.

havia aranhas por todo o lado, e insectos e moscas e baratas. criaturas de Deus. ela era péssima dona-de-casa. dizia que arrumar a casa não era importante. eu achava-a simplesmente preguiçosa. e um bocado idiota, começava também a pensar. tive de contratar uma empregada a tempo inteiro, a Felicia. a minha mulher chamava-se Yevonna.

certa noite, cheguei a casa e dei com elas a espalhar uma espécie de óleo nas costas de uns espelhos, enquanto acenavam as mãos por cima e diziam palavras estranhas. deram as duas um salto com os seus espelhos, gritaram, e foram a correr escondê-los.

—Meu Deus — disse eu. — mas o que é que se passa aqui?

—ninguém pode olhar para o espelho mágico senão o dono — disse Yevonna, a minha mulher.

—pois é — acrescentou Felicia, a empregada.

mas a Felicia tinha deixado de limpar a casa. dizia que não era importante. não a despedi porque era quase tão boa na cama como a Yevonna e, além disso, era óptima cozinheira, ainda que nunca percebesse muito bem o que era aquilo que ela me servia.

quando a Yevonna estava grávida do nosso primeiro filho, reparei que começou a comportar-se de uma maneira ainda mais estranha. tinha constantemente uns sonhos loucos e disse-me que havia um demónio que queria apoderar-se do corpo dela. descreveu-mo.

surgia-lhe sob duas formas. uma delas era um homem muito parecido comigo. a outra era uma criatura com rosto humano, corpo de gato, patas de águia e garras e asas de morcego. a criatura nunca falava com ela, mas dava-lhe ideias estranhas só de olhar. a ideia estranha com que ficou foi que eu era o responsável pela sua infelicidade, e que criava nela um desejo avassalador de destruição. não de baratas ou moscas ou formigas ou do lixo que se amontoava nos cantos — mas de coisas que me tinham custado dinheiro. partiu os móveis, rasgou as persianas, queimou as cortinas e o sofá, espalhou papel higiênico por todo o lado, deixou a banheira transbordar e transformou a casa num pântano, fez longas chamadas interurbanas para pessoas que mal conhecia. quando ficava nesse estado, a única coisa que eu podia fazer era ir para a cama com a Felicia, para tentar esquecer. dar três ou quatro seguidas em todas as posições que existem.

por fim, acabei por levar a Yevonna a um psiquiatra. disse-me ela:

—sim, muito bem, mas isso é tudo um disparate. está tudo dentro da tua cabeça: tu és ao mesmo tempo o demónio e o louco!

—está bem, querida, mas vamos lá ouvir o homem, ok?

—vai esperar no carro, eu já saio.

esperei. quando voltou, trazia uma saia curta, saltos altos, meias novas de *nylon*, e até maquilhagem. tinha penteado o cabelo pela primeira vez desde que nos casámos.

—dá-me um beijo, querida — pedi-lhe. — estou excitado.

—não. vamos lá ao psiquiatra.

na consulta, não podia ter-se comportado de maneira mais normal. não falou no demónio. riu-se de piadas estúpidas e nunca se perdeu a falar, deixando sempre o médico guiar a conversa. ele declarou-a fisicamente saudável e mentalmente bem. eu já sabia que ela estava fisicamente saudável. fizemos o caminho de volta e, mal chegámos, correu para dentro de casa e despiu a minissaia, descalçou os saltos altos e voltou a vestir a bata encarnada suja. eu voltei para a cama da Felicia.

mesmo depois de ter nascido o nosso primeiro filho (meu e da Yevonna), continuou a acreditar completamente no demónio, que continuava a aparecer-lhe. a esquizofrenia evoluiu. num momento

estava calma e meiga, no outro tornava-se desajeitada, sem se calar, chata, impertinente e bastante maldosa.

e lá começava ela a vociferar e a dizer coisas que não faziam sentido.

às vezes, ficava parada no meio da cozinha e ouviam-se gritos muito altos, era como uma voz de homem, muito rouca.

eu ia ter com ela e perguntava-lhe:

—o que é que se passa, querida?

e depois:

—bom, então vou ser um grande filho da puta — dizia eu, e depois servia-me de uma bebida e ia sentar-me na sala.

um dia, consegui esgueirar um psiquiatra para dentro de casa numa das fases más. ele concordou que ela se encontrava num estado psicótico e aconselhou-me a interná-la numa instituição para doentes mentais. assinei toda a papelada necessária e consegui uma entrevista. mais uma vez, lá saíram a saia curta e os saltos altos. só que, desta vez, ela não se portou como uma pessoa calma e normal. virou-se para a intelectualidade. falou de forma brilhante em defesa da sua sanidade. pintou-me como o marido brutal que se tenta livrar da mulher. conseguiu desacreditar o depoimento de várias testemunhas. confundiu os dois psiquiatras do tribunal. o juiz, depois de os consultar, disse:

—o Tribunal não encontrou provas suficientes para internar a senhora Radowski. Esta audiência está, portanto, encerrada.

levei-a de volta para casa e fiquei à espera que se trocasse para a bata suja. quando voltou, disse-lhe:

—ainda vais acabar por dar COMIGO em louco!

—tu já és louco! — respondeu ela. — e vai mas é para a cama com a Felicia para te livrares dessas tuas repressões.

foi o que eu fiz. desta vez, a Y. ficou a ver, de pé, ao lado da cama, a sorrir, a fumar um cigarro gigante por uma boquilha de marfim. talvez tivesse alcançado a sua paz suprema. gostei bastante.

mas, no dia seguinte, ao voltar a casa do trabalho, o senhorio esperava por mim à porta.

—Senhor Radowski! Senhor Radowski, a sua mulher, a sua MULHER tem andado a arranjar discussões e brigas com os vizinhos. partiu as janelas todas de sua casa. vou ter de lhe pedir que se vá embora daqui!

bom, e fizemos as malas, eu, a Yevonna e a Felicia, e fomos para casa da mãe da Yevonna, em Glendale. a velha era bastante normal mas, quando os feitiços, os espelhos mágicos e a queima de incenso a começaram a deitar abaixo, sugeriu que nos mudássemos para uma quinta que ela tinha ao pé de São Francisco. deixámos o bebé em casa da avó e lá fomos nós, só que, quando lá chegámos, a casa principal tinha sido ocupada por um agricultor, um tipo enorme de barba preta, que apareceu à porta, um tal de Final Benson, que foi como ele disse que se chamava.

—toda a minha vida morei nestas terras, e ninguém me vai pôr daqui para fora, NINGUÉM!

tinha dois metros e quase 160 quilos e não era muito velho, por isso, alugámos uma casa mesmo à beira do terreno, enquanto começavam os procedimentos legais.

foi na primeiríssima noite que tudo aconteceu. estava eu a comer a Felicia, a experimentar a cama nova, quando ouvi uns gemidos horríveis, soluços vindos dos outros quartos, e um barulho como se o sofá da sala se estivesse a partir.

—parece a Yevonna que não está nada bem — disse eu. — já volto.

e saí de dentro dela.

não estava nada bem, de facto. lá estava o Final Benson a montá-la, a comê-la como deve ser. era maravilhoso. ele tinha que chegasse para quatro homens. voltei para o quarto e fiz a minha pequena parte.

de manhã, não encontrei a Yevonna em lado nenhum.

—onde é que se terá metido aquela maluca?

só quando a Felicia e eu estávamos a tomar o pequeno-almoço é que olhei pela janela e a vi. estava de gatas, com umas calças de ganga e uma *t-shirt* verde-azeitona de homem, a trabalhar na terra, e o Final estava mesmo ao lado dela, e estavam a apanhar coisas, e

a pô-las dentro de cestos. pareciam nabos. o Final tinha arranjado uma mulher.

—meu deus — disse eu. — vamos embora daqui. vamos embora daqui, rápido!

a Felicia e eu fizemos as malas. quando chegámos a Los Angeles, alugámos um quarto num motel, enquanto procurávamos casa.

—meu deus, minha querida — disse-lhe eu —, acabaram os meus problemas! não fazes ideia do que passei!

comprámos uma garrafa de uísque para celebrar, depois fizemos amor e estendemo-nos na cama para dormir em paz.

pouco depois, fui acordado pela voz da Felicia:

—ó demónio, que me atormentas! — ia dizendo ela. — será que não há descanso deste lado do túmulo? roubaste-me a minha Yevonna, e agora seguiste-me até aqui! Vai de retro, Demónio! Desaparece! Deixa-nos em paz para Sempre!

sentei-me na cama. olhei para onde a Felicia estava a olhar e acho que o vi — a sua cara enorme, uma espécie de clarão encarnado com as bordas cor de laranja, como carvão em brasa, e os lábios verdes, e dois longos dentes amarelados de fora, um monte de cabelo brilhante em desalinho, e estava a sorrir. os olhos olhavam para nós como uma piada ordinária.

—caralhos me fodam! — disse eu.

—desaparece! — disse a Felicia. — em Nome do Altíssimo Jah e em nome de Buda e em nome de mil deuses, maldigo-te e ordeno-te e expulso-te das nossas almas para sempre e mais dez mil anos!

acendi a luz.

—foi só o uísque, querida. foi o uísque mau e o cansaço da viagem tão longa até aqui.

olhei para o relógio. era uma e meia da tarde e precisava urgentemente de beber qualquer coisa. comecei a vestir-me.

—onde é que vais, Hank?

—comprar bebidas. estou mesmo em cima da hora. tenho de beber qualquer coisa para tirar aquela cara enorme da cabeça. é demais para mim.

estava a acabar de me vestir.

—Hank?

—diz, querida?

—tenho de te dizer uma coisa.

—claro, querida. mas despacha-te. tenho de ir à loja e voltar.

—eu sou irmã da Yevonna.

—a sério?

—sim.

aproximei-me dela e beijei-a. depois, saí e entrei no carro e comecei a guiar. para longe. comprei uma garrafa no cruzamento da Hollywood com a Normandie, e segui para oeste. o motel ficava para leste, quase na Vermont Avenue. bom, não é todos os dias que se encontra um Final Benson, tão perfeito. às vezes, é preciso deixar aquelas loucas, para nos voltarmos a organizar. há um certo preço de uma rata que nenhum homem estará disposto pagar; entretanto, haverá sempre outro idiota que há-de apanhar o que deixámos para trás, por isso não existe nenhum sentimento de culpa nem de abandono.

parei num motel simpático ao pé da Vine Street e arrendei um quarto. enquanto estava à espera da chave, vi uma tipa sentada na entrada com a saia puxada para cima até ao rabo. demasiado para cima. não tirava os olhos da garrafa que eu trazia no saco. e eu não tirava os olhos do rabo dela. quando entrei no elevador, lá veio ela comigo.

—vai beber essa garrafa toda sozinho?

—espero que não seja preciso.

—não vai ser.

—ótimo — respondi.

o elevador chegou ao último andar. ela saiu primeiro e fiquei a olhar-lhe para os movimentos, a abanar-se e a deslizar; e a fazer-me tremer por dentro.

—a chave diz que é o quarto 41 — disse-lhe eu.

—ok.

—já agora, não te interessas por misticismo, discos-voadores, exércitos etéreos, bruxas, coisas do oculto, espelhos mágicos, pois não?

—interesse por QUÊ? não percebi.

—esquece, amor!

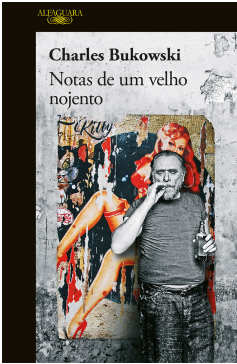
seguuiu à minha frente, a bater os saltos altos, o corpo a ondular pelo corredor pouco iluminado. mal podia esperar. encontrámos o quarto 41 e abri a porta, dei com a luz, descobri dois copos, passei-os por água, servi o uísque, estendi-lhe um copo. ela sentou-se no sofá, cruzou as pernas bem alto, sorrindo-me por cima do copo.

ia correr tudo bem.

por fim.

por enquanto.

**«Será que não conseguem ver através da minha pele,
será que não conseguem ver que não valho nada?»**



Notas de um velho nojento mostra-nos Bukowski como ele é (ou, talvez, como ele queria). É certo que os seus leitores sabem que a obra é o seu autor, mas nestes textos autobiográficos, publicados desde 1967 no jornal Open City, temos um Bukowski ainda mais inteiro, menos filtrado, mais visceral. Quase sempre bêbedo, quase sempre falido, quase sempre à procura de uma mulher, calcorreia as ruas da América pobre e marginalizada, habitada por figuras como John Kerouac, William Burroughs e um sem-fim de personagens à deriva.

Apontamentos crus e honestos que deixam o leitor à beira do desespero. Retratos implacáveis da outra cara do sonho americano. Instantâneos de uma vida desregrada e desolada, que sublinham a beleza e a fragilidade do que andamos aqui a fazer.

É difícil sair desta leitura intocado. E quase impossível, se gostamos de Bukowski, não ficar a gostar ainda mais deste «velho nojento».

**«Um desses escritores que cada novo leitor descobre com a
excitação de quem está a transgredir.»**

The New Yorker

**«Desde George Orwell que ninguém escrevia tão bem sobre quem
vive à margem.»**

The New York Times

**«Bukowski escreve como um sábio louco; fala das entranhas, sobre
a futilidade e a beleza da vida.»**

Publishers Weekly

«Ele trazia todos de volta à Terra. Até os anjos.»

Leonard Cohen

«Numa época de conformidade, Bukowski escreveu sobre aqueles
que ninguém quer ser: os feios, egoístas, solitários e loucos.»

The Observer

CHARLES BUKOWSKI nasceu na Alemanha, em 1920, mas cresceu em Los Angeles, onde viveu durante cinco décadas. Publicou o seu primeiro conto em 1944, com apenas vinte e quatro anos, e começou a escrever poesia dez anos depois. Morreu em 1994, aos setenta e três anos, pouco tempo depois de completar o seu último romance, *Pulp*. Viu publicados mais de quarenta e cinco livros de prosa e poesia, de que a Alfaguara publicou: *Pulp*, *Hollywood*, *A mulher mais bonita da cidade*, *Histórias de loucura normal*, *Mulheres*, *O capitão saiu para almoçar e os marinheiros tomaram o navio*, *A sul de nenhum norte*, *Factotum*, *Pão com fiambre*, *Notas de um velho nojento* e *Os cães ladram facas*.

É, ainda hoje, um dos autores americanos contemporâneos mais conhecidos a nível mundial e considerado o poeta americano mais influente e imitado de sempre. *detective Emily Baxter*, é também um sucesso internacional.

Título original: *Notes of a Dirty Old Man*

Edição em digital: setembro de 2019

© 1969, Charles Bukowski

© 2019, Penguin Random House, Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Av. Duque de Loulé, 123

Edif. Office 123 — Sala 3.6

1069-152 Lisboa

Tradução: Hugo van der Ding

Revisão: Rita Almeida Simões

Capa: Pedro Aires Pinto

ISBN: 978-989-665-894-6

Composição digital: leerendigital.com

Alfaguara é uma chancela de:

| Penguin
| Random House
| Grupo Editorial |

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

- [1] O poeta Neal Cassady (1926-1968), uma das «personagens» principais de *Pela Estrada Fora*, de Kerouac. (N. do T.)
- [2] Emblemático combate de boxe entre Jack Dempsey e Luis Ángel Firpo, em Nova Iorque, em 1923. Foi a primeira vez que um latino-americano disputou o título de pesos-pesados contra o campeão do mundo. Apesar do combate renhido e de quase ter sido posto fora de combate, Dempsey conseguiu ganhar e manter o título, mas ambos se tornaram enormes ícones populares. (N. do T.)
- [3] George Raft (1901-1980), actor famoso pelos seus papéis de *gangster* no cinema e grande fã de boxe. (N. do T.)
- [4] Era na Central Avenue de Los Angeles que ficavam historicamente os clubes de boxe em que tanto o público como os lutadores eram na sua maioria negros (estes últimos quase excluídos ou mesmo proibidos de combater noutros clubes). Ainda que já não fosse necessariamente assim nos anos 40, parece ser essa a referência. (N. do T.)
- [5] Referência à crise do ouro de 1968. (N. do T.)
- [6] Trata-se de Robert Kennedy, assassinado a 6 de Junho de 1968 num hotel de Los Angeles, cinco anos após o irmão, o presidente John F. Kennedy ser morto. (N. do T.)
- [7] Referência à greve dos trabalhadores do *Herald Examiner* de Los Angeles, que começou em 1967 e durou quase uma década, acabando por provocar o fecho do jornal, anos mais tarde. Fala-se, portanto, do *LA Times*. (N. do T.)
- [8] Herb Alpert & The Tijuana Brass. (N. do T.)
- [9] Referência aos protestos — maioritariamente contra a Guerra do Vietname — e aos confrontos entre manifestantes e a polícia durante a Convenção Nacional dos Democratas de 28 de Agosto de 1968, em Chicago. (N. do T.)
- [10] Eldridge Cleaver (1935-1998), líder do Partido dos Panteras Negras e candidato presidencial em 1968, pelo Partido Paz e Liberdade. (N. do T.)
- [11] O músico tinha anunciado, ironicamente, a sua candidatura à presidência nas eleições de 1964. (N. do T.)
- [12] Bairro de Los Angeles, palco em 1965 de violentos confrontos raciais em que morreram 34 pessoas. (N. do T.)
- [13] Alcanha de Louis Armstrong. (N. do T.)
- [14] Respectivamente, o presidente Franklin D. Roosevelt, a National Recovery Administration e a Works Progress Administration, ambas agências governamentais relacionadas com o New Deal. (N. do T.)
- [15] Alcanha da poeta e pintora Kay Johnson (1904-1975). (N. do T.)
- [16] Paul Coates e Matt Weinstock, jornalistas e cronistas de Los Angeles. (N. do T.)

- [17] Samuel Langhorne Clemens, o nome verdadeiro de Mark Twain. (*N. do T.*)
- [18] Lutador de boxe. (*N. do T.*)
- [19] United Press International. (*N. do T.*)
- [20] O Hospital Psiquiátrico de Saint Elizabeth, em Washington, onde Ezra Pound esteve internado — cumprindo pena por traição à pátria — mais de doze anos. (*N. do T.*)
- [21] Discoteca de Los Angeles. (*N. do T.*)
- [22] Jogo com a palavra *cocktail*, pois *cock* significa pênis e *tail*, cauda. (*N. do T.*)
- [23] Jornal francês, criado pela resistência francesa durante a Segunda Guerra Mundial. (*N. do T.*)
- [24] Corpo de Treino de Oficiais de Reserva. (*N. do T.*)

Índice

Notas de um velho nojento

Prefácio

Notas de um velho nojento

Sobre o livro

Sobre Charles Bukowski

Créditos

Notas